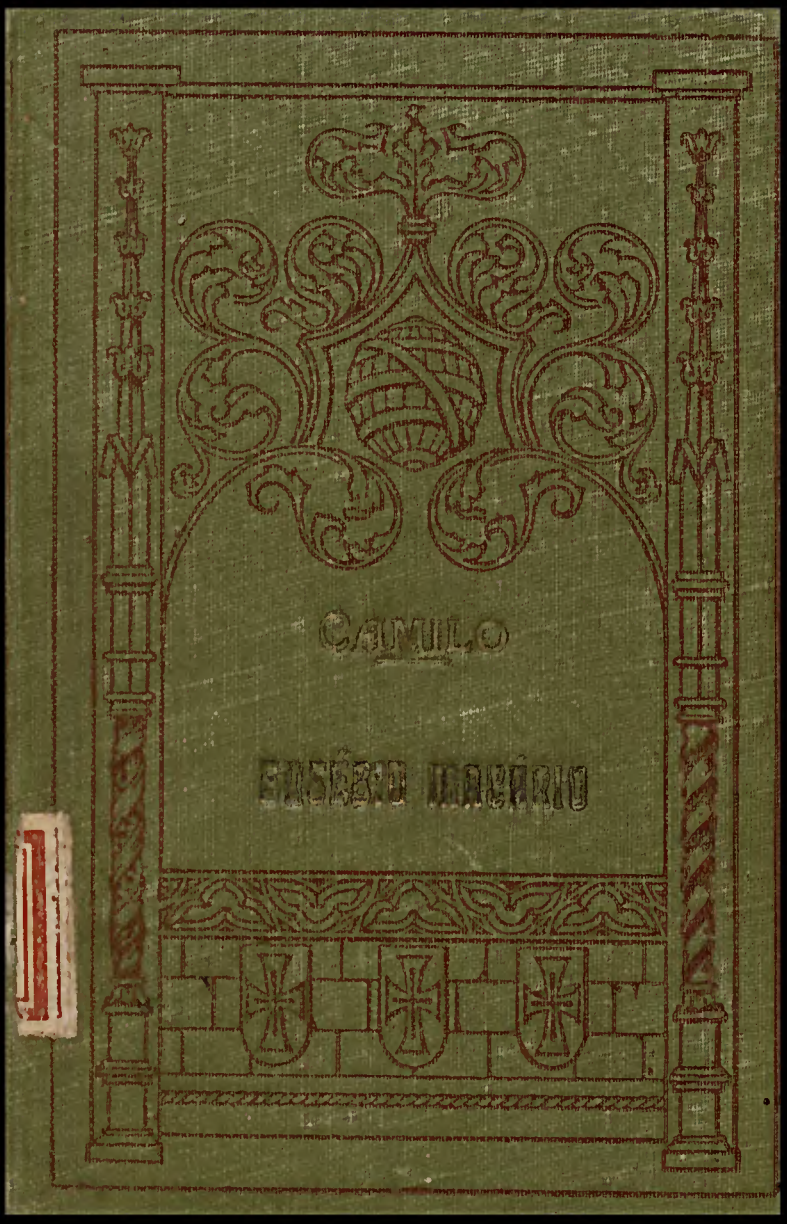
CAMILO

BAZAR AMERICANO
RUA GENERAL CAMARA, 18
SANTOS

Grande Hotel Guarujá

PALACIO de MONSSERRATE CINTRA

COLECÇÃO LUSITÁNIA

CAMILO CASTELO BRANCO

SENTIMENTALISMO E HISTÓRIA

I

EUSÉBIO MACÁRIO

EDIÇÃO ILUSTRADA

COLECÇÃO LUSITANIA

1 — *Amar de Salvação*, par C. C. Branca.
2 — *Riquezas da Pabre*, par C. C. Branco.
3 — *Eusébio Macário*, par C. C. Branco.
4 — *Corja*, par C. C. Branco.
5 — *Cartas de Amor*, por Sóror Mariana.
6 e 7 — *Nossa Senhora de Paris*, por V. Huga.
8 — *Amores do Diabo*, par C. C. Branco.
9 — *Frei Luís de Sausa*, par A. Garrett.
10 — *José Bálsama*, por C. C. Branca.
11 e 12 — *Madame Bovary*, por Flaubert.
13 — *Menina e Môça*, por Bernardim Ribeiro.
14 — *Brasileira de Prazins*, par C. C. Branco.
15 — *Camões*, par Almeida Garrett.
16 — *Romance dum homem rica*, par C. C. Branco.
17 — *Cartas da meu moinho*, por A. Daudet.
18 — *Freira no subterrâneo*, por C. C. Branco.
19 — *Viagens da minha terra*, por Garrett.
20 — *Carrasca de Vitar Hugo José Alves*, por C. C. Branco.
21 — *Rafael*, par Lamartine.
22 — *O Arca de Sant'Ana*, par A. Garrett.
23 — *Mosaico e Silva*, par C. C. Branco.
24 e 25 — *Noventa e três*, par Vitor Hugo.
26 — *A Religiasa*, por Diderot.
27 — *Livro de Consolação*, par C. C. Branco.
28 — *Atala, René, o Ultima Abencerragem*, por Chateaubriand.
29 e 30 — *Ultimas dias de Pampela*, par Lord Lytton.
31 — *Mulheres da Beira*, por Abel Botelho.
32 — *O Alfageme de Santarêm*, por Garrett.
33 — *Fiar d'Alisa*, por Lamartine.
34 — *Maria da Fonte*, por C. C. Branco.
35 — *O ilustre Dr. Mateus*, par E.-Chatrian.
36 — *Cláudio*, par Lamartine.
37 — *Dama das Camélias*, por A. Dumas.
38 — *Na Bom Jesus do Monte*, por C. C. Branco.
39 — *Manon Lescaut*, pela Abade de Prévast.
40 — *Contas escolhidos*, por Júlia Brandão.
41 — *Os Sacrificados*, por João Grave.
42 — *O Senhar Deputado*, par J. Lourenço Pinto.
43 — *Eugénia Grandet*, par Balzac.
44 — *Os que amam e os que sofrem*, por J. Grave.
45 — *Infâmia de Frei Quintina*, par U. Loureira.

Em preparação:

46 — *Regina e Graziela*, por Lamartine.

Enquanto Felícia de cócoras o esfregava

CAMILO CASTELO BRANCO

SENTIMENTALISMO E HISTÓRIA

I

Eusébio Macário

6.ª EDIÇÃO, CONFORME A 2.ª, REVISTA PELO AUTOR

0701002700

LIVRARIA CHARDRON, DE LÉLO & IRMÃO,
EDITORES. R. DAS CARMELITAS, 144 — PORTO

BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS
Data 20 1 7
Tombo 2700
8 6 9 0 8
e. 2

PROPRIEDADE ABSOLUTA DOS EDITORES

869.8
B816o
Vol. P.
n. 119

PORTO — Imprensa Moderna

DEDICATÓRIA

Minha querida amiga.

Perguntaste-me se um vêlho escritor de antigas novelas poderia escrever, segundo os processos novos, um romance com todos os «tics» do estilo realista. Respondi temerâriamente que sim e tu apostaste que não. Venho depositar no teu regaço o romance, e na tua mão o beijo da aposta que perdi.

O AUTOR.

SENTIMENTALISMO

EUSÉBIO MACÁRIO

HISTÓRIA NATURAL E SOCIAL DUMA FAMÍLIA
NO TEMPO DOS CABRAIS

NOTA PREAMBULAR

Pede-se à crítica de escada abaixo o favor de não decidir já que o autor plagiou Emilio Zola. *Eusébio Macário* não é *Rougon Macquart;* nem *uma família no tempo dos Cabraes é une famille sous lo second empire.* Sim, êles, os Cabrais, não são perfeitamente o segundo império.

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

São duas frases de entranhada gratidão a alguns críticos bons, delicados que inutilizaram os períodos percucientes, os punhais das ironias com que tencionavam trespassar do peito às costas o Eusébio Macário, tão sinistramente agourado. Esta reconsideração, já agora, é uma virtude que daria santos à legenda áurea dos literatos, se êles coubessem no céu, onde há tantos, beatificados por fomes de trutas e sêdes de lácrima-Christi — que importa o mesmo dizer fomes e sêdes de justiça. O tímido autor esperava que os artistas não refugassem a obra traccjada, e afirmassem que eu, nesta decrepidez em que faço ao estilo o que os meus coevos de juventude fazem ao bigode, não podia penetrar com olho moderno os processos do naturalismo no romance. Ora a cousa em si era tão fácil que até eu a fiz, e tão vaidoso fiquei do Eusébio Macário que o reputo o mais banal, mais oco e mais insignificante romance que

ainda alinhavei para as fancarias da literatura de pacotilha. Se eu o não escrevesse dum jacto, e sem intermissões de reflexão, carpir-me-ia do tempo malbaratado.

Cumpre-me declarar que eu não intentei ridiculnrizar a escola realista. Quando apareceram o Crime do Padre Amaro, o Primo Basílio e os romances de Teixeira de Queiroz, admirei-os, e escrevi ingénuamente o testemunho da minha admiração. Creio que, hoje em dia, novela escrita dontro feitio, não vingn. Eu não conhecia Zola e ainda agora apenas e escassamente o conheço de o ouvir apreciar a uma pessoa de minha famílin que me fez compreender n escola com duas palavras: «É a tua vélha escoin com uma ndjectivação de casta estrangeira, e uma profusão de sciência compreendida na «Introdução aos três reinos». Além disso tens de pôr a fisiologin onde os românticos punham a sentimentalidade: derivar a moral das bossas, e subordinar à fatalidade o que, pelos vélhos processos, se imputava à educação e à responsabilidade». Compreendi, e achei que eu, há vinte e cinco anos, já assim pensava, quando Balzac tinha em mim o mais inábil e ordinário dos seus discípulos.

S. Miguel de Seide, setembro de 1879.

Camilo Castelo Branco.

ADVERTÊNCIA

A HISTÓRIA NATURAL E SOCIAL DE UMA FAMÍLIA NO TEMPO DOS CABRAIS dá fôlego para dezassete volumes compactos, bons, duma profunda compreensão da sociedade decadente. Os capítulos inclusos neste volume são preludios, uma sinfonia offenbachiana, a gaita e birimbau, da abertura de um grande charivari de trompões fortes bramindo pelas suas goelas côncavas, metálicas. Os processos do autor são. Já se vê, os scientíficos, o estudo dos meios, a orientação das ideias pela fatalidade geográfica, as incoercíveis leis fisiológicas e climatéricas do temperamento e da temperatura, o despotismo do sangue, a tirania dos nervos, a questão das raças, a etologia, a hereditariedade inconsciente dos aleijões de família, tudo, o diabo!

O autor trabalha desde antes de ontem no encadeamento lógico e ideológico dos dezassete tomos da sua obra de reconstrução, e já tem prontos dez volumes para a pu-

blicidade. Mas é necessário a quem reedifica a sociedade saber primeiro se ela quer ser desabada a pontapés de estilo para depois ser reedificada com adjectivos pomposos e advérbios rutilantes. Para isso, o primeiro avanço é pô-la nua, escrutar-lhe as lepras, lavrar grandes actas das chagas encontradas, esvurmar as bostelas que cicatrizaram em falso, escoriá-las, muito cautério de frases em brasa. É o que se faz nas fôlhas preliminares desta obra violenta, de combate, destinada a entrar pelos corações dentro e a saír pelas mercearias fóra.

S. Miguel de Seide, junho de 1879.

EUSÉBIO MACÁRIO

I

Havia na botica um relógio de parede, nacional, datado em 1781, feito de grandes tóros de carvalho e muita ferraria. Os pesos, quando subiam, rangiam o estridor de um picar de amarras das vélhas naus. Dava-se-lhe corda como quem tira um balde da cisterna. Por debaixo da triplicada cornija do mostrador havia uma medalha com uma dama côr de laranja, vestida de vermelhão, decotada, com uma romeira e uma pescoceira, crassa e grossa de vaca barrosã, penteada à Pampadour, com uma réstea de pedras brancas a emmastrar-lhe as tranças. Cada ôlho era maior que a bôca, dum vermelho de ginja. Ela tinha a mão esquerda escorrida no regaço, com os dedos engelhados e adunicos como um pé de perúa morta; o braço direito estava no ar, hirto, com um ramalho de flores que parecia uma vassoura de hidrângeas. Êste reló-

gio badalára três horas que soaram rispidas como as pancadas vibrantes, cavas, das caldeiras da Hecate de Shakespeare.

O farmacêutico Eusébio Macário sentára-se espapado, com as carnes desfalecidas, à porta, num largo môcho de cerdeira com assento de junco rôto, espipado, com uns esboiçamentos de palhiça muito amarelada do atrito. Havia grande calor enervante. O sol punha nas paredes clareiras falscantes, cruas. Moscas zumbiam com asas lampejantes em giros idiotas; gatos agachados como vélhos sicários pinchavam com muitas perfidias à caça dos pássaros nas densas verduras desbotadas dos arvoredos; carros chiavam nas terras baixas, barrentas, com grandes grêtas das calcinações do grande sol; os lentos bois nostálgicos vergastavam com as caudas ásperas os moscardos que os atacavam de entre os tapumes com grandes sêdes impetuosas de frescores de sangue. Havia molezas e estonteamentos abafadiços no ar cheio de sensualidades mordentes. Levandiscas esvoaçavam nas ourelas húmidas dos regatos muito garbosas, com pipilações joviais; besouros azúis de tons metálicos luzentes rodopiavam em volteios curtos e muito sonoros; pardais abandonados infestavam as painçadas, dando pios hilariantes de bandidos canalhas; cerejas bicais vermelhavam as suas provocações sorridentes como beiços rubros de mulheres vitalizadas de lascivias aquecidas de bom sangue; pêssegos abeberados de sucos doces penujavam; varas de porcos com grunhidos regalados esfoçavam nas esterqueiras, banhando-se com grandes espalhafatos como odalisfas epiléptieas de volúpias escandecidas; raparigas esguedelhadas, de narizes arrebitados, com as caras fuliginosas de suor e poeira, muito escanchadas, com olhos espantadiços, de secreções amarelas, saias de estopa suja, frangalhona, a trapejar nos canêlos esburgados, guardavam báco-ros, e davam gritos dum timbre muito agudo que pu-

nham ecos nas colinas batidas do largo sol; galinhas cacarejavam; galos de cristas escarlates e recortadas, arrastavam a asa com arrencetidas parlapalonas de sultões. A natureza estava cheia de mistérios amorosos e duma grande espiritualização sensual.

Eusébio Macário ofegava, enxugava com o lenço de Alcobaça, pulverulento de meio-grosso em pastas esmoncadas, as roscas do pescoço que porejavam as exsudações da carne opilada dum farto jantar. Êle tinha feito anos neste dia e enchera-se de capão com arroz açafroado e de muito vinho de Amarante, com muita alcitria engrossada de ovos e letras de canela.

— Que não queria saber de histórias — pensava; — que a vida eram dous dias; quem cá ficasse que o ganhasse.

E dava arrotos muito cheios de gases e estrondos.

A filha, a Custódia, era uma rapariga pimpona, de muito seio e braços grossos, roliços, com pregas de carnação mole nos colovêlos e uma penugem de frutas mimosas que lhe punha umas tonalidades cupidíneas, irritantes. Ela andava cheia de desejos animais; queria feiras e romarias com bailados de saracoteios desnalgados, pelintras; pedia sócas de pontcira de verniz marcheladas de amarelo, com palmilhas dum escarlate de carne viva, e casibeques sarapantões de listras rubras e amarelas; lavava as pernas, brancas como pedaços de marfim polido das vélhas imagens e maciezas setinosas, nos riachos, com grande desfaçatez e presunção; boleava-se num quebrar de quadris reles de servilheta; tinha cheiros de mulher suspeita com grandes lampejos crus de óleo de amêndoas doces nos cabelos em bandós e muitos ardores.

— Que queria a bela pândega — dizia; — que estava na flôr da mocidade. Pudera! que a sua mãe não fazia outra. Pois não fizeste! que o gozar era agora; que depois de vélha, contas e borracha. — E escancarava umas risadas vibrantes, sandias, sapateando com

as mãos cheias de missangas, e fazendo trejeitos brejeiros, garotices, dando palmadas sonoras no ventre. Tal era ela.

O filho de Macário, o José Fístula, era caçador e fadista de tabernas sertanejas. Tinha andado para padre, e esbanjára a herança materna em Braga, em orgias de frigideiras e na boémia das Travessas, onde mulheres de saias engomadas que rugem, esfervilham, de penteados altos, untados, com muita caspa e lilas azúis, arrastam chinelos de ligas, com os calcanhares de fóra a esbeiçarem, com clavículas esqueléticas mordidas das herpes e dos vámpiros das noites vinolentas, cheias de delírios devassos e indigestões de iscas de cebolada. Êle tornára para o pai com grande humildade faminta, de lázaro maltrapilho, com a camisa roída de imundície e a cara chupada de deboches e bebedeiras.

— Que se faria ladrão de estrada — ameaçava — se o pai o não sustentasse; que estava pronto a labutar na botica, pisando drogas no almofariz, e iria às ervas para os xaropes, que as conhecia muito bem. ¿Pois não conhecia? Havia de lêr a Farmacopeia do doutor Agostinho Albano, e até — resumia — tinha tinêla para boticário.

E o pai:

— P'ra burro, p'ra burro é que a teus! — resmungava apoplético de cóleras, crescendo para êle, inflamado como um vulcão explosivo, com a cara bêtiosa, e muitas palavras de abominação e trejeitos de pai furibundo de comédia palhaça.

Depois, o Fístula portou-se bem, laborioso, inteligente. Ia à colheita das ervas na estação própria, e fazia manipulações, aviava receitas com limpeza, assobiando fados cheios de saudades das Travessas e dos seus condiscípulos malandros. Conhecia as flores do urgelão, em espigas liliformes, roxas, de sabor amargo, bôas para calaplasmas com gemas de ovos mas

intumecências do fígado: as urtigas, sedosas, cheias de tubérculos que espirram à epiderme um líquido cáustico, e que bem espremidas dão um suco muito medicinal na brotoeja; a alfavaca sudorífera; a arruda, muito oleosa, dum odôr acre, muito usada em infusão pelas mulheres opiladas, amarelas, congestionadas, histéricas, com grande pêso nas virilhas e zumbidos nas orelhas: a parietária vermelha, empubescida, acre, nitrosa, muito diurética; a malva emoliente, estimável em gargarejos e clisteres e nos semicúpios refrigerantes; o verbasco que frutifica umas cápsulas biloculares muito peitoraïs; a bardana dos monturos, de raiz fusiforme, tónica, sudorífera, antídoto das herpes; a salva, de flôr violácea, aromática, muito provada nas esquinências, gargarejada com um golpe de mel; os grãos do funcho estriados, cilíndricos, famosos nas cólicas; a erva cidreira, de aroma citrino, excitante, digestiva e anti-espasmódica; a erva moura que é narcótica; a hortelã vermelha, eficaz contra o reumatismo e nos narizes tapados por fluxões crassas; a mostarda, *sinapis nigra*, a do sinapismo, o divino sinapismo derivativo, revulsivo, que puxa às pernas o morbus do cérebro, dos olhos, da garganta; as bagas dos murtinhos para lavagem das impigens, cozidas, e feitas em pó, muito anti-púlridas, contra chagas cancreadas, crónicas; a tília para os chás das vélhas que impam e arrotam com grandes borborígmos de gases, e dizem que teem flato. Conhecia tôdas as ervas e arbustos que secavam em taboleiros, na eira. E os porcos às vezes foçavam nas ervas e raizes, misturando-as: mas êle com o fino sentimento moderno eclético em terapêutica, colhia do sequeiro as plantas às manadas e atirava com elas às gavetas que tinham rólulos grudados, fonélicos em ortografia. Êle também manipulava o unguento de basalicão, derretendo o pêz no azeite e na cêra; e, quando o mexia no gral, zangava-se, dando ao diabo a farmácia, ou cantava fados com um grande

azedume mefistofélico. Fazia ceroto de espermacete, com que se curam os cáusticos e as queimaduras; e o unguento de Genoveva e o da Madre Tecla, muito bom para amadurecer abcessos com o seu lilargírio, e sebo de carneiro; não lhe punha a manteiga da fórmula porque preferia comê-la com pão trigo. Havia grande provisão em potes de unguento da Madre Tecla, receita que lhe ensinára o brasileiro da Casa Grande, muito afreito a furúnculos nas costas e na região sob e sôbre; tinha de sua lavra muitos frascos de pomada mercurial de que êle gastava um têrço no seu consumo próprio pessoal; enquanto o pai e o abade, invelerados nas hemorróidas, lhe gastavam em breves prazos o unguento de populeão em unturas, de cócaras, José Macário, o Fístula, trabalhava, regenerava-se.

Eusébio descansava contente no rapaz; tinha-se amolecido, chamava-o no quarto e bebiam ambos uma garrafa da Companhia, muito manos; e, às vezes, o Fístula tocava-lhe um fado que punha tremuras involuntárias nas nádegas do pai; no mesmo tempo a Custódia, lá dentro na cozinha, sacudida pelos bordões gementes da viola, fazia saracoteios de quadris, batendo o pé à frente na atitude marafona de quem apára nos rijos fados batidos. Ela tinha no sangue um ardor de extravagâncias, uma herança viciosa de sua mãe, a Canelas, que dançava fandangos desonestos, e conhecia o *choradinho* de convivências suspeitas com o cirurgião, um romântico magro, da escola moderna, que o boticário espancára por motivos honrados.

Eusébio tinha gamão e damas; sabia fazer ladroeiras com os dados; jogava a pataco a partida, e dizia muitos anexins obrigatórios. O parceiro era o abade, um patusco, com chalaça, egresso dominico, o padre Justino de Padornelos. Tinha menos de quarenta anos, muito gasto e poido dos nervos sensuais, comido de vícios, com os fluidos nervosos degenerados e as articulações pêrras de reumatismo e outros ataques con-

tingentes de sangue depauperado. Ensébio Macário teimava que o complexo das moléstias era resultado de espinhela caída complicada com flatulências. Contava casos, curas, milagres e queria pôr-lhe o emplasto confortativo. — E vinho do Pôrto — dizia categórico — pingas do vélho, e carne assada na brasa p'ra êsse bucho quanta lá couber, e sopas de vinho, e de femeaço pouco — concluía, e piscava o ôlho esquerdo.

Às vezes inflamavam-se-lhe os olhos, tinha purgações purulentas, sustentadas pelo uso da genebra e humores viciados de vélhas contaminações; não sala do quarto e engulia muitas pílulas de família. O boticário ia então para a residência com o taboleiro debaixo do braço e as pedras numa saquita de chita amarela desbotada com os cordões gordurosos de surro suado.

— O rapaz? que tal? vai dircito? — perguntava o abade.

— Que ia bem; que tinha pancada para a farmácia; — dizia — que já aviava receitas pelo sistema moderno das gramas; que tinha talento.

— Conhece-se — dizia o abade, enquanto encasava as pedras no taboleiro — conhece-se; tem morrido muita gente há dous meses. — E de súbito arrugava o nariz, assaltado pela gota que lhe mordia o dedo grande do pé; e, tirando de repente o chinelo de ourêlo, descalçava a plúga de lã parda, mostrava o pé rubro, cheio de cascarias calosas, muito crespo de joanetes.

— Êste diabo! — dizia arregaçando o beiço inferior com raiva; e estorcegava o dedo dorido — Raios! Que lhe déssém a papa de linhaça! — berrava. A Felicia acudia logo. Que lhe untasse com terebentina o artelho; e sossegava com dous gorgolões de genebra que bebia duma botija que tinha à cabeceira entre o Breviário e o rol da côngrua, enquanto Felicia, de cócoras, o esfregava.

Depois, o acesso remitia; e êle consolado e cheio de bons sentimentos para com o céu e com Felicia, con-

fessava que lhe devia a vida a ela abaixo de Deus, e pedia-lhe água de malvas para os olhos, dava-lhe regueifa dôce, vinho maduro, e palmadas de gralidão infinita nas ancas roliças.

Era uma mulheraça frescalhona, de uma coloração sanguínea, anafada, ancas salientes, de trinta e cinco anos, muito lavada, a cheirar às frescuras do linho perfumado de alfazema. Ela amoriscára-se do padre; quando êle, no viço dos anos, saíu do convento, tomando para si tôdas as liberdades permitidas pela Carta. Tinha sido forte, grosso, feito na orelha suína e nos farináceos da sua aldeia; saía escandecido pelo muito bacalhau irritante do refeitório, com muito fósforo e iodo no sangue que lhe puxava pelos instintos. Ele era oriundo de Barroso, onde as mulheres são cabeludas como cabras, e teem as pernas grossas, cepudas com borbulhas escarlates como rocas de cerejas, e mostram nos cotovêlos umas durezas como cascas de mariscos. Criára-se nas leiras que escorregam pelas espáduas dos montes, retouçava-se nos fenos como os lôbos fartos, e aos dezoito anos uivava pelas fêmeas como os fulvos leões hircanos. Em estudante era forte no tema e na brèjeirice com grandes brutalidades montesinhas. Não tinha ideal; era um estômago com algum latim e muitas féculas; lia as Geórgicas de Virgílio à sombra dos castanhais, de papo arriba, à perna sôlta, como um grande rafeiro aganado dos calores de julho que regala o ventre nos refrigérios da bafagem.

O arrebol da tarde franjava de púrpura as agulhas da montanha; espinhaços dos últimos horizontes de serra recortavam-se como sentinelas nócturnas dum baluarte de ciclopes; espigões enormes pareciam braços hirtos dos legendários titans a escalarem o Olimpo; filas cerradas de pinheiros lá em cima nas cumiadas lembravam esquadrões de gigantes, pasmados, a olharem para nós, burlescos pigmeus, que andamos cá em baixo a esfervilhar como bichinhos revoltosos nas enor-

mes podridões verdoengas do planeta. Ele olhava para tudo aquilo com cara de nsno, não percebia mitos nem ideais, e pensava na ccia. Raparigas desciam das encostas ervecidas com rebanhos a dessedentarem-se nos ribeiros; cabritos alcandoravam-se em rochedos com balidos crebros e ginnásticas gigantes; bois escorneavam-se com pancadas sonoras duma durcza cava. E o Justino, o estudante, sallava dos valados sombrios à laia de sátiro, como tigre faminto do palmar, e enviava-se fremente às pastoras, dando-lhes abraços bestiais, hercúleos, e ferradelas cupidíneas, dissolventes, nos cachaços sensuais penujentos. Elas casquinavam risadas inocentes, fugiam, deixavam-se agarrar, bolavam-se a êle, às três e às quatro, atiravam-no ao chão, caíam de cmbrullio, e espojavam-se todos, qual por baixo qual por cima, escouecando-se, com uma candura bucólica digna de Rodrigues Lôbo e de muito chicote.

Felícia não era bem dessas; estava a servir; não sabia a idade; dizia que nascêra no tempo das castanhas, e que seu pai era miliciano de Chaves. Andaria nos dezasseis, e parecia de carne petrificada, rija, com uma frialdade de metal fundido, e nenhumas morbidezas femins. O Justino nas mãos dela sofria amarfanhamentos rudes e bolêus. Era possante, não se deixava abraçar, e um dia cascára com um engaço num oficial de deligências de Montalegre que lhe apalpára a polpa dum braço.

O noviço dominicano, às vezes, lembrava-se dela no convento de Guimarães, e perguntava aos patrícios por Felícia, e queria saber se ela dera em droga como a do Côxo, e mais a do João Carrasqueira, duas perdidas que contavam a tôda a gente que fôra o estudante que as deitára à má vida — e leve o diabo o frade, diziam, e contavam casos, miudezas, vergonhas.

— Que não: que ninguém dizia dela tanto como isto — informavam — que era a flôr das raparigas, a

Felícia; e tão arisca para todos os homens que até se desconfiava que fôsse do sexo masculino. E contavam anecdotas, temeridades de apalpadelas repelidas com bofetões, o caso do sargnto do 15, um malandrim de Bóbeda, que lhe oferecera a mão de espôso; e o do morgado de Escalão, um idiota vesgo, que lhe dava casa e horta e cadeiras de palhinha afóra dôze moedas e dous carros de milho por ano, um rôr de cousas, se ela quisesse ser como as outras. E citavam-se três freguesias devassas como bordeis, raparigas que jejuavam, cortavam os cabelos, e ganhavam todos os jubileus com muitas rezas e um pataco de esmola.

O Joaquim António de Aguiar e o progresso puseram frei Justino do Rosário na rua, e êle enfiou para casa com umas exultações sedentas de pecado e dava vivas à Liberdade, e à Rainha e Carta como se, em vez do convento, saisse da Cova da Moura.

Quando êle entrou nos limites da sua freguesia havia festa no ar; o sol levantava da uberdade da terra uma poeira de átomos luminosos que as boninas aljofaradas lhe enviavam com os seus arômas. Era julho, um dia irritante, cantado pelas ceifeiras nas grandes campinas de centeio, louras como lagos ondeados de ouro puro saído a tofrentes do seio da natureza. Os cantores da aurora — o melro de bico de ouro e lombo de azeviche; o tordo trigueiro, de peito amarelo, que tem o cantar triste da viúvinha; as fatinegras de dorso azeitonado e peito argentino bicavam-se nos pavilhões dos espinheiros, das giestas e dos salgueirais dos regatos. Estavam silenciosos nos seus caramanchéis, a carriça, da família dos *dentirostros*, muito pequena, muito irrequieta, áspera no cantar, e de plumagem bela; o cuco, das *trepadeiras*, raiado de branco no ventre, pintalgado de branco na cauda escura, ave sinistra que colabora inocentemente nos adultérios, e tem

cornos cartilagíneos, embrionários, ocultos nos tegumentos do crânio; o pintassilgo das melodias e das penas iriadas, o émulo do canário e das mulheres desvanecidas de formosas pelo amor que teem ao espelho; a poupa, que vem da Suécia, ou desfere o vôo do alto das pirâmides dos Faraós, coroada de plumas negras e louras; o estorninho, de pernas escarlates, bico de ferro, plumagem verde, azul e cobreada, com o dom de articular vozes como a pêga, e grandes instintos para se domesticar e comer ovos de pomba; o gaio, a ave linda dos pinhais, elegantíssima, com o seu marlinete de penas alvíssimas e negras, peito côr de canela, asas iriadas de branco e azul, e o seu grasnido alegre, com muitas sensualidades petulantes, enforcando-se nos esgalhos das árvores quando se irrila, e cegando na congestão da cólera; e as codornizes, e os chascos, e os tanjardos, e os pardais, e as arvéloas, os piscos e os taralhões, todos êsles músicos do paraíso que conservam puras as notas dos seus cantares edénicos primitivos.

Frei Justino tinha jornadeado tôda a noite, encavalgado num macho do Gaitas, o legendário alquilador de Guimarães. Ao luzir do sol ia cabaceando sôbre o macho, a pingar de sono, e para não se amodorrar assobiava o hino de 20. O arrieiro ia cheio de aguardente que o frade liberalizava de um frasco empalhado que lavava a tiracolo como o seu padre S. Domingos levaria os Psalmos de David, os Evangelhos, a hinologia triunfal da Igreja, e os estatutos da Inquisição.

O sono esbonteava-o, quando avistou Padornelos, a sua aldeia, as casinhas palhaças tisnadas das sôlheiras, a tôrre da Igreja colmada, coeva do santo ascebispo que ali ensinára que a Santíssima Trindade não era irmã de Nossa Senhora, como lá cuidavam aquelas cristandades barrosãs. Mas frei Justino já nem acreditava nesse parentesco nem noutro. A vitória final dos constitucionais inculira-lhe suspeitas de que não

havia Deus, porque o prior do convento lhe havia asseverado que os inimigos do trono e do altar eram almas perdidas, e êle, com pérversa e estúpida lógica de mau frade, concluira que a derrota dos rialistas era a suprema evidência de estar despejado, rôto, o céu. E cheio destas idéias e de poeira descavalgou, e lavou a cara num regato para espancar o sono.

A primeira pessoa que viu a descer pelo recôsto de um mato com um rebanho de ovelhas, que o filavam pasmadas numas atitudes palermas, era Felícia, a impoluta, com a roca à cinta, rodopiado o fuso, saia de linho muito fresco apanhada na cintura em refêgos inquietadores da honestidade, e uns traços de pernas trigueiras, com redondezas de barrigas muito gordas, e um colete de chita amarela com atacadores vermelhos que pojavam para cima os seios muito intumescidos e mordidos dos beijos do sol, com alguns sinais de pulgas.

E o arriciro lúbrico:

— Oh que fatia! Um peixão! Hein? ó senhor frei Justino! Aquilo é que é obra acabada! Boa Verónica! — E outras pachuchadas.

Ela conhecêra o frade; caíu-lhe o braço do fuso, e ficou pasmada com a farripa da estriga nos beiços a dar-lhe cuspo; e êle jubiloso, hilariante:

— Já te conheci, Felícia. — Que descesse à estrada; que estava uma môça perfeita; que tinha perguntado por ela ao almocreve Carôcho, todos os meses, e sabia que ela era o modêlo das raparigas honradas. Se se lembrava dêle alguma vez; e ela — que sim, ¿pois não havia de lembrar? e mostrou-lhe o anel de corais quê êle lhe dera, na romaria de S. Bartolomeu, na ponte de Cavez; e que o achava mais chupadinho e muito rapado na cara; que já sabia que os governos o mandavam embora; e irejeitando gaifonas de risos lapuzes dizia que fôra bom acabar-se o convento, e vir cá pr'a fóra espairecer; pudera! e divertir-se; que isto de fra-

des, já o pai dela o dizia, era uma vida assim a modo de não sabia como, uma asneira.

Aquele encontro, na aba da serra, parecia uma passagem antiga, bíblica. O rebanho das ovelhas brancas como o vélho de Gedeão, a rapariga meiga com as branduras do olhar de Rebeca e Ruth, e mais o frade escanchado no macho do Gaitas, a fugir da bíblia para o mito, por dar uns longes de Sileno. E o arrieiro de olhos acirrados, vorazes, um suballerno grotesco do CÂNTICO DOS CÂNTICOS, achando aquela Sulamita barrosã mais doce do que o vinho de Cabeceiras de Basto.

Disseram adensinho até logo, com muitos acenos. E o arrieiro queimado de concupiscências bestiais:

— Sim, senhor, é um bocado cousa muito lúmpa! Pode-se vêr, o diabo da mulher! Terra que dá desta fruta é bôa terra. Ficaram-me os olhos no berzabú da môça! Tem ventas! e que pernas! — e outros canalhismos de sensualidades tarimbeiras que faziam rir o frade às escâncaras, como quem estava sequioso de pilhérias plebeias, reles.

II

Deu de si o temperamento sanguíneo, esloura-vêrgas do egresso; era de esperar; a vocação golfou sórdida do homem como salla o sapo asqueroso do rochedo rachado. Arrifava a lôdas, era uma razia no mulherio de Barroso, um pachá, um galo, um deboche.

A mãe do Justino não podia consolar-se da queda da religião e da libertinagem do filho. Pegou de secar-se, um grande fastio, ventre muito desarranjado, e acabou-se-lhe o pavio da vida. O egresso caiu em si, picaram-no escrúpulos, remorsos, e andou algum tempo seismático e muito mordido na consciencia. Incomodava-o a ideia de Deus; dava-lhe na alma umas navalhadas fundas o temor da outra vida. — ¿ Se havendo Deus haveria inferno? — scismava. — Se havia Deus, ¿ como se mostraria êle à criatura a não ser pela sua justiça? ¿ E como se mostraria justo, a não ser castigando o crime e premiando a virtude? Ainda lhe restava esta prancha do naufrágio — o raciocinio, uma cousa bôa e única que lhe ficára da lógica e da metafísica do Genuense. Êle tinha pai, um trôpego, que fôra valente jogador de pau, e matára, quando era rapaz, um puxador muito basófia de Cerva, na sanguinária romaria de S. Bartolómeu. Remorsos tardios en-

cineceram-no quando adiante do espectro da morte lhe saiu a avantesma do assassinado, com o peito aberto até às costas por um palmo de aço da choupa de um marmeleiro. Êle esperava remir-se do inferno pelos merecimentos do filho que fizera frade para ter santo na família que o protegesse. — O frade é aquilo que vocês estão vendo, — dizia com muito azedume, — é um meliante pior que o diabo; até se embebeda; deu cabo da mãe, e eu não tardo.

E sujava os olhos com o canhão da jaqueta de saragoça de varas limpando duas lágrimas gelatinosas. Via-se só. Casara um filho em Basto e uma filha na Terra-Quente. Andava aparvalhado pelos matos com a sachola ao ombro. O seu único alívio era petiscar lume com um fuzil num sílex, e acender na isca cigarros uns atrás dos outros; a tossir sempre uma expectoração dos bofes requeimados.

O egresso definhava-se adoentado de imaginações, e dava-se à aguardente de medronho para diluir a bilis negra. Tinha dores de cólica, enxaquecas, uma canseira que até os vícios lhe entediava. Pegaram-lhe umas sezões de mística, uns terrores das penas eternas. Visões de demónios, cataduras horrendas de alimárias atacavam-no em sonhos. Uma vez, era um javali cerdoso, assanhado, que o perseguia numa mina estreita, negra, com as paredes erriçadas de ângulos de granito que lhe raspavam nas carnes; o javali dava bufos e roncos dum pavor ferino, farejando-o e aquecendo-o com as lufadas das expirações ofegantes. Ao cabo da mina tropeçou num esquife, abriu-o para se esconder às iras da fera, e achou dentro um cadáver, uma massa fria, espapaçada, apodrecida. Deu um grande solavanco, acordou e rolou ao chão, com os olhos esgazeados, a cuidar que o seu capote de camelão de quatro cabeções pendurado num gancho era o javali, de pé, cosido com a parede da mina. Daí a dias não se pôde levantar, estonteado, febril, com as goelas

sêcas, e um grande ódio ao alcool e ao bacalhau assado com alhos. O cirurgião pô-lo a caldos e a laxantes heróicos, muita mamona, escamoneia e jalapa. Não havia quem o tratasse. O pai, com o seu egoísmo de vélho achacado e raiva senil às sensuais brèjeirices do filho, chegava-se pouco ao catre onde o febricitante esperneava, invocando alternadamente deuses e diabos com reveses de compungimentos cristãos e de raivas muito pagãs. A criada que cozinhava era uma sôstra, não sabia fazer caldo de franga, deitava-lhe azeite e comia metade, lavando pouco as tripas da ave. Êle atirou-lhe com a malga cheia daquela água gordurosa, chamando-lhe borrachona, porca e estupor maligno. Ninguêm o queria servir. Felícia foi visitá-lo, e desatou a chorar quando o viu febril, com os olhos esbugalhados, encarniçados, a suar, praguejando, que o matavam, que morria para ali como um cão vadio, sem ter quem lhe chegasse uma tijela de sustância de galinha, uma miséria!

E Felícia compadecida:

— Se quer, eu venho fazer-lhe os caldos; que isso sei eu fazer a preceito.

— ¿ Pois tu deixavas os amos? — fez êle alvoroçado.

Que não deixava os amos; mas que vinha fazer-lhe os caldos duas vezes ao dia, ou mais, se fôsse preciso; e, se em casa a não deixassem, que se despedia; que não lhe faltavam casas, e pouco tempo havia de servir porque o seu irmão Bento, que estava no Brasil, tinha-lhe mandado escrever que, assim que estivesse com loja sua, a mandava ir para onde a êle, e já lhe mandára cinco moedas de ouro para um cordão, e ela comprára uns louros em que ganhára moeda e meia duma feira p'ra outra, e comprára então um cordão...

— Uma maçada que o padre apreciou delicado, e tais melhorias sentiu no estômago que apeteceu um pescoço de galinha envolto na sua epidermc enxundiosa de gorduras amarelas, e beberricou do maduro.

Sucedeu a segunda hipótese de Felícia. Os anos tinham birra ao padre, homem de má vida — murmuravam — um animal, sem religião, que mal se lhe enxergava a corôa, nem sabia dizer a missa perfeita, não confessava ninguém, tinha amigas, e pusera a mãe na cova com desgostos.

E a môça insistente: — Quer não; se vocês me não deixam ir fazer-lhe as sustâncias, vou-me embora.

Chamaram-lhe perdida, que estava arranjada, que era como a do Côxo, e a Carrasqueira, uma cadela sem vergonha; por isso ela não tinha querido casar com o sargento de Bóbeda — recordavam sarcásticos — que estava à espera do frade, a Inês de *Carasto*.

Esta última afronta decidiu-a; saiu num ímpeto de honesta iracúndia, e contou ao frade, lavada em lágrimas, retorcendo os braços e as mãos em atitudes muito deplorativas, que até Inês de *Carasto* lhe chamaram!

E ficou.

O enfêrmo foi melhorando envolto nos olhares cariciosos de Felícia e em papas de linhaça. Ela sentava-se à beira do leito de bancos, o catre primitivo, duas tábuas sôbre oito pés em bruto de castanho e quatro tábuas longitudinais com um enxergão de palha centeia. O fuso zumbia tangido rijamente pelos dedos calosos da rapariga, cruzava as pernas de um torneio escultural que a chita barata, transparente, não disfarçava, acingindo-se às curvas com o impudor moderno de hoje em dia. Conversavam baixinho. Êle tinha vistas, planos de vida regalada, longe da sua terra, que êle chamava um espigueiro de bêbedos e de bêbedas. O pai entrava às vezes, achava-os naquelas murmurosas confidências, saía corrido, e de si consigo ia resmungando: — Ah! bôa móca! Ponca vergonha! ponca vergonha! — E, se lhe falavam nele: — que os leve o diabo a ambos. Assim que êle se puser a pé, fóra daqui! Capaz de ir a Braga, falar ao senhor arcebispo,

sou eu. Maroteiras cá nas minhas barbas isso é que não. Vai a arrôcho e mais ela... Vão p'r'ó inferno! Escavaco-os! Escavaco-os!

Felícia, assim que o padre se ergueu convalescente, saiu da freguesia, e foi para a sua terra, dali obra de meia légua, onde tinha um casebre colmado com a sua horta. Padre Justino de Padornelos, denunciado pela caiçada dos lavradores, dizia-se, entrava e saía de noite com resguardo exemplar, em uma grande concordância com S. Paulo: «que se não era casto fôsse cauto». Acautelava-se em mais de um sentido; ia com grande fé no preceito do santo e num clavinaço de dous canos, por causa dos lôbos que são os polícias importunos aos vagabundos nocturnos daqueles sítios.

Uma noite de novembro caía neve, e os aspectos do céu profundamente frio tinham umas estrêlas trémulas, lucilantes, e um luar álgido que dava às concavidades nevadas a claridade nítida duns lagos de prata fundida. O padre vestia polainas de saragoça asserroadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de peles e uma carapuça alentejana escarlate, que lhe abafava as orelhas. Debaixo da lapela da véstia resguardava a escorva da clavina, e caminhava curvado com as mãos nas algibeiras e os olhos vigilantes nas gargantas dos sêrros. Ulvos longínquos de lôbo ouviam-se e punham-lhe vibrações na espinha, e um terror grande naquela imensa corda de serras, onde êle, àquela hora, se considerava o único ente exposto a ser comido pelas feras esfomeadas. Pulava-lhe o coração. Ao trepar a um outeiro, entaliscado de rochedos que pareciam resvalar de encontro a êle, ouviu o uivo ali perto, para lá da espinha do sêrro. Tirou a clavina do sovaco, e lívido, com a sensação estranha do fígado despegado, meteu o dedo trémente, automático no gatilho. Fez

um acto de contrição; provava quanto as religiões são importantes, urgentes, nas crises, nos conflitos sérios do homem com o lôbo. Esperou. A fera assomára na lomba do outeiro, recortando-se esbatida no horizonte branco com uma negrura imóvel, sinistra: parecia um bronze, um emblema de sepulcro. Ela quedou-se por largo espasso num aspecto de admiração, de surprêsa. Depois, descaiu sôbre as patas traseiras, com ares contemplativos, de uma pacatez fleumática. Mediam trinta passos entre a fera e o frade. Estava ao alcance da bala o lôbo; mas o frade, caçador astuto, manhoso, receava perder um dos tiros. Pôs-lhe a pontaria com um gesto de espalhafato; dava gritos como quem açula cães: «Bóca! péga! cérca! Ai vai, lôbo!» Ecos respondiam; e a fera, menos versada na física dos sons reflexos, olhava crespa, espavorida para o lado em que repercutiam os brados. Ergueu-se, e desceu uns de passo, com uns vagares irónicos, com a cauda de rôjo e o dorso erriçado, a ladeira da colina. O padre via-a negrejar na linha flexuosa do declive. Pensou retroceder; mas o logarejo de Felícia estava mais perto que a sua aldeia, e para aquele lado latiam cães dum faro que adivinha o lôbo antes de lhe ouvir o uivo, e o farejam pela inquietação das reses nos currais. Trepou afoito ao têso do outeiro: ganhára ânimo; bebera uns tragos de aguardente dunha cabaça atada com o polvorinho no correão. Sentiu-se capaz de afrontar o rebelde, se êle o não respeitasse como rei da criação, segundo afirmativas de teólogos que nunca viram lôbo. Do topo olhou para baixo: não o aviston. Carcavava-se um algar emmaranhado de bravio espêsso onde se emlenhára. Estugindo o passo, ganhou uma chã ladeada de extensas leiras de feno alvejantes como um estendal de lençóis; e, quando olhava para trás receoso, viu a alimária, a grandes passos, com a cabeça alta, atravessar a leira da esquerda, parecendo querer cortar-lhe o passo na extrema do caminho que enteslava

com a aldeia. O padre agachou-se, coseu-se com o valo de urzes e giestas que formavam o tapume das terras cultivadas, e muito derreado, arquejando com o dedo no gatilho, e a fecharia rente da barba, caminhou paralelo com o lôbo que o farejava de focinho anelante e as orelhas fitas; e assim que a fera passou de perfil em frente do tapigo, o rei da criação, que o era pelo direito do bacamarte, despediu-lhe a primeira bala com a destra pontaria de quem havia já matado águias com zagalotes. O lôbo, varado pela espádua até ao coração, decaíu sôbre um dos quadris, escabujou em roncos frementes, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteiriçado numa grande agonia, e morreu.

A Felícia não caíu aos pés do matador de feras subjugada pelo assombro da intrepidez, com frases soluçadas de ternura. Voltou-se para um registo do Senhor do Monte, encaixilhado, sem vidro e muito pintalado das moscas, e rezou com as mãos postas e um grande fervor de reconhecimento pela concomitância que o Senhor do Monte tivera na morte do lôbo.

Cães latiam em grasnada na chã onde jazia o lôbo, quando o padre, ao pintar da aurora, regressava; conjecturou que fôssem caçadores matinais, e desviou-se do trilho para que o não conhecessem. Eram as matilhas de galgos e coelheiras dos morgados de Montalegre, homens muito fragueiros, duma brutеza selvagem, antiga, que nas grandes neves saíam para as serras a matar a mòcadas a lebre e o coelho enregelados, famintos nas colheitas, e no côncavo enxuto das urzes, quando o gêlo lhes fechava os buracos das luras. As matilhas assanhadas ladravam ao cadáver do lôbo, e algum cão mais ousado puxava-lhe pelo rabo,

sacudindo a cabeça com frenesi. O lôbo foi disputado aos caçadores pelos habitantes da aldeia vizinha, que tinham direito a 6$000 réis com que a câmara gratificava o matador; mas os de Montalegre diziam que aparecesse o homem que o matára; e estavam a ternos de o levar, porque o morgado de Corujão, dado a pompas venatórias, lhe queria a pele para tapête da cama, e falava em lhe embalsamar a cabeça. Nisto, Felícia para desalar as dúvidas, disse em segrêdo a umas quatro vizinhas que quem matára o lôbo fôra o snr. padre Justino de Padornelos. Espalhou-se logo o caso, foi muito admirada a valentia do padre, e um lavrador abastado, o Chanca, mandou uma cabra e um cabrito de presente a Felícia, e que dissesse ao senhor padre que se precisasse dalguma cousa, êle estava às ordens para o servir, e que assim é que se queriam os homens. Daí por diante Felícia, quando ia a um cêrco, romaria ou festa de igreja longe, o povo, apontando para ela, dizia: «aquela é a fêmea [1] do padre que matou o lôbo».

---

1 Em Terras de Barroso e nas limítrofes a mulher em mancebia é uma *fêmea;* reduzem-na às condições mais fisiológicamente animais que podem. A casada não é fêmea nem mulher; é a *patrôa*. «A minha patrôa», diz o marido.

III

Padre Juslino Gonçalves ganhára amigos com a morte do lôbo. Admiravam-no até ao cullo, uma idolatria medieval, a fôrça bruta, o arrôjo de palmilhar serras medonhas cavadas de fojos rasos de neve, por alla noite, e remeler para um lôbo, matá-lo, seguir seu caminho, o destino do seu coração valente, e não fazer alardo da façanha para não difamar os crédilos da môça. Dizia-se isto na serra, em palavras mais singelas, sem as condicionais da moral, das conveniências, com que nós, os cultos, coslumamos virar do avés as acções extraordinárias, a fim de nos desculparmos da nossa incapacidade para matar lôbos.

Era em 1840. Começava a grassar a facção cabralista. Havia eleições disputdas entre chamorros e outros que significavam idéas politicas muito diuréticas — a diabetes de patriotismo que os outros curavam a fricções sêcas de cacête. Padre Juslino entrou na politica, e arrebanhou consigo todos os feliches da sua façanha. O galopim fermenlára-se evolutivamente da podriddão do lôbo. A aulloridade superior do distrilo chamára-o, honrára-o com confidências, abraços, promessas e alguns dinheiros do cofre para avinhar o sufrágio. O govêrno, cuja alma era Cosla Cabral, ven-

ceu; e o egresso logo depois foi colado abade nas terras ubérrimas de Basto, em uma freguesia muito rendosa, S. Tingo da Faia, rica de passais, fregueses pouco trabalhosos, mulheres enfiareadas no pecado, nem místicas nem hipócritas, inimigas do confessionário e de maçadas ao domingo na igreja.

Felícia governava a casa, criava cevados, muito atarefada, videira, mourejava em teias, recolhida consigo, não mexericava, não conhecia ninguém, e tinha ralações de ciúmes. O abade, na pujança da idade, muito sadio, dava trela aos instintos frascários; as freguesas eram um rebanho muito gafo de ovelhas tinhosas, desgarradas do redil da castidade, à semelhança da Canelas, mulher do Eusébio da botica. Que o abade também colaborára nas ossificações notáveis do farmacêutico, rosnava-se. O cirurgião, o físico, pagára por todos, dizia-se.

Ela, a Felícia, habituou-se; mas a perfídia doía-lhe; o seu amor baixou às temperaturas vulgares — o amor convencional das honestas espôsas traídas. O ingrato expiava amolentando a forte musculatura nas diluições da concupiscência, dando à carne amortecida cargas eléctricas de alcool, bebendo vinhos inflamatórios, incendiários, com iguarias fibrinosas, pingues, muito saturadas de espécies. Irritações de bexiga, congestões biliosas, enterites crónicas sucederam. Cavou-se-lhe o rosto, veio a dispepsia, o reumatismo, muitas perturbações intestinais e serosidades oftálmicas.

Tal era êle, quando punha em ordem as pedras no gamão de Macário, enquanto Felícia lhe friccionava o artelho com essencias enjoativas, fétidas.

Falaram de Custódia. O abade gostava de falar de Custódia — que era muito patusca — dizia sorridente — e admirava-se que ela não tivesse feito asneira com tantos exemplos e patifarias da freguesia; que era mais entroncada que a mãe, — grande mulher que também fôra a mãe! — Eusébio não dizia nada; saüdades e rai-

vas ao mesmo tempo oprimiam-no. Estava viúvo havia dez anos; não pensára mais em casar-se; amára de vez, aquela douda, que fôra morrer à Tamunca, um recolhimento de Braga, onde se repurgam viciosidades, e as carnes se adelgaçam em asceses depurantes. Filhas de lavradores fartos, bem comportadinhas, bôas caras, deitavam-lhe o rabo do ôlho, provocavam-no, atirando-lhe abraços de vides, suspiros e lágrimas de pingentes escarlates, quando êle, o viúvo, ao canto da botica, pisava drogas no almofariz. Tinha incêndios temporários na sua organização sanguínea; asseteavam-no cupidos luxuriosos, de entre os seios de môças chorudas, desempenadas, com derrengues de cintura muito voluptuários; e êle — que não, que não queria casar-se segunda vez, credo! que tôdas as mulheres eram fracas, escorregáveis. E vivia casto, comendo à tripa fôrra, cevando-se à larga, como desforra, e dormindo sonos apoplécticos, muito roncados, à hora da sésta, com o lenço vermelho na cara cheio de moscas e resíduos pulverulentos do meio grosso.

De Custódia dizia que era da casta da mãe quanto a luxos: exigia chitas caras, jaquês de veludilho, puxava p'ra grande, tinha muito palanfrório, espevitava-se, e falava em vender uns touros que lhe dera o padrinho, o Manuel da Bouça, para comprar um manicórdio como o da filha do brasileiro da Casa Grande. Ah, bom arrôcho! — acrescentava: e voltado para Felícia, depois de fazer casa no gamão com 4 e 6, dizia:

— Vocemecê, que é mulher de juizo, tire-lhe do miôlo as aranhas; meta-a cá por casa; diga-lhe que se deixe de manicórdios, e bote teias, que trabalhe, que castigue o corpo com a canseira da casa, que eu não a crlei para senhora, percebe? Eu ainda posso comer o que tenho — ajuntava, explosindo arrôtos aziumados de salpicão.

Mas Felícia tinha ciúmes de Custódia, ciúmes das olhadelas faiscantes, mordentes do abade. Bem sabia

que a môça não se penteava para êle; mas não queria comparações, confrontos, hipóteses sensuais no espírito do padre, uma ruína em que os ratos da lascívia roíam sempre na medula dos ossos cariados. Ela calava-se às recomendações de Eusébio, ou dizia que a Custodinha era amiga de chalacear, mas tinha propósito; que o melhor era arranjá-la com algum praticante de botica para ficar no ofício, visto que o pai pensava em meter na cirurgia o filho, o Fístula.

Assim era; porêm, não o queria formado em escolas modernas, como o outro, o Viegas, o contuso a fueiro, o da Rosa Canelas, e vários outros que saíam dos estudos, dizia, cheios de basófia, com muitas farfalhices modernas, e doente que lhes caísse nas unhas era defunto. Contava muitos casos de moribundos a que êle valêra, com as suas receitas; questões que livera com doutores garraios, mas burros que receitavam mixinifadas de França, e o Lacroix, um purgante que relaxava a máquina interior, e punha o enfêrmo na espinha, desfazendo-lhe o fato. Êle chamava fato aos intestinos baixos, e tudo o que estava para cima era bofes.

Queria que o filho fôsse prallear a cirurgia no hospital de S. Marcos com cirurgiões antigos, experientes, que conheciam as ervas medicinais. Depois, tencionava dar-lhe as suas receitas, e ensiná-lo a distinguir as variadas almorreimas, a natureza das impigens, os cursos diversos, a bicha solitária, as obstruções das mulheres, as quebraduras, as hernes, estelicídios, dôres de rins, acrimónias, e o mais que tinha escrito no livro que era uma mina, que não o dava por um conto e quinhentos, gabava-se.

Êle, quando bateu no cirurgião adúltero, vingava a sua honra de marido e a sua sciência medicinal, ultrajada pela galhofa do doutor. Êle tinha uma grande celebridade adquirida na cura das almorreimas, de lombrigas, curava fígados no lado esquerdo, e cursos de

lôda a casta, diversas comichões, em alporcas era infalível, e tinha receitas para moléstias secretas que nunca falharam. Herdára o receituário de seu avô, que praticára na botica dos frades de Santo Tirso, onde se faziam descobertas terapêuticas miúdas e milagrosas na cura daquelas últimas moléstias. Tinha um códice manuscrito, brochado em pergaminho muito besuntado do surro de três gerações de boticários instruídos.

Curava asma com pós de baratas fritas e torradas; e para escrófulas mandava cozer uma lagartixa viva, e pendurá-la num saquinho ao pescoço do doente; e assim que a lagarta se pulverizava de sêca, as alporcas fechavam-se. Não havia hemorróidas que resistissem às fôlhas de S. Caitano e de *corona-christi*, umas fôlhas que o cirurgião, cheio das ignorâncias da botânica moderna, desconhecia e desacreditava, dando gargalhadas imbecis, e dizendo à Rosa Canelas que o marido era um lorpa impagável. Mas na cura das obstruções, isso era um malho: curava-as com pós da ponta de corno de boi e do queixo esquerdo de certo quadrúpede; e dal veio dizer o clínico, espantado por mais dum motivo justo, que o boticário não precisava de comprar as drogas com que desobstruía as suas clientes.

O Fístula resistia ao absurdo da formatura no hospital: achava isso pulha; — que já não havia cirurgiões por êsse feitio, queria formar-se na escola do Pôrto; prometia ganhar os primeiros prémios, dar brado no país. Êle exultava com a perspectiva do Pôrto. Conhecia de fama o botequim do Pepino em Cima do Muro, onde o fado batido deflava à madrugada, com entre-actos de facadas e muito banzé.

Eusébio fazia esgares reaccionários: — que não queria doutores das escolas modernas; citava a ignorância do Viegas, a grande mortandade que êle fizera no concelho em três anos que tivera o partido; comparava-o

com o Manêla, um cirurgião antigo, do tempo dos franceses, que andára nas ambulâncias do exército anglo-luso, e perdera o braço esquerdo no Bussaco. Mostrava o receituário do grande físico e queria que o filho o estudasse. O pai encarregava-se de lhe ensinar as moléstias; e êle que aplicasse as receitas. A cambada moderna — dizia — não conhecia os ungüentos milagrosos do Manêta: o ungüento *Apostolorum*, assim chamado por se compôr de dôze simples; o ungüento Camêlo, recomendado pelo imortal físico Duarte Madeira, muito entendido em antídotos mercuriais; o ungüento da Condessa, desôpilativo do baço; o azougue de Falópio; de cabaça; de cascas de caslanhas; o egipcíaco; o Forte *absolutê;* o Marciatão; o refrigerante de Galeno; e outros de virtudes miríficas que se lhe estragaram nos boiões amarelos, vidrados, desde que o Manêla fôra substituido por Viegas, o magro adúltero. Êste sócio — continuava Macário com iracúndia — não sabia nada de xaropes; desconhecia o xarope bizantino *absolutê;* o de Agostinho, médico famoso de Segóvia; o de chicória de Nicolau, outro doutor celebérrimo de Florença; o de língua de vaca; o de polipódio; o de Rei; o pérsico de nove infusões; e o de Sabor, rei dos médos, que o inventou. E erguendo a voz, com gestos violentos e raivas de sábio ferido por modernices estólidas, invectivava Viegas, acusando-o de receitar pílulas estrangeiras, desprezando as nacionais, experimentadas no espaço de dous séculos, como eram as pílulas arléticas; as de hermodactilos maiores e menores; as magistrais de aço; as pílulas *sine quibus*, muito purgativas, compostas de citrinos, chebulos, belericos, emblicos, agarico, escamonea — uma maravilha com que Eusébio — afirmava — era capaz de laxar as tripas ressequidas dum elefante; e as pílulas fétidas maiores, chamadas assim porque fedem. Ignorava igualmente o que fôsse óleo de alacraus, de Aparício, de rãs e de viboras; não sabia nada de oximeis, do ELECTUARIUM

Leitte, de trociscos, de alcaparras e hipatório; ria-se do bôlo arménio, do emplasto capucho, do de D. João de Castelo Branco, do diafenicão, do de ninho de andorinhas, do *Gratia Dei*. Que nunca receitava um cozimento dos infalíveis na terapêutica do Manêta, de chorada memória; e metia a ridículo o cozimento para ajudas de ameijoada; o cozimento colérico, o fleumático, o melancólico, o carminativo: ignorava tudo isto, e não se lhe via nas receitas uma palavra em latim, o burro!

O filho ouvia-o com um sorriso moderno, indisciplinado, avêsso à autoridade. Tinha bebido inconsciente nas fontes novas, sentia-se repassado de intuições de *vita nuova*, teimava em dizer que os unguentos e os xaropes do Manêta não prestavam para um diabo. Eusébio Macário olhava, rutilando ásenas de cólera, para o José Fístula, e com um sorriso de dentes ferozes e muito chumbados, e de gengivas cheias de abcessos, rosnava: — Grande cavalgadura!

Espreite-se o Fístula no seu temperamento, no sangue, segundo os processos, na hereditariedade, nos fluidos nervosos que tem do pai, talvez do avô, provavelmente da mãe, e não será abusar da fisiologia indagar-se o que há nêle da avó.

A avó materna, a Pucarinha de Penagulão, andára com a tropa no tempo dos franceses, uma vivandeira suja, possante, de tamancos, com brotoeja na cara e uma chaga suspeita num joelho. Ficára em Chaves com taberna, cozinhava para os sargentos de dragões, e tinha filhos dum furriel pelintra que sustentava e em quem batia. O Fístula tinha desta avó a brotoeja, a musculatura; e do avô o pendor para a tasca, a paixão furiosa das taberneiras de pernas rubras e espáduas roliças. A mãe, a Rosa Canelas, legára-lhe no sangue os quebrantos lascivos dos lunduns, malagne-

ñas, boleros desmalgados, aprendidos em Verin, e os batuques e os fados do Viegas facultativo. De Eusébio Macário tinha a carne espessa, o cérebro caliginoso, fechado, impenetrável, a testa esquinada, estreita, e a grande protuberância occipital, crespa de exostoses, cheia de bossas, de predominâncias canalhas. O avô esconceava-lhe o instinto quando êle pedia a Felícia dous pintos emprestados ou um pires de marmelada; a mãe palpitava-lhe nos ilhais quando, de repente, largava a mão do almofariz e começava a sapatear fados, e a berrar desentoado palavras do conde de Vimioso a Severa:

Zora lá na mansão celeste
Com a viola na mão,
Farás dos anjos fadistas,
Porás tudo em confusão.

A Custódia, que estava em cima a engomar as saias e a scismar no manicórdio, largava tudo, punha as mãos nas ancas, bamboava-se, e expedia da garganta um filo afinada para canções garotas a trova que ouvira ao Cosme, estudante de Coimbra, filho do brasileiro da Casa Grande:

Ai! Olá, da parte da ronda,
Faça alto! ninguêm se bula!
Que eu quero vêr miudamente
Ai! quem é tôda essa matula.

E *zaz-trás*, palmadas rijas, um rebater brémulo de calcanhares no sobrado, e uma casquinada explosiva, uma dondice. E o irmão, em baixo, com o cigarro no canto da bôca, e o joelho no ar com o pé sôbre o gamão, e a viola na côxa, cantava pungido, com intercadentes ais soluçantes, a apoteose tôda da Severa, e a da Escarniche, que

Nascera num bêrço d'ouro
E não teve uma mortalha.

Sabia o martirológio todo do Bairro-Alto, tinha comiserações profundas por estas deserdadas, antecipára-se em condoimentos da corja das loureiras célebres às plangências de Hugo e de Dumas, filhó. Era o sangue da avó e da mãe que lhe punha na voz o tom elegiaco das enormes tragédias. Um bandalho — dizia o abade quando ouvia, noite alta, zangarrear na viola, e depois uma toada rouca de laringe rachada por nicotina e alcool:

O' saloia, dá-me um beijo,
Que eu te darei um vintem...

IV

O brasileiro Bento José Pereira Montalegre tinha mandado ir a irmã, a Felícia, para Vassouras. Dizia-lhe que estava sócio do comendador Borges, um vizinho dêles, que tinha fugido da terra por ter furtado um porco ao Barandas. Felícia lembrava-se, e dizia:

— Um grande ratoneiro, andava esquadrilhado, a pirangar pela freguesia, e chegou a isso!

O abade lia a carta: «Fizemos sociedade de trezentos contos fracos, em engenhos de café moído a vapor, açúcar e aguardente. Venha você para mim, que quero casar aqui bem ela. Mando ordem de dar dinheiro a você a meu correspondente do Pôrto, Araujo & Filhos, rua dos Ingleses. Vá mana em casa dêle».

— Pois não fostes! — atalhou Felícia.

— Vê lá! — fez o abade. — Que não queria tolher a sua felicidade; que era tão amigo dela que morreria de saüdades, mas que, primeiro que a sua vida, estava a fortuna dela.

Felícia enxugava os olhos com o avental, dava soluços, afogavam-na, queria queixar-se, dizer-lhe que êle parecia não se importar que ela fôsse.

Explicavam-se de parte a parte, comovidos, à competência de protestos, ternuras, inclinações de cabeça

recíprocas nos peitos em atitudes apaixonadas, e resolveram responder-lhe — que ela devia muitas obrigações ao senhor abade de S. Tiago da Faia; que lhe estava governando a casa; que êle era doente, sem família, e não o podia deixar assim.

Eusébio Macário escreveu a resposta ditada pelo abade, e pediu licença para acrescentar à palavra *doente:* «e quem o trata é quem esta escreve, Eusébio Macário, farmacêutico aprovado por Sua Majestade Fidelissima que Deus guarde».

— E me guarde a mim dos seus remédios — ajuntou, galhofeiro, o abade.

Isto foi em 1844. Cartas de Vassouras vieram queixosas, mas com alguns dinheiros que Felícia pinha em cordões, em touros e cevados que negociava. O Bento em 48 também saiu comendador, dera quatro contos para os asilos, moeda forte, e mandára ao correspondente Araujo & Filhos, rua dos Ingleses, Pôrto, que lhe mandasse abrir as suas armas num anel de ouro sôbre uma chapa do tamanho de uma fava pequena.

— Que à fava devia ir o Bento — dizia Araujo & Filhos.

Mandou ao Molarinho que lhe abrisse as armas do comendador Bento José Pereira Montalegre; repetia a fava, mandava a medida do dedo anular, uma argola de papel que parecia a medida duma pulseira. O Molarinho mandou saber como queria êle as armas. — Que o armasse como soubesse — respondeu Araujo & Filhos, muito velhuco, cheio de inveja da comenda, e dizia à mãe dos seus sócios: — Este pulha, o Bento, com armas reais em anel! Está tudo perdido!

O Molarinho não achou no índice alfabético dos apelidos nobres o *Montalegre*. Esteve para criá-lo, inventá-lo, um *monte* batido do largo sol, matizado de boninas, com recamos de flôres amarelas de giesta e florescências rôxas da urze, um monte risonho, *alegre*

— «Montalegre». Mas receou exceder a missão da arte na cooperação dos fidalgos. Como êle também era *Pereira*, gravou o baixo-relêvo do brazão do condestável, dos Braganças: em campo vermelho uma cruz de prata floreteada e vazia de campo; timbre, uma cruz vermelha também, floreteada e maciça entre asas de ouro abertas. Eram as armas de el-rei D. Afonso, o Casto, e de seu sobrinho Forjaz Vermui, avoengo de D. Nuno Álvares Pereira, e do Bento José, talvez.

As gazetas tinham falado no donativo e na mercê régia concedida ao nosso benemérito irmão de além-mar. Um correspondente de Chaves, cheio de ódios nos actos ministeriais, metia a riso a graça e o agraciado, descosia-lhe a geração, contava que havia gente que lhe conheceu o pai soldado de milícias, e a mãe numa cabreira de Barroso, e que êle tinha em Portugal uma irmã que de pastora de ovelhas passara a ser ovelha galfada de pastor.

Esta maledicência duma chocarrice emporcalhada e típica das oposições políticas nesta terra dos Afonsos e Joões, não chegou a Vassouras; mas foi dar à mão do abade que a leu, e, num assomo de ira correspondente à injúria, resmungou:

— ¿Quem seria o asno que escreveu isto?

E mais nada. Êle tinha as calosidades judiciosas dos estadistas experimentados, a linha recta dos gatopins veteranos; arquivava as gazetas que o insultavam numa estante da latrina, e dizia que as correspondências da oposição naquele sítio conseguiam o seu fim de utilidade pública. De resto, uma só vez escrevera num jornal em resposta a um adversário político êstes seráficos dizeres: *Apareça o* «Amigo da verdade» *e traga três focinhos, se quiser levar um direito para esfoçar no lamaçal da calúnia. Eu não costumo aparar a pena; mando estonar o fueiro de carvalho-cerquinho, e prefiro desancar-lhe o palaio a ensinar-lhe a gramática, senhor* «Amigo da Verdade», *senhor pedaço de*

bêsta. Saiu isto assim num periódico de Braga; parecia-se com um trecho das Epistolas de S. Cipriano devotado ao martírio.

No principio de 49, o comendador escreveu do Lazarelo de Lisboa à mana Felícia, ao mesmo tempo que a imprensa felicitava o país pela chegada do benemérito nosso irmão de além-mar ao seio da mãe pátria, a quem tantos desvelos de bom filho prodigalizara.

Felicia ficou assustada, estarrecida. Se êle desconfiaria do que havia; se lhe contariam a sua vida; com que cara havia de aparecer-lhe.

E o abade:

— Com a cara que tens; faze como eu; ninguêm cá o chamou; se não estiver bem, muda-se; estás na tua casa; recebe-lo com agrado; se êle te cantar, canta-lhe; eu cá, de portas a dentro, prègadores de moral só admito um: sou eu.

Havia frialdades lentas, antigas na sentimentalidade de Felícia. Quinze anos de convivência passaram com intercadências de ciúmes, tédios, arrependimentos, escrúpulos, abalos de consciência envergonhada. Ela, às vezes, pensava que era mana do comendador Montalegre, falado nas fôlhas, um brasileiro rico; que podia estar com êle, ser senhora, ter dom como a mulher do da Casa Grande, uma prima dêle que trabalhava no sacho, e chamavam a Canilhas, uma escanelada, dizia tôda a gente, que ainda a conhecêra a dançar o regadinho e a trepar aos pinheiros, com coêa nas pernas, para varejar as pinhas. Lembrava-se que podia estar casada, ter os seus filhos, a sua casa, comprar terras, ter a sua égua com andilhas, ir às feiras e às romarias com chapéu de homem e véu de filó azul, como as filhas do brasileiro da Casa Grande. Fizera uma asneira — cogitava convencida — em não ir para Vassouras, quando o mano Bento a chamava *para ca-*

sar ela; repetia a frase amelaçada, como a ouvira lêr, nunca lhe esquecêra a porcaria mélica, botocuda do mano Bento. Depois, o seu padre Justino, primeiro com a Canelas, depois com as outras, andára desencabrestado. Ia para Celorico para casa da fidalga do Casleto, uma viúva gaiteira, muito madura, mas com durezas de verde, como as frutas de madureiro, sorvadas; tinha bigode e luneta de ouro dum vidro, usava *boucles* postiços e balão. O abade ficava por lá dous dias e duas noites; voltava aborrecido para a residência, achava a comida mal cozinhada, queria torradas finas e louras como as da viúva, e roncava logo que se estendia na cama, dizendo que o enxergão era duro como o grande diabo. Isto foi minando o coração da mulher, como um bicho roedor, lento, em uma viga dura, que a vai furando, esponjando, enfarinhando, até que se baqueia esfarelada. Estava cheia alé ali — dizia, pondo o dedo nos gorgomilos, á Custódia que, ás vezes, pegava no cêsto da meia e ia para debaixo da ramada da residência, enquanto o pai e o abade faziam pular os dados no taboleiro. Queixava-se: ninguém podia estar como eu, uma pinipona, muito ouro na caixa, dinheirama como milho. A culpada fui eu; enguiçou-me êste homem; foi o demo que me apareceu, Deus me perdôe. — Que ainda estava a tempo — consolava a Custódia — que fôsse para o irmão, enquanto tinha que romper; que ainda estava muito fresca, e podia casar com algum brasileiro. Tomára eu também nin — dizia com denguice e resolvida — um vélho que fôsse, que me tirasse desta vida. Ai! se eu me pilhava rica e acenda como a da Casa Grande, então é que eu estava na fresca ribeira. Credo! eu havia de meter num chinelo aquelas tísicas do fidalgo da Ramada; e mais a tinhosa do doutor das Courelas...

— Pois olhe, Custodinha — fazia a outra — a menina é bonitinha; e, se tiver juizinho mais do que eu,

maridos não lhe há-de faltar. Anda por aí lanlo brasileiro... Êste ano, em Vizela, eram lanlos como a praga, a bolarem os pés p'ra fóra, de calças brancas, com cadeias de ouro cheias de cousas, muito gordos, uns figurões.

E Custódia: — que não goslava de homens gordos — cuspia para o lado — cativa! que podia ler casado com o Francisco da loja nova, se lhe não embirrasse com a figura.

Eslavam nesta prálica. Chegou a carta do mano Bento; grande agitação, rebolíço, os suslos de Felicia, os parabens de Eusébio, a noticia espalhada na freguesia, que vinha o comendador Monlalegre, a quem faziam 1:200 contos fracos, outros diziam fortes, e que vinha para casa da irmã amigada com o abade. O brasileiro da Casa Grande conjecturava que êle fôsse um homem sem brios, um canalhão, desavergonhado, que aceitava hospedagem em tal casa. Esta opinião grassava uniforme na classe limpa. Que ninguêm o visitasse, combinou-se. O alvitrista desta desafronla da classe brasileira, da *corporação respeitável*, como êle dizia, foi o Gaspar, que estava de mancebia com uma irmã, e já tinha casado duas, a dous contos por cabeça, com lavradores empenhados alé às orelhas. Abundava na proposta o comendador Patrício, que casára com a tecedeira da Rechôsa depois de ter sido quatro anos amante da mãe; bateu palmas à idéa o Guimarães da Lage que era hóspede do irmão e amante da cunhada. — Oh que patifes! — dizia o abade, sabedor da combinação; e prolestava rebenlá-los a ponlapés quando o reumatismo lhe deixasse livre as faculdades das pernas.

O comendador chegou ao Pôrto e saíu logo para Basto. Felicia esperava-o no Arco de Baúlhe e mais o Macário, de casaca e mitaines de lorçal, chapéu allo com a sêda azulada e os esbeiçamentos da copa muilo pelados. — Que o senhor abade — explicava — estava

adoentado na cama; sentia muito não poder vir ao encontro de sua senhoria.

— Como vocemecê está gordo! — dizia a irmã; e recordava-se do espicho que êle era quando embarcou.

— E eu esperava achar mais vélha a mana. — Quê éstava muito môça, muito consérvada e que tinha muita feição do que era quando êle embarcou.

Perguntou se haveria neve ou carapinhada; e limpava os refêgos macarados do pescoço em lenços caros, bufando, e escumando do peito camarinhas de suor que alastravam na fina bretanha da camisa nódoas de humidade gelatinosa e peganhenta. Tornou a perguntar se havia neve; a irmã disse que só no inverno a havia, alguns anos, nas serras; e o boticário, corrigindo, explicou à Felícia que o ilustríssimo senhor comendador referia-se na sua aos sorvetes que se usavam no Pôrto. Ela não percebeu nitidamente; olhava espantada para ambos e dizia: — Se os há no Pôrto mandam-se buscar, sorvetes ou o que é. — O comendador Bento pensava lá para si, num silêncio discreto: — Êste país éslá muito átrázádo — e comparava Paris e as suas neves deliciosas do café Torloni com o Arco de Baúlhe; e resfolegava, dizendo: — ¿ Isto ágora é á cánicula ?

— Que era — obtemperava o bolicário, e expunha as doenças próprias da canfeula, as obstruções, as flatulências das frutas...

— E as *cambras* — ajuntou Felícia.

— *Camvras* — emendou o boticário. — Que os calores engrossavam muito as massas sanguinárius. Êle tinha lido estas *massas sanguinárias* na ÂNCORA MEDICINAL do Mirandela, e gostava de as cilar a pessoas inteligentes.

O comendador, com discreta censura íntima, repetia entre si: — Êste país éstá muito átrázádo.

Do Arco à abadia era uma légua por entre várzeas entrecorridas de regalos, cômoros de folhagem empoeirada, quinchosos escorridos das águas vertentes das

regas, por onde saltavam e coachavam rãs de dorso verde e ventre amarelo a cardumes. Sapos corpulentos, barrigudos, com os olhos arquejantes, erguiam um pouco as cabeças rajadas, em aspectos pacíficos duma melancolia inefável. Eusébio Macário contava as utilidades do sapo na agricultura, os bichos inlestos que devastava, uma conversação scientifica, todo o caminho, a propósito de tudo que lhe sugeria referências aos três reinos. Êle tinha lido muitas notícias no PANORAMA e no RECREIO, *jornal das familias*, do snr. Aquiles Monteverde. Também apanhára noções de Buffon e Cuvier em palestras com o cirurgião Viegas; tudo lhe mostrára argumentos bons para entreter uma prática adequada com o comendador, que abria a bôca nuns grandes bocejos sonolentos.

Êle antes queria fazer certas perguntàs melindrosas à irmã a respeito da sua posição na companhia do abade; verificar umas suspeitas que lhe insinuára Araujo & Filhos. O boticário dificultava os esclarecimentos; mas, em um incidente apropositado, quando expunha as virtudes medicinais das urtigas na cura do reumatismo, veio a talho a doença do abade, e o elogio da snr.ª Felícia — dizia comovido — que era uma santa enfermeira do doente. Que êle — ajuntava — também a tratára sempre como parenta e não como criada; e por isso tôda a freguesia a respeitava como se ela fôsse irmã do senhor abade.

— Tenho uma filha — dizia entusiasta, aprumando-se na égua, como quem contava uma raridade — tenho uma filha que se porta bem; e, se não é como as outras, deve-o aos conselhos da senhora sua irmã. Que isto de mulheres nestas aldeias são tôdas umas crôias; de religião nem tanto como isto — e mostrava o bôrdo da unha do dedo polegar. — Tanto faz missionários como nada; desmoralização geral desde o palácio até à cabana, como muito bem diz o *Portugal vélho*.

— No Brasil também não há religião — observou

circunspecto o comendador com arrastada melopeia — e mau é, porque a religião mi párece préciso para povo; quem tem conhecimentos lhi basta *sómentes* a religião natural, hein? mas quem não tem conhecimentos lhi faz préciso um freio.

Eusébio Macário: — Que sim, que o povo sem o cabresto do mêdo do inferno era pior que os animais. — Entrou um pouco pela metafísica; ventilou a questão da imortalidade da alma; citou umas palavras da *Nação* e combateu-as com outras de um colaborador ateu dum jornal de caricaturas do Pôrto em que aparecia o abade de Santo Ildefonso a bailar a gavota com a snr.ª Emília das Neves. E conchuía piscando o ôlho ao comendador e fazendo um gesto inteligente para Felícia, como quem diz que era preciso respeitar as crenças daquela santa mulher ignorante: — V. s.ª bem me percebe... Nem tudo se pode dizer... Eu sou filósofo; mas acho que é preciso haver um freio, como o senhor comendador muito bem disse.

— ¿ E o abade é éxempélar? — perguntou o irmão de Felícia que ficára atrás puxando pelas rédeas da jumenta que retouçava mun tôjo de valado. — ¿ É bom cristão?

— Sim... êle... é filósofo também; mas não deixa de ser um bom cristão...

E o outro conciso e apressado:

— ¿ Os créditos da mana Felícia não pádecem, hein?

— Nada. Como irmãos. Quem disser o contrário, mente.

— A peste do burro não anda! — exclamava a mana. — Toma aqui, diabo!

Eusébio foi atrás para tanger o jumento manhoso e acabar o interrogatório incómodo do brasileiro.

Havia povo à entrada da aldeia na espectativa do brasileiro rico: mulheres com as mãos cruzadas sôbre as barrigas numa imobilidade pascácia; rapazitos em fralda suja e esfarrapada de tomentos, coçando as per-

nas picadas pelas moscas, e repuxando as saias das mães, a pedirem pão com esgares lamuriantes, duma fealdade específica da raça humana e dos pequenos garotos das aldeias; homens que vinham das malhadas sentavam-se no cruzeiro, com as calças brancas arregaçadas até à côxa, e esfregavam com delícia as pernas cabeludas mordidas pela pójeira do palhiço e dos eirados, pondo os joelhos escarpados ao pé da bôca. O criado do abade, um torto que limpava a égua e ia buscar a carne ao Arcó, estava no adro, e, logo que avistou na revolta do caminho a ama, atirou ao ar seis bombas riais, e enfiando pela escada da tôrre começou a repicar dous sinos a um tempo com a veemência febril de quem tóca a fogo. O José Macário, que estava à porta da botica e mais um grupo de trolhas que trazia na casa, fizeram subir dúzias de foguetes de três respostas, enquanto um dos trolhas disparava dôze morteiros que retumbavam nos ecos da corda de serras com fragor alegre. Povo corria de todos os quinchôsos; rapazolas com os chapéus nas mãos e as caras no ar, dando pulos por sôbre as sebes, aparavam as canas dos foguetes e espojavam-se a disputá-las com grandes gritos e sopapos. Havia o contágio da alegria, a exultação bruta que dá a electricidade do sino e do foguete. Malhadores atiravam os chapéus ao ar, e berravam *eh! eh!* uns monossílabos selvagens com que saúdam os forasteiros e afoutam os bois derreados nas ladeiras escorregadias. Cães duma magreza esquelética uivavam quando o foguete rechinava subindo; outros, com as caudas retraídas, aflitos, saltavam paredes, guinchando latidos de pavor. A égua em que montava o brasileiro, abacial, pacífica, resfolegava, curveteava, ladeava, fazia programas de coices. Ele abria muito as pernas, e agarrava-se às crinas, dizendo: *chó, chó*, não mi dérrubes! Felícia tinha mêdo que o irmão caísse; pinchou da jumenta, e agarrou com destreza e fôrça a égua pelas cambas do frio. Macário,

que levava as abas da casaca apanhadas e atadas sôbre o estômago para se não mancharem no suor das ancas da bêsta, apeou sem as desatar. O povo, o grande animal expansivo, que ri às vezes com o fino sentimento do burlesco, dava na barriga palmadas duma exultação hilar e bruta. — Olha o rabo da casaca voltado p'ra diante, ó Maria Ruiva! — O diabo do homem parece um entrudo! — E que trás a barriga do envés! — E o Ferramenta: — Ó Zé das Poldras, olha o brasileiro como é gordo! Se eu pilhava assim um porco! — E o Matula, um veterano sem nariz: — A égua anda p'ra trás. Que lhe passe o freio p'r'ó rabo, que ela anda p'ra diante. — E outras chulices corriqueiras, minhotas. Os malhadores batiam nos joelhos com as mãos encodeadas muito abertas, às upas, num regosijo de vinho folião.

Ao aproximar-se o grupo, a gentalha acomodou-se. Os três iam a pé. Felícia tinha dito de esconso ao boticário que desatasse as badanas. O Bento ia carregado, desplicente, aborrecido, sentia-se, grotesco, êle, comendador, seiscentos contos fortes, ao lado do boticário da aldeia, que atava as abas da casaca, escorridas, longas e agudas como dous bicos de pássaro monstruoso, antediluviano.

Havia uma estrumeira de mato fôfo antes de chegar à porta da residência. O comendador olhava para os espinhos do tôjo com a estranheza aterrada do primeiro nauta que avistou o cabo tormentório. O verniz das botas delira-lhe dos pés a memória do bravio que calcára na infância. Perguntava à mana se não havia outro caminho; exprimia em trejeitos de enfado um enôjo infenso da sua situação e da selvageria do país que ladrilhava as estradas de sarças espinhosas. Felícia e Eusébio deram-lhe o exemplo, trilhando, recalcando, como em uvas de lagar, as hastes que erri-

çavam a tojeira. Êle seguia-os com as pontas dos pés grandes para fóra e para cima, pesando sôbre os calcanhares gordos que cavavam abismos no mato.

Ao cabo da estrumeira, coberta de latada espêssa, de onde pendiam cachos rôxos afesloados de uva-garrafal, havia o portão vermelho, com frizos apainelados, do quinteiro da casa do abade. As portadas estavam escancaradas; e na luz esverdeada do interior, coada pela folhagem das parreiras, recortava-se direita, elegante, sôbre o limiar do portão, a filha de Eusébio.

O brasileiro, antes de saber que tinham chegado à residência, vira Custódia, e disse ao boticário, estendendo o beiço, lúbrico, na direcção da rapariga:

— Muito bôa môça, hein?

E o boticário com um riso grave:

— É minha filha.

— Ah! — fez o comendador. — Muito cátita! É a primeira môça gálante que mi áparece no Minho.

— É sãzinha, graças a Deus — volton Eusébio, comedido, modesto.

Êle, o Benlo, era justo na sua admiração sanguínea, plástica, modelada ao gôsto das vélhas sensualidades da arte grega. Custódia, no momento do reparo, tinha os braços arqueados na cintura, e o pé direito, calçado em tamanquinho de verniz com ponteira pospontada de escarlate, posto à facaia, para fóra, com a saia um pouco espípada no joelho desviado, por maneira que o tornozêlo se lhe via torneado na meia aberta de lintia de Guimarães, com quadradinhos e ramagens por onde vermelhavam tons de epiderme rosada. Vestia jaquê de pano azul claro, chanfrado na cintura, com dous renques de botões amarelos, rutilantes, em que espelhava lampejos alaranjados a última radiação do sol poente. A saia exterior, de crepe, um ponco apanhada de um lado, mostrava outra branca, de lonadinhos têsos de goma, encanudados, e por baixo o debrum de veludilho preto do saiote de flanela

Êle seguia-os com a ponta dos pés grandes para fóra e para cima

carmezim. As mangas das roupinhas, amplas à proporção da musculatura do braço, estreitavam-se no pulso torneado, apresilhado num botão de linha sôbre o punho bordado da camisa. Por debaixo do eós do jaquê sobressaíam realces, uns fôfos da camisa aderente aos refêgos da carne mole apertada pelas camadas de saias que levantavam saliências bolcadas dos quadris. Cruzavam-lhe a curva opulenta dos seios as pontas franjadas dum chale de cachemira amarelo com festões de flores rubras, que alavam atrás da cintura, dando um destaque às ancas muito reparado dos sensualistas das feiras e das romagens. No pescoço, redondo, com maciezas e tons alvos de leite, até à raiz dos peitos, linha uma garganlilha de ouro e mais três cordões, com um crucifixo de uma esculturação antiga e rebelde às devoções sinceras, espiritualistas, por estar posto num calvário de enormes glândulas hemisféricas mais tentadoras que as visões lúbricas dos anacoretas. Na cabeça, penteada em bandós de grossas madeixas alouradas, alvejava um lenço de cambraieta, bordado a lorçal, de muitas côres, com corações traspassados de frechas. Ria-lhe no rosto uma alegre saúde que lhe carminava os beiços e punha nos olhos scintilações de mordente desenvoltura. Parecia uma cara feita de frescas fôlhas de camélias brancas e vermelhas. Sentia-se-lhe de longe os perfumes das lesiras, do rosmaninho, das moitas floridas em que zumbem abelhas. Ela saíra fóra ao terreiro a cumprimentar o comendador, sem acanhamento. Tinha prática de tratar com a brasileirada fina dos arredores — uns sujeitos que babavam as palavras dôces; conhecia ditos das novelas, e mudava a lêr a tradução dos Mistérios de Paris que lhe empreslára a D. Libânia da Casa Grande, uma douda que se apaixonára por Engénio Sue, idealizara o romancista sob a lua cheia das noites castas e lépidas de agosto; depois reclamára-o com suspiros às estrêlas, à Ursa Maior, à viração balsâ-

mica dos pinhais murmurosos. Muito romântica, sempre espapada numa madraceice lírica. Por fim, como Eugénio Sue não viesse, casou com o D. João Feitosa, sócio do pai em S. José de Cacarla, Feitosa & Roxo. Fôra ela quem iniciára a Custódia na literatura dissolvente; mas não conseguira derrancar-lhe a alegria, o estômago e as noites régaladas, bem dormidas de papo acima. Ela tinha um interêsse palpitante pelo príncipe Rodolfo; mas adormecia antes da peripécia com o gancho da candeia espetado num buraco da parede, e um braço de jaspe decaído para baixo, como a procurar no tabuado a brochura caída — um braço que seria o perdido dalguma Vénus de Praxiteles, se não fôsse o de Custódia — o que era muito melhor.

V

O comendador Bento achou-se bem, alegre, bom enxergão de lã de carneiro, a mesa farta, o leitão, o capão, o perú, o chouriço, o lombo de porco de vinho e alhos, o pato, leite puro de cabra, frutas ricas, o belo pêssego de Amarante, murcelas de Guimarães e pasteis da Joaninha, frigideiras de Braga, e o vinho verde de Basto que lhe refrigerava os ardores internos e desopilava o baço. A convivência dos bons comedores era-lhe como uma forte mostarda. O abade digeria no calor da cama grandes miassas de alimento, que desobstruía com as pílulas de familia. Felícia era muito forte nas mucilagens, nas farinhas, e comia muito toucinho estreme às talhadas com garfo de ferro. O Ensébio e mais o filho não saíam da residência senão à noite, e acudiam solícitos, obsequiadores, a fazerem companhia ao hóspede, com muita urbanidade e um apetite de fomes inveteradas de petiscos. Custódia aparecia de vez em quando, rogada por Felícia.

— Que o mano Bento perguntava por ela — dizia despeitada — e fazia ruim cara quando a não via à mesa. Ensébio déra tento disso, e revelára à filha as suas desconfianças. — Olha lá! — recomendava-lhe ardiloso — vê se me tens lume nesse ólho, rapariga... Tem-

-se visto casos semelhantes e pior encarados. Rico como um porco; olha se me percebes, Custódia... Muita léria p'ra léria, muito palavriado; mas agüenta-te, ouviste?

Custódia percebia-o; tencionava agüentar-se; fazer-se arisca, de manto de sêda — era a frase. O Fístula espicaçava-lhe a ambição:

— Que pechincha! Seiscentos contos fortes, milhão e meio! Se casasses com êste brasileiro eras a mulher mais rica desta comarca, e talvez da província. Podias ter carruagem e lacaios como o fidalgo de Viade e o da Gandarela. Oh, c'os diabos! se a gente se pilhava a bailer num trem descoberto por aquela Braga dentro, os caixeiros da rua do Souto pasmados às portas, as mulheres a abrirem as gaiolas, o povolém e os padres de capote a tirar-nos os chapéus! Isso é que era, isso é que era reinação!

— Êle é muito gordo, embirro c'os gordos — desdenhava, e lia vêr-se num espelho de quatro e meio, que se armava no peitoril da janela, com um encôsto de papelão coberto de papel vermelho; compunha os bandós, sacudia-se, espanejava-se, arregaçava as mangas do jaquê até no cotovêlo, despeitorava-se um pouco, e branqueava o esmalte dos dentes com hortelã brava.

O comendador cravava-lhe os olhos quebrados, lânguidos, e espreguiçava-se. Comidas fortes, muito adubadas, recozidas no vinho palhête, punham-lhe no sangue irritações juvenis, ímpelos. Tinha engordado aos vinte e cinco anos, na pacatez das roças, embalado em rêdes debaixo das mangueiras; fôra fleumático, frio, esquivo às borrascas do amor. Nenhuma sinhá o extraviára da linha tortuosa da riqueza; vendera-se a uma viuva decrépita, rica e devassa, que lhe deixára moagens, fazendas, o casco da sua fortuna. Resolvêra não se casar; porque três amigos seus tinham sido logrados pelas suas senhoras de parceria com os seus caixeiros. Pensava em empregar a sua grande fortuna

em títulos fidalgos, e fazer-se imortal numa igreja que mandaria construir em Montalegre, dedicada a S. Bento, com três naves, e um jazigo na capela-mór com as suas armas, como vira na sepultura de Estácio de Sá no Rio de Janeiro, na igreja de S. Sebastião. Êle não acreditava em Deus, nem na imortalidade da alma; mas tinha grande devoção com S. Bento; incomodava o Santo, quando picava a febre amarela, com rogos e promessas; entregava-lhe nas viagens o cuidado das suas malas como a um escudeiro, e o do seu fígado e do seu hidrocele como ao facultativo de bordo. Trazia ao pescoço, pendente dum trancelim de ouro, a Regra do milagroso patriarca; e, na viagem, quando um vélho passageiro calvo e pobre se punha a discorrer a respeito da lua, nas noites misteriosas, inefáveis do oceano, e dizia que os astros narravam a glória do Criador, êle ria-se e dizia que o vélho era parvo e fanático. Questões religiosas com o abade e com o Eusébio Macário, no fim do jantar, agitavam-se. O egresso não tinha presente a sua teologia, estava descaçado nestas matérias, recuava atacado pelo brasileiro, e dizia com ignorância velhaca que as suas idéas só as podia apresentar em latim, e muito sentia que o comendador não soubesse latim; o Bento replicava-lhe pelo claro que fizesse no latim o que Paulino Cabral, lambêm abade, queria fazer no mundo. Havia grande liberdade de chalaças em que às vezes José Macário, fechando a porta à curiosidade da irmã e da Felícia, se permitia recitar fados e glossas de quadras obscenas, se o pai tinha ido para casa digerir o seu vinho laborioso. O comendador, sacudido pelas explosões do riso, raspava o pavimento com os largos chinelos de marroquim; e o abade, cómico na sua seriedade, dizia ao Fístula:

— Foi isso o que você aprendeu em dez anos de estudos... Patifarias! — E pedia a repetição duma glossa, muito sórdida da quadra:

Neste campo solitário
Onde a desgraça me tem,
Chamo, ninguém me responde,
Olho, não vejo ninguém.

O Bento pedia-lhe que a cantasse na toada do fado do Vimioso; e então, no seu elemento, na glória da sua profissão dilecta, um pouco curvado para o braço da viola, com o cigarro apertado nos dentes queixais, e o lábio arregaçado, *mezzo voce*, em respeito às mulheres, desfiava o episódio sujo vitoriado no bordel da Pepa, espanhola das Travessas, onde José Macário deixára um nome legendário e um casaco empenhado. O brasileiro gostava muito dêle, porque era irmão da Custódia e porque tinha pilhérias, farçolices de estudante biltre e frescuras de língua com frases de Gil Vicente cheias de porcaria vernácula, como nenhum outro idioma da Europa as tem tão ricas de eufonia. Andavam juntos pelas aldeias de Basto, em bons cavalos que o comendador comprára na feira de S. Miguel, na Ponte-de-Pé. Êle queria comprar o mosteiro de Refojos, construir um palácio, e fazer o jazigo com o seu brazão aberto em uma capela de mármore. O Fístula chalaçava-lhe a idéa do jazigo:

— Não pense em jazigos! Coma e beba; a vida é um pagode, uma asneira alegre que se vai numa gargalhada. Quem cá ficar que nos enterre onde quiser. Que diabo!

E o comendador circunspecto, sério:

— É bom ter à gente seus ossos em sepultura decente; é uma memória que fica para sempre, hein?

O outro no seu íntimo, achava-o tolo, por causa do jazigo e do brazão, que êle tinha aberto em anel de ouro, em sanguínea, em ágata, em ametista, nos vários sinetes e berloques do relógio. Parecia — observava êle ao pai — que a letra não dizia com a careta; porque o Bento, fidalgo, e a Felícia, fêmea do abade, era um disparate. Eusébio conjurava-o a não dizer pa-

lavra ao comendador a respeito do brazão, nem da fêmea do abade; antes, pelo contrário, se mostrasse respeitador da fidalguia, e se lembrasse que a Custódia, se o soubesse levar, ainda viria a ser mulher dêle, e talvez baronesa, porque o comendador Bento, segundo dizia o *Periódico dos Pobres*, estava para saír barão.

— Se eu ainda verei a Custódia baronesa! — exclamava o José; e agarrava Eusébio pela cintura, levantava-o em pêso, queria polear com êle.

E Macário:

— Larga-me, bruto!

Reinava grande alegria na casa do botieário; faziam sessões de cavaco os três, conspiravam; ela relatava o que o comendador lhe dizia, a resposta que déra, a história dum beliscão no braço, umas festas na cara com expressões carinhosas: — ¿Sinhásinha mi ama? Eu lhi amo ela muito. Etc. Depois pedira-lhe um beijo...

— ¿E déste-lho? — irrompeu Eusébio com alvoroço.

— Que não; e fugira quando êle, ao canto da latada da horta, quisera agarrá-la.

E o pai, batendo as palmas:

— Isso! isso! E depois êle... ¿ficou amuado?

— Andou de trombas tôda a tarde; não me falava; e vai eu entrombei-me também, e disse à Felícia que ia estar oito dias a Mondim com a tia Luísa; e êle então desamuou-se, veio onde a mim e pediu-me que não fôsse.

— Está lameeha! — definiu sumáriamente o Fístula. — Caído! caído! senhor pai, e mana Custódia, mana baronesa, caído! pela beiça!

— Não sejas asno — fez ela lisonjeada. — Baronesa! Pois não foste!

— Dessa massa se fazem — gesticulou Macário com a cabeça em balanços afirmativos de conformidade com o vaticínio do José.

Planos desonestos, abrasileirados tinham manchado a candura do comendador a respeito de Custódia. Pensava em dar-lhe luxos de princesa, casa trastejada à grande, mobílias caras de *papier-maché*, cristais, *toilettes* aparatosas, selins, diamantes, caleches, tudo exceto a mão de espôso, aqueles cinco dedos grossos, vermelhaços em que brilhava o anel do brazão com as armas dos Pereiras da casa brigantina. Gizára o argentino velhaco levar consigo a mana Felícia para o Pôrto, onde mandaria edificar um palacete de azulejo côr de gema de ovo, com terraço no telo para quatro estátuas simbólicas das estações do ano, e dous cães de bronze, em baixo, sôbre as ombreiras do portão de ferro, com as armas fundidas, de sallências arrogantes, entre os dous molossos de dentaduras anavalhadas, minazes, como todos os bichos da heráldica. Depois que desistira da ígreja em Monlalegre, trabalhava-o esta idéa que o abade, o maganão, achava arrojada, bonita; mas, em vez das figuras das quatro estações, lembrava-lhe que seria mais útil aos bons costumes pôr no beiral do telhado os sete pecados mortais. O Bento projectára que a irmã convidasse a Custódia para sua casa no Pôrto, honestando assim a passagem da botica para o palacete. Depois — cuidava — ela, o irmão, o pai, todos se acomodariam fácilmente com jantares fortes, presentes, teatros, um passeio a Paris, um inverno em Lisboa, fazer figura na Foz, em Vizela, no jardim de S. Lázaro, nos cavalinhos, emfim, dinheiro, muito dinheiro. Mas, bom homem! — obrigara-se, de si consigo, em consciência, honradamente, pródigamente, dotá-la quando se fartasse dela, com uma dúzia de contos, se ela pudesse disputar pureza com as estrêlas.

Abrira-se com o abade, consultava-o. — ¿Que tal? ¿que lhe parecia?

E o abade risonho:

— Arranje a sua vida; mas, comendador, parece-me que vai barrado. A rapariga é patusca, estroinêta, gosta do derriço; mas, p'r'ó mais, não anda; quero dizêr — não tem andado até ao presente. Canta, dança nas eiras e nas romarias, muita festa p'r'á festa, muita chalaça, pinta aí a manta que tem diabo, e fica-se em vinte-sete para não passar. Andou-lhe aí na pingada o estudante do Cosme dous anos: cartinhas, presentes, muita léria, até lhe mandou de Coimbra versalhada. Um dia quis-lhe deitar o gatázio, e ela, amigo e senhor meu, apontou-lhe p'r'á igreja como quem diz — «se me quer amar à minha, case comigo». Êle pôs-se ao largo; e vai ela... — aquilo é o diabo, não é cachopa! mandou-lhe um palaço de banha do cabelo com espírito de cravo embrulhada na poesia, que por sinal era uma borracheira.

E, depois que o brasileiro lisonjeado, jubilando, riu muito escarvando no tabuado:

— Emfim, comendador, estimo que seja feliz; mas bacoreja-me que não faz nada.

O Bento combinou esta informação desanimadora com o caso sabido da tentativa do beijo na sombra da ramada. Esmoreceu e modificou o plano traçado desde as quatro estátuas pomposas das eslações até à dotação briosa da dúzia de contos de réis fortes. E vee-mente, com ímpeto, erguido, solene, balendo na tesla:

— ¿Você sabe quê mais, abade? Eu estou a amar a sinhá. É a primêra qui mi sucede, dou-lhe minha palavra di cavalhêro. Esta só pelos diabos, hein? Quê mi diz? já viu?

— Que não se admirava; que ela era muito bôa fa-lia, a mais da freguesia; e além disso, a respeito de virgindade, não sabia de segunda. Mas — acrescentou grave — ¿ sabe o que eu lhe digo, comendador? Deixe a môça em paz. Ela p'ra espôsa não lhe serve, que é

pobre e plebeia; e lá para o que o amigo a quer, tire daí o pensamento que não vá o irmão desconfiar, e haver histórias, cousas desagradáveis, sensaborias. Êle é um troca-tintas; mas, aqui há um ano, pregou três môcadas no escrivão da câmara, porque êle, à saída da igreja de Refojos, no apertão, lhe beliscou um quadril da irmã. O Eusébio Macário foi casado com uma doudita que fez p'rá'í tonlices, adultérios, usneiras, uma desgraça! Ela acabou na Tamanca, e êle agora deu-lhe p'ra zelar a filha como não zelava a mãe; isto é, êle quebrou, salvo seja, três costelas a um cirurgião que lhe gastava da botica e da mulher. Não são bons, digo-lho eu, êstes Macários não são bons; má raça. O comendador, se quer casar-se, pode escolher, à vontade, uma fidalga. É ir a Lisboa, à côrte, e pedir por bôca — filhas de condes, aposto! ¿É no Pôrto? isso então, rapariga bonita, às duas por três, está no papo dum brasileiro que tenha cinquenta contos, tanto faz que êle seja vélho, como zarolho, como raquítico. O senhor casa com quem quiser, digo-lho eu. Está em bôa idade, tem saúde, está rijo, tem muito dinheiro, casa com quem quiser. É uma pechincha p'ra quem o apanhar. Se é!...

O comendador ouviu-o, ergueu-se com o havano ao canto dos beiços, meteu as mãos nas algibeiras revolvendo libras e chaves, e bastante escanchado, disse:

— Pois, abade, sómentes lhi digo uma coisa. Si não casar com Custódia, não mi caso com outra, palavra di cavalhêro. Não quero fidalgas, nem vou em Lisboa à buscar elas. Fidalgo sou eu da casa rial, hein? Quero uma minina hónesta e pobre. Rico sou eu.

E, passados instantes:

— ¿Mi ámára ela?

VI

A palavra *baronesa* entrou na essência de Custódia como um revulsivo forte; abalou-a, sacudiu-a como uma faísca da pilha; encheu-lhe a cabeça de visualidades e a vida exterior de aspectos novos. Vestidos de sêda verdes a farfalharem caudas enormes passavam por diante do seu espírito. Chapéus de plumas brancas, manteletes de veludo, *bornous* de cachemira escarlate, revoadas de laços de côres variadas esvoaçavam-lhe nos sonhos, e pareciam pendurar-se-lhe das vigas do teto. Sonhava. Bento, o gordo, o barão em via de publicidade, aparecia-lhe descomunal, ajaezado de telas ricas de ouro e púrpura como o elefante dum vélho sofi da Pérsia. Sonhava que êle, o elefante, recamado de pedrarias facetadas, faiscantes, lhe fazia meiguices moles com a tromba, e a envolvia nela como braços cabeludos que se enroscam nos pescoços e apertam com pressões cáusticas, convulsas, as espáduas brancas e veludosas. Depois, êle, o paquiderme, scintilante como uma miríade de estrêlas nas profundezas do céu, trombejando-a com muita dulcificação carieiosa, sentava-a no seu dorso largo sôbre um frouxel de flacidezas asiáticas, cosido de ouro, com perfumes de nardo e cardamomo; e da ponta da tromba golfava-lhe no

regaço gorgolões de ouro líquido; pulseiras grossas cravejadas de esmeraldas da Sibéria; manilhas com pingentes de granadas escarlates da Boémia; pérolas, gargantilhas, broches com gemas do Vesuvio; camafeus com perfis de mulheres gregas de narizes aquilinos; anéis de brilhantes negros com facetas curvilíneas de scintilações cruas; grilhões em diademas de safiras orientais de reflexos lácteos, sardónicas negras, e topásios amarelos do Brasil; roscas dum ouro fôsco com relógios esmaltados, orlados de rubis da Silésia; muitas libras, umas de cavalinho, outras com a efígie da rainha Vitória; peças de duas caras; dobrões de D. João v, muitos dinheiros desconhecidos. Ela via esta onda infinita de riquezas a rolar com espumas de ouro, dum grande mar fulvo, para o seu regaço; não sabia dar àquelas cousas os nomes próprios; mas estendia os braços cobertos de serpentes escamosas, esmaltadas, e afagava a tromba, a cornucópia do seu elefante Beulo, o gordo, o barão em via de publicidade. Depois, o paquiderme com grandes passos cadenciosos subia o escadoz do Bom Jesus do Monte, à sombra dos carvalhos frondosos, com duas filarmónicas à frente, ambas de Braga, ricas de figles e pratos que davam sons estridentes. Foguetes e repiques ouviam-se; e nas verduras abastecidas das relvas cantavam-se fados duma garotice reprensível e inspirações malandras. O elefante parou no terraço dos Evangelistas, ofegando, colocando a tromba vagarosamente. O Cosme, o bacharel que lhe fizera os versos, parára entre a multidão cheia de pasmo, que dizia apontando — «a baroneza! a baroneza!» E o poeta, roído de ciúmes, ria-se, fazia-lhe caretas de galato, punha o dedo polegar no nariz, e sacudia os outros com trejeitos de canalhice de *Gavroche*, um garoto que Vitor Hugo inventou muitos anos depois; mas que já estava inventado em Portugal. Ela esforcia-se vêxada, corrida das vaias do Cosme, quando o Bento, com a sua tromba carnosa, cilín-

drica, que tinha um letreiro — *seiscentos contos fortes* — vibrou uma vergastada de revés ao bacharel, e atirou com êle de encontro ao S. Longuinhos, o cavaleiro de granito, que o aparou na lança, e o sacudiu à esláua de Moises que o agarrou com a mão que lá tem a geito de quem mostra um panarício aos romeiros, e o mergulhou no tanque subjacente. Ela acordára então, espreguiçando-se tôda numa grande elasticidade de pensamentos alegres, com palpitações de júbilo, sacudindo o lençol com as pernas, e sentára-se na cama com os olhos fechados, a rever, a ruminar, deliciada, a tromba que escorria fluxos, cascatas de diamantes no seu regaço.

O sonho teve logo uma interpretação mais racional que a das vacas magras do escravo de Putifar. O comendador soubéra que Custódia fazia anos no domingo, e andava muito alarefada com a Eufémia Troncha, uma costureira, gorda — que levára do Pôrto a Basto a moda dos casibeques — a fazerem de afogadilho uma garibaldi vermelha para vestir no dia natalício. Bento mandou à Lixa buscar uma carga de fogo prêso e do ar, bombas riais, foguetes de lágrimas, o par de vélhos arreiados que giram com muitos gestos impetuosos na roda acesa e estouram; o barbeiro a amolar na mó que espirra faúlas, e rebenta em fumarada negra, deixando a arder o seu arcabouço de canas e gravatos. Contratára a música do Arco, quinze figuras, afóra três caixas e o zabumba, muito famosos da Ponte-de-Pé. Queria que se representasse o entremez do enfrudo, a Abélha-mestra; mas a dama, um mariota de muita barba, tinha sido prêso para soldado, e não havia quem se atrevesse com o papel em cinco dias, sendo necessários dous meses de ensaio diligente, conscienciozo. O Bento déra dôze libras à irmã para um jantar de despique, duma fartura extraordinária, que chegasse a todos os pobres da freguesia. Eusébio e o filho faziam arcos de buxo com festões de hortências, de girassóis

e dálias, com laranjas de pavio, de papel pintado, penduradas; e no ápice do arco o nome CUSTÓDIA em letras maiúsculas tecidas de caninhas e froudes de trepadeiras finas pela mão hábil do brasileiro. Ela via isto, e parecia-lhe estar a sonhar; tinha mêdo de tanta felicidade, e começava a sentir um revirainento no fundo da sua natureza pandilha; penetrára-lhe uma luz nova os arcanos recônditos da vida. Sentia-se nas prelibações de *senhora* rica; já não era a *Custódia:* era a massa duma baronesa a levedar.

O dia do vigésimo terceiro ano de Custódia larde esquecerá naquelas terras de Basto económcas, pacatinhas. O ar era uma explosão de esferas estreladas desde que apontou a aurora; em cima o estralejar dos foguetes e o estampido das bombas, em baixo os morteiros e o rufar das caixas. O abade pusera os sinos à disposição dos garotos. A filarmónica do Arco, de meia em meia hora, tocava polcas, mazurcas, o hino da Carta e o de Pio IX. Não tocava o da Maria da Fonte nem o do Antas porque era notório o esturro cabralista do abade.

Durante o jantar escorcharam peças conhecidas executadas em papeis de solfa que os garotos mostravam suspensos nos braços erguidos, mutto sujos, em atitudes de importância. A festejada falára pouco. Ela pusera nos seus gestos e ares frescos, movediços, de môça aldeã, uns toques de sentimentalidade de reserva, tôda cheia de conveniências senhoris. A Eufémia Troncha, que lhe talhára a garibaldi, estranhou-lhe o tom espivitado, a farófia, a tesura, o ar enfedorentado, cheio de *não-presta*, dizia. No jantar também lhe notaram o laconismo; não tivera ditos, repentes com que embaçava os sainetes do abade. Atribuiu-se aquela sisudeza a um discreto acanhamento em presença de convivas estranhos.

Estavam alguns vigários, alguns lavradores abastados, o doutor de Abadim, um major antigo e todos

os brasileiros que tinham mordido na dignidade do comendador; sabiam que êle ia subir a barão e dispunha duma fortuna impenetrável à crítica. — ¿ que nos importa, que a irmã seja amiga do abade? histórias... — disse o menos hipócrita aos mais devassos; e foram todos derreados de cortesias, muito faceiros, com grandes posses de estômago para os vinhos capitosos, escandecentes.

O Bento gostou muito do tino de Custódia e da concisão das suas frases. Sem que êle o dissesse, todos os comensais entenderam que a filha de Eusébio Macário apanhára a sorte grande caindo em graça do milionário. O intérprete desta opinião foi o doutor de Abadim, um fidalgo vélho, que estava em contratos com o comendador sôbre a venda do seu praso do Rabaçal, uma quinta de casa solarenga do século XV, edificada sôbre as ruínas de outra em que vivera no século IX ou X, Sanla Senhorinha e S. Gervásio de quem êle se dizia parente; mas vendia a quinta legendária porque o comendador, com a pressa de comprar propriedade que o investisse de baronato iminente, pagava o Rabaçal pelo duplo do valor. O fidalgo aceitára o convite do jantar, vindo por casualidade a tratar definitivamente o negócio no dia do aniversário de Custódia. Tinha deixado a magistratura, quando o seu amigo conde de Basto caíu. Conservava os ademanes, a linha, o aprumo fidalgo que trouxera da côrte de D. Carlota Joaquina. Teria setenta anos pouco avelados na vida serena e sadia da aldeia. Rodeava-o a mocidade nobre de Basto para aprender o donaire, o gesto palaciano, o bem-estar imperturbável dos homens superiores, perfeitamente educados numa *assembleia de senhoras*, diziam.

Era epigramático; mas tão fino e amorável nas ironias que não desgostava ninguém. Há disso o que quer que seja no brinde que êle faz a Custódia e a Bento.

— Bebo à saúde do gentil fruto do inteligente e assaz conhecido farmacêutico, o snr. Eusébio Macário, meu amigo e senhor. Eu já sabia por experiência de enfêrmo, que o benemérito filho de Hipócrates manipulava no seu laboratório remédios eficazes para dôres; mas agora acabo de vêr e saber que também os sabe manipular para refrigério de amores. O deus Esculápio abraça-se com Cupido. Eu faço votos por que o nosso ilustre amigo, o snr. comendador Benlo José Pereira Montalegre, não gaste da botica do snr. Eusébio Macário senão a linda filha, a droga mais dôce, mais balsâmica que êle produziu, para a qual vejo que todos olham com inveja, exceplo aquele a quem lenho a honra de saúdar, o ilustríssimo comendador Montalegre, unindo-o no brinde àquela que já o está peto coração, a esbelta Custodinha!

Foi muito apoiado petos brasileiros, muito apoiado com gestos largos de braços e de pesados pés que arraslavam. Custódia e Felícia tinham-se erguido também logo que o fidalgo se levantára a solenizar o brinde. O José Fístula acenava de olhos à irmã que se sentasse, e mais à outra. Êle tinha assistido em Braga a uns jantares de noivado das filhas da sua palrôa, as duas Filhozes da rua dos Sapateiros, uma com um procurador de causas, e a outra com um estudante minorista de Trás-os-Montes. Observára que as damas não se erguiam quando havia brindes cheios de comoções e de desprêzo da gramática. Êle tinha êste sólido conhecimento da fina sociedade, e répelava-se por vêr que a irmã e a outra tôrpa continuavam de pé com as mãos espalmadas sôbre as barrigas, numa pasmaceira. O Guimarães, o brasileiro da Canhola, que estava à esquerda do brindado, quando as aclamações ao brinde do doutor de Abadim serenaram, acotovelou o vizinho: — Comendador, você tem de agradecer o brinde, hein?

Do outro lado da mesa, o Pacheco da Quintã, ma-

jor de milícias que fôra de Braga, segredava a Eusébio Macário: — A etiqueta manda-o agradecer ao fidalgo em nome de sua filha.

— Estou ao facto da etiqueta — respondeu o boliçário com gesto de suficiência, limpando os beiços avinhados à toalha, com uma grande resolução oratória, já experimentada em lides eleitorais cabralistas, nos jantares que o abade liberalizava para alumiar de Rainha e Carta os entendimentos fuscos. Êle fez um trejeito ao comendador, perguntando-lhe se deilava fala; mas não esperou resposta, porque o major dava-lhe com a unha do dedo grande na ilharga papuda, e dizia-lhe açodado: — Ande-me, ande-me!

Eusébio ergueu-se; e o abade inclinando-se sôbre o ombro do fidalgo, com muita sisudeza: — Temos asneira, doutor. — O Fístula dizia lá consigo: — Meu pai está bêbedo!

Não caluniava perfeitamente o progenitor dos seus dias. Macário tinha em si bastante vinho do Pôrto com que ajudar a natureza oratória que lhe não era sovina; mas estava na temperatura conveniente dos oradores de *toasts* mais celebrados desde Lamartine, o maçador, nos banquetes comunistas e revolucionários de Autun, até Plácido de Freitas Costa, o incomparável, nos jantares pacatos, respeitadores da monarquia, no Hotel da Póvoa de Varzim, jantares sem conseqüências perniciosas à família portuguesa, excepto as da lagosta e do camarão.

O silêncio fizera-se quando Eusébio Macário bateu as mãos sonoras como uma matraca. Fez um trejeito de zangado. A orquestra, que acabava de beber, tocava na cira com muita fúria, um *pot-pourri*, a toada popular:

Você diz que arromba, arromba,
Não se arromba dessa sorte,

música prostituída do ELIXIR DE AMOR; e o

Toma o limão verde,
O' da fresca limonada,

e

Agua leva o regadinho

com intermitências de chula, em que assobiavam as requintas, ringiam as rebecas, e os clarinetes estrídulos guinchavam roladas de notas duma alegria zulú, brutal. Eusébio esperava impaciente que os metais descaíssem daquele furor incompatível com o uso da voz humana. O José Macário, para salvar o pai, lembrou-se de descer à eira e pedir ao João Leituga, um de óculos, mestre da banda marcial, que fizesse tocar tudo em que o bombo, os pratos e os trompões trovejassem; mas o major das extintas milícias, o instigador velhaco, fôra à janela, e batendo as palmas sôbre os músicos, puséra um dedo no nariz. Depois, vollando para dentro com aspectos militares: — Pode falar, snr. Macário.

Êle então meteu os dedos polegares na gola convexa, enchouriçada da casaca, e fazendo com os outros dedos um arpejo cadencioso nos bicos coçados das lapelas, disse pausado e fluente:

— Não posso deixar de responder à saúde do senhor doutor de Abadim, cuja fol feita a minha filha Custódia, neste banquete em que vejo tudo quanto há de mais respeitável no partido da ordem, isto é, da Rainha e Carta, que felizmente nos rege, pelo sábio govêrno do senhor conde de Tomar, cujo é o segundo marquês de Pombal, como muito bem disse o dono desta casa, e meu honrado amigo o senhor abade. Verdade é que o senhor doutor de Abadim pertence ao partido do Senhor D. Miguel Primeiro, e não se mete nas eleições; mas parece-me que êle simpatiza mais com os chamorros que com os mijados.

O fidalgo cabeceou um gesto de assentimento e abafou o frouxo de riso no seu lenço de sêda da India. Aquela alcunha, bastante amoniacal, dos setembristas

era uma palavra aceita, necessária, corrente nos ureteres políticos do corpo social luso. Ninguém estranhou; excepto o comendador Bento que disse baixinho ao Guimarães: — Mi párece quê mijados não é civilizado para jantares, hein? — E o outro, mais identificado aos usos nacionais e ao dicionário político, respondeu: — Isto vai de pândega.

Eusébio, escorvando-se de rapé como um vélho tente de prima, autoritàriamente, de uma caixa de búzio rajada com estrias e charneira de prata, continuou:

— O meu amigo doutor que me honra com a sua amizade é um fidalgo que rescende já do tempo dos mouros e tem santos de que reza a folhinha na sua geração; sempre ouvi dizer isto desde que me entendo; e fidalgos desta casta não fazem parelha com o Manuel Passos, o José Estêvão e outros republicanos da mesma pandilha do *pé fresco*. Eu, aqui onde me vêem, também fui rialista; dei vivas em Guimarães ao Senhor D. Miguel rei absoluto, como todo o mundo sabe. A casaca que eu então levava, faz agora vinte e um anos, é esta, e inda a não virei; sou rialista cá por dentro; mas, enquanto não vier o rei legítimo, entendo que devo votar com os excelentíssimos senhores Cabrais, com o senhor conde de Tomar que é o segundo marquês de Pombal, na opinião dos que sabem história, como o dono da casa, o nosso abade. Portanto, as palavras do senhor doutor a respeito de minha filha são dum preito sincero, e eu quisera ter o talento de Camões e de Bocage para explicar-me, sim, para explicar-me. Idéas não me faltam; mas tenho lidado tôda a santa vida com brutos de aldeia; e falta-me isto que se chama a lógica. Sei do meu ofício, e tenho lido os melhores autores; não é por me gabar, mas aí está o público que me não deixa mentir. Tenho vencido doenças mortais, e... *(com entusiasmo, gesticulando como quem arranca)* e tenho arrancado à Parca muita gente, cuja aí está viva e sã.

O filho olhava para o pai e franzia o nariz; mas o boticário ou não o via do fundo da sua glória afirmada pelos gestos do fidalgo e pela contemplação lixa dos comensais, ou o mandava à fava com a firmeza conhecida dos maçadores implacáveis do parlamento português quando os interrompe o àparte, a inveja, a carêta hostil. Prosseguiu com inlenerala pachorra o elogio dos seus convivas à saúde pública, injuriou a medicina moderna, chamando-lhe *pataquada*, esteve a pique de lagrimejar quando lembrou o cirurgião Manêta, e invocou o testemunho do fidalgo que se curára com o dito chorado Manêta duma moléstia de pele acompanhada de humores frios. O discurso ia derivando com uma discorrência lógica, engenhosa para o remate do brinde, quando a banda marcial rompeu de súbito com o hino da Carta, e uma girândola de bombas estralou com fragorosos estampidos. É que José Fístula raspára-se muito à surrelfa, e descêra à eira a pedir o hino e as bombas como Enéas pediria um burro para salvar seu pai Anquises do incêndio de Tróia. Não se ouviram as últimas palavras roncas, esganiçadas, de Eusébio Macário. Todos em pé, com o braço erguido e o copo escorrido, o vitoriavam a gritos. Felícia tapava os ouvidos com as mãos; e Custódia, esquecida um momento da sua seriedade contrafeita, ou talvez um pouco pingueira, dava risadas idiotas, e senlia ímpetos paluscos de atirar castanhas de ovos ao comendador.

Ninguém mais falou. Saíram de roldão para a eira, fumando charutos caros do Berlo, desaboloados sôbre o estômago, todos cheios de arrôtos, pedindo café e cognac, parando com indecisões suspeitas, com as pernas muito abertas, lassos, molanqueiros, olhando-se uns aos outros de lado com os olhos entortados de obliqüidades chinesas, numa borracheira alegre.

O comendador ficára um pouco atrás com o abade e o doutor. Custódia ia ajudar a pôr as chávenas no

taboleiro para o café, quando Bento a chamou e lhe meteu no dedo mendinho um anel de alto preço, dizendo:

— Receba sinhá meu ânel de noivado.

Custódia olhou para o anel, e disse que muito obrigada, sem que as faces ganhassem uma camada nova de pejo sôbre o carmim dos vinhos fortes.

O anel — disse o comendador ao fidalgo — tinha três brilhantes que lhe custaram duzentas e cincoenta libras esterlinas, hein? comprados na Jequitinhonha, *onde há êles mais préciosos nos Brásis.*

VII

O noivo deliberára ir ao Pôrto arranjar casa, trastejá-la, comprar o rico enxoval da noiva. Quis levar a irmã para o ajudar, e pôs a Enfênia Tronelha e as aprendizes a fazerem-lhe um vestido de merino, cousa que remediasse para a jornada. O chapéu de setim côr-de-rosa com plumas brancas e grinalda de rosas-chá, e mais o chale de tonquim amarelo com cercadura e franja de flores escarlates, foram comprados no João Pinto, dos Clérigos, por Araujo & Filhos. Do sapateiro António Pequeno, de Belomonte, foram os sapatos de duraque, dum tamanho insólito, muito esparramados, sem tacão, com fitas de sêda para cruzarem na perna. Felícia, às escondidas, calçou os sapatos, serpenteou as fitas nas pernas bojudas, e ficou a contemplar-se com satisfação, regamboleando a canela, remirando-lhe todos os aspectos, horizontalmente, transversalmente, verticalmente, de esguelha, de perfil. Também tinha mitaines de retroz e ligas verdes de fivela, elásticas, trazidas do Alemão de Guimarães, quando o comendador lá foi comprar um grilhão de vinte moedas para a noiva, outro para a irmã, uma caixa de prata para o meio-grosso de Eusébio Macário e uma cigarreira do mesmo metal para o abade. Ao

José Fístula levou-lhe umas botas à Frederica com espora de prateleira e uma capa à espanhola, abandada de veludo encarnado, uma rica peça.

O abade não podia decentemente estorvar que a Felícia acompanhasse o irmão. Ela de contente, não cabia na pele; e, assim que podia escapulir-se, ia ao quarto abrir a boceta do chapéu, desencaixava-o com muito mimo, bufava-lhe as plumas e as flores, punha-o na cabeça, apertava as fitas verdes por debaixo do queixo, e aguchava-se para se mirar no espelhinho redondo, encaixilhado em lâmina de chumbo, tão diminuto que apenas lhe permitia vêr as várias peças da cara, cada uma por sua vez, e quáse sempre era o nariz que se espelhava com vantajoso egoismo. Êste contentamento magoava secretamente o abade; pungiam-no de antemão saûdades e espinhos de ingratidão daquela Felícia que parecia outra casta de mulher com a cabeça a juros — dizia êle — e uns ares de importância. — Mas não posso abrir o bico — pensava. — Se me queixo, ela pode dizer-me que vai com o seu irmão, que cumpre o seu dever, que não pode confessar-lhe o seu êrro, recusando-se a acompanhá-lo. Até certo ponto obra com juizo; e, se eu lhe reguingar, pode passar-me a planta de todo em todo. — Concluiu que o melhor era contemporizar; e, quer sim quer não, à cautela, lançou olhares reservados, cheios de cálculos, à Enfêmia Troncha, a costureira que, em tempos remotos, antes de ir para casa de M.me Guichard, no Pôrto, lhe tinha concedido pequenas brincadeiras na romaria da Senhora do Pilar. Era uma gorda, na volta dos quarenta, com dous penachos crespos de barba no queixo de baixo, e as sobrancelhas pretas, cerradas; esbamboando-se nas polpas flácidas das espáduas e dos encontros, como uma peça colossal de gelatina que flutua e badateja. Tinha má nota quanto a costumes, muito bôa tesoura para vestidos e garibaldis, e emprestava, com usura de ladra, dinheiro herdado dum

brasileiro goloso que lhe morrêra nos braços. Ela também se lembrava da romaria; e, às vezes, quando estava costurando, sòzinha, na saleta, se o abade saía da alcova a manquejar do tornozêlo, tirava um suspiro que lhe ondeava as conchas do seio, e cantarolava baixinho, com saüdade infinita, o verso de Palmeirim:

Ai! amor, ai! amor, ai; amor.

Eram recordações dos seus vinte e cinco anos, gozados com o ardor impetuoso, gentílico das máximas da Roma dissoluta, que circulavam em Cabeceiras de Basto como os pardaus no tempo de Sá de Miranda. O abade, sorvendo e fumegando pelo nariz o fumo do cigarro, quebrava a cinza na sola do chinelo de tapête, cruzado sôbre a côxa e dizia de si consigo, olhando-a de soslaio: «Ainda mostras o que fôste — uma bôa praça...»

O comendador, quando saía para o Pôrto, recebeu do seu correspondente na côrte a notícia de que estava assinado o decreto que o agraciava barão do Rabaçal em uma vida, e pedia ordem para pagar os direitos de mercê, etc. José Fístula, assim que soube isto, carregou dôze morteiros, e *bumba*, três descargas. O criado das cavalgaduras foi para a tôrre, repicou, cuidou-se que era Senhor fora, acudiram vélhas ao adro de aventais de saragoça pela cabeça, e quando souberam o que era, disseram: «diabo do homem dá que fazer ao sino!» Custódia foi felicitada pelo irmão com palmadas nos ombros; Eusébio, olhando para a filha de quem estava a rebentar uma baronesa, e para o espectáculo chinfrim do S. Miguel e dos garrafões desvidrados da botica, sentia-se deslocado, vèxado. Os brasileiros, que estiveram no jantar, foram dar os parabens ao titular: não o encontraram; e, conversando a respeito da mercê, concordaram em que os títulos estavam de rastos, e

que os Cabrais os vendiam a cavalgaduras como o Bento.

Entretanto, o barão do Rabaçal mobilava uma casaria provisòriamente no Pôço das Patas enquanto não fazia o palacete. Os estôfos vinham de Lisboa, do Gardé, acompanhados dum prático, que havia de armar, dispôr, harmonizar. Êle queria muitos trastes de *papier-marché*, mógno reluzente, tremós, espelhos nas portas dos guarda-vestidos, sofás, divãs, poltronas várias de marroquim, de reps azul, de veludo encarnado; queria *chaise-longue*, *chaise-lit*, *consoles*, *étagères*, *tête-à-tête*, jardineiras, jarras com flôres de penas e passarinhos amarelos, relógios de grandes campas de vidro com Napoleão de braços cruzados e o Abd-el-Kader à rédea sôlta no deserto, com a cimitarra a relampejar e o bornous desfraldado nas asas do sirôco; gravuras grandes de casos romanos de Tito Lívio em caixilhos dourados com cordões vermelhos, *toilettes* com portinholas de espelho e reparlimentos estofados de setim azul; tapêtes, reposteiros, galerias douradas com requifes paspalhões, bambinelas e transparentes com passarôlos impossívelmente brasileiros, urubús e caracarás da América austral; aparadores, guarda-louças, *plateaux*. Êle pediu tudo, guiando-se pelos artigos que vira anunciados no leilão de um visconde que falira no Pôrto, um homem de gôsto muito fino e perfeito em côres ardentes, infernais. Pediu mais a um seu amigo, também titular e minhoto, o barão da Corujeira, residente na capital, e casado com uma senhora elegante, de olhos piscos e lunela, muito falada na crónica dissoluta, que lhe mandasse os ingredientes que êle vira na *toilette* de sua espôsa, e deu-lhe parte que se ia casar, e arrumar de todo com o negócio de Vassouras. O barão, consultando a espôsa, mandou-lhe *lait d'amandes douces* para dulcificar as loções, e vários *savons de thridace* e *de la reine des abeilles*, com algumas caixas de porcelana cheias de *la crème froide*

mousseuse e *fleur du lys*, tudo para dar macias frescuras e odores asiáticos à epiderme de Custódia. Mandou-lhe um *hidróforo* para pulverizar o banho, com uma explicação em francês. Para o cultivo dos cabelos, entre outras pomadas caras, enviou-lhe *beaume des violettes d'Italie*, composto de óleos virgens de uma pureza virginal e vários tulanos; e, de igual eficácia, *la crème fondante*, e *la crème Sévigné*, e *la pommade régénératrice;* mas, sobretudo, a baronesa da Corujeira recomendava à sua futura colega e amiga o uso diário de *l'eau rédivive de Nangasaki*, de origem japonesa. Aconselhava-a a não usar do *cold-cream* que era já récocó; mas sim de *l'eau de beauté* e do *crème Pompadour;* quanto ao *lait de concombre*, às *eaux de la reine de Hungri* e de *lavande*, que não usasse que já não era moda, e não se encontravam nos *talismans de la beauté* de Louis Claye. Esta baronesa da Corujeira lavava-se em leite, e cada vez estava mais suja, dizia-se no Marrare do Chiado, quando ela andava por ali farejando o Manuel Brown ou o Chico Belas, os leões. Para esmero das unhas recomendava-lhe *la poudre orientale*, e para dar brilho aos olhos e às sobrancelhas o *kohcuil* e *l'eau de plantain et de roses*. Para os dentes *les larmes de l'aurore*, pulverização do *mastic* que as sacerdotizas de Vénus mastigavam. «Eu e minha mulher gastamos dêstes *vons pozes*», escrevia o barão com a língua menos limpa que os dentes. O do Rabaçal mandou perfilar os frascos e as boccetas na *toilette*, com muitas quinquilharias, segundo as indicações do prático. A irmã perguntou-lhe se aquilo tudo era remédios para se purgar.

De quinze em quinze dias, o barão ia a S. Tiago da Faia vêr a noiva, e deixava a irmã a vigiar, tôda esfandegada, os arranjos da casa que eram complicados de artistas vários; alguns punham nas paredes papeis dourados, ou panoramas de guerras orientais, paizagens em que se viam borrêgos de côres fantasistas e

pastores de cangalhas a tocarem flauta para consolação dumas pastoras com caras rubras que os escutavam, de cordeiros no regaço e as pernas escarlates estendidas, nuns, sôbre a relva. Felícia olhava para aqueles painéis, e sentia um vago de saûdades da sua infância em Padornelos. Do abade — que anomalia! — não tinha saûdades nem desejos sequer ideais. Por um lado, a riqueza que a envolvia de resplendores, de deslumbramentos como uma scena de glória, as *excelências* que lhe davam os operários e Araujo & Filhos, e mais outros brasileiros das relações do mano; por outro lado, a lembrança das vélhas arrelias do abade com as zoinas da freguesia, as doenças impertinentes duma vida enquética, derrancada em bambochatas, a sobranceria com que a tratavam as senhoras de Cabeceiras e as lavradeiras casadas; tudo isto explicava naturalmente que Felícia de bôa vontade ficasse no Pôrto quando o mano ia vêr a noiva. De resto, as conveniências impunham-se-lhe. Ela não podia nem devia dizer ao irmão que queria ir vêr o abade, nem lastimá-lo no desarranjo que êle, a falar a verdade, não sentia, porque a Eufêmia Troncha ficára governando a casa; e Custódia, que já sabia os costumes do abade, ia por lá, dirigia, mandava, punha tudo em ordem, despida dos preconceitos do seu futuro estado, dizendo ratices, como dantes, que lhe repuxavam do fundo da sua fisiologia patavina. O abade doía-se; mas não se queixava. — Perguntava: ¿Que fazia ela? ¿em que se entretinha? ¿Como se dava com os ares do Pôrto e com as águas? ¿Se comia bem, e gostava das iguarias de lá? — Que a mana Felícia — explicava o barão — não podia abandonar os operários, e estava muito contente, e mais gorda, comendo bem, porque tinham o melhor cozinheiro do Pôrto, um preto que saira de casa do conde de Farrôbo e aprendêra no Mata. Expunha a sua diária na mesa com entusiasmo lambareiro e descrédito internacional das duas linguas. Êle nunca se fartava

de bacalhau recheado *à Richelieu*, e das empadas *au gratin*. Explicava a Custódia o que era um *vol-au-vent* de borrachos, e a perna de carneiro *à la Bordelaise*. Que Felícia gostava muito da dobrada com môlho de alcaparras, e de feijão branco *à la maître de hotel*. Citava, contando pelos dedos, os pratos que vieram à mesa, quando lá foi jantar Araujo & Filhos, o comendador Aguiar e mais o seu colega barão de S. Torcalo. Sentia não poder lembrar-se de todos os pratos; mas não pudera esquecer o *coulbach* de frangos, o *blanquette* de galinhas *à lescarlate truffées*, o lombo de vaca *à la Macedoine*, os linguados recheados *au gratin*, o magnífico pirão de mandioca, e a bela sôpa de *purée* de arroz *à la princesse;* e que Felícia dava o cavaco pelas doçuras; entrava fortemente nas compotas, nos *miriton*, no *gateau royale*, nos *omelettes soufflées à la vanille*, e nos pãosinhos de lapioca à brasileira! Custódia sentia subirem-lhe das profundezas do seu estômago uns vivos apetites mordentes daquelas cousas de «nomes pândegos», dizia: sentia curiosidades de paladar, titilações nas glândulas salivares que lhe lhe cuspinhavam na bôca. Queria comer daquilo tudo. Era a evolução a fazer-se da futura baronesa do Rabaçal, gorda, pandorga, gulosa.

O abade ouvia tudo com uma interior paixão do seu desengano; não podia suportar que Felícia eslivesse contente, esquecida e mais gorda. O seu despeito dava-lhe visões desonestas; punha-lhe no coração farpas de ciúmes. Figuravam-se-lhe escândalos, abraços, fragilidades. Perguntava miudezas, particularidades dos homens que visitavam o barão no Pôrto. Que sujeito era o comendador Aguiar, a idade, os costumes. O barão dizia-lhe que era um velhote de pança, ex-capilão de tropas brasileiras, frascário bastante, amigo de fazer discursos e bom paladar para vinhos secos. De resto, bom homem e muito zeloso da «corporação respeitável dos brasileiros». Esta informação não sossegou

perfeitamente o abade; mas amordaçava-se; rugia inaudível como um leão estropeado nos recôncavos ignorados da sua caverna. Às vezes desabafava com a Eufêmia na expansiva confidência de grande desgraçado. «Dezasseis anos de casa e pucarinho! — queixava-se. — Não são dezasseis meses, são dezasseis anos, Eufêmia! Veja você! E prega-me um couce dêstes!» — E ela, consoladora, meiga: — Deixe lá; mulheres não lhe faltam, e com outros princípios. Tenha o senhor abade saúde, que mulheres não lhe faltam. A falar a verdade, ingrata, foi! Assim que se pilhou com o irmão brasileiro, pôs-se na pirêza. Bem se vê que vóssa senhoria a tirou de guardar cabras em Barroso. Não se aflija; faça por comer e beber, que mulheres, como o outro diz, o diabo as traz e o diabo as leva.

Isto consolava-o alguma cousa. Eufêmia multiplicava cuidados, extremos, queria friccionar-lhe o reumatismo, envolvia-o no fluido dos seus olhos cheios de ternura e candonguices. Sabia segredos culinários da estalagem do Rainha, na Praça-Nova, onde se afreguesára por amor às tripas. A cozinha do abade era agora mais selecta, menos gordurosa e muito substancial. Emfim, o desprezado amador de Felícia resignava-se a pouco e pouco, dobrando-se à vontade do Altíssimo, com paciência cristã.

O barão quando ia de S. Tiago da Faia para o Pôrto, contava à irmã que o abade estava rijo e fero; que a costureira tratava dêle como de cousa sua, e que a Custodinha disséra ao pai que a ela não lhe ficava bem ir à residência, porque a Eufêmia não se portava bem, e era um pouco linguaruda, descaradinha, e não saía da beira do abade; de mais a mais Eusébio Macário informou o barão de que o padre tinha sido, quando era o diabo em ameijoadas de fêmeas, um dos amantéticos da Troncha.

Felícia bem o sabia, e já supunha o resto; mas assim mesmo encavacára com a notícia, doía-lhe a disso-

lução súbita, inesperada dos hábitos e costumeiras de uma vida de dezasseis anos, na intimidade, no amor daquele homem, sua primeira e única afeição; achava pouca-vergonha que o abade, apenas ela vollou costas, se arranjasse cómodamente com a Eufémia, uma franduna de balão e espartilhos, esmamaçada, que dava de ôlho a todos os morgados de Basto, e os esfolava, pando-lhes a pele a juros por causa dos lavradores. Contou, cheia de ferro, estas cousas com grande cólera, e quáse se desferrava na explosão do ciúme. O barão não era tão parvo quanto se presume do título. Desconfiou que houvera maroleira, concubinagem; mas por honra própria urgia-lhe dissimular, fingir que não percebia; ainda assim, resolvêra quebrar sem estalo aquelas ligações, evitando que os dous se aproximassem; e até pensava em casar Felicia com bom dote, visto que ela, à volta dos trinta e seis anos, ainda era uma bôa estampa de mulher, forte, dura e sadia como as montanhas. Uma vez, para a sondar, disse-lho, — que a queria fazer feliz, dar-lhe marido que a estimasse, proporcionar-lhe as alegrias da velhice, os filhos, os netos, a família. Ela arregaçou os beiços num risinho lôrpa, duma sinceridade sã, e disse: — Bôa vai ela! O mano está a mangar! Eu já não chego a filhos quanto mais a netos. ¿Quem dianho me quer? Só se fôr algum vélho com'a mim. Mas eu não ando. Credo! Antes morrer solteira, que o boi solto lambe-se todo, diz lá o ditado.

— Que lhe daria marido ainda novo, porque em Portugal, quem tinha dinheiro, isso da idade era uma história. Que quisesse ela, e os maridos seriam lindos como papagaios em bananeira — estilo figurado de Vassouras.

Ela ficou a scismar, a scismar naquilo do casamento. Horizontes, aspectos de vida nova rasgavam-se-lhe. Alisava os bandós muito oleosos, por dentro da vidraça, com os olhos errantes nas grimpas dos ciprestres

do Repouso que ramalhavam, varejados pelo vento norte. Era janeiro. Havia grande frio. A idéa de marido associou-se-lhe a da temperatura tépida do leito conjugal, as doçuras suaves, quentinhas e lícitas do matrimónio. Desandou da janela para o espelho de vestir do toucador da futura baronesa. Diante do espelho, refastelada numa poltrona de reps azul, não se achou fóra de geito para as funções nupciais. Punha uma grande confiança no maciço dos seios, na largueza roliça, nédia, dos ombros esbagaxados, e na carnação boleada das pantorrilhas que bojavam premidas pelo elástico repuxado da liga. Acima destas considerações realistas, preoeupavam-na a Moral, a Religião, o Sacramento, as cousas nobres do matrimónio que se edificam sôbre as colunas sensitivas, materialissimas dos bons braços, dos peitos redondos e das pernas grossas: as grandes bestialidades do puro amor santificado na fórma do sagrado Concílio Tridentino e Constituições do arcebispado.

Quando o irmão tornou a falar no casamento, ela tirou do peito, como um gás que se expande, um grande suspiro e disse: — A vontade do mano é a minha.

VIII

Chegára a primavera,

dilecta aos bois de retorcidos cornos,

como diz Homero. [1]

A casa dos noivos, no Pôço das Patas, não deixava nada a desejar. Brasileiros de gôsto com exclamações admirativas visitavam o quarto da noiva, diziam que estava uma capela, cousa muito papa-fina, uma riqueza; e, a respeito do leito nupcial com pavilhão franjado, faziam observações chulas, dum pitoresco obsceno, com gargalhadas e piparotes no ventre sonoro do barão. Havia quartos preparados para Eusébio Macário e José Fístula no segundo andar; no terceiro havia de ficar o abade, separado de Felícia por 55 degraus. Ela tinha

---

1 Este verso do pai dos poetas não o encontram os helenistas na ILIADA, nem na ODISSEIA, nem nos HINOS, nem ainda nos POEMETOS. É um fragmento de poema desconhecido. Vai esta nota como um acto de caridade com muita gente que sabe grego e está lendo EUSÉBIO. A versão do fragmento, lê-se na tradução francesa da ODISSEIA por Montbel, 3.ª edição, pag. 412.

a sua alcova no primeiro andar, sob o ôlho briosamente honesto do mano barão. A vinda do abade, que havia de ser o ministro do sacramento, resolvera-se, se o reumatismo não recrudescesse ao rebentar das árvores. Era preciso contemporizar, disfarçar. Um rompimento declarado do barão com o padre poria manchas, evidências de vélha corrupção na pessoa da mana. Êle confiava na prudência dos dous em público, e esperava com a sua vigilância obstar à reincidência das fragilidades humanas. A sua honra e posição social exigiam-lho.

O noivo saíu para Basto com dous amigos íntimos e suas senhoras, para apadrinharem o casamento e condecorarem o préstito. Felícia ficou a dirigir o banquete das núpcias, muito atarefada, fazendo rir as criadas que lhe chamavam a *bajôja*. Uma dama da comitiva era a D. Pascoela, mulher do Trigueiros, douda garantida, de repica-ponto, com muito ar, mestra em cornudagens, andando às cuadas, em solavancos, dando muita sorte, grande artista de tôdas as denguices que fazem saltar dos peitos dos vélhos uns pensamentos verdes, como lagartos de entre ruínas. Dava bailes e jantares muito ruidosos, com vinhos especiais: bebia como um hússar, fazia partidas varonis, quebrava cálices, gritava *hip! hip! hip! hurrah!* e sacudia *shake-ands* como um marujo inglês. Ela tinha sido botiquineira da rua de Trás dos Quarteis, no Rio de Janeiro, e casára com o Trigueiros para descansar, arranjar-se. De resto muito sêca de carnes com bôa cara.

A outra era a espôsa do comendador Mota Prego, a Nazaret, a triste Nazaret, filha do morgado de Agunchos, o jogador, que morreu a ensinar numa aldeia instrução primária, uma cousa que êle não sabia, — a mais falsa das posições a que pode levar a miséria. A filha, muito linda e sem parentes que a recolhessem, foi ser criada duma freira benedítina no Pôrto. Um dia procurou-a um homem ilustroso de roupas e scintilante

de cadeias e pedras finas. Era o Mota Prego que chegava do Brasil, e ia ao mosteiro oferecer a sua fortuna à filha do fidalgo que era seu padrinho, e o mandára ensinar a lêr e lhe pagára a passagem, e déra o enxoval. Maria de Nazaret achou bonita, sublime a gratidão do homem; mas não o queria para marido. Tinha um amor de infância a um primo, filho segundo, pobre, que estudava no colégio militar, e havia de esposá-la quando saísse alferes. Soube-se no mosteiro que ela se esquivava às visitas do comendador. As madres deitaram-se à criada, tratando-a de douda, de bêsta porque enjeitava um marido pôdre de rico; chegaram a chamar-lhe derriço de soldados, e ameaçaram-na de a não deixarem falar ao tropa, quando êle viesse a férias. A madre porteira entendeu-se com o carteiro; recebia as cartas do sargento, e dava-lhe pasteis. O Mota foi informado destas biltrarias monásticas praticadas em seu obséquio e da menina pela madre a quem êle tinha dado de presente um casal de periquitos. Reprovou-as honradamente, e rompeu no excesso de escrever à filha do seu benfeitor, oferecendo-lhe alguns contos de réis para que ela pudesse casar já com o primo, se era a falta de dinheiro que o impedia de se unirem; que lhe pagava assim a divida que não pudera pagar ao pai. Um heroismo inaudito e inédito que, se não fôsse verdadeiro, seria necessário inventá-lo para abrir no escudo branco da «corporação respeitável» alguma peça heráldica, simbólica de façanha ilustre em matéria de moeda forte, metal sonante, estranha aos pregões das gazetilhas. A Nazaret, a bela alma, admirou-se. — Coitado do homem! — pensava comovida — Coitado do homem! Talvez casasse com êle se não amasse Alfredo, apesar de o achar mal feito, muito bajôjo. Quando conversava fazia-lhe lembrar o Simão, um preto que era criado da casa paterna e dava cambalhotas para a divertir; mas parecia-lhe que o Mota era bom; e, se lhe não désse a felicidade do

coração, paciência; rsignar-se-ia passando da sujeição de criada ao descanso duma tristeza sem receio de que a obrigassem a estar contente, a trabalhar, a distrair a vélha ama, e a coçar-lhe as plantas dos pés para a adormecer. Ela, a filha dum Antas de Aguinchos, neta de reis, a coçar os pés inchados duma freira benta, filha dum cereiro da rua das Flores!

Contos largos viriam aqui de molde, se os vélhos processos românticos se admitissem. Houve choradeiras. O sargento ficou reprovado duas vezes e foi mandado servir na linha. Abandalhou-se; andava por Lisboa de cachimbo de barro, com os tacões cambados, cheio de caspa, metido com toureiros de profissão e jantava iscas de fígado na rua das Pretas. Depois, o pai, um brigadeiro reformado de Trás-os-Montes, foi buscá-lo, e casou-o com uma viúva, couraça vélha, que tinha muitas terras. O desgraçado perdêra a memória do seu amor de infância; a prima lembrava-lhe às vezes na casa senhoril de Aguinchos, quando lhe chamavam a morgadinha; porêm, desde que a vida crapulosa lhe deliu a fibra do romantismo, começou a vê-la na positiva pobreza de criada de convento, com um vestido de chita reles e uma touca branca vilipendiosa como distintivo de servidão. Desenganou-a, quando o pai o vestiu e escarolou da crusta do deboche e da pelintragem. Disse-lhe que não tinha presente nem futuro; que estava perdido, que o esquecesse e lhe perdoasse o seu infortúnio. As maravilhas do costume.

Daí a dias, um correspondente do *Eco Popular* relatava o casamento do ex-aluno do colégio militar Alfredo Pessoa com a rica viúva do proprietário Bogas de Vinhais. Esperava-se que a Nazaret ensandecesse quando lhe chegasse à mão o *Eco* de que as freiras compraram três exemplares que percorreram os dormitórios de cela em cela. Já inspirava compaixão a pobre menina. Não houve, porêm, novidade extraordinária. Disse à ama que ia casar com o comendador

Mota Prego, e saiu do mosteiro numa carruagem do Carneiro do Bomjardim, com trintanário de chapéu embreado com roseta e casaco de gola encarnada. Esteve alguns dias hóspeda dum capitalista chefe de família, e daqui foi para casa do espôso, que a estimava muito, e não lhe percebia a tristeza. Chamavam-lhe por isso a «triste», por antonomásia. Tinha uma grande bondade indulgente com os desvarios da D. Pascoela; uma cristã fidalguia de eleuênceia com os vícios vestidos de *moire-antique*, elegantes, visto que a virtude austera, rôta, frangalhona, não aparecia na sociedade das suas relações. Conhecera a mãe, uma fidalga magra, com um perfil de santa, um sorriso bom para a morte, e para o marido que se abismára, até caír no magistério das primeiras letras. Falava, como ela, muito baixinho, não fazia gestos, explicava-se de longe às criadas com variados toques convencionais de campainha, e tôdas as frases numéricas as exprimia com os dedos translúcidos, muito finos, duma braneura de marfim rajado de veias azuladas. O marido adorava-a, chamava-lhe *D. Maria de Nazaret;* e, se a não respeitasse tanto, ousaria pedir-lhe licença para a trazer no colo, e adormecê-la no seu regaço como uma pomba que se aninha e fecha os olhos debaixo da mão aveludada de carícias.

Foi a madrinha do casamento e ajudára a vestir a noiva. A botiquineira da rua de Trás dos Quarteis, a Pascoela, dizia ao marido que a Custódia era uma labrêga, muito bruta, adiposa, cheia de carne, a cheirar ao raposinho da aldeia e aos unguentos da botica. A Nazaret achava-a boazinha; que havia de ser bôa senhora de casa, e que lhe parecia uma rapariga singela, sem educação fina, mas susceptivel de se educar. O Prego afirmava que o barão era tão bruto ou mais que ela; que mau seria se lha educassem. Êste homem tinha bastante espirito; fôra sócio fundador dum gabinete literário de caixeiros em Pernambuco, não des-

conhecia inteiramente o TELÉMACO, os SUSPIROS POÉTICOS do Magalhães, admirava e sabia de cór a MARTINHEIDA e o SAQUE do doutor Ferro. Quem êle achava muito desfrutável sandeu era o Eusébio Macário; e dizia que o filho era a quinta essência do malandrim, e que o barão acanalhava-se casando com tal criatura. Êle tinha nas veias, por transfusão sudorífera da espôsa, um pouco do sangue dos Antas de Aguinchos, descendentes por bastardia de Afonso II, *o Gordo*.

Maria Nazaret ajudou a vestir Custódia de noiva. Atacou-lhe o colete e acolchetou-lhe o vestido de setim branco, obra primorosa de Mme Andillac, com rendas de Bruxelas; deitou-lhe o véu de blonde, cingiu-lhe a corôa de laranjeira, e lançou-lhe o aderêço de brilhantes e pérolas, a mais rica peça que saíu da oficina do Espírito Santo, na rua de Santo António. Assim trajada, a filha de Macário tinha muito que invejar à camponesa de garibáldi vermelha, com a camisa lufada na cintura. Parecia uma raínha das vélhas comédias, do ATAXERXES, *rei da Pérsia*, a INÊS na scena da coroação, como ela se fazia em Guimarães e em Amarante, nos seus dias de arte próspera, rival de Atenas e Florença. O Mota Prego achava-a muito pantafaçuda; e a plebe, quando a viu passar para a igreja, chamava-lhe um «porparo» como nunca se vira; que o diabo não tinha sono, que era um entrudo, que estava o mundo a acabar-se, que a vida era para as «moinantas» como a Custódia *boticária;* que não sabiam por que carga de água o brasileiro se enrabichára com aquela trapalhona que mostrava as pernas nos lavadouros.

O casamento celebrou-se de manhãsinha. Da igreja saíram em liteiras para o Arco, onde os esperava o almôço, encomendado pelo barão. Pernoitaram em Amarante, na estalagem da Capadeira, onde os esperava com ceia lauta o brasileiro de Fregim que levou uma chula com duas requintas; e as filhas da Capadeira, três môças esbeltas de muita feição, dançaram com

o José Fístula — grande pagode até ao romper da manhã. Os noivos tinham-se deitado, e disseram que os assobios agudos das requintas os não deixaram pregar ôlho. O abade piscava ao Mota Prego, que dizia ao Trigueiros que as requintas é que pagavam as favas. Nesse dia à noite, com grande fadiga, chegaram ao Pôrto. A baronesa tosquenejava na liteira com sono; o marido também; e, como iam defronte um do outro, às vezes davam marradas; acordavam estrouvinhados, riam-se, e beijavam-se murmurando arrulhos de pombos.

A.149

IX

No dia seguinte houve o jantar nupcial.

A Felicia apareceu vestida à grande, de sêda verde, com saias rijas que faziam *fru-fru*, e botinhas de duraque que ringiam nos tapetes com pompa. O abade apenas pudera cumprimentá-la à chegada, e levaram-no para o terceiro andar, onde tinha a cama, cinqüenta e cinco degraus acima de Felicia. Não pudera dormir nem abrir o Breviário, como tentára, para exorcismar o diabo dos ataques, o número três dos inimigos da alma. Lembrou-lhe tudo. Aquele caso do lôbo que matára quando ia de noite à choupana de Felícia que o esperava de saia de tomentos, na lareira, ao pé da raiz do torgo em brasa, a fiar; o caldo de leite que comiam com talhadas de abóbora; a cabaça do vinho da Ribeira por onde ambos bebiam; o leito de bancos com mantas grossas de listas pretas e lençóis de estôpa de uma frialdade húmida e um cheiro de paredes reçumadas. Vinha derivando daí no pendor de dezasseis anos; acusava-se um pouco do seu tédio, das suas perfídias, nóitadas com a fidalga da lameta, com a Canclas, com a Troncha, uma infinidade de rapaziadas, asneiras; mas isto não desculpava Felicia, que o aturava, sempre carinhosa, a impostora, enquanto não

teve irmão brasileiro. Era injusto. Ela podia, se o hábito a não prendesse ao Justino, o travesso estudante, o seu único amor na mocidade, estar há muito nas regalias da fortuna, de um marido e da convivência com gente fina.

Ao outro dia de manhã, quando descia para almoçar, encontrou-a na passagem do patamar do segundo andar.

— Anda lá que me saíste bôa peseta! — disse-lhe.

E ela com arremêsso:

— ¿Então que queria ¿que eu deixasse o mano?

— Desalmada! — gosmou o abade, engulindo alguns substantivos fortes, menos figurados. — Depois de dezasseis anos, fica-te p'ra ni, desgraçado!

— O senhor passa bem sem mim; lá leu a Eufémia, lá se arranja.

— Pudera não! Mulheres há tantas como a praga.

— Pois se há, deixe-me. Olha que espiga! — E voltou-lhe as costas.

— Que rólha! — murmurou o abade, e safou-se; ouviam-se passos.

Ao jantar, muitos brindes. Eusébio Macário, quando ia para a mesa, foi chamado à guarda-roupa do genro que lhe vestiu uma casaca nova com o hábito de Cristo na lapela. Uma surprêsa exultante que poderia bestificá-lo, se êle não tivesse uma constituição bem formada. O barão iniciava a nobilitação do sogro com 76$000 réis que lhe custára o hábito, cinquenta para o Estado e vinte e seis de luvas para o Lobato, o seu procurador. O Mota Prego brindou a Eusébio Macário:

— Que aquela insígnia de cavalaria representava merecimentos de serviços feitos à humanidade e à pátria, ambas doentes; que o distinto farmacêutico era também um trunfo eleitoral, que ao mesmo tempo ma-

nipulava vesicatórios para os inchaços doentes do tesouro. Que sua majestade a raínha, galardoando Eusébio Macário, remediava a injustiça de seu avô que deixára morrer despremiado e pobre num hospital, Duarte Pacheco Pereira.

D. Maria de Nazaret ouvia as ironias do marido, receando que lhas entendessem. Êle bem sabia que o seu único auditório inteligente era ela.

O cavaleiro de Cristo ergueu-se:

— Não posso deixar de responder ao exímio discurso do ilustríssimo senhor comendador, cujo acabamos de ouvir. Eu queria ter a sabedoria dum Camões, ou ser qual outro Bocage para exprimir as minhas idéas, sim, para explicar o que tenho no pensamento. Mas eu não sou Camões nem Bocage, êsses grandes homens. A natureza não me deu talento; nem a eloqüência de Cícero, que foi o homem mais sábio da antiguidade, no tempo dos romanos, como diz o MANUAL ENCICLOPÉDICO. Mas não posso deixar de responder ao senhor comendador a respeito dos meus serviços à humanidade e à nação portuguesa a que todos temos a honra de pertencer, a nação mais valente do mundo, que não tem segunda, acho eu, nas valentias; vencendo os mouros, os espanhóis e os franceses, como se pode vêr no MANUAL ENCICLOPÉDICO. Devemos ter muita honra porque *samos* portugueses, ou lusitanos que é a mesma cousa. Já fomos mais ricos de que *samos*, isso é verdade; mas se o excelentíssimo senhor conde de Tomar se conservar no govêrno, havemos de tornar ao que fomos, se entre os portugueses houver paz e concórdia; mas, se não houver, então, meus senhores, a nação portuguesa está de cangalhas, os setembristas dão cabo da indústria, das finanças, da marinha; e o general Concha, como aconteceu na Maria da Fonte, vem tomar conta desta desgraçada mãe que os maus filhos reduziram à expressão mais simples. O grande Afonso Henriques, que está enterrado em Coímbra, há-

-de então erguer-se de pé na sepultura, e dirá coberto de lágrimas: «¿ Onde está o meu reino? ¿ onde está a tropa valente com que eu venci no campo de Ourique sete reis mouros?» *(Sensação nalguns brasileiros. O Prego dá de ôlho à espôsa que baixa os olhos compungidos como se assistisse ao sermão do encontro. José Macário estorce-se envergonhado, corrido, danado. O barão do Rabaçal admira o sogro. A baroncsa está a fazer no regaço torcidas com a franja do guardanapo. A D. Pascoela olha para os alemanes do orador com uma atenção irónica, de chacota, relançando olhares críticos, disfrutadores às caras soezes dos convivas. O abade, que tinha bebido como os amantes infaustos do romantismo, Mussel, Keats, Percy Bisshe Shelley, e Esproaceda, estava muito espapado, sonolento, bocejando, babando-se e fumando cigarros com a maior descortesia, como um canudo de fábrica).* Não me lembra onde foi que eu li que Portugal já estaria riscado do mapa da Europa, se não fôsse o senhor conde de Tomar, que foi aos reinos estrangeiros buscar gente para conservar o trono de Afonso Henriques. É por isso, meus senhores, que eu sou cartista, e hei-de sê-lo até à morte, enquanto tiver nas veias a última gota de sangue português. Há nove anos que ando metido em eleições. Aí está o senhor abade que não me deixa mentir. Tenho arranjado votos para os senhores Cabrais; alguns me custaram o meu dinheiro, a minha farmácia era *grátis* para os eleitores, e em 1845 fui ameaçado de levar cacetadas dos setembristas, que chegaram a ir pendurar-me chifres na padieira da porta da botica, os palifes! *(D. Pascoela espirrou uma risada irreprimível, como o lêsto que salta de uma panela em cachão. José Fístula deu na mesa um murro e ringia os dentes. O abade, afirmando a viadita afrontosa dos chifres, arqueJava de riso. O marido de Pascoela, Trigueiros, o prudente, estava sério, concentrado. Mota Prego sentia uma alegria vertiginosa, um bem-estar que lhe dava*

guinas de espojar-se. O Macário, não desconteute do trecho cómico do brinde, esperou que a cusquinada dos risos cedesse à atenção que êle pedia com o aprumo do busto e a braço estendido). Tenho sido uma vítima, sempre lial ao partido da Carta, e nunca pedi nada; antes, pelo contrário, tenho dado muito bons pintos para comes e bebes eleitorais, e onde era preciso falar, lá eu; e, bem ou mal, explicava o pensamento, dizia aos lavradores o que é a república, a pouca-vergonha dos comunistas, uns ladrões que querem a repartição do que nos custou a ganhar enquanto que êles andavam a garotar pela Porta de Carros, e a pandilhar pelos botequins — o Alves Martins, o Evaristo Basto, o Parada Leitão, o Camilo, uma corja de vadios que não teem onde caír mortos. São êstes os republicanos do Manuel Passos, que fazem gazetas a prègarem a igualdade e a fraternidade! querem limpar a carepa à nossa custa! uma canalha! raios os partam! *(Brasileiros apoiaram veementes: — Muito bem! sim, senhor! Etc.).* Aqui está o que são os republicanos, os do *pé-fresco*, a pândega da Viela da Neta. Enquanto tiver nas veias uma gota de sangue português, êles hão-de passar por cima do meu cadáver. *(E batendo no peito:)* Eusébio Macário é cartista puro, e cartista há-de morrer. A respeito desta venera de cavaleiro da Ordem de Cristo *(mostrando a cruz na lapela)* instituida por el-rei D. Diniz em 1318, segundo diz o MANUAL ENCICLOPÉDICO, grande autor, disse o senhor comendador Mota que é uma justiça que me fez a nossa augusta soberana. Há-de haver oito anos que eu falei ao nosso deputado para me darem estas honras em paga dos meus serviços à Rainha e Carta. Mandei os meus papeis para a secretaria, e escrevi pessoalmente ao senhor conselheiro Silva Cabral. Não me deram cavaco, e eu continuei fiel ao meu partido, sempre álerta, ao pé da urna, pronto a dar a última gota de sangue das minhas veias; mas agora, o meu genro, o senhor barão do Ra-

baçal, querendo honrar-me, escreveu ao seu procurador em Lisboa; os meus papeis subiram à presença de sua rial majestade, e foram despachados. Dizem-me que o depulado era miguelista, e andava a chamar-me asno, tendo-lhe eu arranjado quarenta e quatro votos, com o meu quarenta e cinco; por isso sua majestade a raínha não estava ao facto da minha justiça. *(Havia trezeitos de pessoas maçadas, bôcas abriram-se; pernas por debaixo da mesa tocavam-se. A D. Pascoela coçava a asa direita do nariz com o leque. Sensação geral de estopada. E êle com entusiasmo)*: Um bom cidadão, quer lhe façam justiça quer não, deve ser um bom cidadão. Êste hábito de Cristo, cujo estimo imilo por vir de quem veio, não me faz mais cabralista do que era. A minha ambição é dar o meu contingente para o progresso bem entendido, não sei se me percebem? O progresso bem entendido é o bem-estar do físico e do moral, quero dizer, que se derramem as sciências pelo povo e que se façam estradas, ou viação pública, que é o mesmo. *(Arrebatado)*: ¿ Quem tem feito mais estradas que o excelentíssimo conde de Tomar? ¿ Quem fez a estrada de Valongo? ¿ Quem fez a estrada de Braga até aos zigue-zagues? Eis-aqui está porque eu hei-de ser cabralista enquanto pudér ligar duas idéas e manejar uma clavina de dous canos. Raínha e carta ou a morte! *(Cansado, com esfalfamento, solene e de manso)*: Meus senhores, eu bebo à saude do grande homem, do ministro patriota que nos livrou dos comunistas da Maria da Fonte, do eximio conde de Tomar, António Bernardo da Costa Cabral; espero que todos bebam a virar, e acreditem que Portugal enquanto fôr Portugal pode ser que tenha outro que se pareça com êle, mas duvido. A saude da Carta e Raínha, e do senhor conde de Tomar e da sua ilustre família, e também da família rial!

O brinde foi correspondido com a gravidade muda, respeitosa que se devia à família Costa Cabral e à di-

Êste hábito de C i to cujo estimo muito

nástica. O próprio abade, posto que esturrado e gritador nos brindes políticos, tinha caído num marasmo sonolento, prenúncio temeroso de apoplexia alcoólica. Às vezes volteava os olhos coruscantes a Felícia e sentia a perturbação das lágrimas a subir-lhe do íntimo, um nó que o entalava, como nas mulheres histéricas. Assim que Eusébio acabou de falar, pediu ao barão licença para se recolher, e encostar-se; queixou-se de enxaqueca; e, quando Felícia lhe perguntou se queria tomar chá, curvou a cabeça com profunda reverência, e respondeu: «Obrigado, excelentíssima senhora, não tomo nada».

Ela ficou a scismar, entrou no seu quarto, pôs-se a olhar através das vidraças para os candeeiros que bamboavam projectando sombras oscilantes nas lages do passeio, e aguaram-se-lhe os olhos. O barão procurava-a, receoso de que ela seguisse o abade.

Passaram todos para a sala de visitas, onde estava um piano de cauda de Erard. O barão levantou-lhe a tampa e disse com ufania: — Cento e cinqüenta libras, hein? — Maria de Nazaret tocou uma ária da Semiramis. Acharam aquilo triste. A Pascoela pediu-lhe um tango. Disse que não sabia. — ¿E um fadinho? — Que também não.

— Lá p'ra fadinhos aquele! — disse o barão apontando para o cunhado.

Todos a pedirem-lhe que cantasse, que tocasse. O Fístula disse que só tocava banza e guitarra. D. Felícia lembrou que na cocheira havia quem tocasse guitarra: era o trintanário, um mulato que tinha alegrado de cantares torpes a cocheira do Lopes alquilador. Que viesse a guitarra.

O José Macário, feito um grande silêncio, afinava, premia as cordas, correndo-as de alto a baixo, distendendo-as, tirava acordes, transportes segundo a arte, subia diatónicamente, feriu sustenidos, pelas regras da oitava; depois tocou uma contradança, o hino de Pio IX.

— O fado, o corrido! — pedia D. Pascoela.

— Sim, um fadinho! — muitas vozes a pedirem fadinhos.

— Mas que seja decente — observou Eusébio Macário circunspectamente.

— Isso nem é preciso dizê-lo — emendou Trigueiros.

— O José sabe muitos decentes: — disse a baronesa — olha, dize aquele:

Passarinhos que cantais
Nesse raminho de flores,
Cantai vós, chorarei eu,
Que assim faz quem tem amores.

E o Fístula:

— Vá lá.

E sentou-se ao centro, ao pé da jardineira, estendeu uma perna, cruzou a outra, numa atitude gingada, atirou as melenas frisadas para trás das orelhas, arregaçou os punhos, pôs o charuto no mármore, inclinou o tronco sôbre o braço da guitarra, e dedilhou em arpejos gementes o prelúdio do fado de Coimbra. Começou-se então a sentir um tremelicar de cadeiras e um vibrátil sapatear de taeões de sapatinhos ao compasso das notas plangentes. Eram a baroneza do Rabaçal e D. Pascoela Trigueiros que se remexiam involuntàriamente, obedecendo a uma fatalidade nervosa de saracoteo, que lhes punha nas nalgas e na cintura uns derrengues lascivos de uma brèjeirice encantadora. Houve gargalhada. A Pascoela baixou o rosto para arranjar um pudor à sombra do leque; a baronesa confessou ingénuamente que não podia resistir àquilo.

Depois o Fístula cantou a glossa da quadra, que a irmã lhe disséra, com umas tonalidades roucas, de sentimentalidade canalha, com intermissão duns *oras* e duns *als* mui langorosos, o *zing* fadista de cervejarias e botequins de lacaios. Havia versos que êle can-

lava com morbidezas gaiatas, pondo os olhos nos ilhões coloridos do estuque. Dirigia-se ao passarinho:

Vós sois o mimo do Fado,
Eu da Fortuna o desprêzo;
Vós em liberdade, eu prêso,
Vós feliz, eu desgraçado.
Oh! que diferente estado
O Fado a cada um nos deu!
A mim, passarinho meu,
Com afecto diferente,
Eu em penas, vós contente...
Cantai vós, chorarei eu.

Ai torradas com manteiga,
Torradas não quero mais,
Etc.

Que muito bem; que continuasse. O Mota Prego prometia-lhe umas décimas que os fadistas portugueses cantavam no Rio:

Uma cousa cá que eu sei.

O Fístula sabia-as. — Isso sabe êle tudo quanto há, o pândego! — disse Eusébio Macário com secreto júbilo de vêr o filho bem colocado numa sala, mercê do fado, entre titulares, comendadores, alegres, em intimidades expansivas. O José preludiou, e cantou:

Custa ao náutico a tormenta,
Ao soldado a dura guerra;
Custa ao pastor que na serra
Zora, o lôbo o gado afugenta...

Foi dizendo as cousas que custavam: a miséria do pobre, a rectidão ao rei, a separação do bem amado,

O rigor do injusto fado,
Andar triste e amofinado
Por se haver sujeito à lei,
Deus d'amor!...

Não se lembrava, e repetia.

Deus d'amor...

Emperrou; ia a desistir; quando a Pascoela, num ímpeto de artista indomável, cantou na mesma toada:

Deus d'amor! Confessarei
Que é martírio o mais agreste,
Porêm inda excede a êste
Uma cousa cá que eu sei.

Muitos aplausos. A do Rabaçal, também artista, arrebatada, muito chula, abraçou-se nela; mas o Trigueiros, o marido, com as costas voltadas para ela, disfarçando, a bolir numas quinquilharias do fogão, resmungou: «Forte bêbeda!» E o Mota Prego ao ouvido da espôsa: «Olha a botiquineira, olha a botiquineira! é a voz da natureza».

X

Eusébio Macário passou a botica. O genro exigira-lhe e êle condescendêra sem excitação. Sentia-se outro homem. O baronato da filha dera-lhe a vaidade legitima de a ter fecundado, via em si um produtor com predestinação; não podia ser mera casualidade aquela brisa forte da fortuna que lhe ventára um rôr de prosperidades, coroando-lhe a Custódia que parecia destinada a dar em droga, e armando-o a êle cavaleiro de Cristo. Achava-se na roda dos titulares e dos capitalistas. Polia-se sem saber como. A fortuna insensivelmente dava-lhe um verniz que lhe ocultava os laivos da ignorância e da bruteza aldeã. Lia a política do dia, interessava-se, discutia na Assembleia Portuense de que o fizeram sócio, e jogava o gamão com o presidente da câmara, o conde de Alpendurada, seu correligionário ardente, ou com o visconde de Vila-Verde que o admirava nos alvilres políticos. Às vezes, os três discordavam, pegavam-se e tinham questões azêdas no Palheiro, a discutirem qual dos dous Cabrais era o marquês de Pombal. Desconchavam-se também sôbre posturas municipais, tendentes à sanidade pública. Eusébio Macário vencia-os sempre com os seus conhecimentos de farmácia, citava autores, e explicava

o efeito dos gases nocivos à respiração. Incomodava-o, porêm, a própria inércia: queria ser prestadio aos seus concidadãos, provar a sua capacidade, pôr a mão na cousa pública; achava-se com dotes para camarista, e confiava a sua sorte à fortuna nem sempre discreta com as grandes capacidades. O Mota Prego dizia-lhe que se fizesse ouvir a miúdo, que grangeasse a pouco e pouco a aura pública, e contasse com o Pôrto que era o clima por excelência dos homens da sua têmpera. Consultava o genro. O barão dizia-lhe que comesse e bebesse, e que se deixasse de asneiras.

Quanto a José Macário, compôs-se muito, prodigiosamente. A irmã vestiu-o ao bizarro, no Augusto de Morais: a bela casaca azul com botões de metal amarelo, judia com capuz e alamares, a calça muito apertada, à inglesa, a cair direita sôbre a bota de polimento; relógio de ouro com chatelaine; chapéu de castor braneo; badine e luneta dum vidro sem aro. Vestia-se a imitar o Eduardo Chamiço, o Ricardo Brown e o Diogo Maria de Murça, os elegantes primazes de Portugal naqueles dias em que os alfaiates formavam o corpo e a alma dos fregueses. Estava muito relacionado no teatro lírico e no café Guichard. Quem o apresentava dizia sempre: «O snr. José Macário, mano da senhora baronesa do Rabaçal». Não encontrava no círculo das suas finas relações algum fadista curioso. Ainda os não havia fóra das tabernas do Porta de Carros e das alfurjas da Porta-Nobre, ramificações do Pepino de Cima do Muro. O fado começava então a surdir na capital das cavalhariças dos fidalgos pela coesão do filho segundo com o laeaio. No Pôrto era desconhecido ainda o fidalgo toureiro, guitarrista, espancador e bêbedo. Neste meio, a sua paixão do fado ia esmorecendo, à míngua de auditório. Êle mesmo não ousava alardear a prenda com receio que lhe farejassem uma origem biltre, de ralé. A compostura dos atavios corporais parece que lhe formalizava as idéas; saiam-

-lhe as palavras penteadas, correctas, e às vezes rendilhadas de locuções de Virgílio com que êle lidára cinco anos em Braga, quando fingia ordenar-se de clérigo. No café Guichard havia quem o julgasse inteligente; pedia-se-lhe a sua opinião a respeito dos folhetins do Evaristo Basto e das poesias de Alexandre Braga. Êle, às vezes, achava os folhetins chistosos e as poesias bastante sentimentais. No teatro de canto era igualmente consultado, e dizia cousas menos más. Encostava-se nos entre-actos à grade da música e ouvia a opinião do Ribas, seu conhecido de casa da irmã, porque uma Ribas era mestra de piano da baronesa do Rabaçal. Depois, às vezes, deturpando a crítica do chefe da orquestra, dizia destampatórios; mas isso era o mesmo; os seus ouvintes eram dignos do oráculo, e exprimiam uma grande fôrça no estalo das palmas ou no estrupido bestial das pateadas, ora à Belloni, ora à Dabedeille.

Tinha namoros de quarentonas casadas, gordas, relíquias da raça forte turdetana já agora extinta no Pôrto, baluarte esboroado da liberdade, dos banços e das grandes mulheres sanguíneas. Lembrava-lhe um casamento rico; mas as herdeiras opulentas pareciam esquecidas dêle. Os amigos, quando o barão estava com a família na sua frisa 19 de assinatura, diziam-lhe que a irmã do cunhado ainda era fazenda muito limpa, e perguntavam-lhe se era certo o barão dotá-la com quarenta contos, dizia-se. Alguns punham-lhe os binóculos com insistência petulante; e ela, baixando os olhos, dizia à cunhada: «os démos dos asnos!» José Maciário reparava nos olhares, nas atitudes romanescas duns sujeitos especialmente resolvidos a casarem ricos, uns que visitavam a frisa 19, outros que assestavam os binóculos disfarçadamente por entre as carecas dos burgueses da inferior. Não sabia, ao certo, se olhavam para a irmã, se para Felícia; parecia-lhe, porêm, que daria alguns pontapés no janota que se enfeitasse para

qualquer das duas. Tinha um grande amor de família, cheio de decoro e resoluções de paneada. Torcia então os bigodes com frenesi, e atirava a guedêlha com arremêsso para a nuca, chibalando a perna com a badine. Uma noite não se pôde dominar, e perguntou a um bacharel, um louro de pêra, se era retratista. O interrogado, com a maior sinceridade, respondeu que não, que era formado em direito. E o outro: «Cuidei que era retratista pelo muito que o senhor olha para as caras da frisa dezanove; mas, se está formado em direito, tenha cuidado consigo que eu posso formá-lo torto». O dito foi celebrado com pilhéria de fina valentia, e o bacharel absteve-se de chamar a atenção de Felícia aos lampejos do seu binóculo.

Era uma vida gloriosa, triunfada a de José Macário. Cavalgava os alasões da parelha, guiava o *break* com temerária felicidade, ia adestrar-se ao circo dos cavalinhos, fazia curvetas na rua de Santo António, lia os praxistas da ginela, e aprendia a falar francês com um militar que viera ao serviço do imperador, com o Pierre luveiro, e com uma bandoleira parisiense que morava em Miragaia em concubinagem com um italiano de realejo. Mas êste céu azul de vida bonançosa, lôda regalos, às vezes tinha nuvens que lhe punham negruras, tristezas intermitentes. Ele estava uma vez no *trottoir* da Praça Nova defronte da modista Guichard. Havia procissão. Senhoras de muito espavento com grandes pavezes de chapéus emplumados e fitas ondulantes enchiam as sacadas. Estava lá a D. Pascoela Trigueiros. Ele, numa roda de notáveis, punha nas janelas olhares vagos, dissimulados, discretos; mas os da súcia sabiam todos que a Trigueiros se encontrava com José Macário na Cruz da Regateira, num casebre, ao fundo de uma quinta. Contavam-se parlidas rijas dela, atrevimentos, scenas patuscas, invejáveis, duma corrupção do baixo império. O caseiro da quinta conlára ao padre Margaride, um devasso, que

uma vez os ouvira, os dous, a cantar o fado à compita, e que deixavam garrafas de licôr vazias e bocados de pasteis com mariscos. O padre nem sempre caluniava. Era verdade.

Nessa ocasião, ao lado do grupo dos janotas estavam três carreiros, duns que carrejam ferro para a província, com as aguilhadas cingidas ao corpo, à espera da procissão, com as bôcas muito abertas, a olharem para as mulheres das janelas, e a calcularem os centos de «mél réis» que elas tinham sôbre o corpo. Um dos três fitou acaso Macário, arregalou os olhos, e disse: — Ó Francisco da Quitéria, ¿ aquele casaca que tem um vidro no ôlho não é o José Fistula? — Ou o diabo por êle — fez o outro. E o terceiro: — Diabos me levem se não é o Fistula. Pede-lhe os três pintos, anda, mexe-te, Ferramenta!

O Ferramenta chegou-se muito de manso, timoralo, coçando a orelha, com o chapéu na ponta da vara, e disse-lhe: — ¿ Faz-me o favor de me dar aqui uma palavrinha, com licença dêstes senhores?

José Macário encarou-o de catadura tôrva; não se lembrava nitidamente do homem: — ¿ Que quer?

— Ainda que eu seja conflado, o sôr não é de S. Tiago da Faia, o sôr Zé... *Fistula*, há-de perdoar?

Êle saíu do grupo, desceu do passeio, e, a distância dos outros, repetiu: — ¿ Que quer você?

— Eu son o José Ferramenta.

— Sim... que mais?

— ¿ Vocemecê escorda-se daqueles três pintos que lhe emprestei no S. Torcato, há-de fazer cinco anos em julho, por sinal que estava vocemecê a comer vitela na barraca do Cambado com a Margarida de Mondim, a mais a Tripa Furada da Raposeira? Escorda-se?

— Não me lembro — atalhou, cheio de nôjo e ira, o Macário — mas tome lá os três pintos, e adeus.

— Passe muito bem. — Que désse visitas ao pai que lhas mandava o amigo velho, o Ferramenta, e que

lhe dissesse que fazia lá muita falta com a botica; que o boticário novo andára a despejar na estrumeira os remédios quáse todos que achára, e a dizer que o Macário, com licença dêle, era um jumento.

O irmão da baronesa ouvira-o pelas costas. No grupo de janotas espirravam frouxos de risos maus; um dêles dizia: *é o sôr Zé Fistula... há-de perdoar.* No grupo dos carroceiros havia alegrias de mais inocente júbilo. O da Quitéria dizia que ia pedir ao *Zé boticário* uma de dôze pra beber uma canada do Douro no Raiulha.

Neste comenos aparecen no largo da Feira a vanguarda da procissão, o estandarte tremulante, inflado pela ventania. Os lavradores correram para lá com grande estridor de tamancos; e José Macário, obedecendo a um acêno de D. Pascoela, subiu à sala da modista, e viu desfilar a tragédia ambulante das cousas sagradas da Paixão de Jesus por entre as espáduas de três Madalenas incorrigiveis.

O Trigueiros, na véspera, terça-feira de entrudo, estava na mascarada do teatro de S. João. Andava contente, numa súcia que seguia um dominó de muita chalaça, o Faustino Xavier de Novais, que disputava o auditório a outro dominó de elegantíssimo chiste, o Evaristo Basto, o criador do folhetim no Pôrto. O Trigueiros fugira do Evaristo que dissera, mostrando-o aos que lhe faziam cauda: «Êste sujeito tem a côr do mouro de Veneza; mas cumpre não o confundir com Othelo». Êle entendeu; tinha visto no Rio de Janeiro o João Caitano dos Santos representar um miserável Othelo deturpado de Ducis pelo poeta Gonçalves de Magalhães.

Safou-se incomodado, e foi distrair-se nas pilhérias do Faustino de Novais que perseguia os sapateiros vestidos de príncipes e as colarejas de pastoras e tirolesas. Andava no salão um máscara desconhecido, trajado de

vestes roçagantes de profeta, com grandes barbas e capuz. Dizia chamar-se Ananias, e dava vaticínios e rebuçados às senhoras. Tinha mãos finas de marquesa, enluvadas *gris-perle;* não lhe viam os pés uns sujeitos que acham fácil no Pôrto *matar* o máscara que os não tem agigantados. O Ananias também escrevia a lápis umas quadras que distribuia, com rara delicadeza em mascarados, quando não queria vèxar as vítimas. Ele parára diante do Trigueiros que se sentára por baixo da frisa da espôsa. Contemplava-o silencioso, de braços cruzados. O povo fez meia lua. Esperava-se chalaça grossa. O Faustino, de passagem, dissera:

O' profético Ananias,
Não me bulas co'o Trigueiros,
Tem respeito às garantias
Que lhe dão os seus dinheiros;
Essas frases que tu crias
São perdidas com negreiros.
Não me bulas co'o Trigueiros,
O' profético Ananias.

e desapareceu.

— Pedaço de bêsta! — resmungou o marido de Pascoela.

— Não abuses dos teus dinheiros, argentário! — disse-lhe em tom cavernoso Ananias.

— Bolas, meu amigo! — tornou o Trigueiros com um gesto de enfado ameaçador, cerrando os punhos grandes como pêras de sete cotovêlos. — E o máscara, solene:

— Não batas no profeta que o Senhor te envia como fizeram os de Jerusalêm. «Jerusalêm! Jerusalêm! que matas os meus profetas!...», disse o Senhor. Depois tirou do interior da túnica a sua carteirinha, escreveu, de modo que os circunstantes não lesseu, o que quer que fôsse, deixou cair o papel dobrado no chapéu que o Trigueiros tinha de copa para baixo sôbre os joelhos,

e afastou-se, muito a passo, na cadência trágica, rítmica do Santo António do Brás Martins.

Trigueiros foi à frisa, disse que estava aborrecido, fatigado, que lhe doíam os calos, que se queria deitar. A espôsa não o contrariou; também estava aborrecida; tinha ouvido os versos do Novais; receava escândalo, barulho; e, de mais a mais, o José Macário estava no baile das senhoras Regras, na rua de Santo António, e ela ralada de despeitos, ciúmes, com grande ferro. Em casa, observou que o marido soprava, arrastava as chinelas de ourêlos, e dava ais. Estava afeita àquilo; pegou a dormir, do lado da parede, com as costas envoltas nas rendas da camisa, que faziam crespos sôbre as espáduas escabrosas de ossos e refegos pilharengos. Êle deitou-se também; e, pelo hábito daquelas tribulações, adormeceu, feito o seu plano.

No dia seguinte procurou na Praça o barão do Rabaçal; chamou-o ao pátio do banco Aliança, e contou-lhe o caso do teatro, a sua vergonha, o descrédito da sua senhora, as suas suspeitas realizadas. Tirou da carteira um papelinho: — Aqui leu você o que me deitaram dentro do chapéu. Veja você isto...

O barão leu:

Se tu tens sêde, ó nafário.
Do quebrar uma costela,
Vai quebrar as do Macário.
E não poupes Pascoela;
E, á falta de vet'rinário,
Póde endireitar-lhas ela.

— ¿Que diz você a isto?

— Si é verdade, acho feia acção de meu cunhado, e ponho na rua êle. Sossegue; esta quéstão é cómigo, hein? Mas você, Trigueiros, não faz bem lhe dar crédito a máscarados. Si fôsse cómigo a passagem, escavacava êle, ou êle mi escavacava.

O Trigueiros não era teimoso, opinlático nas suas

idéas; achou razoável o barão; era tolice aceitar uma denúncia anónima das mãos de um pulha mascarado, dalgum inimigo invejoso, intriguista e cobarde.

Mas o barão, cheio de gestos, bufando as palavras, altercava com a espôsa, e lia-lhe a sextilha, que o outro quisera rasgar, e êle guardára para documentar a acusação. A baronesa, muito íntima da Pascoela, sabia tudo; a douda era ardente, expansiva, falava-lhe da sua paixão como de um facto lícito, dum direito conquistado com lágrimas, duma compensação aos dissabores do seu viver com um marido estúpido, parrana, com mau cheiro na bôca e flatulento. Ela sabia tudo, mas negou que seu irmão tivesse negócios, particularidades com Pascoela, prometendo avisá-lo que não désse motivo a suspeitas. O barão replicou que era amigo de Trigueiros, que não queria que os seus familiares desonrassem os seus amigos; e, se José não tomasse juízo, que o punha no ôlho da rua. A filha de Ensébio Macário não tinha resistências, caprichos com o marido. Êle era rude, áspero, esquivo a carícias. Já lhe tinha dito que não queria que o cunhado tivesse demasiadas palestras a sós com a irmã; tinham-lhe contado estroinices, comezanas no Reimão, nos quiosques do Maneta com alguns súcios, actrizes pelintras e mulheres de cavalinhos. Falára ao sogro a êsse respeito; e Ensébio Macário observou que o rapaz era telhudo; muito asno com o mulherio; mas estaria talvez na mão de seu genro corrigi-lo, dando-lhe na sociedade uma posição séria, definida. O barão entendeu que se tratava dum emprêgo na alfândega ou no govêrno civil; prometeu cuidar disso.

Mas a idéa de Ensébio Macário ia mais longe por vias tortuosas, guiado por um condutor que pareceria infame num país menos civilizado. Êle meditava no casamento do filho com Felícia. Sabia que o dote, se ela casasse à vontade do irmão, seriam cem mil cruzados. Nesta bôa comédia da sua fantasia riso-

nha, o personagem do abade pertencia às *figuras que não falam*. O amante de Felícia não pesava nada na consideração de Macário; ao mesmo tempo o barão, prudente e delicado, pensando alguma vez em casar Felícia com o cunhado, não aventára a idéa por entender que as suspeitas relações da irmã com o abade impediriam o consentimento de José Macário, se êle tivesse algum brio. O homem não sabia com que gente se metera, posto que, uma vez ou outra, lhe lembrasse a frase do abade: «Estes Macários são de má raça».

O pai comunicou à filha as suas idéas; — que morreria feliz deixando o José rico pelo casamento com Felícia; que a história do abade eram águas passadas, esquecidas, cousas ignoradas no Pôrto, e que o dinheiro era um sabão que lavava tôdas as nódoas. A baronesa abundava no conceito que o pai fazia do sabão. Não lhe ocorreu contrariedade alguma, a não ser a vontade de Felícia. Prometia palpá-la; que daria resposta.

O abade aparecia de mês a mês; tivera uns leicenços, supurára e melhorára do reumatismo. Revia-lhe sangue renovado, facilitavam-se-lhe as digestões, nutrição rápida a olhos vista. Eufêmia tinha uma justificada basófia da gordura do padre: era um triunfo sôbre Felícia, que o trazia magro, emplastado, todo crunchoso, na espinha. Na freguesia dizia-se que êle era outro desde que a Felícia se fôra. Mulheres beatas atribuíam as melhoras à separação da fêmea, que andára fóra da graça de Deus, empecada dezasseis anos. A Troncha regalava-se de o vêr dentro da graça divina que o engordava com o auxílio de bifes de lombo, de galinhas recheadas e patos assados. Nesta alimentação gelatinosa, o abade provocava tentações, aguilhoadas do inimigo das pessoas fartas. O demónio foge dos anémicos e cloróticos; despreza-os quando os reduz a isso; daí os santos e as santas, as magras Teresas de Jesus e Margaridas de Córtona, os esburgados Antões e Pacómios anacoretas. A Felícia, vendo-o tão

mudado, tão fresco e bom, dava-se interiormente a pêros, sentia-se afrontada, envergonhada da Eufêmia que havia de dizer: «Fui eu que o pus assim». Êle contava à baronesa e à Felícia com intenção velhaca as qualidades impagáveis da Eufêmia, o seu bom govêrno, a limpeza da casa, os petiscos que cozinhava, muita criação de patos e perús, ricos cevados, sabia fazer creme, dôces de calda, e trazia a secar muitas travessas de marmelada. — Estou muito bem — dizia — estou muito bem, graças ao Altíssimo; e trato de comer e beber e passear; a abadia dá p'ra tudo; tenho coadjutor a quem empurro as maçadas; e ando com idéas de me propôr deputado; quero ir até Lisboa; vêr mundo, divertir-me; isto da vida são dous dias. Leve o diabo paixões e mais quem com elas medrou.

A Felícia ganhou-lhe ódio, sem intervalo lúcido de amor nem saüdade, ódio estreme. Quando êle aparecia, sumia-se, detestava-o, pedia a Nossa Senhora que lho tirasse da vista dos olhos.

O José Maeário tratava-o com muita frieza, com secura, modos enfastiados, e dizia à irmã que era preciso acabar com aquelas relações. O barão dissimulava discretamente: tratava-o bem, poucas familiaridades — amigo abade, meu caro senhor abade, venha quando quiser, sempre às suas ordens — e morto pelo vêr pelas costas. O Eusébio Maeário, muito à puridade, confidenciou-lhe que fizesse êle da sua parte por não dar a entender que houve cousas com a irmã do seu genro, que não desconfiava nada por enquanto.

— Então o seu genro é uma cavalgadura maior da marca! — disse o abade. — Não tinha dito em tôda a sua vida nada melhor, o padre.

Uma vez, a baronesa disse ao irmão:

— Vamos conversar a respeito duma cousa muito séria. Olha que o barão já sabe da tua doudice com a Paseoela.

— Sabe? ó diabo! ¿quem lho disse? ¿E deu cavaco?

— Mas muito; ficou levadinho da trúpia; que se não mudasses de rumo te punha no ôlho da rua.

— Ora essa !... por causa daquela catraia !

— Pois sim; mas tu bem sabes que êle é amigo do Trigueiros; e mais já me proibiu de receber a Pascoela; diz que a vão meter no convento. Contaram-lhe na Praça a vida dela. Diz que é uma marafona.

— Muito grande — concordou o cínico — mas ainda as há maiores e ninguêm diz nada delas.

— Não sei; ela não te larga, tem paixão por ti; e, se o marido se torna a queixar, como isto há-de ser é que eu não sei. O que êle quer é o que se faz; e já me disse que quem governa é êle; que ninho atrás da orelha ninguêm lho fazia.

— Palavra ! deixo a pêga, palavra de honra ! Já estou aborrecido; sustento isto por honra da firma. Acho-a muito ordinária. Aquilo endossa-se.

— O quê ? — A baronesa não conhecia o termo comercial. — ¿ O que é *endossa-se* ?

— Empurra-se — explicou. — Passo-a ao Tomé, o da Persiguêda, aquele que tem um cavalo pigarço. Conheces ?

— Eu sei lá quem é !... Olha, ¿ porque não casas tu?

Falou em riquezas, num bom dote, cem mil cruzados. Se êle achasse uma mulher com quarenta contos como a sua cunhada ! Que pechincha ! Que a Felícia, qualquer dia, era pedida pelo comendador Penetra que a não largava; já lhe tinha escrito pelo mulato da cavalhariça; mas ela não gostava dêle. E um fidalgo de Lamego que mandára falar ao barão; mas andava-se a tirar informações. Depois, pintou a felicidade de viverem juntos, tôda a vida, êle com a sua fortuna, senhor de gastar do que era seu, ter uma mulher de bom génio, muito caseira, uma pobre pachola. E de repente, com um alegre arremêsso: — ¿ Porque não casas com a minha cunhada, ó Zé ?

Ela recebia má resposta quando lhe viu esbugalhar

os olhos; mas o José, numa atitude cordata, natural, e umas pausas circunspectas:

— Olha que já tenho pensado nisso algumas vezes, Custódia !... Tenho pensado nisso...

E ela muito jovial: — Ainda bem ! Ainda bem ! Mal sabes que alegria me dás !

— Mas o barão dará os quarenta, ¿ ou isso será palanfrório, estardalhaço ?

— Tu és tolo ! casa tu, que o dinheiro está aqui, está-te nas unhas. Agora, hei-de falar-lhe; que ela faz o que nós quisermos.

O Fístula, desde então, saía pouco de casa, dizia palavras meigas, num tom de doçura contrafeita, à irmã do barão. Não respondia às cartas da Pascoela, que prometia suicidar-se, e dava com a janela na cara do Tomé da Persiguêda, o do cavalo pigarço. Macário tinha diálogos com Felícia, resolvia escrúpulos, ria-se das dúvidas pudibundas da amiga do abade, garantia-lhe a indiferença do Zé, com juramentos, como quem atestava a probidade de seu filho. O barão andava satisfeito, muito risonho com o cunhado, dava-lhe libras, dizia o diabo de Pascoela, e queria que a sua casa fôsse um modêlo de honra. Uma vez, o José para se exprimir sensivelmente, apanhou de surprêsa a Felícia, e deu-lhe alguns beijos famintos, mordentes, sorvidos, cáusticos como ventosas, na cara, no pescoço, com a paixão quente e descomposta de um noivo moderno, como os de Teixeira de Queiroz. Ela safou-se muito admirada, muito escarlate, num incêndio de pudor que faria a alegria dos anjos.

XI

Num dia de junho de 1850, o abade de S. Tiago da Faia, muito inflamado, entrou no hotel da Águia, na Batalha, e comeu, atabalhoado, muito alvoroçado, com gestos de doudo, uma costeleta que empurrava com tragos de vinho. Desceu ao botiquim, e pediu café e cana. Havia pouca gente. Homens de grandes cabelos, sem bigodes, com fraques coçados no fio e cadeias vistosas de latão a tremeluzir nas calças brancas espipadas nos joelhos e avincadas de surro, bebiam cerveja da pipa com os queixos espumosos. Eram actores da companhia do João Manuel, vocações de tripeça falsificadas na rampa. Em outra mesa havia homens de aspecto bilioso, grisalhos, com óculos, que liam o *Periódico dos Pobres* em voz alta, e chamavam ladrão ao conde de Tomar, e malandro ao Joaquim Torcato. Eram pessoas desasadas, desencadernadas, que tinham tido patentes militares na Junta suprema, e viviam do jôgo com baralhos marcados e muita habilidade no uso do pêgo. A um canto estava um vélho de semblante lívido, muito desgraçado, com um chapéu enorme de sêda dum azulado decrépito, com um grande cigarro no canto da bôca. Ao lado, sôbre um môcho, via-se uma guitarra com manchas gordurosas de suor

que punham brilhos, e aos pés um cão de água com o felpo encarvoado, cheio de torcidas, encaroçado, dormia, e acordava de salto, apanhando com muita fúria, no ar, as moscas que lhe picavam nas orelhas. Era o José das Desgraças, o legendário mendigo, que morreu de saüdades do seu cão, agravadas pela fome.

Entrou no café um sujeito gordo, bem vestido de preto, cara rapada, com óculos azúis e bengala de castão de prata.

— Um café!

— Pronto, senhor doutor Viegas — disse um rapazola em mangas, vestindo a blusa para servir o café. — Cognac?

— Sim, e charutos de pataco.

O abade, ouvindo proferir *Viegas*, lembrou-se do facultativo que estivera em S. Tiago da Faia e levára a sova de Eusébio por causa da Canelas. Reparou; mas não podia ser. O outro, que êle ainda conhecêra, era magro, escanifrado, côr de terra sêca, não tinha óculos, e usava bigode e pêra. Não podia ser.

Chamou o rapaz, e mais por curiosidade que por verificar, perguntou-lhe:

— ¿Aquele senhor doutor Viegas é cá do Pôrto?

— É, sim, senhor; é o médico do hospital do Têrço.

— Sim? é médico? Então pode ser; mas está muito mudado — pensava. — Vou-me desenganar.

Levantou-se, foi direito ao Viegas que o encarava por cima dos óculos, dobrado sôbre a chávena, e disse:

— Vossa senhoria há-de perdoar a minha confiança. Ouvi chamar-lhe doutor Viegas. ¿Dar-se há caso que vossa senhoria seja um que estava aqui há trezc anos em Cabeceiras de Basto?

— Sim, senhor, sou eu mesmo — respondeu, olhando-o a fito, e exclamando com o ímpeto da surprêsa: — Ó abade! você é o abade de S. Tiago da Faia!

E erguendo-se, abraçaram-se numa grande cordialidade de barrigadas; que nunca mais se tinham visto;

que se lembravam um do outro a miúdo; que felizes tempos! as ilusões da mocidade; as fôrças desperdiçadas em asneiras aliás agradáveis; que o dinheiro dava regallas; mas não dava a felicidade. E então o Viegas contou que fôra para o Marco de Canavezes fazer clinica depois que salu de S. Tiago; que casára bem com uma viúva que salvára dum tifo; e, como estivesse aborrecido da aldeia, liquidára em bôas libras a fortuna da mulher, e mudára a residência para o Pôrto, com tenção de estudar, e ir a concurso de alguma cadeira vaga na escola médico-cirúrgica. Que para se entreter se anunciára nos jornais como especialista de moléstias de fígado em que tinha feito profundas análises e experiências. Começou a ser consultado com tanta felicidade que em poucos anos adquirira grande reputação, principalmente com os brasileiros.

Que tinha enviuvado, e passára a segundas núpcias com uma senhora fina de quem tinha três rapazes e uma menina; que era médico de vários hospitais; e abandonára a idéa do magistério por não querer lutar com a corrupção do júri da escola. Disse os nomes dos que vendiam o voto por dinheiro, por influências de mulheres devassas, por politica; de resto, eram todos umas dscompassadas bêstas, a vergonha da sciência e do país. Disse que o doutor Assis tinha sido barbeiro antes de emigrar, e que o Braga dos Lavadouros, o quinhentista, de camélia na mão e barbas de Hipócrates, era uma lâmina que num país onde houvesse crítica e proto-medicato seria um simples enfermeiro de hospital. O Viegas tinha sido excluido em três concursos, como ignorante e desmoralizado; sobejavam-lhe razões de queixume.

Saltaram para outro assunto:

—¿Que me diz você, abade, à baronesa do Rabaçal?

—¿Pois já sabe?

Pois não havia de saber! Êle era médico do co-

mendador Aguiar. Sabia tudo! Que a tinha visto de calecha, com o marido, e com o pai, o boticário, o Eusébio — e batia-lhe no ombro — o marido da Rosa Canelas. — E aquele garoto, o Zé, ¿que me diz você àquele Zé? Anda por aí bem montado, a quebrar as calçadas, de lunela, com histórias escandalosas, metido com uma Trigueiros, muito safada. É verdade! ¿e a Felícia? Também a tinha visto no teatro; parecia uma vélha dama de copas, com muitos caracóis e muitos ouros, com ares palermas, a olhar para o teto, e a apontar para as figuras. ¿Como se despegára o abade daquela bôa praça?

O abade, suspirando, com ares cínicos:

— ¿Como me despeguei? O irmão tinha chelpa, e ela raspou-se. Adeus, minha vida! Entrou outra. Estupores que me comam a abadia são às dúzias: é a mim, a mim! Mas você não sabe tudo pelo que vejo. Não sabe que a Felícia casou.

— ¿Que me diz, abade? Lá que ela vinha a casar sabia eu, porque o Aguiar me disse que o irmão lhe dava um grande dote, quarenta contos. Casava com quem quisesse.

— Pois casou com o José Macário, casaram ontem, ali em Santo Ildefonso, às seis horas da manhã, e partiram no vapor esta manhã para Lisboa, os canalhões.

Viegas gargalhava, e dizia: Oh! que pulhas! que pulhas! que pandilhas! que malandros!

— Deixe-me contar-lhe, Viegas; ouça, que isto tem graça... Dê cá o lume — e acendia o cigarro, impando as bochechas com muito fumo, que engulia e resfolegava, soprando a cinza. — Eu lhe conto. Aqui há tempos a esta parte, o barão e mais a porca da mulher, e o corno do sogro, olhavam-me de esguelha. Eu compreendi a cousa; mas fiz que não entendia, porque — veja você o diabo! — eu gostava da Felícia; era uma mulher de apelile, muito bem conservada, carnes rijas,

como isto — e batia no mármore da mesa com a mão espalmada — uma grande mulhêr, uma perfeição. Depois a costumeira de dezasseis anos; estava afeito; por mais asneiras que fizesse por fóra, aquela era preferida cá neste diabo desta cousa que se chama coração. Gostava de a vêr, vinha aí de mês a mês: não lhe podia falar; a bêbeda fugia de mim; mas eu por mais que fizesse, não podia esquecê-la. Cheguei a chorar, doutor, cheguei a chorar como uma criança, escondido...

— Mas você está bom e gordo, abade! — observou o clínico.

— Isto foi depois que o tempo me foi curando, meu amigo; mas, ao primeiro, estive como um arenque. Não faz idéa, doutor!... Aqui há três dias, mandei ao barão dous presuntos e três dúzias de salpicões, e escrevi-lhe que chegava hoje ao meio dia, e lá ia bater ao ferrôlho para jantar: Chego à porta, e diz-me o guarda-portão: «Os senhores foram hoje p'ra Lisboa». — Todos? — Todos; foi o snr. Eusébio, e mais o snr. Josèzinho e a senhora dêle... — ¿O snr. José Macário casou? — Casou ontem com a mana do senhor barão; casaram de madrugada e foram estar dous meses na capital. Diz que iam p'ra Sintra.

Fiquei estarrecido, imagine você! E o guarda-portão a olhar p'ra mim: — Pois é verdade. Aquele pechinchou. O senhor barão dotou-a com cem mil cruzados em dinheiro; fez-se a escritura antes de ontem; e de mais a mais, ela é verdade que não é nova, mas ainda tem muito que romper. Quando foi p'r'á igreja ia aí arreada que parecia uma princesa! fazia muita vista! um bom bocado!

— Que corja! — não pude deixar de dizer — que corja! — Meti esporas à égua, fui guardá-la na estalagem do Cantinho, e andei por aí como uma alma penada, capaz de lhe escrever uma carta ao Fístula, àquele pelintrão, descarado, e dizer-lhe que tivésse vergonha, que se enforcasse; que eu ia atirar às fôlhas a

vida de Felícia, da safardana, que eu tirei de guardar cabras em Barroso.

— Não faça isso — aconselhou o Viegas — não faça isso, que lhe fica mal, e nada remedeia. Coração ao largo, abade. Receita de médico: o pêlo do mesmo cão. Vingue-se conservando essas bôas aparências de saúde; e para não estar a malucar, venha dal comigo, vamos dar um passeio.

Estava, pois, constituida e bifurcada a *família-Macário*, no tempo dos Cabrais, cujo reinado expirou no ano seguinte. Horizontes novos vão rasgar-se. Adubos tão crassos devem rebentar em vegetações feracíssimas.

*

O abade, dias depois, reconciliado com a desgraça, entrava na residência, e perguntava a Eufêmia:

— Ó rapariga, ¿ tu tens irmão no Brasil ?

— ¿ Porque perguntas isso, ó idolatrado ?

— É que, se tivesses, qualquer dia êle entrava por aí dentro barão; e eu, nesse caso, precisava ir desde já deitando o ôlho a quem me viesse governar a casa.

E ela, explosiva de riso e ternura:

— Isso é o que tu querias, idolatrado !

E punha-se a catá-lo.

Eufêmia, quando era costureira de M.me Guichard, teve um segundo-sargento a quem chamava o seu idolatrado. Depois dêsse teve nove, uma súcia, incluso o abade, todos idolatrados. Ela ardera muito sem se gastar, como a sarça de Moisés. Cada vez mais gorda e fresca!. O abade, em momentos de rapto religioso, dizia cheio de unção: Os céus indemnizaram-me da ingratidão da outra bêbeda.

FIM

HISTÓRIA

ESTUDOS

PARA A FORMAÇÃO DO LIVRO

D. ANTÓNIO, PRIOR DO CRATO

E SEUS DESCENDENTES

PREFAÇÃO

A PARTE histórica dêste livro, relativa a personagens da parcialidade de D. António, prior do Crato, não deve considerar-se fragmento do livro que intento escrever àcêrca do filho do infante D. Luís e seus descendentes. É apenas um bosquejo de biografias estudadas com o fim de me ir familiarizando com os indivíduos mais notáveis do partido do pretensor, a quem faltava legitimidade e dignidade para rei em época tão perigosa e minguada de amor pátrio, de fôrça e de virtudes. Como estudos, estas biografias poderão tolerar-se; como processo histórico seriam imperfeitíssimos quadros da monografia delineada.

A Fernandes Costa

Tenente de artilharia e escritor publico

Conheço apenas de nome o escritor exemplar a quem ofereço êste livro. Ele que mo aceite como um apêrto de mão dado por homem que não sabe lisonjear. É já agora raridade nas letras portuguesas um entendimento lúcido que esplende em linguagem cheia das antigos encrgios portuguesas rendilhados com buril moderno. Quando assim encontro um companheiro neste areal estéril, para e curvo a cabeça coberta das cabelos brancos que precocemente alvejaram na lido de escrever, não direi oecrbo, porque o trabalho é uma consolação — ò consolação dos deveres cumpridos.

S. Miguel de Seide, Maio de 1879.

I

DUARTE DE CASTRO

Desde o reinado de D. Manuel há memórias de se haver chamado *Fangas da Farinha* o espaço hoje ocupado, em Lisboa, pelo tribunal da Boa Hora, parte da rua do Almada e travessa de S. Nicolau. Aí se inaugurou no começo do reinado de D. João III o primeiro *Pátio de Comédias* que teve Portugal por concessão dum opulento cristão-novo, senhor do terreno contíguo à sua vasta casaria, de cujos balcões manuelinos êle gozava talvez as representações dos Autos de Gil Vicente e António Prestes. Desde 1550, aquela casa, convizinha do *Pátio*, chamou-se o «palácio dos senhores de Barbacena» por motivo que logo direi aos poucos que o desconhecerem; mas naquele ano era Antão de Castro o rico possuidor da casa e do *Pátio*. Êste homem descendente de hebreus, transigira com as prescrições de D. Manuel e convertera-se mais ou menos sinceramente; ao passo que os seus parentes se exilaram em

Amsterdam, onde ainda no século passado havia os Castros, ramificações desta poderosa família de Lisboa, que ainda hoje as tem no Pôrto e em Trás-os-Montes [1]. Antão de Castro teve dous filhos: Diogo e Luís. Sem embargo da nódoa israelita, casou Diogo com Brites Vaz, de família ilustre, prima do tristemente célebre Tristão Vaz da Veiga, que se vendeu com a fortaleza de S. Julião ao duque d'Alba. D. João III, que em crises do erário, recebera donativos valiosos do hebreu converso, fizera-lhe os dous filhos cavaleiros da Ordem de Cristo e fidalgos da casa rial. Depois a rainha D. Catarina, regente, quando foi do cêrco de Mazagão, pedira-lhe emprestados 150:000 cruzados. Os Castros deram a enorme quantia e dispensaram a rainha de os embolsar. D. Sebastião, para galardoar tão rara liberalidade, amerceou-os com honras de fidalgos solarengos na quinta do Rio de Sacavem, permitindo-lhes que se assinassem *Castros do Rio*, por CARTA de 15 de julho de 1569 [2].

---

1 Antão de Castro e Manuel Caldeirão eram, no começo do século XVII, os negociantes mais ricos de Lisbôa depois de Heitor Mendes de Brito, que allou seus filhos às famílias de primeira classe. Naquele tempo, era vulgar o dito proverbial: «há de mister a renda de Heitor Mendes.» Um dêstes Mendes, de alcunha o *Beurquiste*, quando a feitoria de Anvers não pôde pagar 300:000 cruzados, dívida de D. João III, pagou-a êle, o hebreu, em reconhecimento no pai do devedor que o deixara arder, se êle não preferisse a fuga para judaizar livremente. Os Mendes e os Caldeirões que ficaram na pátria judaizavam a ocultas, como provou a Inquisição, condenando uns à cárcere e outros à fogueira.

2 Fr. Manuel de Santo António, autor do TESOURO DA NOBREZA DE PORTUGAL, ms. existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, traslado do original, que possuo, com 836 brazões iluminados, erra a data da carta, datando-a de 1561, e o snr. visconde de Sanches de Baena igualmente no seu ARQUIVO HERÁLDICO pag. 138, n.º 545. D. Sebastião em 1561 tinha sete anos, e começou a reinar em 1568. Nenhum dêstes genealógicos ou copistas de genealogias menciona uma ressalva estipulada na carta de fidalguia solaren-

Diogo de Castro do Rio comprou por êsse tempo a D. Jorge Henriques, senhor das Alcáçovas, o senhorio da vila de Barbacena por 25:000 cruzados, vinculou-o e formou um vastíssimo morgadio. Desde então a casa do mercador das *Fangas da Farinha* nobilitou-se em «palácio dos Barbacenas», assim conhecido até 1755. Diz fr. Bernardo da Cruz na CRÓNICA DE EL-REI D. SEBASTIÃO, pag. 296, que Diogo de Castro *por mercância chegou a ajuntar e deixar em a morte novecentos e tantos mil cruzados.*

Teve Diogo de sua mulher Brites Vaz os seguintes filhos:

1.º Martim de Castro do Rio, segundo senhor de Barbacena, que casou com D. Margarida Henriques, filha de Jorge Furtado de Mendonça. Desta aliança procede a casa de Barbacenas, cujo sétimo visconde e segundo conde, famoso general do senhor D. Miguel de Bragança, morreu em 25 de agosto de 1854. Este Martim de Castro esteve na batalha de Alcáçar, foi chamado para conhecer o corpo de D. Sebastião acutilado, e não póde decidir-se: tal era a deformidade do semblante contuso e roxo das excoriações. (CRÓNICA DE D. SEBASTIÃO citada, pag. 296.) Demorou-se em Marrocos alguns meses, e foi dos primeiros resgatados [1].

---

ga concedida aos dous Castros do Rio. Joaquim José Ferreira Gordo, visitando em 1790 a Biblioteca Rial de Madrid encontrou na *Est. II* n.º 51, fl. 174, em papeis de D. Sebastião a *Carta por que faz fidalgos de solar conhecido a Diogo e Luís de Castro e descendentes de um e outro* SEM EMBARGO DO DEFEITO DE NASCIMENTO. (MEMÓRIAS DE LITERATURA PORTUGUESA, tom. III, pag. 49).

Por causa desta procedência de *defeito de sangue* diz o TIÇÃO DO INFERNO (*Notas* às árvores dos costados de D. Tivisco, ou Manuel de Carvalho de Ataíde, ms.) que os senhores da casa de Barbacena *nunca puderam habilitar-se no Santo Ofício.*

1 Martim de Castro do Rio era poeta. No CATÁLOGO

2.º Duarte de Castro, de quem falarei largamente.

DOS MANUSCRITOS DE ÉVORA, tom. II, pag. 97, arquiva-se um soneto dêste segundo senhor de Barbacena que principia:

Pede-me de si mesmo o tempo conta:

mas de certo não foi com o soneto que êle se fez amar de D. Margarida. * Estes Furtados de Mendonça eram pouco briosos de sua prosápia ou estavam muito de quebra com o dinheiro. Desta mesma casa e pelo mesmo tempo. D. Catarina da Silva casou com André Caldeirão, filho de Manuel Caldeirão, cristão-novo muito rico. Uma irmã dêste André casou com Jerónimo de Veiga Cabral, filho de Tristão Vaz da Veiga, o infamado governador do castelo. Desta aliança procedem os Veigas Cabrais de Trás-os-Montes. Outro irmão daquele André foi lente em Coimbra e desembargador dos agravos. A Inquisição teve denúncia de que êle judaizava, e meteu-o no cárcere do Rocio. Em 21 de abril de 1632 saíu o vélho desembargador no auto-de-fé que se fez na Ribeira, onde lhe meteram na mão uma vela enquanto lhe liam a seguinte sentença: *Acordam os inquisidores, ordinários e deputados da santa Inquisição, que, vistos êstes autos e os urgentes indícios que dêles e da justiça resultom contra Francisco Caldeirão, cristão-novo, doutor em leis, lente jubilado na Universidade de Coimbro, desembargador dos agravos do casa da suplicação, natural e morador desta cidade, réu prêso que presente está, de êle, depois do último perdão geral, viver apartado da nossa santa fé católica e de ter crença na lei de Moisés, esperando salvor-se nela, e de a comunicar com pessoas da sua nação, apartadas da fé, declorondo-se com elas por judeu, e de fazer seus ritos e cerimónios, e de se achor em ajuntamentos judaicos saiens. O que tudo visto e o mais que dos autos consta, havendo respeito à qualidade da prova da justiça não ser bastante para maior condenação, mandam que o réu em pena e penitência das suas culpas vá no auto-da-fé na fórmo costumada, com uma vela na mão accsa, nele ouça a sua sentença e faço abjuração do vemente*

---

* Miguel Leitão de Andrade na sua *Miscelânea* imprime um soneto que principia:

O tempo já de si me pede conta.

Como imprimo versos alheios sem os autorizar, pode ser que êste soneto seja o de Martim de Castro.

3.º D. Beatriz, mulher de D. Jorge de Menezes, filho do sétimo senhor de Cantanhede [1].

---

suspeito na fé e por tal o declaram, e terá cárcere a arbítrio dos inquisidores, e será instruído nas cousas da fé necessárias à salvação da sua alma, e cumprirá as mais penas e penitências que lhe forem impostas, e pague as custas. — DIONÍSIO OSÓRIO DE CASTRO.

Este cristão-novo tinha sucedido nos vínculos instituídos por seu avô, em consequência da morte de André sem geração. Era muito rico e tinha cinco filhos e duas filhas. Manuel, o mais velho, envergonhado da desonra do pai, renunciou os morgadios e fez-se crúzio; passou a casa a um irmão que morreu sem descendência, e depois a um Rodrigo, que casou com sua prima, neta de Tristão Vaz da Veiga. Este casal produziu o maior dissipador que viu Lisboa naquele século, Francisco Caldeirão da Veiga Cabral que esbanjou centenares de mil cruzados e deixou três filhas, as chamadas *Caldeironas*, que de miseráveis passaram a ridículas, e viviam em 1720 enxovalhadas pelos poetas. Tinham um grande vínculo que o pai não pudera alienar, o morgadio dos Caldeirões que seu primo João da Veiga Cabral, mestre de campo dos auxiliares de Vila Rial, lhe tirou com revoltante injustiça. Um irmão dêste sujeito escreveu a genealogia da sua família; mas daquele desembargador seu avô, que saíu no auto-da-fé, apenas lhe lembra os postos honrados que êle teve na magistratura. Foi êste empavezado genealógico governador da praça Nova Colónia do Sacramento. Roubou em barda. Veio rico, e fez-se governador de Abrantes. Em 1720 voltou ao Brasil, onde ainda tinha que explorar. Prenderam-o lá, e remeteram-o a Lisboa, em cujo castelo morreu por 1730. Foi pena que êle não se inscrevesse na sua árvore heráldica adornado com as qualidades que o levaram ao castelo de S. Jorge. Da descendência de seu irmão João da Veiga Cabral saíu um bispo de Bragança que, no princípio do século actual, fazia milagres, e também saíu o brigadeiro barão de Paulos, do tempo do senhor D. Miguel, muito notável não por estratégia, mas pela fôrça hercúlea com que partia uma ferradura entre os dedos. Conheci em Vila-Rial as últimas representantes de Caldeirões Veigas Cabrais. Eram duas velhinhas que viviam em extrema pobreza, e pareciam estar pagando a miséria a que seu quinto avô reduzira as celebradas Caldeironas de Lisboa, de quem eu dei copiosa notícia no tom. 1 da CAVEIRA DA MÁRTIR.

1 Este D. Jorge era já casado quando ficou cativo em

4.º D. Maria do Rio, mulher de D. Francisco de Moura, estribeiro-mór do infante D. Duarte. D. Francisco morreu em Alcáçar; e ela casou em segundas núpcias com Antão de Oliveira de Azevedo, estribeiro-mór do cardeal-rei. Acabou a descendência do primeiro marido em 1649 na pessoa de D. João Teles de Menezes.

Alcáçar. É do número dos primeiros oitenta fidalgos resgatados. Sua sogra Brites Vaz emprestou-lhe 2:000 cruzados para ajuda do resgate, e deu-lhe mais, além do dote da filha já esbanjado, 4:600 cruzados para compra de terras e vassalos em S. Silvestre do Campo, no têrmo de Coimbra, onde êle com a mulher e sogra vivia em 1580. Tinha D. Jorge um irmão, D. António de Menezes, que rejeitára D. Maria, irmã da cunhada, apesar do grande património; e porque era quási pobre ficou nas sejanas de Fez até mais tarde. Regressando à pátria, procurou em Paris D. António, prior do Crato, foi do seu conselho de estado, e morreu exilado, deixando dous filhos ilegítimos, um dos quais andou no serviço de Espanha; mas mudou de nome e chamava-se Joseph Furtado. (Vej. JORNADA DE AFRICA, por H. de Mendonça; HIST. GENEAL. DA CASA RIAL, tom. V, pag. 273; GENEAL. ms. de *Montarroyo*, art. MENEZES). D. Jorge foi perseguido e temporàriamente desterrado por Filipe II como suspeito de inteligência com o irmão residente em França. Em louvor de ambos escrevia D. António ao Papa Gregório XIII na carta latina que está vertida para francês em o livro intitulado EXCELLENT ET LIVRE DISCOURS, etc., impresso em 1607: *Ce mesme Prince* (Filipe II de Castela) *a traicté tellement* liberalement *Dom George et Dom Anthoine de Meneses, fils de Dom Jean Seigneur de Cătanhede et nepveus du fils du Comte de cette mesme ville, de maniere qu'il apprehenda celui-là, et contreignit l'autre, aprés l'avoir fait chercher par les champs, forets et bois de se refugir finalement en France. Au reste Dom Anthoine de Meneses, outre que tous scavent qu'il est procreé de tres-noble sang (car cela est commum à la tres-ancienne famille de Meneses) perdit les tres-amples et tres-riches jurisdictions et dignitez de Zofala et Mozambique desquelles il avoit esté honoré du Roy Dom Henrique, et non sans grande louange et gloire les laissa au Roy tres-avaricieux.*

Os haveres de D. Jorge e Beatriz, cuja descendência acabou, estavam no século XVIII, quando o padre Carvalho escreveu a COROGRAFIA, na casa de Cantanhedes e Marialvas.

5.º D. Isabel de Castro, primeira mulher de Aires Teles de Menezes, alcaide-mór da Covilhã, que ficou cativo em Marrocos e morreu logo depois do resgate.

Sabe-se pois com quem fidalgamente casaram os netos de Antão de Castro, opulento mercador das *Fangas da Farinha;* não pude, porêm, apesar de muito lidar com genealogias, descobrir com quem casou Duarte de Castro do Rio, o imediato ao segundo senhor de Barbacena. Veremos depois que fortes razões se deram para que os linhagistas, quási sempre abjectos e servis, expungissem o nome da mulher infamada pelo marido.

Nasceu Duarte de Castro cêrca do ano 1552. Esteve na batalha de Alcáçar, como seu irmão Martim e seus cunhados D. Jorge de Menezes, D. Fernando de Moura e Aires Teles. O seu nome devia tê-se no rol dos mais poderosos que primeiro se resgataram ou com o de seu irmão Martim que se remiu por 15:000 cruzados, e está na lista que Mendonça fez dos cativos em Marrocos. Como não se lê em algum dos róis é de presumir, se não certo, que fôsse um dos cavaleiros que bateram de noite às portas de Arzila, e deram a perceber que ia ali o rei para que lhas abrissem. Como quer que seja, frei Bernardo da Cruz escreve na CRÓNICA, pag. 292: «...Sem escaparem daquela batalha mais que cinqüenta «homens pouco mais ou menos, entre os quais fôram «êstes fidalgos: D. Rodrigo, pagem do arremessão de «el-rei, D. Diogo de Meto, um filho de Lôpo Vaz de «Melo, Duarte de Castro do Rio, Tomé da Silva e Gas«par de Sousa Lôbo». Aquela minha conjectura tem bom fundamento, se não me engano; porquanto o segundo do grupo que frei Bernardo da Cruz nomeia é *Diogo de Melo;* e foi êste, refere a história, quem fingiu D. Sebastião em Arzila, dando-se ares de monarca, no ar misterioso e cabisbaixo com que entrou na fortaleza. Parece que o frade de propósito quis apontar os cinco fugitivos, citando-os entre os poucos que escaparam; e eu não duvidarei escrever hoje em uma mo-

nografia da batalha de Alcáçar, e no vergonhoso episódio, aqueles nomes ignorados. O corregedor da frota Diogo da Fonseca deu-lhes escapula metendo-os a bordo do galeão *S. Martinho*, que os transportou sãos e salvos a Lisboa. Diogo de Melo suplicára ao corregedor que o salvasse e aos seus inocentes companheiros das iras do povo, já sabedor do engano. Depois do heroísmo da fuga aos sarracenos seria desmerecida desgraça que morressem apedrejados em Arzila tão primorosos cavaleiros! Quanto ao algarismo pouco mais de cinqüenta a que restringe a crónica os vivos — êrro repetido por Manuel de Faria e Sousa — veja-se *Hieronymo de Mendonça*, na JORNADA DE AFRICA. Só os primeiros que se cortaram em 400:000 cruzados eram oitenta; e pouco menos seriam os cativos em Marrocos [1].

Aparece depois êste Duarte de Castro entre os mais

---

1 Os nomes dos fugitivos que ardilosamente se meteram em Arzila parece que foram desconhecidos a Miguel Leitão de Andrade que teve parte na desastrosa batalha. Expondo a causa das dúvidas sôbre a morte de D. Sebastião, escreve: «...o que fez duvidar a muitos ser êste o corpo de D. Sebastião, e que êle se salvára da batalha foram uns embuçados que na mesma noite da batalha entraram em Arzila e se embarcaram embuçados em um navio da armada... Onde eu quisera que (Hieronymo de Mendonça) pois disso deven ter informações verdadeiras (do que eu nada sei) e teve razão de saber quem fôssem êstes embuçados, os houvera de nomear para se fazer com êles diligência por não dar matéria de mais dúvida, pois nisso se arriscava tanto menos, principalmente porque nenhuma ignomínia foi salvar-se de uma batalha tão perigosa... Porém, pois êste embuçamento deu causa ainda a tantas desventuras, mais fôra muito bom que Pero de Mesquita que era capitão em Arzila publicára ao mundo todo quem foram êstes embuçados, e que Hieronymo de Mendonça os desembuçára de todo, e ainda que nisso se lhes seguira aos mesmos grande menoscabo de suas pessoas, os houvera de nomear pela maior obrigação que temos ao bem comum do reino e à nossa rèpública». MISCELÂNEA DO SÍTIO DE NOSSA SENHORA DA LUZ DO PEDRÓGÃO GRANDE, pag. 189, 1.ª edição.

estrénuos amigos de D. António. Não o encontro, é certo, na aclamação tumultuosa do prior em Santarêm, com D. Francisco de Portugal, com António Baracho e seu irmão Gabriel, fidalgos de Vila Franca de Xira que soltaram intrépidamente o *Rial*, *Rial por D. António* [1]. Nas primeiras agitações do filho do infante D. Luís, os livros e códices que consultei não nomeiam Duarte de Castro; mas, no regresso do prior, já aclamado rei, para Lisboa, distingue-se o irmão do segundo senhor de Barbacena entre os mais ardentes faccionarios do monarca português. É êle quem vai a Belêm com o propósito de prender João Telo e Diogo Lopes de Sequeira com outros partidários de Castela: não vinga o intento; mas consegue apossar-se de Vasco de Sequeira e dum irmão de Diogo Lopes que já iam mar dentro quando os forçados da galé remaram para terra e entregaram os fugitivos ao partidário de D. António. É êle quem os conduz ao passo da Ribeira, e o prior, por um insólito rasgo de generosidade ou indulgência política, despediu-os perdoados, e com isso os arrebanhou no seu partido [2]. Depois, quando D.

---

1 Rebelo da Silva, no séquito dos historiadores espanhóis e italianos, escreve que António Baracho, primeiro aclamador de D. António, era um oficial mecânico. (HIST. DE PORT. NOS SEC. XVII E XVIII). Não é verdade. Os Barachos eram das famílias principais de Vila Franca de Xira, e tem o seu brazão no LIVRO DOS REIS DE ARMAS, e copiado por frei Manuel de Santo António, reformador do cartório da nobreza, no seu TESOURO DA NOBREZA DE PORTUGAL. António Baracho era do conselho de estado de D. António quando o pretensor foi à ilha Terceira. Filipe II de Espanha o excluiu do perdão com outros importantes fidalgos. Na lista dos fidalgos da côrte de D. Manuel e D. João III aparecem *Barachos*. Vej. HIST. GENEALÓGICA DA CASA RIAL.

2 COLECÇÃO DE DOCUMENTOS MANUSCRITOS DO SÉCULO XVI, NA MAIOR PARTE TOCANTES AO TEMPO DE EL-REI D. SEBASTIÃO. Códice da Biblioteca Pública do Pôrto, herdado do conde de Azevedo. Possuo traslado.

António, à frente de oito mil entusiastas, vai a Setúbal com inútil aparato e estéril jactância, já quando Elvas, Extremoz e outras praças se entregavam ao duque d'Alba, Duarte de Castro segue-o com cem aventureiros, a quem dá mesa franca [1].

Pode ser que fôsse êle quem agenciasse a adesão de seu parente Tristão Vaz a transgredir a fé jurada aos governadores do reino, prometendo entregar a fortaleza de S. Julião por quatro mil escudos ao filho de Violante Gomes. Sabe-se por Herrera, que os validos de D. António eram alternadamente o bispo da Guarda, D. Francisco de Portugal, D. Manuel de Portugal, Diogo Botelho e Duarte de Castro [2]. Achámo-lo depois na batalha de Alcântara promovido a general de cavalaria. Não admira tão alta patente em sujeito que vira um campo de batalha para fugir, quando os capitães dos terços eram frades de S. Francisco. Do lado dos portugueses o general de cavalaria era um curioso cobarde; do lado de Castela era o experimentado e aguerrido D. Fernando de Toledo. Por isso mesmo encontramos depois Duarte de Castro, D. Francisco de Portugal e D. Manuel de Portugal fugindo de Alcântara com D. António. Não é fácil saber se o improvizado general seguiu o derrotado prior para o Minho, se se ocultou em Lisboa: a segunda hipótese se me figura a mais aceitável, porque não encontro o seu nome entre os que acompanharam o pretensor a Coimbra, Aveiro, Pôrto e daí até aos arrabaldes de Viana.

Desde 25 de agosto de 1580, dia da batalha de Alcântara, até 27 de maio do ano seguinte não acho notícias de Duarte de Castro. Nesta última data era êle prêso em Medina del Campo, com mais dois cavaleiros portugueses, por soldados de Valladolid em casa de

---

1 IDEM.

2 CINCO LIBROS DE LA HISTÓRIA DE PORTUGAL, liv. III.

Cristóvão de Evan, português que ali residia. Duarte de Castro tratava de fugir para França e levava consigo 10:000 cruzados (escudos) em ouro que os espanhóis lhe tiraram [1].

Duarte de Castro, para salvar a vida e os haveres, obteve dos ministros de Filipe II a liberdade, prometendo entregar ou matar D. António. Esta abrupta transição não deve espantar-nos; mais espantoso seria a Duarte de Castro o espectáculo do patíbulo de Diogo de Menezes, de Henrique Pereira de Lacerda e de Pedro de Alpoim. Se acreditarmos Faria e Sousa, o general de D. António farejava, regressando a Lisboa, o esconderijo de seu amo; porém, por fim de maio ou princípio de junho saíra o espionado prior do Crato para Calais, embarcando em Setúbal [2].

Malograram-se portanto as pesquisas de Duarte de Castro em Lisboa. Foi procurá-lo em França, e ali o esperou de volta de Inglaterra. O embaixador Saint-

---

1 Documento da Bibl. Real de Paris, Negociações de M. de Saint-Goard, Códice 228-6, docum. 32, em espanhol, citado pelo visconde de Santarém na 1.ª parte do tom. IV do QUADRO ELEMENTAR, pag. CXI.

2 Rebelo da Silva, seguindo Mad. de Saintonge, erradamente diz que D. António saíra para França em 6 de janeiro de 1581. Não me inslnuam grande crédito as afirmativas de Manuel de Faria e Sousa; mas, em concordância com os ofícios de Saint-Goard, embaixador de França em Madrid, são aceitáveis. Faria (EUROPA PORT., tom. III, pag. 87) diz que *estando ya Felipe en Portugal, y corriendo en duda el lugar adonde estaria D. Antonio, imaginandose que en Francia, se vino a descobrir que escondido en el reyno, tratava de salir... Anduvo escondidamente por todo el reyno desde octubre hasta junio.* Devera dizer desde agosto, que foi o mês da batalha de Alcântara. Saint-Goard participa à sua côrte em 3 de junho de 1581 que D. António partira de Lisboa. Esteve, pois, o prior dez meses escondido em Portugal, e a maior parte dêsse tempo passou-o nos arrabaldes de Viana, em Darque, no Paço de Anha, pertencente a um António Ferreira, de quem procede a família *Agorretas* de Viana.

Goard não cessava de lhe espreitar os passos, informando-se com os seus espiões na côrte de Filipe II. Em 4 de dezembro avisava o seu govêrno que de Lisboa saíram emissários para matar D. António e D. Francisco de Portugal (indevidamente chamado conde de Vimioso, como demonstrarei no terceiro *Estudo*); e em 29 do mesmo mês, em ofício enviado ao rei de França, participava que D. António, segundo avisos que recebera, se encaminhava para Tours e levava consigo Duarte de Castro, o qual «recobrára a liber-«dade por inteligências que tinha com el-rei católico «provavelmente para tentar alguma cousa contra D. «António... [1]».

Henrique III provavelmente comunicaria a D. António as revelações secretas do seu embaixador. Não se manifesta, ainda assim, o menor procedimento de castigo ao pérfido, ou porque o prior não acreditou, ou porque aceitou o conselho de Saint-Goard que, na mesma participação ao rei, ajunta «como opinião sua, que «D. António faria bem dissimular com o referido Cas-«tro a lhe descobrir as suas tenções, bem como a «de alguns castelhanos». No entanto, os ministros de Filipe, para colorirem a missão do traidor, envolvem-no em o número dos fidalgos não amnistiados e conservam em sequestro os seus grandes haveres. Era uma esperteza estólida. Se Filipe não perdoára ao general de D. António, ¿para que lhe abriu as portas do cárcere de Valladolid?

No decurso dêsse tempo houve tentativas contra o príncipe exilado; mas não aparece ao alcance da menor suspeita o nome de Duarte de Castro.

Sabe-se que êle saíu de Belle-Isle na armada que foi vencida na batalha naval da ilha de S. Miguel em

---

1 QUADRO ELEMENTAR, tomo IV, part. 1.ª pag. CXXII a CXXV.

25 de julho de 1582, pelo marquês de Santa Cruz. D. Francisco de Portugal perecera com desesperada bravura. Duarte de Castro, que não tinha obrigação de ser mais valoroso que D. António, afastára-se com êle na véspera da batalha, e entrou na Terceira em 26 de julho.

À volta do prior achavam-se dous traidores: António de Carvalho e Duarte de Castro. O primeiro, que se dizia português e falava castelhano, foi reconhecido como espanhol, e logo enforcado. Vivia faustosamente, e emparelhava com o fidalgo português nas pompas do trajar. Êste exemplo não esfriou os projectos de Castro que, em meio dum viver alegre e devasso, estudava planos complicados e sanguinários que deviam dum golpe acabar com D. António e rasgar para sempre a bandeira dos seus sequazes. Na vida libertina que passava na Terceira seguia de perto o exemplo do seu rei, se Faria e Sousa não inventa de camaradagem com Herrera. António Baracho, um dos seus conselheiros, não era mais moralizado que o príncipe, e que Manuel da Silva — o menos honesto de todos, a quem D. António agraciára com o condado de Tôrres-Vedras e com a casa do legítimo conde que lhe fôra hostil.

Manuel da Silva, regedor das Ilhas, o mais dilecto confidente do prior do Crato, devia saber que Duarte de Castro era suspeito a seu amo, desde os avisos de Saint-Goard. D. António acautelava-se, rodeando-se de noite com sentinelas escolhidas. Levado desta desconfiança, e talvez encarregado de averiguações, descobriu o conde de Tôrres-Vedras que Duarte de Castro se correspondia de França com Fernão Garcia Jaeques, espanhol rico, residente em Angra. Fez-se o conde encontrado com o castelhano, e perguntou-lhe de onde conhecia o sujeito de quem recebera uma carta pedindo-lhe que reservasse a casa dêle Fernão Garcia, porque, vindo com D. António, queria ir habitá-la. Respondeu o espanhol que não o conhecia; mas talvez lhe

escolhesse a casa por ter notícia de que ela era bôa. A resposta devia robustecer as suspeitas do conde [1].

Desembarcou Duarte de Castro e foi hospedar-se em casa de Fernão Garcia.

No mês seguinte o dadivoso fidalgo deu um jantar aos capitães franceses que estacionavam em Angra, com o fim de lhes insinuar que se receassem de alguma agressão dos portugueses, intentados a matá-los. O capitão Mr. de Carle que ali estava desde novembro do ano passado, comandando quatro companhias com tanta lialdade como valor, achava negra de mais a perfídia para ser verosímil; mas acautelou-se. Para confirmar e córar o aviso, mandou Duarte de Castro por criados seus espairecar os franceses que encontrassem de noite. Cumpriram êles tão pontualmente as ordens que mataram um dos que encontraram. O governador não pôde farejar os homicidas; mas rastreou o promotor das desordens e esperou a prova.

Duarte de Castro freqüentava os amores venais da manceba dum oficial inglês. António Baracho, o aclamador e conselheiro de D. António, era também aceito à mesma dama. Encontraram-se lá os dous fidalgos rebuçados e injuriaram-se recìprocamente. Duarte não ousaria, rosto a rosto, pedir satisfações ao intrépido Baracho a quem Faria e Sousa conceitua de homem atrevidíssimo. Encarregou os criados de o desafrontarem; e êles levaram a afronta e a desafronta ao excesso de o matarem a estocadas. O valente amigo do prior do Crato morreu inerme e sem vingança, caído à porta dum

---

1 Estas notícias são condensadas da indigesta e mal feita compilação de antigos códices por Francisco Ferreira Drumond, e publicada pela câmara municipal de Angra do Heroísmo em 1850 e anos seguintes, com o título ANAIS DA ILHA TERCEIRA, 4 tom. in-8.º A *Relação* de que Drumond se serviu foi escrita em 1611, vinte e nove anos depois dos sucessos relatados.

sapateiro a um recanto da rua Direita [1]. Acudiu povo que quis matar o assassino; mas Duarte de Castro a cavalo, com criados armados, atravessou-se contra a multidão, brandindo uma alabarda. Houve toques de alarma. Os franceses fecharam as saídas da rua, e o conde saiu também gritando-lhe: «¿ Que é isto ?» Duarte de Castro pôs-lhe a alabarda aos peitos, e intimou-o a recolher-se. Mas os franceses, que se preparavam para a luta, vendo que as tropas portuguesas não se moviam, compreenderam a perfídia, e coadjuvaram a prisão de Castro que dali foi conduzido ao castelo de S. Sebastião.

Depuseram contra o prêso os seus próprios criados e os capitães franceses. Os primeiros testemunharam, quer espontaneamente quer obrigados pela tortura, que seu amo estivera mais de uma vez com a adaga na mão para matar D. António. Papel que o expusesse à prova de traição não lhe acharam algum. O seu espólio consistia em várias andainas de vestidos à francesa, muitas e variadas gualdrapas de veludo, muitos cavalos e mulas, e cartas da espôsa cheias de bons conselhos «persuadindo-o a que deixasse as pretensões dos «reis, porque a êle nada faltava, e bem escusado lhe «era andar pelos reinos estrangeiros com a sua vida «em risco e a fazenda sequestrada». Claro é que esta sensata senhora ignorava as intenções homicidas do marido.

Foi Duarte de Castro culpado em crime de traição contra a vida de D. António, rei de Portugal, e tam-

---

1 O compilador uma vez diz que o assassinado era António *Borralho;* outra vez diz que era António *Baracha.* Herrera chamava-lhe *Borralho;* mas Faria e Sousa esclarece o verdadeiro apelido, com o qual o compilador parece concordar em a nota de pag. 292. Andaria mais esclarecido, se desde logo corrigisse o êrro do historiador espanhol.

bêm o criminaram de haver subornado alguns capitães da armada para desampararem o combate naval defronte da ilha de S. Miguel. Parece que o não caluniaram, visto que não quis contestar algumas das argüições: antes confessou tudo, e mais do que as testemunhas haviam deposto. É de crêr que interviessem nestas confissões os tormentos de que Manuel da Silva usava para réus de menor transcendência. Afinal, como êle não quis que por sua parte se arrazoasse, o processo foi sumário, e o réu, convicto como traidor e amotinador, sentenciado à morte, e seus bens incorporados nos próprios da corôa.

Concederam-lhe os três dias pedidos para confessar-se e dispôr as suas cousas.

Durante êste tempo, assistiram-lhe os frades, que o entregaram contrito e muito arrependido à justiça e aos irmãos da Misericórdia que o conduziram ao patíbulo. Êle mesmo, quando avistou a cruz, pediu que o descalçassem, porque Jesus Cristo, padecente imaculado, ia descalço para o suplício. Deixaram-no morrer como fidalgo. Se seu avô não recebesse o alvará de D. João III, Duarte seria enforcado; e assim, filho do 1.º senhor de Barbacena, teve a honra de morrer decapilado pelo mesmo algoz e pelo mesmo cutelo que meses antes degolára o fidalgo João de Bittancour.

Um escritor coevo, de quem Drúmond traslada, conta que Duarte de Castro se prezava da bela cabeleira à francesa; que era de figura gentil, muito avisado no discorrer, e *muito prudente*. Acredite-se na sua gentileza e formosura de gaforina; quanto à «muita prudência» não me parece que se deva inferir tal qualidade dos actos da sua vida.

Os genealogistas impressos esnocaram da árvore de Castros do Rio, senhores de Barbacena, esta vergôntea. O académico António Caitano de Sousa nem palavra. Moeri, elucidado pelo conde da Ericeira (na versão espanhola), diz que Duarte de Castro morrera

«desquartisado por haver seguido el partido de D. An-«tónio, prior do Crato». Não sei se aqui a ignorância do informador cede à circunspecção do parente dos Barbacenas. *D. Tivisco* (Manuel de Carvalho de Ataíde) chega até ao pai de Duarte, e nada escreve do filho. Damião de Góis, no seu NOBILIÁRIO manuscrito, nem sequer menciona os *Castros do Rio* entre os diversos *Castros* continuados do NOBILIÁRIO DO CONDE DE BARCELOS. O conde de Vila Nova nas suas ÁRVORES, impressas em 1625 (primeira genealogia impressa, de quê há memória, de famílias portuguesas), apenas menciona os *Castros* dos condes de Monsanto e de Basto.

Os diversos comentadores do referido NOBILIÁRIO DE D. PEDRO (Lavanha, Vera, marquês de Montebelo e Faria de Sousa) omitem os *Castros do Rio*, que eram recentes de mais para investigações góticas. Êste silêncio, quer obsequioso, quer por desdêm de origem relativamente moderna, autorizou o beneficiado e distinto prègador Malhão a dizer do púlpito, nas exéquias do último conde de Barbacena, as seguintes inexactidões demonstrativas de que a cadeira da verdade nos templos nem sempre o é em assuntos de linhagem [1]:

«Se quisesse embrenhar-me no intrincado labirin-«to das genealogias, não me faltava com que satisfa-«zer a ambição dos amadores destas glórias. Diria que «no século XVII já havia Barbacenas, e que do tronco «desta árvore frondosa rebentaram hastes viçejantes «que honraram a árvore e a mão que a plantou, e a «terra que lhe subministrou abundante e rica seiva. «Diria que o ilustre finado, por algumas de suas avós «descendia da rainha D. Inês de Castro e seu marido «Pedro I». É pois de vêr que uma destas avós do sangue de Inês era a filha do cristão-novo Diogo de Cas-

[1] SERMÃO prègado pelo beneficiado Francisco Rafael da Silva Malhão nas exéquias do conde de Barbacena em 25 de agosto de 1854.

tro do Rio a quem D. Sebastião dava solar *sem embargo do defeito de nascimento*. Nesta família não entravam outros *Castros*. O meu amigo Pinho Leal labora no mesmo êrro, dando ao conde de Barbacena procedência de D. Pedro I e Inês de Castro [1].

Convêm saber que na família Barbacena luziram virtudes que os dispensam de descenderem de Lain Calvo e Nuno Rasuro, tronco dos *bons* Castros, de Portugal. A origem hebraica explica o trabalho, a indústria que entesourou as riquezas daquele opulentíssimo Antão das *Fangas da Farinha*. E a propósito, lembrarei entre as virtudes cristãs desta família a cedência que um dos senhores de Barbacena, Luís de Castro do Rio, fez em 1633, do antigo *Pátio das Comédias* aos perseguidos religiosos dominicos de Irlanda para nêle fundarem o seu convento. De modo que esta família, no começo do século XVI, era tão civilizadora que fazia o primeiro teatro português; e no século XVII era tão cristã que desfazia o teatro e erigia o convento. E do pai daquele Luís de Castro do Rio escreveu com insuficiente gramática o padre Sousa: «Foi esmoler, e des«pendia com mão larga, mas tão escondida, que as «pessoas que as recebiam não souberam donde lhe «vinham, senão pela falta que experimentaram por sua «morte [2]». E eu podia acrescentar que foi êle quem resgatou em Marrocos por alto preço um cálix com que celebravam missa em casa de D. Francisco de Portugal. Isto é melhor do que ser parente de Inês.

Desconfio que os Castros, descendentes da bela comadre incestuosa da raínha D. Constança, eram os Castros que estiveram sempre com os Filipes; e nos 105 conjurados de 1640, entre fidalgos e nobres, apenas

---

1 PORTUGAL ANTIGO E MODERNO, tom. II, pag. 319.

2 HISTÓRIA GENEALOG., tom. XII, part. II, pag. 924.

há um *Melo e Castro* (Galvêas) que nada tem que vêr com os descendentes de Lain Calvo.

Se o sangue judeu é peçonha, o da família Barbacena estava todo em Duarte de Castro, e ficou gelado no cutelo do mouro convertido que lhe troncou a cabeça.

II

MANUEL DA SILVA COUTINHO

Não é dos cativos nem dos trânsfugas de Alcáçar-Quibir. Perfizera no ano da batalha trinta e sete anos porque nascera em Santarêm por 1541. Estava na idade da fôrça, da pujança de sangue ilustre, do melhor das Espanhas. Descendia dos senhores da Chamusca e Ulma — os Silvas que deram príncipes para Castela e reis para Portugal. Seu avô materno era Rúi Dias de Sousa, por antonomásia o *Cid*, o valente alcaide que morreu nas fronteiras de África. Seu pai, Brás da Silva, comendador de Castelejo, é o bravo de quem fala Damião de Góis na CRÓNICA DE D. MANUEL [1]. Tradições heróicas, sangue tão saturado de glórias herdadas urgiam-lhe o dever de o derramar onde era já morto seu irmão mais vélho Aires da Silva. Não foi. Era espôso e

---

1 Part. IV, cap. XLIV.

pai. Conquanto herdeiro da comenda, não era rico; tinha dívidas; não poderia por escassez de recursos competir com Vimiosos, e Távoras e outros fidalgos seus afins que luxuosamente se narcizavam nas galas das armarias para a expedição de África, com primores de sêdas e jaezes recamados de ouro. Ficou em Portugal.

Nas alterações subseqüentes por causa da sucessão é dos primeiros e mais eloqüentes partidários do filho de Violante Gomes. Está com êle em Santarêm na qualidade de fronteiro-mór quando o aclamam rei; e nas côrtes de Lisboa em 1579, e em 1580 nas de Almeirim, convocadas pelo cardeal, advoga estrénuamente os direitos de D. António. É perseguido pelos governadores do reino. Santarêm vacila em sustentar o grito que vitoriára. Manuel da Silva fórça os seus conterrâneos, com a espada na mão, a manterem a sua adesão ao filho de D. Luis [1]. Assiste à batalha de Alcântara com

---

1 Miguel Leitão de Andrade considera milagre de Nossa Senhora da Luz ter-se salvado das mãos de Manuel da Silva, num apêrto que êle refere assim na MISCELÂNEA: «No tempo que o senhor D. António se levantou rei, me achei com êle em Lisboa, por não poder escusar servi-lo, sendo fidalgo de sua casa. Porêm, vendo entregar-se a fortaleza de S. Glão a Sua Majestade, me pareceu ir-me para o dito senhor, e indo já na Golegã, a meu parecer fóra já de perigo da pena de morte a todos os que se fôssem de Lisboa, a qual executava cruelmente Manuel da Silva fronteiro-mór de Santarêm. Ali me prenderam as justiças daquela vila, pela dita ida e dar nova ser entrege S. Glão. Os quais mandaram logo recado ao dito Manuel da Silva, para me mandarem assim prêso a êle para fazer justiça de mim, e eu com a inquietação que podeis cuidar, e tendo tanto recado em mim, que de noite dormia o alcaide carcereiro ferrado em mim. Porêm fingindo eu acidente de câmaras, uma tarde me entrava e saía dentro numa casa escura onde ao longo do chão fui com um prego escarnando a parede, pondo diante um cêsto velho, a qual parede estava muito húmida ao longo do chão, e indo e vindo muitas vezes, fui tirando as pedras até ao outro dia à noite que pude

patente de general, é do grupo dos fugitivos que seguem o prior ferido e derrotado; e, já feito conde de Tôrres-Vedras, acompanha o pretensor ao seu destêrro quinhoando dos perigos de seu rei e amigo [1].

O duque d'Alba, logo que entrou em Lisboa, mandou prender as senhoras da família de D. Francisco de Portugal, dê Diogo Botelho e de Manuel da Silva. O encarregado foi um oficial de guerra português chamado Jerónimo de Mendonça, com cinqüenta arcabuzeiros, seis cavalos e três carroças. A chamada condessa de Vimioso, que estava em Aldeia-Gavinha no têrmo de Alenquer, foi prêsa com sete filhas, três filhos e dezasseis criadas. Em Alenquer o mesmo esbirro prendeu D. Ana da Silveira, mulher de Diogo Botelho e duas irmãs do inquebrantável amigo e depois testamenteiro do prior; e, na Azinhaga, prendeu D. Maria de Vilhena, espôsa de Manuel da Silva, com três filhos menores.

---

escapar-me, deixando todos os que ali estavam jogando com o alcaide. E de tudo há autos dos quais por fôrça me deram depois o treslado para meus requerimentos.»

1 D. António dera-lhe o título quando o legítimo conde de Tôrres-Vedras, D. Martin Soares de Alarcão, se lhe mostrou hostil acastelando-se contra êle; e juntamente com o título deu-lhe a casa do conde rebelde — posse que nunca Manuel da Silva fruiu. Nas RELACIONES GENEALÓGICAS DE LA CASA DOS MARQUESES DE TROCIFAL, CONDES DE TORRES-VEDRAS, escritas por D. António Soares de Alarcão, e impressas em 1656, conta-se que D. António confiscára a casa e a dera com o título a D. Manuel da Silva quando, na sua vinda com os ingleses em 1589, desembarcando em Peniche, os Alarcões lhe resistiram.

Isto não pode ser, porque Manuel da Silva estava morto desde 1583.

O cronista Herrera refere mais lùcidamente os factos que também Manuel Agostinho Madeira Tôrres explana na DESCRIÇÃO HISTÓRICA E ECONÓMICA DA VILA E TERMO DE TÔRRES-VEDRAS. Lisboa, 1819. D. António, quando segunda vez encontrou resistência no castelo de Tôrres-Vedras, chamou-lhe *Tôrres traidoras*. Esta vingança incruenta não passou de um desafôgo retórico.

Não lhe consentiu que se preparasse. A Vimioso recebeu-a na carroça enviada para o transporte. Passaram todos a Arronches, e daqui a Ciudad-Real, onde deixaram D. Maria de Vilhena e filhos em uma prisão apertada; a mulher de Diogo Botelho e suas cunhadas em mosteiros diferentes, e a de Vimioso e filhas incomunicáveis no castelo de S. Torcato [1]. Simultaneamente era prêso em Lisboa um frade crúzio, frei Simpliciano da Silva, irmão do *conde de Tôrres-Vedras* [2]. Foi encarcerado em Espanha, e daí fugiu para França onde morreu.

O rancôr a Castela e aos portugueses pareiais de Filipe flamejou na índole bravia de Manuel da Silva, ferido na inculpabilidade da espôsa e na inocência das crianças. As tristes novas que lhe iam de Espanha, todavia, não lhe quebraram o gôsto das ostentações nem o impediram de ir amolentando as durezas do exílio e da saúdade com variados prazeres e regalias. A volta de D. António em Londres e em França achavam-se alguns homens na flôr dos anos e no gôzo de riquezas que lhes facilitavam no destêrro lenitivos e comodidades com que iam descontando a falta da pátria e das famílias.

O conde de Tôrres-Vedras, o de Vimioso e Diogo Botelho eram os íntimos validos do prior do Crato. O primeiro pareceu-lhe digno das honras de seu tenente-rei nos Açôres, quando a desordem lavrava ali por invejas ao famoso corregedor Cipriano de Figueiredo, e contendas entre os dous governadores das ilhas de S. Miguel e Terceira. Não obstante o desbarate de D. Pedro de Valdez e as enérgicas ferocidades de Cipriano

---

1 HIST. GENEALÓGICA DA CASA RIAL, tom. X, pag. 705 e 706.

2 Conquanto êste título e o de Vimioso não tenha legalidade nem se ache registrado, usar-se há promíscuamente neste estudo em harmonia com os historiadores da época.

na carnificina dos espanhóis, D. António enviou àquelas ilhas amotinadas, na qualidade de regedor das armas e das justiças, Manuel da Silva, conservou o vélho corregedor na presidência da casa da suplicação criada pelo conde, e, quando veio à ilha, o levou consigo para França [1].

Em fevereiro de 1582 desembarcou em Angra o conde de Tôrres-Vedras. Enquanto se lhe preparava o palácio de D. Cristóvão de Moura, residiu no mosteiro de S. Francisco. Tinha grande equipagem: vinte a vinte

---

1 Rebelo da Silva, no tom. III da HIST. DE PORT. NOS SÉCULOS XVII e XVIII, cap. I, diz que Cipriano de Figueiredo e Vasconcelos fôra nomeado corregedor em 1579. É lapso. Nomeou-o D. Sebastião em 1576. Cumpre corrigir neste cap. de Rebelo da Silva, outros deseuidos. Ao conde de Vimioso, que não era conde, chama D. Francisco de *Faro*, apelido de Vimieiros, e não de Vimiosos que são *Portugais*. Manuel da Silva algumas vezes é *Miguel*. D. António não desconfiou da fidelidade do corregedor como inculca o ilustre académico. Quando o chamou a Paris, agraciou-o com o condado de S. Sebastião. Mad. de Saintonge escreve no seu livro uma pouco menos de fantástica genealogia de seu tio-avô Cipriano de Vasconcelos. A verdade é que êle era de Alcochete, filho de Sebastião Gomes de Figueiredo e de D. Antónia de Vasconcelos, filha do arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes. Por êste lado descendia dos Menezes da raínha Leonor Teles. Diz ela que Filipe dera os bens de Cipriano e de seu irmão aos seus partidários. Isto é inexacto. O irmão possuia o praso de Veloso que lhe dera o sogro sendo bispo de Lamego. Não havia vínculo na casa. Esse praso foi aumentado, porque Duarte de Figueiredo, irmão do corregedor da ilha Terceira serviu Filipe II de Castela. D. João IV não tiron também aos Figueiredos os seus direitos em favor de outros que o aclamaram; um filho daquele Duarte servlu D. João IV, como seu pai servira Filipe I. No século passado, o representante desta família era Nicolau de Távar de Vasconcelos, sargento-mór de batalha em 1716. O *Gomes de Vasconcelos*, que Mad. de Saintonge diz ser seu avô, nem sequer se acha mencionado nos genealógicos mais prolixos em miudezas. Este livro, tão a miúde citado pelos historiadores, como autoridade, não passa de um romance.

e cinco cavalos, um aparato rial, com escolta de ingleses e franceses. Estava no vigor da vida; teria quarenta anos; muito caroável de mulheres e folguedos, *muito namorado*, diz a RELAÇÃO de 1611 trasladada por Drumond [1].

O ser muito namorado não implicava com as demasias da severidade logo que tomou o pulso dos homens e das cousas. Começou por impedir que saissem pessoas e mercadorias da Terceira, por serem estas e aquelas necessárias à defesa. Depois, fez sentenciar os presos que o seu antecessor culpára. Um dêles, o vêlho João de Bittancour, que tinha dado vivas a Filipe I, insinuado pelos jesuítas, com quem já encanecido andará estudando, quis provar que estava montecapto quando aclamou o rei castelhano [2]. Não lhe aceitaram os embargos nem a grande quantia que a espôsa oferecia pelo perdão. Foi degolado em março de 1582. O filho ganhou com isso copiosas mercês de Filipe I.

Foi também sentenciado à morte Gaspar Homem, porque viera com embaixada de Castela, quando lhe era defesa a entrada na ilha, por interdição eclesiástica, visto haver-se negado a casar com Ana Gaspar, filha de Gonçalo Feio, homem nobre. Ergueu-se a forca, e o padecente ia já no caminho, e ouvia as exortações dos frades, quando a senhora repudiada foi pedir ao conde que lhe entregasse Gaspar Homem que já queria casar com ela. Ana, com instantes lágrimas, obteve o perdão do espôso, correu ao local do patíbulo, e colheu nos braços o noivo quando o algoz lhe ia lançar a corda. Casaram, viveram muitos anos e propagaram-se. Gaspar Homem, em testemunho da sua gra-

---

1 ANAIS DA ILHA TERCEIRA, tom. I, pag. 252, nota.

2 D. Antônio só teve dous padres da companhia de Jesus a seu favor em Portugal e nas colônias: o mestre Inácio e o padre Luís Alvares.

fidão ao lugar-tenente de D. António, assim que o marquês de Santa Cruz tomou a ilha, passou-se para os espanhóis, e, alegando que esteve prêso, obteve hábito de Cristo e tença [1]. Neste episódio, Manuel da Silva portára-se gentilmente. Se sobrevivesse a Gaspar Homem, teria de se arrepender do generoso acto, assim como se arrependeu de confiar-se cordialmente em João Dias do Carvalhal, fidalgo abastado, que pedindo-lhe licença para ir vêr el-rei D. António — quando a ninguém era concedido sair da ilha — obteve-a, foi a Lisboa prestar obediência a Filipe e pedir-lhe o hábito de Cristo. Num ímpeto de ira, o conde mandou prender a mulher do traidor, e obrigou-a a resgatar-se como cativa. Desde êste lance, o regedor tornou-se violento, vigilantíssimo e por vezes cruel.

Tratou de cunhar moeda com a prata e ouro que findou pessoalmente pedindo às portas dos amigos e dos adversários. Obteve rica baixela e muitas cadeias de ouro. O padre Cordeiro, apoiado em tradições coevas, diz que Manuel da Silva se apropriou das cadeias que ninguém viu na casa da moeda para se fundirem. A Relação que Drumond consulta favorece esta desonrosa afirmativa que nenhuns documentos permitem que eu impugne, e até certo ponto o valioso espólio do conde confirma.

Tornou-se muito popular o fidalgo: dava postos militares a oficiais mecânicos, hábitos de S. Tiago e Aviz a artífices e pilotos, relaxou à gentalha umas liberdades que redundaram em aviltamento dos nobres. A arraia miúda vingava-se das passadas opressões. Surdiu daí desfalecar-se o partido de D. António de alguns fidalgos que preferiam o despotismo de rei espanhol à soberania da canalha portuguesa. Além disso

---

1 Relação de 1611. Representa êste casal romanticamente célebre a família *Canto*, da ilha Terceira.

o conde seduzia com afagos ou forçava com violências as mulheres. Se merece fé a Relação de 1611, o pai de uma môça violentada morreu de dôr.

Os presos eram muitos; mas o representante do filho de D. Luís não condenou à morte senão João de Bittancour como amostra do seu sistema de governar. Os padres andavam abandados. Uns prègavam por D. Filipe, outros por D. António. O conde deixava-os prègar à vontade, exceptuados os jesuitas, que estavam enclausurados e incomunicáveis, desde que Cipriano de Figueiredo os entaipára a pedra e cal. Esta excepção acusa o mêdo que o conde tinha da eloqüência dos jesuítas; ao passo que os franciscanos, trinitários e gracianos, letrados de nome, tinham plena faculdade de provar à face da Bíblia que D. António ou D. Filipe eram reis legítimos de Portugal — o que uns e outros satisfaziam a preceito, demonstrando que a visão de Esdras se entendia com os monarcas lusitanos.

O mais esturrado antagonista, um devasso frei Simão, indigitou como filipista certo Martim Simão de Faria. Êste fidalgo correu de espada nua sôbre o frade, que se salvou no convento. O conde de Tôrres-Vedras, em vez de punir o agressor, parece que se riu do caso por conhecer a libertinagem do prègador. Desde êste episódio burlesco, os oradores sagrados, responsáveis a pagar com as costas o desbocamento das línguas, fecharam as bôcas e as Bíblias.

No anterior estudo, referente a Duarte de Castro, se disseram os actos essenciais de Manuel da Silva, depois que D. António chegou à ilha, deixando a sua armada feita pedaços nas unhas da onça do Escurial. D. António encerrou-se por oito dias, e saiu depois com o conde de Tôrres-Vedras e os do seu conselho a visitar uma grande dama, — sua partidária muito serviçal de dinheiros, — a visitar ermidas onde ouvia missas, e religosas franciscanas fiéis à sua causa. Depois encerrou-se por mais dôze dias, com grande tristeza

e desalento. Findo o qual prazo de luto, foi à vila de S. Sebastião vêr o campo da Salga ainda empapado das carnes podres e alvejado das ossadas dos espanhóis vencidos pelas célebres vacas; passou daqui à vila da Praia, hospedou-se no convento de S. Francisco, visitou as freiras do mesmo santo, as das Chagas e as da Luz; mas repelin a presença de oito religiosas afectas a Castela. Dislraía-se com isto o prior do Crato — e queria que o considerassem um segundo Mestre de Aviz! A opinião de Herrera é que naqueles conventos *huvo demasiada conversacion, y los franceses, y los suyos seguian su exemplo.* Aqui há talvez calúnia.

D. Antônio tinha cinqüenta e dous anos feitos, um grande pêso de desgraças sôbre a alma, e a saúdade do amigo recentemente morto, o seu condestável conde de Vimioso, e com êle também morla a esperança de recuperar a proleeção do rei francês. Diz-se que o conde de Tôrres-Vedras, talvez para o distrair, lhe aconselhára que mandasse enforcar sessenta espanhóis e alguns portugueses processados. É inverosímil. Manuel da Silva, se quisesse, tinha-os feito enforcar sem beneplácito régio.

Fez então uma bôa acção D. Antônio: mandou desenfaipar os jesuítas, e convidou os fugitivos a recolherem da vida fragueira que levavam pelos matos, com a certeza de que os seus haveres lhes seriam poupados ao confisco.

Depois, como diversão a esta monótona apatia, ocorreram os suplícios de Antônio de Carvalho e Duarte de Castro do Rio. Manuel da Silva deu expediente a êstes episódios, como lhe cumpria; e, conquanto previsse nos sustos do prior o desastre final da sua causa, manteve-se fiel à desgraça com heroísmo raro e apenas imitado de poucos fautores do neto de el-rei D. Manuel. Por êsse tempo, quando já D. Antônio se fizera de vela para França, o príncipe de Eboli e duque de Pastrana, Rui Gomes da Silva, primo-co-irmão de Manuel

da Silva, ofereceu-lhe em nome de Filipe II o título de marquês, trinta mil cruzados em dinheiro e o govêrno da ilha, se êle a entregasse. O amigo de D. António leu a carta em presença de testemunhas, rasgou-a e enviou ao príncipe uma resposta espartana. À altura da sua lialdade estava também o excesso de crueza, recrudescente a par e passo que as esperanças se esvaíam. Escondia, ainda assim, os mínimos vislumbres de desanimação. Estadeava-se como príncipe com préstitos bizarros de ingleses e franceses; arvorára general um sobrinho imberbe, que morreu depois valorosamente no seu posto; e, como destro cavaleiro que era, desbaratava em exercícios eqüestres o tempo distraído de trabalhos mais proveitosos. Chegou por êsse tempo um emissário de Castela com carta do rei para D. António. Deviam ser propostas conciliadoras que o prior aceitaria na conjuntura penosa em que o deixou a derrota naval de Vila Franca. Algumas vezes, o pretensôr, em dias mais alumiados de ilusórias esperanças, havia querido vender por alto preço a submissão e a pátria a Castela. Cristóvão de Moura rejeitára a proposta por muito cara [1]. Talvez que na situação de quáse mendigo em França, o filho de D. Luís aceitasse mediania e sossêgo nos anos já tão cansados de desenganos. O conde, porêm, abriu a carta, viu o conteúdo, receou talvez a fragilidade do amo, e inutilizou a mensagem. O portador da missiva, Amador de Vera, que Drumond e Rebelo da Silva escrevem incorrectamente *Vieira*, vendeu-se ao regedor, comprometendo-se a denunciar-lhe pessoas da ilha dedicadas a Filipe.

Enquanto o agente Vera cumpria os deveres esti-

---

1 Se vier a lume o livro a que pertencem êstes estudos, respondefei às arguições que se me possam agora fazer neste desacato à memória dum homem que reúnia a infelicidade à inépcia; e, nem ainda que a legalidade estivesse da sua parte, seria digno dos louvores da história.

pulados no contrato, espiando as vítimas, ordenou Manuel da Silva que se organizasse uma pequena armada, deu o comando a Manuel Serrados, mandou-o a corso, à conquista das ilhas de Cabo-Verde, que estavam por Castela, e ao saque da fortaleza de Arguim. Eram dez as naus: despojaram fácilmente Arguim; e, depois de breve conflito, saquearam Cabo-Verde, espanearam o bispo e pejaram de escravos e cativos as naus. Barbaridade inútil. Assaltavam colónias do mesmo sangue e da mesma língua como cabildas de caboclos. Dest'arte acirrava o conde de Tôrres-Vedras as hostilidades dos portugueses à pirataqem do prior do Crato. Entretanto, Amador de Vera denunciava homens que haviam servido dedicadamente D. António. O conde reconheceu a infâmia da delação, chamou à sua presença dous dos denunciados já presos, e lançou-lhes o hábito de Cristo com cem mil réis de tença [1]. Tinha estas intercadências lúcidas que com um pouco mais de prudência e menos espírito faccioso deixariam dêste campeador dum proscrito sem futuro a lembrança dum forte carácter antigo e cavaleiroso. Ao mesmo tempo assistia aos tratos dados a um vélho, e mandava-o depois arrastar e esquartejar por crime de rebelião. Dizem relações coevas que depois de muito retirar dum poste a cabeça do supliciado, o conde respondera com enfado que a cabeça de Melchior Afonso desceria do poste quando a dêle subisse lá. É fábula a meu vêr, que visa a realçar pelo maravilhoso o posterior e inventado destino da cabeça do Manuel da Silva. A história está cheia destas crendices, tendentes a inculcar que uma alta Providência colabora nos efeitos dos crimes, sendo mais útil e providencial que ela lhes dirimisse as causas. Questões eternas.

---

1 Refere por menor êste caso a RELAÇÃO que Drumond traslada em pag. 304 e 305 dos ANAIS DA ILHA TERCEIRA.

Num análogo lance de severidade, mostrou o conde regedor que, de feito, as mulheres podiam muito com êle. Estava prêso um Pereira de Lacerda, ancião rico e parcial de Castela, não só suspeito, mas convicto de conspirador. Manuel da Silva mandou-o submeter à tortura. Soube-se no convento da Esperança, cuja irmã era abadessa, que o vélho ia já caminho do suplício. Saíram as freiras à rua a abraçar o padecente; e, no entanto, escrevia-se no mosteiro uma carta ao conde a suplicar-lhe o perdão de Alvaro Pereira. Deviam de ser as freiras mais formosas, à mistura com as mais santas, as sinatárias da carta. Mas a dificuldade grande era fazê-la chegar às mãos de Manuel da Silva, que se fechára no palácio para esquivar-se a rogos. A portadora da carta era certa mulata cujo nome a senhoril história desprezou com a costumada ingratidão quando os heroísmos tem o fosco brilho da côr baça dos heróis. A mulata, achando as portas trancadas, saltou à cêrca dos franciscanos e pôde insinuar-se nos aposentos do lugar-tenente de D. António. O espantado conde leu a súplica, e disse: «Ide dizer às senhoras madres que lhes concedo quanto me pedem, e muito mais farei por amor delas [1]». A índole de Manuel da Silva decerto se regenerava, se, assim como era hóspede dos franciscanos, êle se tivesse hospedado entre as franciscanas!

Exclamava o conde — quando sabia que os terceirenses tramavam fugas — que servissem el-rei como êle, que era amantíssimo de sua virtuosa espôsa, e a deixára a mais os filhos para arriscar sua vida, podendo estar seguro e descansado em sua casa [2]. E, apesar da sua até certo ponto justa e desculpável cólera contra os fugitivos, como lhe levassem prêso um octogenário

---

1 ANAIS DA ILHA TERCEIRA, tom. I, pag. 310.
2 IDEM.

dono dum barco fretado para passar dez ou dôze filipistas à ilha de S. Miguel, interrogou o ancião que já se considerava nas escadas da forca. Salvador Francisco, o trémulo vèlhinho, respondeu que o levar passageiros era o seu modo de vida, e que nunca lhe fôra proïbido alugar o barco. O conde, vencido pela simplicidade comovente da resposta, não só perdoou ao barqueiro, mas também aos rebeldes que o tinham contratado. Desta vez não se deve às freiras o generoso feito. Salvador e os outros é que procederam com vileza que desconta muito nas crueldades do conde. Os perdoados fugiram assim que puderam, e o barqueiro continuou no *seu modo de vida*, apesar de lho proïbirem, até que Manuel da Silva o meteu a bordo dunha embarcação a trabalhar de marujo, para lhe não tirar a vida, nem o modo de a ir vivendo [1].

---

1 Quem é mais severo e menos desculpável na apreciação do conde de Tôrres-Vedras é Rebelo da Silva na HISTÓRIA DE PORT., tom. III, pag. 51 e seg. Rebelo trasladou quáse literalmente a RELAÇÃO DAS COUSAS QUE ACONTECERAM NA CIDADE DE ANGRA E NA ILHA TERCÉIRA, cap. XLII e XLIII, sem atender a que essa RELAÇÃO de autor desconhecido era escrita em 1611, sob a influência de Castela, e com muita parcialidade. Ainda assim, os actos louvàveis do governador refere-os a RELAÇÃO, mas Rebelo da Silva inexplicavelmente refugou-os como elementos históricos. Acato a memória do grande escritor; mas respeito superiormente a verdade. E é para admirar que os escritores castelhanos sejam mais benignos e indulgentes com a memória dêste desgraçado fidalgo portugnês. Salazar y Castro avalia-o assim no seu govêrno da ilha: «...y empezó á exercer su cargo con tanta rectitud, que los autores que escriven del tuvieron por crueles muchas de suas acciones. Pero menos lo fueran, si se considerasse la facilidad con que los hombres se ponem de parte del vencedor y que muchas vezes necessita el vencido del credito de vigoroso, para que el medio obre, con los que le siguen, lo que yá no puede el interés, que es la causa principal por que se mantienem las confederaciones.» HISTORIA GENEALOGICA DE LA CASA DE SILVA, tomo II, pag. 756.

É o conde acusado pelos historiadores de ter desprezado a sciência militar e os alvitres do comendador de Chasles, enviado à frente de mil e seiscentos homens para defender a Terceira, ameaçada novamente pela poderosa armada do marquês de Santa Cruz. Em defesa do primo do príncipe de Eboli pode alegar-se que êle desconfiava da lialdade dos franceses, desde que, no ano anterior, vira que algumas galeras fugiram do mar de Vila Franca sem pelejarem. Entrou-se da suspeita de que o rei de França, tendo como perdida a causa do filho ilegítimo de D. Luís, tratava de apossar-se insidiosamente dos Açôres para mais tarde tentar a conquista do Brasil. Êstes receios eram comuns de todos os portugueses residentes na ilha, e os castelhanos não perdiam lanço de os incutir, associando a dissidência religiosa do calvinismo à pérfida aliança dos franceses, que talvez não fôssem herejes, nem católicos. Além disso, os soldados do comendador de Chastes saltaram na Terceira como quadrilhas de piratas da ralé mais faminta. Atacavam nos arrabaldes as residências dos fazendeiros, matavam e morriam com a mais desfaçada indisciplina, e no seio mesmo de Angra, à fâce dos seus chefes, baliam-se com os portugueses, não tirando disso bôas vantagens. Fabricavam moeda falsa, implantavam como em terra sua tôdas as indústrias. Bem ou mal aconselhado por aquela suspeita, Manuel da Silva não consentiu que o caudilho francês lizesse castelo que lhe servisse à retirada, se os espanhóis desembarcassem. Impugnou-lhe o conde «que os soldados, se tinham esperança de evasiva, não pelejavam bem [1]». O que êle queria, e conseguiu, era dividir os franceses, para que não se pudessem fortalecer unidos e invencíveis num castelo, e não cessava de os vigiar de noite, à testa das rondas, armado como

1 Herrera, e Anais da ilha Terceira.

quem se crê rodeado de inimigos. Quem o acusa de cobarde ao neto do senhor da Chamusca deve ter esvaziado o cabaz das censuras justas.

A 3 de junho de 1583 estava D. Álvaro de Bazan à vista dos Açôres com uma grande armada. O conde desenvolveu a maior energia na distribuição das fôrças em os pontos mais acessíveis. Nem sombra de desânimo lhe anuviou o aspeito, quando os cabos franceses dissimulavam pretextos de convenções preteridas para se esquivarem à morte dos seus cinqüenta patrícios e fidalgos enforcados, no ano anterior, nas vêrgas da armada do mesmo almirante. Nestes transes de mêdo a que não podia ser estranho Manuel da Silva, soldado leal de amo tão infeliz, a sua fidelidade foi segunda vez tentada por cartas do marquês de Santa Cruz e de seu primo Távora. Ofereciam-lhe o título de marquês de juro e herdade, duas comendas, um lugar no paço para a filha e vinte mil cruzados para pagamento das suas dívidas. Contam historiadores coevos que Manuel da Silva, sem fazer alarde do oferecimento, dissera aos emissários: «Afirmai ao marquês que eu antes dum ano hei-de pôr a minha lança em Madrid [1].»

Na defesa de Angra, o regedor à frente da cavalaria, ocupou o ponto mais acessível. Infamam-no de ter feito construir no pôrto das Pipas uma caravela ligeira para fugir em último recurso. Concedida a providência da caravela como prevenção, está longe de autorizar a injúria. O conde queria defender-se, e não evitava cobardemente a morte no campo; mas entre cair prisioneiro ou salvar-se pela fuga com certeza, sem desaire da honra militar, optaria pela evasiva. Desembarcaram os espanhóis no pôrto das Mós, apesar da

---

1 Rebelo da Silva, HISTÓRIA DE PORTUGAL, com a autoridade de Herrera e das LETTRES CONTENANT LA RELATION DE TOUT CE QUI S'EST PASSÉ AUX ILES TERCÈRES. Confio pouquíssimo em qualquer das autoridades.

bravura dos defensores, entre os quais se provou a lialdade dos franceses. Manuel da Silva correu àquele ponto com a maior fôrça do exército, mas extemporaneamente. Tinha já que combater dezasseis mil homens disciplinados que duplicavam o número dos ilhéus. O general quis ainda assim com oito mil homens atacar o marquês, dispondo as fôrças de modo que o inimigo só pudesse salvar-se retrocedendo sôbre o mar. Não lhe surtiu o plano. A resistência tinha por si o número, a disciplina e o furor do esperançoso saque das ilhas com que o marquês inflamava o brio da tropa. Refere-se falsamente que o conde, lembrado da vitória que Cipriano de Figueiredo obtivera sôbre D. Pedro de Valdez ajudado pelo ardil das vacas, lenlára debalde o mesmo estratagema. É o que dizem a Relação cilada dos Anais, Rebelo da Silva e outros copistas insuficientemente informados.

Pode ser que Manuel da Silva alvitrasse o expediente; mas não o executou. O marquês de Santa Cruz prevenira-se, mandando lançar pregão para que os esquadrões se abrissem e deixassem passagem livre às manadas do gado. Êste pregão foi ouvido nos arraiais portugueses; e o intento, se o houve, não foi praticado [1]. Neste combate morreu o melhor cabo de guerra português, António da Silva, sobrinho do conde, rapaz que vivera mal, dizem os genealógicos; mas acabára valorosamente.

Manuel da Silva, considerando-se perdido, combinou com os capitães franceses a fuga. Conhecia as propostas vantajosas do marquês aos chefes estrangeiros. O espanhol dava-lhes perdão, armas e navios que os transportassem a França. Lutar desesperadamente seria um heróico suicídio; porêm o conde não era

1 Veja História pontificial, 3.ª parte, por Luís de Bavia, 1609, pag. 222.

tão romano que se deixasse seduzir das glórias póstumas que provavelmente a história lhe desluziria. Preparava-se para fugir na caravela; mas já a não encontrou. Os franceses, em número de mil e duzentos, entregaram-se a partido. Achou-se sòzinho, miserável, errando por matagais por espaço de treze dias, encavernando-se de noite e subindo de dia as escarpas das serras para se evadir à perseguição. Depois, vestiu-se de castelhano e misturou-se com as escoltas que o procuravam, a fim de poder embarcar-se na armada — refere a Relação seguida por L. A. Rebelo da Silva. São pormenores romanescos, em que entra uma mulata que o denunciou, e um diálogo assaz inepto da mulata com o prêso. O que é certo é que um oficial espanhol chamado Espinola o aprisionou no dia dez de agosto, rejeitando dez mil cruzados que êle oferecia para que o deixasse fugir. A populaça insultava-o quando o viu entrar em Angra no meio da escolta. Foi encarcerado no porão duma galera e interrogado sôbre as inteligências de D. António com a França. Conta-se que revelou o que ao marquês convinha saber mediante a tortura. Eu por mim propendo a crêr que nem o marquês carecia de revelações, nem o torturado as faria. É mais natural que se houvesse heròicamente nas respostas, porque três dias depois, ao caír da tarde, saíu do navio para o cadafalso, onde um tudesco o degolou com a sua própria espada.

Nas relações desta catástrofe não podiam deixar de intervir as piedosas exclamações do padecente, confessando as suas culpas, pedindo perdão aos espectadores e arrancando lágrimas até aos inimigos compadecidos. São lugares comuns em tôdas as tragédias desta natureza, scenas finais que trazem sempre a Divindade a colaborar no entrecho para que o remate se não confunda com os sucessos vulgares da espécie humana. Conestagio escreve que a dôr dos circunstantes foi geral, porque Manuel da Silva nos últimos mo-

mentos falára animosamente, aceitando a morte como justo castigo de suas culpas. António de Herrera e Luis de Bavia não se lembram de tais discursos, e eu os considero apócrifos.

Manuel da Silva era de estatura mediana, reforçado, barbado, principiava a encanecer aos quarenta e dous anos, e era eloqüente, de que dera testemunho nas juntas de Lisboa e côrtes de Almeirim.

Parece que o seu espólio na ilha era precioso. O seu secretário italiano Marco António entregára o tesouro a um capitão que lho extorquira depois de findo o terceiro dia de saque. O marquês de Santa Cruz, sabedor do caso, obrigou o capitão a repôr o tesouro de que o marquês se assenhorou. As relações e os cronistas não dizem as espécies, nem o valor aproximado. Se lá estavam as pulseiras e as correntes das mulheres da ilha Terceira, o marquês não as restituiu.

Não é exacto ser engradada a cabeça de Manuel da Silva na gaiola donde se tirou a de Melchior Afonso. O cadáver do decapitado foi enterrado com grande aparato e com tôdas as honras militares pelo exército espanhol [1].

Para o prior do Crato o desastre do seu conde de Tôrres-Vedras foi grande perda e profunda saudade. Escrevia D. António ao papa Gregório XIII: «...Êle (Filipe II) fez degolar o conde de Tôrres-Vedras, o constantíssimo e fidelíssimo Manuel da Silva, que me havia confirmado a fé jurada, e que constantemente a recusára ao castelhano. Era parente dos primeiros príncipes de Castela, e contudo nem amplas recompensas propostas pelo tirano, nem cartas reiteradas e admoestações dos príncipes seus parentes, nem ainda afinal o suplício da degolação puderam demover aquele fidelíssimo conde a abandonar-me !». [2]

---

1 **António de Herrera, e Luís de Bavia, loc. cit.**

2 **Excelent et libre discours du droit de la suc-**

D. António devia ter a certeza de que o seu amigo poderia ter salvado a vida, se na véspera do suplício oferecesse a sua espada ao almirante espanhol. Menor heroísmo seria o do seu trespasse no campo da batalha. Maravilhado por tão rija inflexibilidade de ânimo e convicções, bem pode ser que o marquês lhe mandasse fazer o honroso entêrro.

Eis-aqui o homem, cuja memória todos os historiadores portugueses têm coberto de injúrias, excedendo desmesuradamente as que lhe cuspiram os espanhóis e italianos.

*

Direi agora da descendência de Manuel da Silva Coutinho.

O seu herdeiro, se Filipe lhe não sequestrasse os haveres, devia ser o primogénito Brás da Silva. Êste mancebo entrou no serviço de Castela, e morreu sem descendentes na Sicília. Salazar y Castro, o mais miúdo averiguador da genealogia dos *Silvas*, não sabe nada dêste Brás; outros, como o conde da Erceira que enviou ao tradutor espanhol de Moreri as suas árvores genealógicas, dizem simplesmente que êle morrera em Sicília.

Tinha Manuel da Silva duas filhas: D. Leonor Manrique, e D. Guiomar de Vilhena. Ambas elas rejeitaram, como opróbrio, os apelidos palernos.

D. Guiomar casou com Luís Lôbo da Veiga, grande morgado de Monte-mór-o-Novo. Um filho dêstes, Manuel Lôbo da Silva, restabeleceu o apelido de seu infeliz avô. Foi capitão-general da ilha da Madeira, e casou com D. Margarida de Noronha, dama da rainha D. Maria Francisca Isabel de Sabóia. A sua descendência está hoje em Noronhas e Menezes.

CESSION ROYALE AU ROYAUME DE PORTUGAL, etc. A Paris, 1607.

A outra filha, D. Leonor Manrique, mulher de Aires de Sousa, comendador de Rio Maior, foi avó doutra Leonor Manrique, primeira condessa da Ponte e primeira marquesa de Sande, por ter casado com seu tio Francisco de Melo de Tôrres, que teve aqueles títulos, e morreu *assassinado por engano*, diz o padre Sousa na HISTÓRIA GENEALÓGICA DA CASA RIAL, em 7 de janeiro de 1667 [1].

---

1 Eu não creio que na côrte de Afonso VI e do infante D. Pedro houvesse homicídios *por engano*, apesar da afirmativa do padre Sousa, e de todos os autores impressos que relatam o assassínio do marquês de Sande. Suspeitei que êste silêncio significava a alta prosápia dos homicidas, e tratei de averiguar em manuscritos coevos o misterioso desastre. Socorri-me do mais noticioso códice que se conhece, e que está inédito justamente em castigo do desempêno com que relata os acontecimentos ocorridos no seu tempo. É frei *Alexandre da Paixão* autor do manuscrito intitulado MONSTRUOSIDADES DO TEMPO E DA FORTUNA, *vistas em o reino de Portugal, tanto para argumento da admiração como para exemplo do desengano, sucedidas em uma idade que servirá de espelho em tôdas a príncipes e validos, etc. Escritas para que os futuros tirem do maior espanto o melhor documento, pelos anos de 1662 até 1680.* O meu códice abrange próximamente 400 pags. in-fólio. Além dêste, há dous exemplares conhecidos, um na Biblioteca do Pôrto, e outro incompleto na de Braga. Frei Alexandre da Paixão refere assim o caso do assassínio do marido da bisneta de Manuel da Silva:

«Em 7 (de janeiro de 1667), véspera de Nossa Senhora da Conceição, sucedeu um desastrado caso com circunstancias de mistério. Cantaram-se na capela rial as matinas da Senhora, como as do Natal, pelas 7 horas da noite. Assistiu sua alteza na tribuna e o melhor da côrte; para a tribuna da mão esquerda, ficaram os condes da Tôrre e de Vilar-Maior, o marquês de Sande, D. Francisco de Lima e outros fidalgos. Veio a tratar-se da entrega de Tanger em Africa, e Bombaim na India aos ingleses. Disseram alguns dêstes senhores que fôra cousa muito mal feita, tanto porque a rainha-mãe o não podia fazer, que era tutora e não senhora do reino, quanto porque se deram a herejes

Algum sangue dos Silvas, senhores da Chamusca, está na casa actualmente reinante em Portugal; porque

---

com grande ofensa de Deus. * Defendeu o marquês de Sande com razões de conveniência do casamento. Refutaram-nas os de contrário parecer, com a evidência de que todos quantos entraram nesta entrega tinham sido castigados ou com mortes ou com desgraças. Ao que impugnou o marquês dizendo que, sendo êle dos principais que andaram neste contrato, havia sido sua casa muito venturosa, e êle estava vivo. Acabou-se a prática com as matinas, meteu-se o marquês na liteira de D. Francisco de Lima e foram para suas casas.

«Chegando à cruz do adro de S. Domingos, investiram a liteira quatro homens de cavalo e quatro de pé, e perguntaram aos lacaios, cuja era a liteira. Responderam que de D. Francisco de Lima; com que avançaram ao melhor lugar dela, onde ia o marquês de Sande, e de nove estocadas o mataram sem confissão, ficando D. Francisco de Lima no lugar dianteiro sem lhe tocarem. Conheceram-se entre os matadores criados de D. João de Castro. Voou a nova a palácio. Sentiu sua alteza e tôda a côrte a morte do marquês grandemente, e com razão porque não tinha Portugal, nem homem mais ajustado, nem mais bemquisto, nem mais noticioso, nem melhor afortunado em os negócios, nem mais conhecido dos príncipes da Europa. Mandou sua alteza prender D. João, que se metera debaixo do guarda-infante de sua mulher, e foram presos com algêmas todos os seus criados para a enxòvia. Pela confissão dêles se soube que o matador fôra o conde de Mesquitela, para o que pedira a D. João de Castro os seus criados, porquanto tratava o marquês de casamento com a mãe do conde. Verificou-se com o conde se homiziar e D. João de Carcome para a fronteira do Minho, e, não se dando lá por seguros, se voltaram outra vez para Lisboa. Fizeram-se grandes diligências para os prender; houve notícias que se tinham retirado ao mosteiro de Belêm; mandou sua alteza cercar o mosteiro com tropa de cavalaria e companhias de infantaria, para que não se embarcassem na armada francesa que saía daquele pôrto, e partiu no mês de novembro. Depois, embarcaram-se para Itália; e, passando pelo estreito, en-

---

* O leitor sabe perfeitamente que no dote de D. Catarina, mulher de Carlos II, entraram aquelas praças.

Rúi Gomes da Silva, príncipe de Eboli e primeiro duque de Pastrana, era primo-co-irmão do degolado da ilha Terceira. Tinha aquele Rúi Gomes casado com D. Ana de Mendonça, amante de Filipe II, e também amante do secretário de estado António Perez. Desta princesa e de seu marido nasceu a duquesa D. Ana da Silva que casou com o sétimo duque de Medina Sidónia, de quem nasceu o oitavo duque, pai da rainha de Portugal, D. Luísa Francisca de Gusmão, mulher de D. João IV. De modo que João da Silva, segundo senhor da Chamusca, avô do conde de Tôrres-Vedras, é décimo-terceiro avô do senhor D. Luís I que Deus guarde.

Isto é um modo de falar burguês; porque, segundo disse Isabel a católica, *los reys no tienen parientes.*

---

contraram duas naus de turcos; pelejaram, defenderam-se, e retiraram-se para Cadix já em tempo que êste reino tinha celebrado pazes com Castela. A D. João de Castro buscaram também, porque também se entendia que foi culpado na morte».

Assim se esclarece o mistério da morte do marquês de Sande, de quem se lê na ANTI-CATÁSTROFE: *cavaleiro de capa e espada, de património parco, e de nobreza que dependia do uso das virtudes para se acreditar, pois se não podia desvanecer com o nascimento* (pag. 232). Matou-o D. Noutel de Castro, 2.º conde de Mesquitela, para que o casamento da mãe lhe não desfalcasse os bens. Que tempos e que fidalgos!

Acêrca de frei Alexandre da Paixão, veja BIBLIOT. LUSIT., tom. I, pag. 97, e ELOGIOS DOS REV. PADRES DD. ABADES GERAIS DA CONGREGAÇÃO BENEDITINA, etc., pag. 412, n.º 41. Preparo a publicação dêste códice importantíssimo para a história dos reinados de Afonso VI e Pedro II.

III

D. FRANCISCO DE PORTUGAL

O académico Sousa assevera com provas documentais que D. Francisco de Portugal, condestável de D. Antônio, não chegou a ser conde de Vimioso, porque seu pai, cativo em Marrocos, lhe sobrevivera [1]. Corrigindo assim todos os historiadores da batalha de Alcácer-Quibir, esteia-se em argumentos que me parecem contraditáveis. Diz êle possuir uma sentença do desembargo do paço em que o sucessor do 2.º conde de Vimioso provára que seu pai não morrera na batalha de Alcácer, e portanto a sua casa não caducára. Esta justificação poderia levar em vista salvar os bens dos Vimiosos sequestrados pelo rei intruso, pondo fóra da

1 HIST. GENEAL. DA CASA RIAL, tom. X, pag. 702, 703 e 711.

sucessão na casa e no título o condestável de D. António.

Diz também existir uma carta de el-rei Henrique ao seu embaixador de Marrocos D. Francisco da Costa, recomendando-lhe particularmente o conde de Vimioso D. Afonso, que estava cativo e desconhecido. Oferecem-se-me três repugnâncias em aceitar a autenticidade da recomendação: primeira, nem um só dos historiadores, nem ainda o minudencioso Hieronymo de Mendonça, deixaram indecisa a morte do conde; segunda, o vélho ódio do ex-inquisidor geral à casa Vimioso, episódio estranho desta narrativa; terceira, a presumível abundância de recursos próprios para o resgate, pois que seu filho D. Francisco se remiu por 20:000 cruzados; resgatou seu irmão D. Luís, e gastou mais de 100:000 cruzados no cativeiro, sustentando fidalgos menos abastados. É inaceitável que o senhor da casa se deixasse morrer cativo e desconhecido, e ainda mais que o filho, vivendo opulentamente em Marrocos até se resgatar, ignorasse que seu vélho pai sobrevivera ao desastre ou consentisse que se escondesse em miserável obscuridade. O argumento-menos flexível que o genealógico da casa rial portuguesa produz é colhido de um livro composto pelo 9.º conde de Vimioso, INSTRUÇÃO QUE DÁ SEU FILHO, etc., onde a pag. 24 se lê que D. Afonso ainda vivia em setembro de 1584, sobrevivendo desta sorte a seu filho D. Francisco de Portugal, que não chegou a ser conde. Merece algum crédito êste livro, publicado em 1744, porque não precisava de repetir o subterfúgio político com que o irmão do condestável do prior do Crato quis salvar os bens, sendo aliás desouroso para o seu quarto avô o desamparo em que deixára acabar o pai na escravidão; mas êsse crédito sofre grande quebra, quando o mesmo autor em outro dos seus livros, VIDA DO INFANTE D. LUÍS, denomina 3.º conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal. Não se entende. Como quer que seja, à

míngua de prova concludente, e porque não encontro registrado o título de D. Francisco de Portugal na chancelaria de D. Sebastião, do cardeal-rei, nem ainda dos governadores do reino, parece-me mais seguro desviar-me dos historiadores, que sem curarem da legalidade dos títulos, trataram de *conde de Tôrres-Vedras* Manuel da Silva e de *bispo de Angra* frei Manuel de Melo, sem atenderem à incompetência de quem os nomeou.

D. Francisco nasceu em 1553. Tradições de família conservadas na HIST. GENIAL., dizem que teve esmeradíssima educação em letras, provada em composições métricas, onde se revela saber de línguas grega, latina, francesa, italiana e espanhola. Nada se imprimiu que assevere a tradição; mas eu não duvido que D. Francisco, neto do primeiro conde, colaborador do CANCIONEIRO, compilado por Garcia de Rezende, herdasse o condão das bôas letras, muito distintamente cultivadas na geração dos Vimiosos. Na Biblioteca pública de Évora há poemetos manuscritos dum conde de Vimioso que o erudito Rivara catalogou na dúvida se seriam de 1.º conde. Com certeza eram, porque são também dêle os PROVÉRBIOS catalogados, que seu neto D. Henrique de Portugal publicou em 1605, sob o título de SENTENÇAS. O padre Sousa fala dum soneto de D. Francisco, urdido de seis idiomas, e trasladado a português pelo autor da LUSITÂNIA TRANSFORMADA. Não sei se é algum dos inclusos na pastoral de Fernão Alvares do Oriente. Desconheço as convivências literárias daquele fidalgo com os escritores notáveis do seu tempo. O snr. visconde de Juromenha, no prefácio da sua edição das obras de Luís de Camões, escreve que D. Francisco de Portugal havia sido um dos íntimos do poeta. O snr. visconde equivoca-se confundindo o 1.º ou 2.º conde de Vimioso com o que êle considera 3.º Quando Camões se embarcou para a Índia, D. Francisco ainda não era nascido; e, no regres-

so à pátria, o Vimioso contava então quinze anos. Camões ainda viveu dez; poderia cultivar essas amizades íntimas literárias; mas é notório que o cantor do Gama vivia pobre, esquecido, odiado do clero e dos fidalgos, com exceção de raros. D. Francisco de Portugal, muito por armas e nada por letras, insinuára-se na côrte, desde os seus vinte anos em que passou à África com o rei, na sua primeira jornada. D. Sebastião estimava-o como a rapaz valente e talvez inflado das fatuidades que depois o caracterizaram fortemente. Não houve ninguém na côrte que explicasse ao monarca a inspiração quási mendicante dêstes versos de Camões enviados ao neto de D. João III:

> **Estes humildes versos, que pregão**
> **São dêstes vossos reinos com verdade,**
> **Tenham, se não merecem galardão,**
> **Favor sequer da régia majestade.**

A não lhe darem um prémio egrégio, esporas de ouro a tão enaltecida fidalguia de talento, pedia *favor sequer* — uma esmola. Se D. Francisco de Portugal houvesse sido amigo íntimo ou sequer admirador de Camões, a não ser o portador das lástimas do poeta ao rei, repartiria com êle das sobras do seu luxo, da sua vida pompeada em demasias que até no cativeiro o celebraram. Concedido de barato que o jovem fidalgo privasse na estima de Camões, a pobreza de um e a opulência do outro demonstra que se algum dos dous se houve ingrata e desonradamente nesta amizade estéril foi D. Francisco de Portugal. Sabe-se, porém, que da casa dos Vimiosos se mandou a mortalha para o cadáver de Camões, com quem D. Manuel de Portugal privára na sua mocidade.

Eu já disse que D. Sebastião levou consigo à África em 1574 o corajoso môço; e quando, volvidos quatro anos da incubação do fanático e cavalêiroso desatino, lá voltou, D. Francisco estava ao lado do rei, no postô

da máxima honra e do maior perigo. Referem cronistas que êle praticára inúteis proezas na batalha; é de presumir que sim; mas o relatá-las como de vista é pura invenção. Acho judiciosas as palavras dum que assistiu à batalha, contra os miúdos encarecimentos das façanhas de alguns cavaleiros: «Nesta hora negra, era a calma tamanha, o pó, fumo, grita, a pouca defesa e confusão de maneira que o discreto leitor há-de cerrar os olhos meia hora, que não durou mais, e em os abrindo, achará todos tisnados, roubados e perdidos, sem rei morto e despido, e os mais todos cativos de ruim modo... *Tôda a pessoa que disser que viu alguma cousa neste acidente, e quiser cantar histórias, e dar relações de pessoas particulares, não vas ficis dêles; e deviam ser levadas a S. Lázaro, apartadas da gente; porque o caso foi um raio e ira de Deus que a todos cegou* [1]».

Quaisquer que fôssem as suas proezas, não referem as monografias da batalha que D. Francisco de Portugal, à imitação de D. Cristóvão de Távora, sustentasse a posição ao lado do rei no derradeiro transe; e, posto que o genealógico Sousa tente comover com o estado de D. Francisco *mais morto com a desgraçada morte de el-rei do que vivo para as esperanças da liberdade*, outro escritor coevo e testemunha dos actos do juvenil fidalgo nos dá margem a crêr que a impressão do desastre não o quebrantou a ponto de esquivar-se às blandícias amorosas de uma irmã do xerife Muley-Hamet [2]. Os fidalgos cativos em Marrocos, viviam jovialmente. Eram no desastre tão pouco sen-

---

1 COLECÇÃO DE DOCUMENTOS MANUSCRITOS DO SÉCULO XVI, NA MAIOR PARTE TOCANTES AO TEMPO DE EL-REI D. SEBASTIÃO. Códice da Bibliot. pública do Pôrto, herdado com os mss. do conde de Azevedo.

2 JORNADA DE AFRICA, composta por H. de Mendonça, cap. XVI.

timentais como bravos na peleja. O cronista frei Bernardo da Cruz descreve-os sem lisonja: «...Viviam com tanta opulência e fausto no tratamento de suas pessoas, como homens que estavam senhores da terra; e além de cada um ter sua pousada em casas muito formosas de judeus, com ricas camas e tapeçarias, gastavam mui espléndidamente em vestir mui ricas sêdas, e jogar e comer, fazendo maiores despesas que em Portugal: assim uns se mandavam prover de dinheiro de Portugal por letras, outros o tomavam de judeus com assinados de lhes pagarem, o que os judeus faziam com maior confiança do que o fizeram os mercadores de Lisboa antes de haverem partido para a África. Com esta liberdade e magnificência se tratavam os fidalgos, e os que tinham posse com jogos e banquetes, uns cristãos aos outros e alguns alcaides aos fidalgos... E em Fez onde os fidalgos quáse todos se ajuntaram, resplandeceu um primor e ufania nêles, no tratamento acima dito, que parece que foi o mais novo género de cativeiro que houve no mundo, não digo entre bárbaros, mas ainda entre cristãos mui polidos [1]».

---

1 Crónica de el-rei D. Sebastião, pag. 371-373. Outro escritor coevo afina pela mal disfarçada indignação do frade cronista: «No cativeiro houveram-se tão vãos, tão desonestos, tão insensíveis da sua honra e fidalgula que muitos dêles aceitaram resgate dos embaixadores de Filipe, com vergonhosos partidos sôbre os sucessos do reino que já começavam a vender». Quanto à cobardia dos fidalgos na batalha de Alcácer expõe umas sinceras afoutezas que não andam perpetnadas nas crónicas: «...Como êstes senhores não sabiam mais que rasgar sêdas, lograr perfumes da India, águas estiladas, passear as damas, inquietar donas virtuosas e honestas, andar com a barba no ar, soberbos mais do que Lucifer, cuidando que nisso estava o ponto e ser da fidalgula, indo armados desta côr e tenção mais para bodas que para brigas, em vendo o campo de Moluco, arraiais calmosos e armas pesadas e desacostumadas, logo esmoreceram caíndo-lhes o coração nos pés.

Não será, visto isto, temeridade supôr que D. Francisco de Portugal estava *mais vivo que morto*, às avessas do que presumia a bôa-fé ou a cortesia lisonjeira do seu biógrafo. Hieronymo de Mendoça também o exalça nos amores com Lela, irmã do xerife. Era senhora já dura de anos, santa à moda mourisca, dava por alto preço passaportes para o céu, e tinha cultivado com esmero raro a flôr da virgindade. Apaixonou-se a princesa sarracena por D. Francisco de Portugal, que não foi de todo insensivel, conquanto no dizer de Mendoça, tratasse os fogos serôdios de Lela *a modo de zombaria*. Divertia-se o mancebo; mas ela deu-lhe a perceber que se faria cristã para o haver como espôso; e, para o convencer, em domingo de Páscoa banqueteou os fidalgos, comemorando a festa daquele solene dia. Neste em meio, quando o fidalgo amado começava a temer-se das ameaças indirectas da matrona mal refrigerada em seus ardores, o xerife mandou-o chamar à sua presença. D. Francisco preparou-se para a morte, cuidando que Muley-Hamet o ia sacrificar à lasciva irmã; porêm o rei de Fez acolheu-o benignamente e convencionou em 20:000 cruzados o seu resgate. Voltou para a judiaria o galhardo

---

Pelo que, ao primeiro *S. Tiago* que se deu, êles foram os primeiros que mostraram as costas aos mouros, voltando à rédea sôlta com tanta desordem e cobardia que o esquadrão dos Aventureiros ou desaventurados de pé, à custa da vida, lhes deu lugar, e êles deram princípio a todo o mal e destruição que logo se seguiu. Esta é a verdade pura, e clara; o contrário, é quererem cobrir o céu com uma joeira...» CARTA DO DR. PEDRO DE ALPOIM, CONTADOR, PARA O DUQUE DE BRAGANÇA. Está impressa em parte nas NOITES DE INSÓNIA. Barbosa, na BIBLIOT. LUSITANA, art. *Pedro de Alpoim*, mostra ignorar o intento dêste ms. preciosíssimo para a história da desmoralização a que tinha baixado Portugal em 1580. Veja-se o SERMÃO admirável que prègou frei Miguel dos Santos, nas exéquias de D. Sebastião. VIRTUDES ANTIGAS, pag. 111-144.

môço, que era ansiosamente esperado; e, de contente que vinha, diz Mendoça, *arremessou o cavalo enchendo os olhos a todos de estranha alegria.* A moura procedeu com honesto desprendimento, favorecendo o ingrato e os seus conterrâneos enquanto se detiveram em África.

D. Francisco houve de mercadores judeus o empréstimo dos 20:000 cruzados, e abonou quantias menores com que outros se resgataram. Devia ser enorme a sua casa ou a soma das suas dívidas, se as calcularmos pelas liberalidades que fez em África e, mais tarde, em França.

Regressando à pátria, embarcou nas galés do marquês de Santa Cruz, e aportou a S. Lucar, onde se hospedou em casa do duque de Medina Sidónia. Aí foi tentado a concordar no direito de Filipe, como sucessor legítimo do cardeal-rei. Resistiu aos argumentos do duque e às promessas de prerrogativas e vantagens à sua casa. Dizem que Filipe directamente o solicitára. Não me conformo com o encarecimento que faz da recusa um genealogista da casa brigantina. Até me quer parecer que D. Francisco de Portugal tergiversaria na resposta ao duque para que o não retivessem em disfarçada prisão em S. Lucar como sucedeu ao duque de Barcelos D. Teodósio. A audácia das respostas negativas oporia Filipe II cavilosos embaraços no regresso a Portugal. O certo é que D. Francisco vacilava ainda entre D. Catarina de Bragança e o bastardo do infante D. Luís, quando êste já tinha sido aclamado em Santarém. *Eu estou indiferente*, escrevia êle a Pedro Docem, quando já o duque de Alba pisava território português; e explicava a parcialidade dos seus parentes em prol do prior porque havia necessidade de salvar a independência. O seu entusiasmo não era tamanho que o dispensasse de consultar pessoalmente o célebre jurisconsulto Pedro Barbosa ácêrca da legitimidade de D. António, antes de arrancar da espada.

Assim o refere o príncipe exilado na sua CARTA a Gregório XIII.

D. Francisco tinha vinte e seis anos, espírito cavaleiroso, ardentes entusiasmos e ambições de ser o condestável de um novo Mestre de Aviz. Havia bastantes analogias na situação. O inimigo castelhano, o príncipe bastardo, e êle, D. Francisco, descendente de Nuno Álvares Pereira. O mais que faltava — a bravura rude e o pundonor inflexível até à morte jurada sob o estandarte de Aljubarrota — isso, que era tudo, supria-o a colorida fantasia do môço poeta. É pouco mais ou menos o que se depreende de uma carta sua escrita de Setúbal, onde assistia com a mão nos copos da espada às deliberações de côrtes, em que êle e António Moniz Barreto eram sòzinhos contra dezoito parciais de Castela.

Esta carta apareceu vertida em espanhol a páginas 505 do 1.º tômo das OBRAS DE LUÍS DE CAMÕES, editadas pelo snr. visconde de Juromenha. Trasladei-a a português, apesar do receio de não acertar cabalmente com a fórma das locuções originais; porêm, como o assunto olha mais à história que à filologia, dou pequena importância à fidelidade do texto já agora de impossível verificação. Ortografei e pontuei de modo a facilitar-lhe a compreensão. Era dirigida a Pedro Docem, que acompanhou D. Sebastião. Por sua mãe, D. Catarina de Menezes, era êste cativo muito nobre, e também notabilíssimo por seu pai, que representava o célebre Martim Docem do século XV. Não era castelhano como escreveu um historiador português. Esta carta provavelmente não chegou ao seu destino, e divulgou-se interceptada e traduzida em Espanha. Pedro Docem morreu no cativeiro em Fez.

Diz assim:

«Dêste reino não se pode bem falar sem lágrimas; não pareceu bem aos governadores defendê-lo, e assim deixaram Almeirim, e vieram aqui a Setúbal a fazer côrtes

com pessoas que tinham parcialidade de Castela. Estavam as mesmas côrtes para entregar-se; atalhar isto custou-me arriscar a vida muitas vezes, e algumas pôr a mão na espada. Quiseram defender-me a entrada com companhias de arcabuzeiros, levantou-se o povo por mim, e depois quiseram prender-me porque fui com gente armada ao paço, e também não puderam. Emfim, fecharam-se as côrtes que eram de todo castelhanas. El-rei de Castela está em Badajoz com pequenito exército que não passará de 17:000 infantes, e os mais dêles bisonhos e rotos, e 2:100 cavalos em que não há 300 úteis; e ainda que a peleja não começou, alguns lugares do Alentejo, tomaram a sua voz. O povo impaciente levantou por seu rei ao senhor D. António, haverá oito dias, com grande aplauso. Está em Lisboa e espera-se âmanhã aqui, e (*espera-se*) que os governadores se ponham a salvo esta noite. O duque de Bragança foi-se esta manhã, diz êle, que a morrer honradamente em defensa do reino, o qual sem dúvida parece que se defendera honradamente. Lisboa está fortíssima; e por constar que se esperam por horas grandes socorros dos príncipes cristãos, dizem que o senhor D. António está já obedecido Tejo acima em todos os lugares, e todo o povo o deseja. Aqui é muito temido dos que não temem Deus. Eu estou indiferente, e sòmente no que houver de defender hei-de estar e seguir o que fôr direito e cristandade e honra, que me cumpre conservar, porque todos os grandes dêste reino, seguindo parcialidades, o deixaram passar. Vila Real, Castelo Branco (?), Portugal e Bragança e outras assim. Eu só hei ficado nestas côrtes em que afirmo a V. M. que Portugal me deve estar hoje livre; eu o defendi mais com a minha pessoa que com as armas, como fez aquele santo condestável de quem venho; e o bispo da Guarda, meu tio, e o snr. D. João Telo e o snr. D. Manuel 2 levantaram e sustentaram o senhor D. António, não por... 3 mas porque não houve outro modo de defender-nos. Confio que

---

1 A versão espanhola diz *Castilo*.

2 Alude a D. Manuel de Portugal, seu tio.

3 No espanhol está *no por parecer-le*. O sentido ai-gum tanto confuso é talvez que aceitavam D. António visto que o duque de Bragança, a quem por sua mulher cabia a corôa de direito, não saía em defesa do reino; ou talvez a versão não adulterada em espanhol fôsse *aplacer-le*, «agradar-lhe».

com efeito se fará, e que V. M. achará tudo quieto. Não posso agora dizer mais nada. A êsses senhores todos beijo as mãos. De Setúbal 27 de junho de 1580». 1

Revela esta carta a miopia política do indeciso adversário de Castela. D. Fernando Álvares de Toledo, o implacável verdugo de Flandres, está às portas de Estremoz, e o tribuno denodado das côrtes de Almeirim espera para se decidir iluminar-se com os deveres de verdadeiro cristão, e espera ainda mais que as mãos de Isabel Tudor e Henrique III segurem a corôa de D. António. Ou D. Francisco de Portugal arrancando da espada com bizarro espalhafato na sala das côrtes, e ufanando-se de neto de Nuno Álvares, — ou o seu ínclito avô mandando mansamente «corregер» a sua espada e recusando o prenome de *senhor* que lhe deu o alfageme de Santarém. Os dous condestáveis e os dous bastardos eram os símbolos das duas épocas: o de Alcanlara fiava a vitória das fôrças estranhas que se esperavam; o de Aljubarrota revia-se na lâmina açacalada do seu montante.

Eu só com meus vassalos e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da fôrça dura e infesta
A terra nunca de outrem subjugada. 2

Pode ser que D. Francisco, ao *pôr a mão na espada*, se lembrasse do santo condestável, segundo Camões. Os heroísmos do século XVII eram dum postiço romano e imitativo que não se sustentava nos lances apertados. As duras e ásperas originalidades da idade-média só tinham de arte e polidez a que os alfagemes davam ao aço das bôas lâminas de Toledo.

---

1 O snr. visconde de Juromenha publicou em espanhol esta carta, anotando o lanço em que diz que o conde de Vimioso, o condestável de D. António, fôra um dos íntimos amigos de Camões.

2 Lus., cant. IV, est. XIX.

Convencido de que o duque de Bragança se *não fôra a morrer honradamente em defesa do reino*, e tendo consultado o lente de Coimbra Pedro Barbosa sôbre os direitos de D. António [1], D. Francisco decidiu-se pelo prior do Crato e pelo seu ódio aos governadores fugitivos de Setúbal. No conflito da fuga, procedeu com irreflectida generosidade, impedindo que a tropa e a populaça se apossassem dos partidários de Filipe, e rondando pessoalmente de noite para entreter a soldadesca, enquanto os governadores do reino e os embaixadores de Castela corriam perigo na fuga. Deu passaportes a Rodrigo Vasques e a Cristóvão de Moura *que sentiu mais dever-lhe a vida que perdê-la*, escrevia êle a Filipe. Aos que o argüiam de inoportuna magnanimidade, respondia o fidalgo: «mais faz ao nosso caso fugirem êles que não matá-los em terra, o que soaria mal a quem apaixonadamente visse êste negócio [2]». Esta bizarria fôra plausível e bôa para uma colecção de apotegmas e ditos sentenciosos; mas o duque de Alba fazendo decapitar pouco depois em Cascais D. Diogo de Menezes, e pendurar em ameias o alcaide Henrique Pereira, dava ao generoso português uma lição de política sancionada nos preceitos que ainda hoje vogam nos dous hemisférios.

Aquela frase de D. Francisco *não matá-los em terra*, deixa presumir que êle preferisse matá-los no mar, e é bem fundada a presunção; mas não se explica o motivo político da preferência. O certo é que êle assim que viu ao longe trapejar o pano da caravela que levava oito dos mais rijos impugnadores de D. António, meteu-se com soldados em um navio; e, se não vingou a medida política de os matar na água, é por que o

---

1 EXCELLENT ET LIBRE DISCOURS DU DROIT, etc. A Paris, 1607, pag. 168.

2 CARTA DO DR. PEDRO DE ALFOIM, CONTADOR, PARA O DUQUE DE BRAGANÇA.

vento lhe soprou contrário. Por outro lado, não se compreende a justiça de Vimioso que a uns dava passaporte para Castela e a outros projectava dar-lho para a vida eterna. D. Francisco de Portugal, bem definido, era um rapaz cheio de quimeras, leviandades, altos conceitos da sua pessoa, e valentia, umas vezes prudente como em Alcácer e Alcântara, e afinal cega e decisiva, como na batalha naval dos Açôres.

Dizia na carta ao seu amigo cativo D. Francisco de Portugal que se esperava no dia seguinte el-rei D. Antônio. De feito, o filho de Violante Gomes, à frente de 8:000 infantes e 1:000 cavalos entrou em Setúbal. Escreve uma testemunha presencial: «Entrou em um campo formado, com tantas trombetas bastardas e atabales, tão formoso e tão lustroso que ponho dúvida se passou com melhor gente a África el-rei D. Sebastião. O vestido e o cavalo era o próprio com que entrou em Lisboa [1]. Apelidava diante da bandeira o nome

1 A respeito dêste cavalo e dêste vestido diz o ms. da Colecção do conde de Azevedo que nos ministra estas miudezas, o seguinte: «...E por vir cansado (refere-se à entrada em Lisboa, depois de aclamado em Santarêm) se assentou na sacristia (da Sé) e mandou chamar os mesteres e juiz dos vinte e quatro, que todos abraçou, e o receberam com muito contentamento. Daqui, às 6 horas da tarde, abalou para o paço, em um cavalo branco muito formoso, com um chapéu de tafetá grande, e um peiote de chamalote e ferragoulo do mesmo, e meias caiças brancas sôbre as imperiais, * como quem vem de caminho. Do povo foi muito bem recebido como muito havia desejado, e das mulheres formosas muito mais, que não só com os olhos folgavam de o vêr por particular afeição, mas com as mãos o festejavam com águas rosadas, mostrando nisto uma espécie de alegria que assim como às vezes faz verter água pelos olhos assim fazia ela pelas mãos, borrifando-o como noivo que casára com Lisboa quási desesperada de o ter».

* *Calças imperiais* eram golpeadas com muitos feitios.

de *Rial* tôda a gente, e debaixo desta bandeira com 300 escopeteiros de Santarêm como guarda sua e fieis seus, além da guarda de sua pessoa de «alabardas».

Êste inane e ruidoso espectáculo devia impressionar D. Francisco de Portugal, e atraí-lo definitivamente e arrebatadamente à causa do pretensôr que entrára em Lisboa com 200 homens e saíra com 8:000 de pé e mil cavaleiros. Êle não indagou que cavalos e cavaleiros eram aqueles: os primeiros haviam sido embargados à fôrça, os segundos eram na maior parte jornaleiros de Riba-Tejo e a arraia miúda da capital. Quanto à infantaria, porção era de negros escravos, de mulatos, de estrangeiros, e muitos frades franciscanos — um irrisório exército com que D. Francisco fàcilmente iria ao encontro dos 17:000 infantes e 2:100 cavalos de Castela, que êle, zombando, numerava na carta escrita a Pedro Docem. Daqueles 9:000 homens, 5:000 desapareceram na véspera da batalha de Alcântara.

D. António mandou-o entender-se com D. Diogo de Menezes a Cascais; deu-lhe provisão para distribuir comendas e mercês; e ao mesmo tempo enviou frei Manuel de Melo e António de Sousa, de Lamego, pedir à duquesa de Bragança sua filha para espôsa, concedendo ao duque o título de infante e a reversão da corôa aos seus filhos, se não houvesse descendência.

Parece que o prior do Crato resolvera desatar os laços canónicos que o prendiam à Igreja como freire de S. João de Malta logo que estivesse seguro na posse da corôa. A mesma idéa, em anos mais adiantados, passára no espírito embotado do cardeal D. Henrique seu tio, com a mesma noiva ou com Catarina de Médicis. De D. António, que orçava então pelos cinqüenta anos, seria exageração dizer-se o que Manuel de Faria e Sousa, antes de assalariar-se espião de D. João IV em Madrid, escreveu do cardeal-rei: «Propunham que o cardeal se casasse. Nomearam-lhe como noivas a filha de Bragança e a rainha-mãe de França,

cujo retrato mandou vir e trazia consigo; e o certo é que, segundo sua disposição e idade, tendo-a pintada, tinha-a como a podia ter, e, posto que já tivesse sido mãe, quanto a êle estava como a sobrinha; e contudo os que o desejavam casado, conhecendo que nem com mulher casada teriam fruto do casamento, ousavam dizer... que trouxessem mulher ainda que já fôsse pejada [1]».

Os enviados do prior ao duque de Bragança foram despedidos com delicada recusa. D. António era tão malquisto aos Braganças como aos Filipes. A proposta feita pelo filho da Pelicana, inquinada de judaismo e mancebia, devia irritar a neta de el-rei D. Manuel, que também lá tinha para castigo do seu orgulho João Gonçalves Brandão, pai de Iria. D. António, repelido, voltou-se para D. Filipa de Vilhena, irmã do seu amigo D. Francisco de Portugal. Haviam concertado o casamento, quando o rei aclamado se assentasse no trono de D. João I. D. Filipa, sôbre ser formosa e múito na flôr dos anos, era doutíssima em Escrituras e latinidade. Esperou até à morte do noivo prometido com heróica, senão amorosa, constância. Depois, fechado o sepulcro do alquebrado vélho, também ela se inclaustrou no mosteiro do Sacramento onde foi prioresa, e aí faleceu em 1614, sobrevivendo vinte e cinco anos àquele que se finára com a sua esperança de ser rainha de Portugal. [2]

Suponho que D. Francisco de Portugal, distribuidas as mercês que D. António liberalizava por intermédio do seu condestável, recolheu a Lisboa onde o chamava a patente de general do exército. Todos os fidalgos

---

1 EPITOME DE LAS HISTORIAS PORTUGUESAS, edição de 1628. A quem parecer áspera a argúição de espionagem feita a Manuel de Faria e Sousa, leia o CURSO DE LITERATURA PORTUGUESA, por C. C. Branco, pag. 71-83.

2 HIST. GENEALÓGICA, tom. x, pag. 711.

que saíram ao encontro do duque de Alba em Alcântara, à frente de uns quatro ou cinco mil homens colecticios, eram generais; mas, não obstante o engôdo da patente, muitos na véspera da batalha adoeceram de terror ou compreenderam a inutilidade da resistência. Não cabem neste estudo delongas a respeito da batalha que pertencem à monografia do prior. Os historiógrafos encarecem as proezas de D. Francisco de Portugal que vibrava um montante no local mais perigoso da ponte; parece, porêm, que o fugir êle invulnerado do recontro significa mediano risco, prudente desvio do ferro, pontaria muito errada do inimigo, ou enfim, grande felicidade do lidador. A verdade é que o estado-maior, como hoje diríamos, de D. Antônio, fugiu incólume, e a ferida que o pretensôr curou em Santo António do Tojal, diz a maioria dos narradores da miserável derrota, que a recebera de um dardo remessado por um dos seus ao acaso.

D. Francisco, Diogo Botelho, o bispo da Guarda, António de Brito Pimentel, alguns criados particulares seguiram D. António. Santarêm receben-os com tanta frieza quanto havia sido o ardor em o aclamar. Coimbra sorria de presente às esperanças banais do fugitivo que premeditava ainda a resistência enquanto de França não aportavam socórros. A história não nos deixa acreditar que à volta do neto de D. Manuél estivesse um homem sensato; mas, em compensação, corações devolutos teve-os de-veras, se é que a necessidade não explica as adesões constantes.

O prior tinha grangeado em 1579 grande partido em Coimbra, pela influência de D. Lourenço Leite, prior de Santa Cruz, que vingára inculir o seu ardente patriotismo no senado, no povo, no corpo catedrálico e nos académicos fácilmente inflamáveis. Mas êsse partido em 1580 estava reduzido à fidelidade do dom prior geral, dalguns cónegos regrantes que ainda o estimavam por ter sido seu condiscípulo no mosteiro, e em

alguns lentes como Pedro de Alpoim, degolado pouco depois. Quem contraminára a influência do poderoso crúzio fôra um cónego prebendado, fidalgo da casa de el-rei, Ambrósio de Sá, sobrinho do poeta Francisco de Sá Miranda. Êste cónego, que primeiramente havia sido acérrimo antonista, sob a influência do seu parente Símão de Sá, bispo portuense, mudou do enves, quando o mesmo bispo se deixou converter por seu primo Pantaleão de Sá, alcaide-mór do Pôrto. Ambrósio recebeu cédula de Cristóvão de Moura, e como tal se acha alistado no rol publicado por Faria e Sousa [1], com o número 34, e estendeu a sua influência à parentela de Sás, que era importantíssima. Os números imediatos, 35 e 36, dos comprados por Filipe, são Luís Pessoa, que reagira à influência do prior em Montemor, e Gaspar Juzarte de Andrade. O primeiro casára com Isabel de Melo, filha do cónego, e vendera-se pelo fôro de fidalgo e 40$000 réis anuais de tença; o segundo era sobrinho de Pessoa e não se vendeu mais caro que o tio [2].

Sem embargo, D. António achou francas as portas de Coimbra e as de Santa Cruz onde o recebeu nos braços o seu vélho aio e mestre D. Lourenço Leite. Tratou de refazer um exército de 5:000 homens, em que avultavam alguns académicos entusiastas, mas tão disciplinados como a plebe rural, que êle armou com lanças e alabardas da sala de armas do mosteiro. Cem anos antes, o prior geral D. João de Noronha, travado em guerra com o bispo à conta de jurisdições, mandára construir no mosteiro uma sala de armas para peões e cavaleiros. Havia panóplias de armas bran-

1 Europa port., t. III, pag. 120.

2 Quanto à consideração que Cristóvão de Moura dava à conquista dêste cónego, vejam-se os despachos de Moura trasladados de um ms. da Acad. rial das sciências na Hist. de Port. de R. da Silva, t. II, pag. 219-222.

cas, couraças com clavaduras douradas sôbre veludo, piques, montantes, espadas, escudos, rodela, e bons arneses de finas lâminas [1]. Grande parte dêste arsenal monástico e indigno dos filhos de S. Teotónio perdera-se em 1566 quando os de Coimbra foram armar-se ao mosteiro para irem de arrancada repelir a Biarcos uma forte armada de luteranos. Os herejes usaram a prudência de se fazerem ao mar, e os bons católicos de Coimbra poucas armas restituiram. Algumas que restavam em 1580 apossou-se delas o prior do Crato, a beneplácito dos frades [2].

---

1 D. Nicolau de Santa Maria, CRÓNICA DA ORDEM DOS CÓNEGOS REGRANTES, tom. II, pag. 269.

2 Remontando à época em que o dom prior de Santa Cruz, da raça dos soberbos *Noronhas*, contendeu com os não menos arrogantes *Almeidas* do bispo D. Jorge, direi o que pude averiguar mais plausível. Alexandre Herculano incidentalmente lembra êste caso na polémica àcêrca da aparição do Crucificado em Ourique nestes termos, referindo-se à época da invenção documentada da lenda: «Naquela conjuntura, o mosteiro estava gasto e desbaratado das guerras que pouco antes o prior D. João de Noronha tivera com o bispo de Coimbra, em razão de uma pouca de carne furtada da cozinha do bispo pelos criados do prior; guerras em que se deram cruas batalhas nas praças de Coimbra, sendo necessário que o poder público mandasse marchar tropas para pacificar à fôrça os dous reverendos campeões». Herculano autoriza-se com a CRÓNICA DOS CÓNEGOS REGRANTES de dom frei Nicolau de Santa Maria; mas o cronista está muito longe de justificar estas amplificações. É certo que os criados do mosteiro entraram na cozinha episcopal e levaram a carne que o magarefe parcial do bispo, não quisera vender aos frades; porêm, o que dessa grotesca vindita se seguiu foi travarem-se os criados dos dous inimigos quando se topavam, e com tal fúria que alguns morreram nos conflitos. Preparavam-se os parentes do prior para darem batalha campal aos parentes do bispo, quando D. João II mandou a João Homem Pessoa, poderoso fidalgo da Beira, que descesse a Coimbra com os seus vassalos e aplacasse os dous belígeros ministros do pacífico Jesus. João Homem conseguiu com artes

Logo que chegou aviso a Coimbra de estar em marcha na piugada dos fugitivos D. Sancho de Ávila com 400 cavalos e 1:500 infantes, D. António, posto que tivesse arregimentado 5:000 homens, deu as costas ao inimigo, abandonou Coimbra, e foi atacar Aveiro que lhe fechára as portas. A viúva do duque D. Jorge, morto em Alcácer, era irmã do duque de Ossuna, e senhora donatária de Aveiro. Foi ela porventura quem inilluiu na hostil desafeição dos aveirenses ao prior do Crato. Esta inesperada contrariedade irritou-o em cóleras que pedem indulgência. Mandou buscar artilharia ao castelo da Feira e bombardeou a vila. Os sitiados resistiram esperançados em socorros do Pôrto, pedidos ao alcaide-mór Pantaleão de Sá; mas, descoroçoados e vencidos pelas admoestações pacíficas dos Alpoins, partidários do prior, abriram as portas. Houve saque, prisões e homicídios. Compreende-se êste rancor do infeliz prelendente contra os seus naturais que o repeliram, defendendo a vila para a entregarem aos

---

sossegar as duas raças assanhadas de Almeidas e Noronhas, desterrou de Coimbra os mais voltelros e processou os implicados em mortes. D. Nicolau não conta o resto que é o melhor. João Homem, conquistada a paz, deixou-se estar por Coimbra a conquistar senhoras. Os desgostosos das suas providências pacificadoras enviaram a D. João II uns capítulos de acusação a *fazerem-lhe* queixumes de que João Homem *dormira com mulheres. O Príncipe perfeito* examinou os *grandes capítulos, e quando achou que não era com casadas nem com freiras nem forçára nenhuma, mandou logo perante si queimar os capítulos, e disse que tovo copado não era bom para côrro.* Assim o refere o seu panegirista Garcia de Rezende no cap. CLI da CRÓNICA. D. Nicolau cita Rezende exagerando-o; Herculano, a fim de descrever o mosteiro desmantelado pelas «cruas batalhas», exagera D. Nicolau. O mosteiro nesse tempo prescindia tanto de reabilitar-se pela falsificação de documentos milagreiros, que constrniu esplêndida sala de armas, e parecia crêr mais nos montantes do que na cruz sobrenatural com que se intentava explicar a vitória de Afonso em Ourique.

castelhanos. Filipe II apreciou grandemente a dedicação da terra em que D. António dessedentára a sua sêde de vingança. Em 13 de maio de 1581 concedeu a Aveiro título de nobre e nolável; no dia anterior lhe concedera os privilégios que D. Manuel dera a Coímbra em 1510, pelos quais era facultado ao morador da vila usar armas a qualquer hora, e praticar qualquer crime sem receio de tormentos.

Nos ANAIS DA ILHA TERCEIRA por Drumond lê-se que uns enviados de Angra vieram encontrar em Aveiro, no *principio de agosto*, o prior na cama a curar-se dos ferimentos de Alcântara. Não pode ser. A batalha de Alcântara travou-se em 25 de agosto, e D. António chegou a Aveiro no meado de setembro. Tanto crédito me merecem os ferimentos do prior como a cronologia dos vélhos documentos que o compilador Drumond não quis corrigir.

Parece que D. António projectou sair de Aveiro directamente para França; mas a opinião de D. Francisco de Portugal e do bispo da Guarda, sêu tio, fez-lhe entreluzir esperanças no partido que tinha no Pôrto e nas fôrças que lhe ofereciam as províncias do norte. Iludiam-se com os bandos amotinados dos portugueses sem um caudilho da fidalguia. Pantaleão de Sá, alcaide-mór e o bispo D. Simeão com outros homens ricos e considerados, assim que viram em frente da cidade os saqueadores de Aveiro, no dia 28 de setembro saíram para Braga, onde o arcebispo, também parcial de D. Filipe, corria iguais dissabores com alguns nobres e muita plebe amotinada a favor de D. António [1].

---

1 Ao snr. José Caldas, que está escrevendo a biografia do arcebispo D. frei Bartolomeu dos Mártires, envio alguns talvez inúteis esclarecimentos, que traslado do n.º 6 da BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA E ESTRANGEIRA:

«...É pois natural que um dos seus mais interessan-

Entrou o sobrinho de D. João III no Pôrto, após curta resistência. Carecia de dinheiro: a cidade bur-

---

tes capítulos se preencha com a política de D. frei Bartolomeu dos Mártires em 1580 por ocasião das alterações promovidas pelos pretensôres à corôa, mórmente D. António e Filipe II de Castela.

Aí veremos a parcialidade, nem censurável, nem singular, do prelado pelo rei estrangeiro. Ele que era virtuoso não transigira de-certo com a libertinagem do seu discípulo prior do Crato que a êsse tempo tinha doz filhos de diversas mulheres; mas por outro lado os vícios de Filipe, adúltero e filhícida, também não explicam a simpatia do austero campeador do Concílio Tridentino. Como quer que fôsse, deve o snr. Caldas, para bem nos dar o relêvo da facciosidade um tanto amarga do prelado, pedir ao seu actual sucessor bracarense que lhe mande dar traslado dos seguintes documentos do arquivo da mitra:

1.º *Provisão por que D. frei Bortolomeu mandou despejar pora fóra da cidade algumas pessoas em 1580.*

2.º *Pravisão por que o mesmo arcebispo mandou ao doutor auvidor que fizesse ir perante si todos os tabeliães e escrivães que tivessem culpas do doutor Francisco de Caldas Pereira em que fôsse culpado nas revoltas de D. António, 1580.* *

3.º *Provisão por que o mesmo bispo mandou suprimir e lirar as armas aos cristãos-novos que havia nesta cidade por lhes constar que tinham levantado motins em algumas nos amotinados: em 1580.*

4.º *Cópia de uma carte do arcebispo pedindo artilharia pora defender a cidade. Remessa dela e recibo em 1580.*

5.º *Provisão do arcebispo D. Frei Bartolomeu para um escrever nos autos de querelas, devassos, e cousas locaules aos amotinados: em 1580.*

Pode o snr. Caldas alegar requerendo que os três primeiros documentos, segundo se lê no MOSTRADOR GERAL DO ARQUIVO DA MITRA PRIMAZ *dirigido pelo desembargador provisor geral Inácio José Peixoto, no ano de 1787*, estão na *gaveta* 1.ª, *masso* 5.º, n.ºs 1, 2 e 3.

E que o documento 4.º está na mesma *gaveta, masso* 9.º, n.º 2; e o documento 5.º, está no *masso* 12, n.º 10.

---

* Francisco de Caldas Pereira era pai do épico célebre Gabriel Pereira de Castro, que morreu chanceler-mór do reino em 1632.

guesa já era então um valhacouto de capitães amuados nos cofres dos mercadores. Os mais ricos foram fintados e executados sumàriamente. Contra a opinião verosímil e até bem acentuada de diversos historiadores espanhóis e portugueses, encontra-se a inválida opinião de Faria e Sousa acostada à de D. Rodrigo da Cunha no CATÁLOGO DOS BISPOS DO PÔRTO, part. 2.ª, cap. XXXVIII. Mas o arcebispo historiador, honrando a memória de seu pai D. Pedro da Cunha, morto em uma masmorra à ordem de Filipe II, linimentava docemente as acções do rei que o seu honrado progenitor reconhecera. Por amor dêsse preito à causa que D. Pedro servira, diz que D. António *se houve com tanta moderação na vitória, e foram-lhe tão obedientes neste particular os soldados que se não sabe injúria ou afronta que fizessem aos vencidos.* A mansidão do prior no Pôrto, que lhe resistira, não condiz com o saque e o mortícinio de Aveiro. D. Rodrigo da Cunha respeitaria mais fidalgamente a memória de seu pai não aceitando as prelazias dos Filipes, para depois, em 1640, inventar que o braço do Senhor Crucificado se despre-

---

Note, porêm, o ilustre escritor que, há catorze anos, para esclarecimentos históricos se pediram à mitra cópias dêstes documentos, e o *arquivista*, cheio de pia discrição, respondeu que não existiam. A imprensa religiosa duvidou que eu possuísse o MOSTRADOR irrefutável. Mandei-o expôr em Braga à contemplação dos que duvidavam por má fé ou por ignorância. Viram o MOSTRADOR de 320 páginas, e não sei se disseram que fui eu quo o forjei fraudulosamente para menoscabar o patriotismo do santo prelado.

Duvido que se possa escrever cabalmente história pátria enquanto os códices estiverem em poder dum clero imperfeitamente ilustrado. ¿Que importava à divina religião de Jesus que frei Bartolomeu seguisse o partido do filho de Violante Gomes ou o do amante da mulher de Rúi Gomes da Silva?

No entanto, insto o meu amigo José Caldas pelo subsídio dos documentos citados, e praza aos céus que seja mais feliz do que eu.

gára, à saída da Sé, afim de abençoar o povo revôlto contra o jugo espanhol.

D. António, influenciado pelo terror da sua estrêla funesta fugiu, quando o general espanhol vadeava o Douro em Avintes. Antes de lenlar a derradeira invocação aos fidalgos do Minho, enviou do Pôrto António de Brito Pimentel a França. D. Francisco de Portugal, que alguns historiadores dão como apartado dêle nas margens do Douro, seguiu-o até ao alto Minho.

A primeira manga de soldados espanhóis enviada no rasto do prior, dirigiu-se ao mosteiro de religiosas de Vairão. Ali supunham êles que encontrariam o filho do infante D. Luís. Naquela casa existiriam ainda algumas freiras que tinham conhecido Violante Gomes, lá recolhida antes de professar em Almoster, e lhe verlam no rosto de esmaecida beleza judaica lágrimas saúdosas dos dias festivos que vivera em Lisboa, quando o infante, ainda não devoto, se estadeava na peregrina formosura da amante em vaidades de galã de tal mulher [1].

Por essa ocasião, os oficiais da tropa castelhana não exercitaram o maior acatamento ao pudor das freiras. Iam vesados de Monchique, no Pôrto, e doutros conventos suburbanos de Lisboa, onde ficou dura-

---

1 «Violante Gomes, mãe do senhor D. António, era judia, e lhe chamaram de alcunha a *Pelicana*. Pretendeu persuadir que estava ocultamente casada com o infante... sendo a maior prova com que queria persuadir a pública estimação que o infante fazia dela e o modo com que andava na côrte, e a tratavam grandes senhores. Foi o que lhe aconteceu indo ela ao convento de Odivelas em um dia em que ali se achava D. Joana d'Eça, camareira-mór da rainha D. Catarina, a qual logo que entrára na igreja, lhe chegára uma almofada, para sentar-se, o que não faria a não ser casada com o infante; porêm esta camareira-mór, por tôda, era capaz de praticar êstes despropósitos». Mss.ˢ *inéditos* de Diogo de Paiva de Andrade (*sobrinho*), existentes na minha livraria.

doura memória dos estragos nas casas e na castidade [1]. E é para recear que a devastação das honras não fôsse menos devassa nas povoações do Minho, como se colige dum soneto inédito e escrito nesses dias:

AOS EXCESSOS DOS SOLDADOS ENTRE DOURO E MINHO

Não corre o Lima como de primeiro
Alegre e claro, antes turvo chora.
Em vez da branda frauta, ouvindo agora
Do côncavo latão o som guerreiro.

Temendo a sôlta mão do estrangeiro,
Não ousam as Napeas saír fóra;
Suspira o que mais dêle junto mora:
Desmaia o lavrador, geme o vaqueiro.

De frutos que com o seu trabalho puro
Colheram para si da terra dura
Lhes fazem sustentar quem os abrasa.

E, não contentes disso com soltura,
O soldado cruel, livre e seguro,
Da honra quer usar como da casa. 2

Enquanto buscavam o prior em Vairão pernoitava êle não longe de Barcelos na casa acastelada dos Azevedos. O senhor dela, Martim Lopes, amigo pessoal ou político de D. António, foi prêso, espoliado e encarcerado em Castela [3].

---

1 Carta de Pedro de Alpoim. Vej. Noites de insónia.

2 Colecção de Miss. do conde de Azevedo, na Biblioteca do Pôrto.

3 «Martim Lopes de Azevedo, 19.º senhor da casa e couto de Azevedo, môço fidalgo da casa rial, senhor da vila de Souto de Riba-Homem e de outros senhorios e padroados de igrejas, nasceu pelos meados do século XVI, reinando em Portugal D. João III, e foi filho de Pedro Lopes de Azevedo, senhor da dita casa e senhorios, e de sua mulher D. Brites Pereira, filha mais véiha de Jorge Pereira,

Quando chegou às margens do Lima, D. António apenas tinha à volta de si como relíquias duma soberania que seria grotesca se não fôsse inutilmente sanguinária, Diogo Botelho, Manuel da Silva, o degolado em Angra, mais sete indivíduos de inferior importância histórica, e dous criados seus particulares, Diogo

---

senhor de Mazarefes e Paradela. Foi Martim Lopes de Azevedo casado com D. Leonor da Silva, filha de Alvaro Pinheiro, alcaide-mór de Barcelos, senhor da honra e morgado de Pouve, e de sua mulher D. Francisco da Silva, filha de João Rodrigues de Sousa de Vasconcelos, irmão legítimo de Simão de Sousa Vasconcelos, comendador e alcaide-mór de Pombal, progenitor dos marqueses de Castelo-Melhor. Era Martim Lopes de Azevedo homem de espíritos alentados e de coração eminentemente português, e por isso, quando por morte do cardeal-rei se levantaram as dissenções sôbre quem devia suceder na corôa portuguesa, como não houvesse outro príncipe português que se pusesse à testa do partido nacional senão o prior do Crato D. António, Martim Lopes o seguiu com admirável fidelidade, e por isso unindo-se a seus primos o almirante do reino e o senhor da vila e casa da Trofa, e ao conde de Vimioso e a outros fidalgos, opuseram a resistência possível à invasão castelhana, mas sendo a fortuna adversa à causa da nacionalidade portuguesa, teve Martim Lopes de sofrer os trabalhos da prisão e do exílio da pátria, e sòmente passados alguns anos conseguiu do govêrno do rei Filipe II perdão por intervenção de sua tia D. Leonor de Mascarenhas, que fôra dama da imperatriz D. Isabel, mãe do dito rei Filipe. Em conseqüência dêstes desgraçados acontecimentos, perdeu Martim Lopes de Azevedo a comenda de Cervães, e os senhorios da corôa, que possuía, ficando reduzido apenas à casa e senhorio de Azevedo, que eram hereditários, e aos padroados de Galegos e Quiraz, anexos à mencionada casa. Morreu Martim Lopes de Azevedo pelos fins do século XVI ou princípios do XVII.

«Pode vêr-se a respeito de Martim Lopes o que se lê no tom. II das PROVAS DA HISTÓRIA GENEALÓGICA DA CASA RIAL, a pag. 556; no tom. II da HISPANIA ILLUSTRATA, a pag. 1175; no EXEMPLAR DA CARTA LATINA DO PRIOR DO CRATO ANTÓNIO, escrita no ano de 1583 ao papa Gregório XIII, a pag. 53». (Nota do conde de Azevedo, representante de Martim Lopes).

Rodrigues, e Tomás Cacheiro, ou Qacheiro, como o prior escreveu no seu testamento [1].

D. Francisco de Portugal já de Viana tinha partido, sob disfarce de italiano, com seis criados, para França, através de Espanha. Deu-se nome de *Trivulcio*. Entrou em Madrid, esteve na Catalunha, e correu o perigo de ser denunciado por um espanhol que lhe chamou *conde*. Quiseram os criados matar o castelhano; mas D. Francisco preferiu levá-lo consigo amordaçado pelo interêsse. Um dia, o espanhol jogou, perdeu, pediu de empréstimo; e, como não inspirasse con-

---

1 Li em historiadores modernos que Tomás Cacheiro (chamam-lhe erradamente *Tomé*), que salvára D. António, a nado, através do Lima, quando o perseguiam, era um homem do povo. Não é isto exacto. Cacheiro era moço da câmara de D. António antes de receber em Paris brazão de armas, assinado pelo rei e pelo condestável. Quando D. Cristóvão, filho do prior, foi para Marrocos como refém dum empréstimo, Tomás Cacheiro acompanhou-o na categoria fidalga de veador do príncipe. Nas INSTRUÇÕES que o pai lhe deu lê-se: «A êstes dous (Manuel de Brito e Matias Bicudo) e a *Tomás Cacheiro*, Gregório de Souto-Maior e António Fernandes tirarei o chapéu quando entrarem onde estiverdes, ou de novo vos falarem, e os mandarei cobrir». (PROVAS DA HISTÓRIA GEN., tom. II, pag. 565). O snr. A. M. Seabra de Albuquerque, bastantemente versado em genealogia, reimprimiu há pouco o BRAZÃO DE APELIDO DE CACHEIRO, artigo já publicado no PANORAMA FOTOGRÁFICO, Coimbra, 1871, tom. I. O snr. Seabra conhecia Tomás Cacheiro da HISTÓRIA de Manuel de Faria e Sousa, e daí procede chamar-lhe *Tomé*. Presume o estudioso linhagista que não se sabe mais nada, senão o que refere Faria e Sousa, do salvador do filho do duque de Beja; e atribúi êste monosprêzo, com azedume democrático, a ter Cacheiro saído provavelmente da *canalha*. Não são bem exactas as notas críticas e históricas do snr. Seabra e Albuquerque. Neste mesmo opúsculo se dá o comando das fôrças castelhanas a D. Sancho d'Avila. Este general era subalterno do duque de Alba, D. Fernando de Toledo. Também não é certo passar do rio Minho D. António para França. O prior do Crato embarcou em Setúbal.

fiança, abonou-se com o *conde de Vimioso*. Divulgou-se na terra a notícia, alvoroçou-se a justiça para o prender, e D. Francisco pôde evadir-se numa setia. Velejava mar dentro, quando uma galeota de corsário mouro lhe deu caça. Acudiram-lhe as galeras castelhanas que não conheciam o fugitivo; travou-se a luta; e êle, escapulindo-se mais prudente que ousado, aportou a Marselha. Há, como quer que seja, uma urdidura romanesca neste episódio contado por D. Antônio Caitano de Sousa na HISTÓRIA GENEALÓGICA. ¿Seria tradição conservada na família Vimioso? Não é inverosímil, e lambêm pouco faz que seja histórica; mas é preciso acautelar-se a crítica com as anecdotas do acadêmico Sousa, muito dado a essas futilidades colhidas nas assembleias dos fidalgos que o recebiam para o informarem das proezas dos avoengos.

Em Paris e Londres, com Henrique III e Isabel Tudor, principiou D. Francisco de Portugal as negociações políticas. O demónio do Meio-dia espiava-lhe os passos em ambas as côrtes, e argúia de perfídia, mediante os seus embaixadores, os monarcas que o atendiam. A filha de Henrique VIII tergiversava; e Catarina de Médicis, que não reinava mas conspirava o mêdo contra o filho Carlos IX, acalentava as esperanças do Vimioso sorrindo às suas de conquistar o Brasil, mediante a cedência do prior do Crato, se êle cingisse a corôa de D. Manuel.

O condestável de D. Antônio tratára com Walsingham e Burgheley na Grã-Bretanha; aferventava o entusiasmo de Haukins e do famigerado corsário Drake, acenando-lhes com a prêsa opulenta dos galeões da Índia que regressavam a Lisboa carregados de ouro; mas Filipe ameaçou Isabel, que se confrangeu indecisa e gelou de pavor o ânimo genialmente timorato de Henrique de Valois, que se retraía com a rainha de Inglaterra. Esfriaram, pois, as instantes solicitações de D. Francisco. D. Antônio estava ainda em Portu-

gal. Esperavam os seus amigos exilados que êle presencialmente movesse a generosidade ou as ambições das duas côrtes inimigas rancorosas, mas acauteladas, da casa de Áustria.

Um demorado estudo da política europeia, ao terminar o século de quinhentos, agitando-se em intrigas, em ciúmes e barbaridades à volta do poderoso herdeiro de Carlos V, seria incompetente nesta ligeira biografia. Se eu conseguir organizar o livro desenvolvido dêstes esbocetos embrionários, escassamente repetirei o que o estudioso tem lido em Hume, em Cabrera de Córdova, em Lingard e Rebêlo da Silva, seguido e ampliado pelo snr. Pinheiro Chagas. Nas histórias gerais não há que indagar nem aprender. Onde o silêncio, àcêrca do Portugal conquistado, não é absoluto, a ignorância torna-se mais nociva, se discreteia.

Na correnteza destas cousas, o cavaleiroso campeão da causa já radicalmente perdida, para não se quedar ocioso na côrte, alistou-se nas tropas flamengas do duque de Alençon, e foi parte na jornada de Cambray. Dizem historiadores nossos que êle nessa jornada fizera proezas; mas, se o afirmá-lo é patriotismo, a controvérsia é racional; porque não houve proezas que os coevos cronistas relatassem. Travou-se uma insignificante escaramuça, em que a retaguarda do exército do príncipe de Parma sentiu as arremetidas da cavalaria francesa e dos arcabuzeiros gascões. Não seria D. Francisco de Portugal quinhoeiro das façanhas do duque, na degolação executada em oito companhias de soldados não contentes na defesa de Cambresis.

Assim que D. António pisou território de França, D. Francisco de Portugal assoldadou uma guarda real de cem alabardeiros, fardou-os à tudesca, e com êste aparato rialengo lhe saíu ao encontro. Esmerava-se o fidalgo em ostentações que, se por um lado avultavam a riqueza de um particular principesco, pelo outro con-

trastavam a mediania de particular em que vivia apoucadamente o rei. Enquanto D. António empenhava as jóias de sua casa e algumas da corôa para subsistir decentemente, o seu condestável dava que falar com o presente de um cavalo ao estribeiro do duque de Nevers. «Ajustou-se a venda em mil escudos (400$000 réis), conta o académico Sousa. Mandou o duque o ginête montado pelo seu estribeiro, e disse aos hóspedes com quem estava à mesa: o cavalo logo voltará, porque quem o quer comprar, não tem com que satisfazer o preço. Soube logo D. Francisco a suspeita do duque; viu o cavalo e mandou apear o estribeiro, que se lhe contassem os mil escudos, e lhe disse que montasse o cavalo, porque lhe fazia mercê dêle. Espalhou-se o sucesso e foi celebrada a generosidade de D. Francisco [1]».

Entretanto, armava-se a expedição nos portos da Bretanha, activada pela diligência do condestável, que incitava os armadores e os capitães do mar com as riquezas da Índia e da Américia, confiando menos em alegações de legitimidade. D. Francisco devia ter artes para grangear amigos florentes de anos entusiastas e cobiçosos de glória e ouro: tais eram o conde de Brissac, Jean de Beaumont, marechal-general, o senhor de Bourdas d'Aix, Escalin, Saint-Solenne, Leon Fumée, e mais trinta fidalgos — estouvada mocidade, cega e votada à perdição, como historia o presidente de Thou. O almirante nomeado para a expedição aos Açôres era um valente homem, espírito extraordinário, notável por singularidades de rapaz e bravuras de guerreiro. Tinha quarenta e um anos Filipe Strozzi, dôze anos mais vélho que D. Francisco, mas tão juvenil como êle nas ilusões. Sua prima, a rainha Catarina de Médicis, escolhera-o para general na esquadra,

1 HISTÓRIA GENEAL., tom. x, pag. 275.

como honra benemérita do valente de Jarnac e Saint-Denis.

A história portuguesa tem sido lacónica em demasia com o que se deve à memória de Filipe Strozzi. Talvez se não censure de impertinente uma página dedicada a explicar como para o desastre da expedição contribuíram os preconceitos do almirante.

Era coronel-geral de infantaria francesa, alta patente que adquirira aos trinta anos com provas de denodo no campo e de severidade na disciplina. Citava-se, na segunda espécie, êste exemplo original: como visse que 800 meretrizes seguiam as bagagens da sua divisão nas margens do Loire, mandou-as prender e afogar no rio, conta Varillas na HISTOIRE DE HENRI II [1]. Quando, porêm, não fizesse mergulhar *huit cents filles de joye qui suivoient son camp*, oito só que fôssem bastariam a celebrar-lhe a originalidade. Frei Amador Arrais conta que Scipião Æmiliano, para conquistar Numância, *repurgou* primeiro o exército de 2:000 mulheres mundanas. *Repurgou*, mas não consta que as afogasse.

Filipe nascera em Veneza em 1541. Era filho de Pedro Strozzi, marechal de França. Aos sete anos era pagem de Francisco II, e nos quinze estreava-se na guerra do Piemont às ordens do marechal de Brissac, para onde fugira com dous cavalos do pai e uma ponca de baixela de prata furtada à mãe. O pai achou perdoável e até louvável o feito. Aos dezoito anos distinguiu-se no assalto de Calais e Guines. Aos dezanove fazia proezas na Escócia. Na entrepresa de Blois era capitão de infantaria, e foi varado por uma bala. Depois de mestre de campo, passou a coronel, e fez

---

1 Com êste historiador francês faz-se mister a desconfiança que nós temos cá de Bernardo de Brito, de Rafael de Jesus e do conde da Ericeira. A escola do padre Higera ramificou-se por tôda a Europa.

ó cêrco de Rnão. Em Saint-Denis e Jarnac mereceu o bastão de coronel-general de infantaria e o colar da Ordem do Espírito Santo. Tinha trinta e oito anos cheios de glória, e escassos bens de fortuna. Quanto a estudos, bem que seu pai, o marechal, lhe désse bons mestres, e lhe aconselhasse a leitura matinal como pão do espírito, Filipe lia apenas livros de astrologia judiciária, em que acreditava tanto quanto descria das histórias evangélicas. Brantome, porém, defendendo-o de irreligioso, diz que êle não era *mangeur d'images, ny grand auditeur de messes et sermons.* Parece que o valente e estouvado primo da rainha acreditava no inferno; mas, quanto ao diabo, não o imaginava um grande dragão conforme o figuravam os pintores. Dizia outras cousas assim sacudidas do vêlho pó da sacristia; mas Brantome assevera que êle dizia estas e outras fanfarrices *par jasserie et gaudisserie.* O certo é que não temia o diabo e respeitava o juízo dos astros. Havia dêstes absurdos nos maiores espíritos do século XVI. Sua prima Catarina de Médicis trouxera consigo de Itália uma academia de astrólogos. Um dêles, tirando-lhe o horóscopo, quando ela foi morar nas *Tuilleries* que mandara edificar, obrigou-a, em nome dos aspectos hostis dos astros, a sair do palácio. A rainha mandou então construir o *hotel de Soissons* com a coluna-observatório de onde os astrólogos consultavam as influências de Saturno, de Vénus, etc. Henrique IV mandou tirar o horóscopo do filho por Larivière, seu médico. Richelieu, Mazarin e Wallenstein consultavam Seni e Morin, que se faziam pagar muito caros. ¿Que admira a credulidade de Strozzi?

Em França grassava a doença do protestantismo; e os homens católicos de raiz como D. António, que escrevia psalmos e D. Francisco de Portugal, que tinha em Marrocos missa diária, privavam de bôas avenças com os huguenotes a ponto de o condestável, na hoste do duque d'Anjou, terçar as armas a favor dos protes-

tantes das províncias unidas contra os católicos de Espanha. E era assim que o prior e os seus perdiam a confiança dos portugueses, que antepunham a quebra da independência à da ortodóxia. É de crer que a convivência de D. António e dos seus conselheiros com homens da têmpera religiosa de Strozzi, de Burgheley e de Leicester ponderasse muito na indiscreta política do seu processo de arrancar o sceptro às mãos do rei católico, duas vezes ungidas pelos óleos sagrados da fé romana e pelo sangue das nações votadas ao seu rancor fanático.

Tornando a Filipe Strozzi: a rainha, dando-lhe o comando da esquadra expedicionária, convidou-o delicadamente a desligar-se da patente de coronel-general em França, achando incompatíveis os dous empregos. Strozzi ouviu amargamente a proposta, sem compreender que a côrte do Louvre, exonerando-o da alta posição no reino, preparava desculpar-se de interventora nos negócios do pretendente. Alegaria que Strozzi era um particular, senhor das suas acções, e não sujeito às alianças dos reis. Êste alvitre devia ser da sua velhaca prima; revê nesta fraude um dos traços fisionómicos dos ardilosos Médicis. E, como Henrique III desejava dar a patente de Filipe a Mr. d'Espernon, o general expedicionário foi forçado a desistir; e então disse a Brantome, com azedume, que a não morrer na luta dos Açores, subiria tão alto que ninguém ousaria disputar-lhe o posto [1]. Deu-lhe o rei como indemnização cinqüenta mil cruzados que êle, antes de partir, empregou nos domínios rurais de Bressiure, no Poitou. Outro historiador, Varillas, diz que êle, ao sair de França para a Terceira, nada tinha que perder, porque consumira os últimos escudos de

---

1 Brantome, MEMOIRS DES CAPITAINES FRANÇOIS, tom. IV, pag. 311.

trois millions que son ayeul avoit laissez [1]. Inculca êste suspeito contemporâneo que os fidalgos embarcados com Strozzi não deviam ter pelo seu general grande estima, visto que a raínha-mãe o desconsiderára esbulhando-o, sem o indemnizar, do importante cargo na milícia. Brantome desmente Varillas. Em que todos harmonizam é nas crendices astrológicas do amigo de D. Francisco de Portugal, e logo veremos quanto a superstição influiu no desastre da esquadra francesa. Devia impressioná-lo, quando as naus picaram âncora em Belle-Isle, atear-se o incêndio em um dos principais galeões, de que saíu muito queimado D. Antônio de Menezes, e alguns morreram [2].

A expedição orçava por cinco mil homens, em cinco naus, trinta caravelas, e poucos menos patachos, vasos de carregação, desprovidos, urcas ronceiras que ousavam temerâriamente defrontar-se com os altorosos galeões de Portugal e Castela. Conta-se que Strozzi, enganado na sua esperança de seis mil homens prometidos pelo duque d'Anjou, dera como perdida a emprêsa, e jurára de mãos dadas com o condestável morrer nela. D'Aubigné, na HISTOIRE UNIVERSELLE, conta que recebera em Nantes uma carta do «conde de Vimioso» confirmando esta versão. Dá Rebêlo da Silva, na HISTÓRIA DE PORTUGAL, tom. III, pag. 64, em nota, o depoimento de d'Aubigné; mas não traslada a carta que produz um grande e comovente interêsse, escrita no solene momento de se partirem os dous conjuramentados em se deixarem matar heróicamente. Eu, de mim, teria grande pesar se não pudesse vêr, e aqui reproduzir essa carta. Satisfiz a minha curiosidade iludida. Vi a carta, e maravilhei-me de que Rebêlo da

---

1 HISTOIRE DE HENRI III, liv. VI.

2 O prior do Crato no seu testamento (triste fantasia de quem não tinha um cêntil que testar) lembra-se de um que ficou cego no incêndio da nau.

Silva a não rejeitasse como supositicia. Agripa d'Aubigné para bordar uma página de história fantasista, e dar-se vislumbres proféticos da catástrofe dos Açôres, pôs-lhe o matiz da carta de um homem célebre cujo nôme baptismal êle ignorava. Eis-aqui a carta com as palavras que a precedem: *Quelque faibles que fussent les forces de Dom Antoine, Strosse ayant eu nouvelle de France qu'un second embarquement de 6.000 homens promis par Monsiur estait du tout rompu, toucha la main du comte* de Vimiose, *et eux deux ne voulan par sur-vivre aux malheurs qu'ils prévoyoient, firen résoudre le rest au combat; et, ce soir même, le comte, qui envoyoit un Portugais à Nantes, m'escrivit dans un billet (que je garde précieusement) ces mots: «Monsieur, vous avez esté trop fidèle prophète de nos maladies, et aviez bien tasté le pouls de l'infidelle; tous vos remords par notre deffaut nous ont été inutiles; mais je vous promets de prendre celui d'une brave mort: vous me plaindrez et n'aurez point honte de l'amitié que vous avoit jurée* Antoine *comte* de Vimiose [1]».

É visivelmente apócrifa esta carta. *Francisco* não se assinaria *Antoine*. O intuito da carta forjada, quarenta anos depois, pelo avô de M.me de Maintenon, é ainda ferir a memória da sua implacável inimiga, *l'infidelle*, Catarina de Médicis, a cuja quebra de palavra o autor das Aventures du baron de Fœneste atribuiu a pêrda da armada. Nem Filipe Strozzi nem Vimioso se condenavam à morte dos desesperados. Na

---

1 Philarete Chasles dá um rápido perfil dêste suposto confidente de D. Francisco de Portugal: *Fidalgo gascão valente como os seus conterrâneos, cáustico como êles, fanfarrão, sacrificando tudo a uma pilhéria, ousado em guerra e amores, bom huguenote, com tão ardente alma quanto seu espírito e valor eram temerários; pintava os seus desvarios sem grande pezar e pretendia acautelar os filhos contra os desatinos do mesmo jaez.* (Études sur le XVI siècle en France).

corrupção francesa daquele século não cabiam Codos e Curcios. As superstições do veneziano traziam-no assaz acanhelado contra os dilames aziagos dos astros. Queria viver rico e exalçado nas suas terras do Poitou. A D. Francisco de Portugal, segundo o seu prisma por onde via os soldados de D. Fernando de Toledo, não avultava muito mais a armada espanhola, capitaneada pelo marquês de Santa Cruz, o primeiro almirante do seu tempo.

Depois de um mês de navegação, entre Belle-Isle e os Açôres, a armada do prior avistou a ilha de S. Miguel. Os habitantes de Vila Franca fugiram, enquanto os franceses saqueavam e incendiavam a vila da Lagôa. O terror em S. Miguel desarmára os mais intrépidos. A guarnição de mil e quinhentos homens recolheu acossada por três mil franceses sequiosos do roubo. O comandante espanhol D. Lourenço Noguera e vinte e dous dos seus morreram. O comandante português, Pedro Peixoto da Silva, fugiu para Lisboa. João de Castilho, que assumira o comando dos dous, meteu-se à fortaleza, e rejeitou as propostas indulgentes de D. António. Decorreram seis dias nestas idas e voltas de parlamentários entre a vila e a fortaleza. Êste tempo desbaratado foi a perdição da armada. Se tomassem a ilha e se fortificassem, com S. Miguel e a Terceira ficariam senhoreando o mar, e teriam guardado a mais expeditiva escala do reino. Dali poderiam fazer excursões e apresar as naus de ambas as índias e cada dia ir engrossando o poder que, à míngua de recursos, começára desfalecido e prometia acabar de inanição.

Filipe Strozzi sacrificou aos aspectos planetários a honra militar da França, o rei destronado que servia, e a vida própria e de tantos seus conterrâneos de ilustre prosápia. Um historiador francês confirma esta deplorável preocupação do almirante: «Os franceses roubaram e queimaram a povoação de *l'Aguna* (Alagôa)

e tamanha consternação espalharam em tôda a ilha de S. Miguel, que a tomariam no mesmo dia, se prosseguissem na vitória. Mas Strozzi, de comum com a rainha-mãe sua parenta próxima, tinha o defeito de acreditar grandemente na astrologia judiciária. Persuadira-se que tinha dias nefastos e dias felizes, e formára uma espécie de calendário que observava com a máxima pontualidade. O dia em que pelejára era dos assinalados negramente, e isto só maior impressão lhe fez no ânimo que a vitória alcançada. Imaginou que, se continuasse, resvalaria ao precipício que a sua estrêla funesta lhe abrira; e que, se ela principiára favorecendo-o, era para mais de salto o precipitar. Foi o que bastou para o reter, posto que a conjuntura fôsse propícia, porque os burgueses das duas principais cidades da ilha de S. Miguel as desampararam, e se refugiaram nos montes como asilos de segurança [1].

Enquanto Strozzi consultava no seu calendário os dias prósperos, a armada de D. Álvaro de Basan surgia em frente da ilha, e da gávea do galeão S. Mateus se avistou a esquadra de D. António ancorada em Ponta Delgada, tendo às cavaleiras a fortaleza. O marquês, ouvindo o conselho dos capitães, resolveu pelejar, dispensando-se das naus que tinham saído de Andaluzia a socorrê-lo. Strozzi, por sua parte, consultado o voto dos oficiais, deliberou atacar a esquadra castelhana. Parece que o dia destinado era um dos marcados com lápis branco, como o dia das batalhas de Saint-Denis e Jarnac. Não o intimidaram as naus altas e pesadas e sólidas como castelos roqueiros da armada inimiga. Confiou nos seus sessenta patachos e urcas, vasos de grande velocidade, quási desartilhados, e frágeis no combate com a robusta amurada dos

1 Varillas. História de Henri iii, liv. vi.

galeões da península. Além disso, o bom senso desta vez colaborára com a astrologia; porquanto, tendo sido apanhada pelos franceses uma pinaça em que o marquês de Santa Cruz enviava carta ao governador falecido Ambrósio de Aguiar, dessa correspondência soube D. António que de Sevilha saíra D. Juan de Recalde com fôrças importantes. Urgia pois não deferir a peleja com maiores probabilidades da derrota.

Na armada espanhola, composta de vinte e oito vasos de guerra, orçavam por seis mil os soldados aguerridos, feitos nas ásperas batalhas de Flandres, habituados à disciplina do duque de Alba, e a inimigos duros como os soldados do príncipe de Orange. Acresciam demais a mais duzentos e cinqüenta aventureiros, gente fidalga, quási tôda portuguesa, relíquias da batalha de Alcácer, e môços mais políticos que façanhosos que tratavam de vender bem cara a sua fidelidade a D. Filipe para restaurarem as casas assoladas pelo pai no resgate do cativeiro.

D. António tinha cinqüenta e quatro navios capazes de combate; vinte e oito eram grandes; porêm só as cinco naus do conde de Brissac podiam medir-se com as de Castela no tamanho; os outros vasos eram de somenos porte. Guarneciam-os ao todo pouco mais de seis mil homens, gente de curto fôlego, muito impaciente de luta e de fácil desanimação. Entre êsses havia um capitão francês, Saint-Soleune, que já estava vendido por oitenta mil ducados, e no conflito decisivo devia afastar-se para o Faial com dezoito embarcações, e saquear a terra. Saiu do ancoradouro a armada francesa com favorável monção. Trocaram-se os primeiros tiros de peça, pronúncios da batalha. Strozzi e D. Francisco de Portugal ocupavam uma urca zorreira que não podia ganhar a vanguarda da linha. D. António estadeava-se em um galeão veleiro, com estandarte rial à pôpa, de bôa vela, bem azado para a fuga. Os conselheiros moveram-no a retirar-se para

a Terceira, antes de travar-se a batalha. O prior acedeu às razões de estado e às dos pusilânimes que o seguiram, da têmpera de Duarte de Castro. Que secreta mágoa e funda vergonha não seria a do «condestável» quando viu sumir-se a vela daquele rei, simulacro tenral, paródia deplorável do Mestre de Aviz! Ao darem-se o derradeiro apêrto de mão, um dêles talvez pressentisse que nunca mais se veriam, e bem pode ser que êsse doloroso valiefnjo palpitasse amargurado pelo arrependimento de tão desmerecido sacrifício de mocidade, fortuna e vida.

Eram corridos 25 dias de junho de 1582.

Por espaço de quatro dias tinham as duas armadas manobrado com igual perícia. O almiranle francês procurava cercar o inimigo; o espanhol esquivava-se, alargando a linha, e recusando abalroar, afastava-se para lhe ganhar o vento, fazia apagar o farol da nau-almiranta, e servia-se do farol da capitania inimiga, meleado todo o pano a um sinal dado, por maneira que ao repontar a manhã do dia 26, a armada espanhola ocupava vantajosamente a barlavento a linha primitiva da francesa.

D. Francisco e Filipe Strozzi, assim que a peleja se travou cerrada e definitiva, passaram para o navio do senhor de Beaumont, mais veleiro e melhor artilhado. Os dous bravos adiantaram-se na vanguarda da linha. O conde de Brissac seguia-os de perto com cinco fortes galeões. Alastrava-se depois o restante da armada, sem ordem, ou desordenadas as cinco esquadras com que, ao princípio, o almiranle francês planejára atacar os cinco principais galeões inimigos. A êste tempo Saint-Solenne havia já fugido com dezoito urcas; e outras retardadas seguiam a esteira da nau-almiranta onde flutuavam as armas de Portugal e França.

Os pormenores da peleja, nesta concisa biografia, poderiam enfastiar. Encontra-os à mão em muitos his-

toriadores quem os quiser recordar. O muito sabido é desperdício de tempo e de não aprazível trabalho repeti-lo [1].

Ao cabo de cinco horas de peleja, em que, a reveses, a bandeira francesa, espadanada de sangue, parecia flutuar vitoriosa, a sinistra fatalidade do prior do Crato venceu. A nau-almiranta em que Strozzi e D. Francisco se debatiam entre tantos cadáveres, era a derradeira nos paroxismos da resistência, inútil como o estrebuchar desesperado do moribundo. Filipe caíra retalhado de golpes com uma perna quebrada por bala; D. Francisco ferido de tiro e traspassado de uma estocada, debatia-se nas prêsas de Afonso Perez, soldado que a história espanhola ilustrou, disputando ao coronel Mondinaro Cremones a jactância de haver cativado o conde de Vimioso.

Transferidos para a nau do marquês de Santa Cruz, Filipe Strozzi pouco tempo sobreviveu a maior dos golpes, que era o viver naquela agonia, em presença do vencedor. Diz Brantome que o almirante o mandára acabar às cutiladas e que o atirassem ao mar [2]. Varillas afirma que o marquês guardára o cadáver para o enforcar como fez depois aos outros prisioneiros [3]. De Thou concorda com o citado historiador menos verídico; e d'Aubigné dissente de todos os outros contemporâneos.

D. Francisco de Portugal viveu três dias. Nesse infinito espaço entre a catástrofe e o descanso redentor, sustentou a honra da sua dedicação a D. António,

---

1 Veja Conestaglo. União de Portugal; Herrera, Cinco libros de la historia de Portugal; Luís de Bavia, Terceira parte de la historia pontifical; D. Luís de Tôrres e Lima, Sucessos de Portugal; Rebelo da Silva, História de Portugal nos séculos xvii e xviii; Pinheiro Chagas, História de Portugal.

2 Memoires, tom. iv.

3 Histoire de Henri iii, liv. vi.

defendiendo constantíssimamente su opinion hasta este punto, escreve Luís de Bavia. *Que nenhum arrependimento tinha de se vêr naquele estado em que estava, pois o não movera cobiça nem interesse nem respeito, senão o zêlo da pátria e a honra da nação portuguesa* — escreve Tôrres de Lima. É opinativo que êle nada dissesse, nada defendesse, e que esperasse entre indizíveis angústias de alma e corpo, a morte pedida a Deus, se porventura êsse pensamento tão alto podia subir do tombadilho de uma nau encharcada de sangue ao altíssimo observador impassível daquelas tragédias. Dizem alguns cronistas que o marquês se compadecera. Um historiador ajunta que se lhe fez entêrro com grande pompa e aparato, acompanhado de todos os senhores da armada [1]. Isto não é verdadeiro. A tradição comunicada pela família Vimioso ao académico António Caitano de Sousa é que o cadáver de D. Francisco foi salgado, envolto e cosido em uma esteira nova para ser sepultado em S. Miguel; porêm, como o desembarque se demorasse, contrariado pelas tormentas, o corpo corrompido foi lançado ao mar [2]. Assim acabou D. Francisco de Portugal aos vinte e nove anos de idade.

As únicas palavras que a saüdade ou a compaixão de um português ditou comemorando esta generosa defensa de uma causa de facto e de direito perdida, escreveu-as D. António a Gregório XIII quando no seu desespêro dos homens da espada, recorria às armas espirituais do vigário de Cristo. São estas expressões trasladadas da CARTA LATINA. Vem enumerando os seus amígos perseguidos, mortos, e continúa:

Primeiro que todos está D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso, condestável do reino, e sobrinho dos

---

1 Tôrres de Lima, SUCESSOS DE PORTUGAL.
2 HIST. GENEALÓGICA, tom. X, pag. 726.

filhos dos reis de Portugal, o qual possuiu o mais amplo e rico dos condados de Portugal, com vilas e castelos. E os bens dêste ilustríssimo e nunca assaz louvado conde que fez prodígios na defesa da liberdade do país e a batalhar gloriosamente na defesa dêle trocou a morte pela vida, os bens dêste, repito, foram esbulhados e vendidos pelo rei Filipe; e a condessa sua mãe, matrona muito ilustre e honradíssima, cercada de sete filhas donzelas e formosíssimas, foi entregue a uma escolta de soldados e levada ao castelo de S. Torcato, e lá está estreitamente vigiada.

Quanto à mãe e irmãs de D. Francsico de Portugal, D. Luís, 3.º conde, transigindo com Filipe II, melhorou a sua sorte e a delas. Deus sabe se a estouvada dedicação do morto ao filho de Violante Gomes foi censurada no seio da família. Nos tribunais de-certo foi, quando os Vimiosos o excluíam da sucessão da casa por não o poder eliminar da sucessão da família.

A LENDA DO MACHIN

REFLEXÕES

A

VIDA DO INFANTE D. HENRIQUE

POR

MR. RICHARD HENRY MAJOR

VERTIDA DO INGLÊS

PELO SNR.

JOSÉ ANTONIO FERREIRA BRANDÃO

A LENDA DO MACHIN

Quando saíu do prêlo, com estrondoso cortejo de aplausos, a versão do livro THE LIFE OF PRINCE HENRY OF PORTUGAL, fui dos primeiros a alvoroçar-me em busca do livro, sentindo ao mesmo tempo o desgôsto de que um estrangeiro nos viesse contar casos ignorados de um príncipe português que é uma das nossas imorredouras glórias. Lida a monografia, o desgôsto foi substituído pela patriótica satisfação de não ser o historiador algum dos nomes distintos entre os que professam em Portugal as sciências históricas.

No começo da minha leitura, escrevi a um amigo inteligente a seguinte carta:

Meu prezado Alberto Pimentel.

Principiei hoje a leitura da versão da monografia THE LIFE OF PRINCE HENRY OF PORTUGAL, etc. Cheguei até pag. 127, e fechei o livro com tristeza.

Penaliza-me que o tradutor aceitasse, sem as corrigir, as hipóteses escassamente esclarecidas do snr. Major, e

êste pezar já também Pinheiro Chagas mo motivoa, quando por am lapso desculpável a quem trabalha malto, escrevendo a HISTÓRIA DE PORTUGAL, deixoa em pé as conjecturas erradas do escritor inglês, aceitando-as como base de argumentação. Que o snr. Major que a lenda do Machim, romantizada na EPANÁFORA AMOROSA de D. Francisco Manuel de Melo, seja am facto histórico alterado mais ou menos pela tradição; e, procurando a narrativa original de Francisco Alcoforado sôbre a qual D. Francisco Manuel fundamentou a EPANÁFORA, escreve a pag. 124 o seguinte: «A primeira relação dêste sucesso dea-a à luz com tôda a minuciosidade o elegante escritor português D. Francisco Manuel de Melo, nas suas EPANÁFORAS DE VÁRIA HISTÓRIA PORTUGUESA, publicadas em Lisboa no ano de 1660. Declara ter-lha submistrado uma narrativa original do escudeiro do infante D. Henrique, Francisco Alcoforado, que acompanhoa Gonçalves Zarco nesta famosa viagem; e a narrativa guardava-a D. Francisco Manuel, segundo êle diz, como jóia preciosa, e que lhe viera às mãos por condato extraordinário. Havendo grandes suspeitas da veracidade desta relação, dei-me a infatigável trabalho para investigar a sua história. Apesar da livraria de D. Francisco Manuel de Melo se conservar na Biblioteca nacional de Lisboa, o manuscrito de Alcoforado, caldadosamente buscado a pedido meu, mediante instâncias de um distinto fidalgo português, o conde de Rilvas, nunca se encontrou».

Paremos aqui. ¿Onde encontrou Major a notícia de que a livraria de D. Francisco Manuel de Melo se conserva na Biblioteca nacional de Lisboa? Em parte nenhuma. Pode ser que lá exista algum livro que houvesse pertencido ao autor das EPANÁFORAS; mas com certeza não há naquele estabelecimento secção alguma de livros de tal procedência. Major confundiu a livraria de D. Francisco de Melo Manuel, com a livraria de D. Francisco Manuel de Melo — umas pessoas distintas.

A livraria do primeiro é uma aquisição comparativamente moderna que fez o estado; a do segundo, não há notícia que existisse em mão de algum parente, depois do seu falecimento em Alcântara, em outubro de 1666. O que a mim me espanta é que, na Biblioteca pública de Lisboa, quando o conde de Rilvas, a pedido de Major, andava procurando o códice de Alcoforado na livraria de D. Francisco Manuel de Melo, lhe não dissesse logo o somenos empregado daquela casa que S. exc.ª andava procurando uma livraria que corria parelhas com o Machim em autenticidade. Neste descuido também incorreu o distinto historiador Pinheiro Chagas, obtemperando à hipótese do in-

glês que duvida da existência do manuscrito porque o não encontrou na livraria do suposto autor da EPANÁFORA AMOROSA. «Devemos confessar, diz Pinheiro Chagas, que esta asserção tira tôda e qualquer importância ao suposto manuscrito. Um documento tão importante, que é visto por um só escritor, e que depois desaparece completamente sem que ninguêm mais o veja, quando a biblioteca do escritor que o menciona atravessa intacta o oceano dos tempos, perde completamente o seu valor». (HISTÓRIA DE PORTUGAL, tom. II, pag. 238).

Portanto, meu caro Pimentel, se lhe parecer, pode cancelar como inútil e improcedente a cláusula que o monógrafo inglês infere de não achar um certo códice, entre uma livraria que não existe.

A pag. 126 refere Major que «o próprio D. Francisco Manuel de Melo nos diz que por matrimónio viera a ser representante da família Zarco». Não podia o autor da CARTA DE GUIA DE CASADOS dizer tal inépcia. O que êle escreve é o seguinte: «...é razão que eu me conte em a própria lista dos seus sucessores, não com menor obrigação que alguns que tenho referido; pois tirando os que possuem os morgados de suas baroulas, sou eu quem gózo o maior morgado da baronia dos Câmaras, instituido por Antão Rodrigues da Câmara que foi materno avô do meu avô paterno, e neto de João Gonçalves». (EPANÁFORA AMOROSA, pag. 347 e 348). O que D. Francisco Manuel aí não confessa é que o seu avoengo Antão Rodrigues da Câmara era filho bastardo de Rui Gonçalves, e que o morgadio da Ribeirinha, que êle gozava, nada tinha que vêr com os vínculos dos legítimos sucessores, pois que fôra instituido por aquele bastardo. Como quer que seja, D. Francisco nem era representante da família Zarco, no rigor da expressão genealógica, nem descendia de Câmaras *por matrimónio* como diz o inglês. Quer-me parecer que o tradutor, se reparasse na substância do livro quanto se aprimorou em brunir lusitanamente a frase, não teria deixado passar a insuficiente inteligência com que Major passou a inglês as frases de D. Francisco Manuel de Melo.

Major, para esclarecer a veracidade de um *Machim* que deu o seu nome a uma parte da ilha, escreve: «A etimologia da palavra Funchal é exclusivamente portuguesa. Designa um sítio onde cresce o funcho, e vê-se claramente que tal nome lhe foi dado por ali se encontrar aquela planta em grande cópia. A construção inteiramente diferente da palavra espanhola *hinojo*, e da italiana *finocchio*, prova que o nome não podia provir de nenhum descobrimento anterior feito por espanhóis ou italianos. E desde

que na ilha não ficou nenhum inglês que conservasse o nome de Machin, parece inevitável a conclusão de que na ocasião em que foi repartida a mesma ilha, os portugueses mostraram reconhecer que Machin os precedera no descobrimento», etc.

Isto não prova nada, meu amigo. A comparação das expressões que significam a palavra *funchal*, são argumentos contraproducentes, ou pelo menos estéreis. Pois olhe, eu estou convencido que a palavra *Machin* não é senão um têrmo de origem italiana. Se tem ainda um resto de paciência, note que o escritor mais antigo e por isso mesmo mais autorizado que escreveu a palavra tão diversamente escrita por diversos autores não escreveu nem *Machin*, nem *Machico*, nem *Monchrico*. Disse *Machito*, na CRÓNICA DO DESCOBRIMENTO DE GUINÉ, pag. 387. Dê o meu amigo a *Machito* a pronúncia de *Maquito* e aí tem a corrupção de *Macchia*, que em italiano se traduz, em uma das suas acepções, por *mata*, *charneca*, *brenha*, *espinhal*, *sarça*, etc., e *macchione* (com pronúncia de *maxione*) *matagal*, *bosque fechado*, etc. ¿Acha V. demasiada simplicidade neste processo de investigar origens? Talvez; mas creia o meu amigo que há muita cousa que não é mais complicada nos seus exórdios, e se nos figura, a distância de séculos, embrulhada na farrapagem das lendas.

Eu, na alta posição intelectual de Pinheiro Chagas não teria escrito isto: «O argumento mais forte que os defensores da história de Roberto Machin podem apresentar é o nome de Machico, dado logo desde o descobrimento a uma porção da ilha, e cuja etimologia nos é completamente desconhecida, a não lhe querermos dar a de Machin. Não pretendemos negar a fôrça do argumento, nem queremos resolver o problema que êsse nome há-de sempre apresentar». O problema não me parece cousa que resista sempre, como quer o insigne escritor.

Não lhe imponho a minha autoridade: mas peço-lhe licença para me não convencer: 1.º de que na Biblioteca pública esteja a livraria de D. Francisco Manuel de Melo; 2.º que D. Francisco Manuel de Melo seja representante de Câmaras por matrimónio; 3.º que o *Machito* de Azurara seja uma cousa diversa do *Macchia* dos italianos. E finalmente, que assim como a uma molta de funchos os portugueses chamaram *Funchal*, a outro ponto da ilha coberto de matagal espesso algum navegador, anterior a Cadamosto, chamou *Macchia*. Não discuto primazias em descobrimentos, já V. vê. Eu estava escrevendo de vontade em cou-

sas assim massudas; mas sou chamado pelo meu editor para as tiras da segunda parte da *Viúva do enforcado*. 1

*

O insigne escritor Manuel Pinheiro Chagas respondeu no *Diário da Manhã* às observações atinentes à HISTÓRIA DE PORTUGAL, e parecia querer indulgenciar a hipótese da procedência errada da livraria em que se esperava achar o inventado códice de Francisco Alcoforado. A resposta, conquanto bem urdida, deixa vêr por entre os fios de sêda as adulterações dos fios de

---

1 Em 1878 li com aproveitamento as anotações eruditas do snr. Alvaro Rodrigues de Azevedo às SAUDADES DA TERRA do doutor Gaspar Frutuoso, publicadas por aquele distinto escritor no Funchal em 1873. Pejo-me de confessar que só volvidos cinco anos tive notícia dêste precioso livro. A respeito da etimologia do *Machico*, oferece o snr. Rodrigues de Azevedo uma hipótese que me parece avantajar-se a tôdas: «¿Qual, pois, a origem dêsse nome *Machico*?... Vejamos. Há, de ignotos tempos, no continente do reino dous lugares denominados *Monchique*. Um é no vale do Douro entre a cidade do Pôrto e Miragaia: adiante, para a beira-mar, fica o sítio de Matozinhos, donde eram oriundos, como em outra nota mostraremos, Zargo e sua mulher Constança Rodrigues de Almeida, ou, melhor, de SÁ. O outro *Monchique* é no Algarve, onde esta denominação designa não só as serranias, mas também um concelho, uma freguesia, uma vila e um amenissimo vale por êste nome conhecidos; vale que, quando mais não seja, por vasto, formoso e abundante em águas e árvores tem semelhança com o de *Machîco*...» Trasiada o snr. Rodrigues de Azevedo duas cartas de pessoas conhecedoras de Monchique no Algarve, e acrescenta: «Quem conhece o vale de *Machico*, e o compara com estas miúdas notícias do de *Monchique* no Algarve, acha não poucos pontos de semelhança entre êstes dous vales. Acresce que o cabo de S. Vicente é a Ponta de Sagres, de cuja proximidade saíu o navio em que Zargo e Tristão Vaz aportaram a esta ilha da Madeira, são extremos da serra de Monchique a qual aí vem contestar com o Atlântico. — É notório que entre os tripulantes dêsse navio eram muitos algarvios... Este com-

algodão, que vem a ser, no nosso caso, as incongruências cuja prova real nem o talento poderoso de Pinheiro Chagas pôde tirar. Para não alterar a escrita do eminente escritor deixei de eliminar os adjectivos com que me favorece:

Numa carta dirigida pelo nosso grande escritor Camilo Castelo Branco ao snr. Alberto Pimentel, e publicada ontem no *Diário Ilustrado*, observa-se com pena que o tradutor recente da obra de Major não emendasse um êrro dêste escritor, e lamenta-se que Pinheiro Chagas na sua HISTÓRIA DE PORTUGAL também já tivesse deixado passar sem correctivo a falsa opinião de Major, mostrando até que a supunha exacta.

Esta observação vem envolta em frases por tal fórma lisonjeiras para o autor da HISTÓRIA DE PORTUGAL a que se alude, que, apesar de muito costumados à benévola generosidade de Camilo Castelo Branco, assiste-nos antes de tudo o dever de lhe agradecermos esta nova prova da sua indulgente amizade.

E agora responderemos às observações de Camilo.

O êrro a que êle se refere consiste em ter dito Major que a Biblioteca pública de Lisboa comprára a livraria de D. Francisco Manuel de Melo, o autor das EPANÁFORAS, quando a livraria, que foi comprada pela Biblioteca, era a de D. Francisco de Melo Manuel, fidalgo do nosso tempo. Atribúi Camilo a desculpável lapso o termos aceitado sem reparo a afirmação do escritor inglês. Nada mais fácil

---

plexo de factos e de circunstâncias convergentes não só mostra possível, mas quási assegura que Zargo e seus companheiros, saúdosos da mãe pátria, namorados da semelhança de logares, e até embaídos de crença deram no sítio em que pela primeira vez aportaram nesta ilha o nome *Monsico, Monchin*, ou *Monchique*, com aquela requebrada intonação algarvia que breve o deixou corromper na também viciosa pronúncia ilhôa, para *Monchico, Machito, Machiquo* ou *Machico* (de todos êstes modos se acha escrito) e talvez para *Machim* também, ainda como nome de logar... Estas são, quanto a nós, as origens histórica e lexicológica mais prováveis do nome *Machico*».

O snr. R. de Azevedo corrobora a sua conjectura com ampliticações filológicas que se podem consultar a pag. 428 do seu livro.

efectivamente do que ter-nos sucedido isso, até em assuntos mais importantes, e não teríamos dúvida em confessá-lo. Contudo parece-nos que desta vez o reparo de Camilo Castelo Branco é que não é completamente exacto.

Major não supõe, como nós nunca supusemos, que o govêrno português tivesse comprado em 1666 a biblioteca de D. Francisco Manuel, o que supõe, e essa é a verdade, é que o govêrno português comprou aos descendentes do grande escritor a antiga livraria da sua casa, onde estavam incorporados os livros que tinham pertencido a D. Francisco Manuel. Consultando, logo que vimos o *Diário Ilustrado*, o nosso erudito amigo o snr. Silva Túlio, bibliotecário-mór interino da Biblioteca nacional, para obtermos da sua autorizada voz a confirmação do que sempre tínhamos julgado ser a verdade, tivemos a seguinte resposta: «A livraria foi comprada ao filho de D. Francisco de Melo Manuel da Câmara por 10 contos de réis, e o título de conde da Silvã para o vendedor, em 9 de março de 1852. Supunha-se que tinha manuscritos do autor das Epanáforas, mas não se encontrou nenhum original dos muitos que deixou».

Como se vê, se se deu tão avultada soma, afóra o título, ao descendente de D. Francisco Manuel, foi porque se contava que na livraria do célebre e ilustre escritor estivessem manuscritos seus. Nem era natural que, se a livraria não tivesse sido comprada como pertencente em grande parte ao autor das Epanáforas, não fôsse o conde de Rilvas esclarecida a êsse respeito na Biblioteca nacional, quando fazia a pedida de Major as investigações a que se êste refere.

Ainda Camilo Castelo Branco lamenta que dissessemos que o nome de *Machico*, dado a uma das povoações da ilha da Madeira, é o único argumento de tal ou qual fôrça para que podem apelar os autores do romance da descoberta da Madeira por dous namorados, Roberto Machin e Ana d'Arfet, e que acrescentássemos que achávamos insolúvel o problema da origem do nome de Machico, já se vê com os documentos que hoje temos, porque não podíamos nunca deixar de ressalvar a hipótese da aparição de um facto ignorado.

Neste ponto Camilo Castelo Branco propõe-se resolver o problema que declaráramos insolúvel, e fala nas duas denominações diversas que *Machico* recebe de autores do século XV, e fala de modo que involuntàriamente faz crêr nos leitores que êsses factos eram desconhecidos. Para mostrarmos o contrário basta continuarmos, para diante do ponto em que Camilo Castelo Branco a interrompeu.

a citação da nossa HISTÓRIA. Dizíamos logo em seguida:

«Assim como é possível que do nome de Machin se derivasse efectivamente o de Machico, também é possível que êsse nome e a ignorância em que se ficou àcêrca da sua etimologia fôsse exactamente o que désse origem ao romance. É notável a parecença que tem a história de Machin com tôdas as fábulas que se contam para justificar o nome de uma cidade ou o seu brazão, quando a origem do brazão ou do nome não é geralmente conhecida.

«Devemos asseverar que os antigos escritores não são uniformes no modo de escrever o nome. Cadamosto escreve *Monchrico*, o que já está longe de Machin, e Azurara, o mais antigo de todos, o que merece mais confiança, aquele cujo testemunho é mais sério, escreve *Machito*».

Desta citação se vê que, apesar de reconhecermos que o argumento tirado da etimologia de Machico era o mais forte, julgávamo-lo muito pouco importante em absoluto, e vê-se além disso que não nos eram desconhecidas as duas formas diversas do nome da povoação, dadas por Azurara e por Cadamosto.

Vejamos porêm agora a solução apresentada por Camilo Castelo Branco. Das três formas do nome adopta a de Azurara e até aí vamos bem. Quer depois que *Machito* se pronuncie *Maquito*, e essa é a primeira dúvida, porque a ortografia do século XV tem antes a tendência de escrever com *q* as palavras que hoje escrevemos com *ch* apesar de as pronunciarmos como se tivessem *q*, do que a tendência contrária. Depois supõe que *Maquito* viesse do italiano *Macchia* que significa *mata*, e que iria portanto de molde a um sítio de ilha tão arborizada, que lhe deram os descobridores o nome de ilha da *Madeira*.

A coujectura é engenhosa, e tem o seu quê de plausível, tanto mais que, antes de Zarco, encontraram genoveses a ilha da Madeira, mas sempre é conjectura desacompanhada de provas, e isso não basta para resolver um problema histórico. O mesmo importava deduzir da palavra portuguesa *Machito* com a sua significação conhecida *macho pequeno*, ou de qualquer palavra portuguesa semelhante, uma etimologia mais ou menos verosímil. Note-se porêm uma cousa: é que, supondo Camilo o nome de *Machito* derivado do italiano, seja exactamente um viajante italiano, Cadamosto, o que mais se afasta da fórma original do nome, porque lhe chama *Monchrico*.

Pedimos pois licença para divergir da opinião de Camilo, e para aceitar a sua etimologia apenas como mais uma das mil conjecturas, que, à falta de dados positivos e convenientes, se podem imaginar para resolver um proble-

ma, que, no estado actual da questão, persistimos em considerar insolúvel. Não negamos que é uma conjectura engenhosa, mas que não tem um só facto em que se baseie.

Terminando, agradecemos de novo ao nosso ilustre escritor a sua benevolência para connosco, e esta nova prova da sua consideração que altamente apreciamos.

CARTA A PINHEIRO CHAGAS

Meu amigo,

De certo não lhe sobeja tempo que desperdice nesta estéril conversação que v. exc.ª denominou grandiosamente: «Questões históricas». Eu, por mim, não questiono, meu caro Pinheiro Chagas: converso com a sua bela inteligência, e não me preocupo com o triunfo nem com a derrota.

Saibamos, pois, se na Bibliotcca pública de Lisboa está ou não está a livraria de D. Francisco Manuel de Melo. V. exc.ª e Major dizem que sim; eu digo que não; e o snr. Silva Túlio, bibliotecário-mór, não diz que não nem que sim.

Perguntou v. exc.ª a êste erudito funcionário se «o govêrno comprou aos descendentes do grande escritor a antiga livraria de sua casa, onde estavam incorporados os livros que tinham pertencido a D. Francisco Manuel». O snr. Túlio responde:

«A livraria foi comprada ao filho de Francisco de Melo Manuel da Câmara por dez contos de réis, e o título de conde da Silvã para o vendedor, em 8 de março de 1852». E acrescenta: «*Supunha-se que tinha manuscritos do autor das* Epanáforas, *mas não se encontrou nenhum original dos muitos que deixou*». E o meu amigo infere que o govêrno enganou-se na compra, aliás não daria dez contos e uma corôa de conde por livros, entre os quais não estavam manuscritos de D. Francisco Manuel de Melo.

Em obséquio à inteligência das pessoas que agenciaram a compra, defendo-as da ignorância do que compravam *aos descendentes*, como v. exc.ª escreve, do autor das Epanáforas. D. Francisco de Melo, pai do vendedor da livraria, representava por bastardia outro D. Francisco de Melo, alcaide-mór de Lamego, primo de D. Francisco Manuel. Não era seu descendente no rigor da palavra.

O autor da Carta de guia de casados gulava quem quisesse casar; mas não casou. Teve um filho natural chamado D. Jorge Manuel de Melo, que herdou de seu pai os

poucos bens desvinculados; porque o morgado da Ribeirinha, na ilha de S. Miguel, reverteu à linha legítima. Este D. Jorge casou vergonhosamente em Lisboa, donde saiu afrontado, e pereceu capitão de cavalos na batalha de Senef em 1674, não deixando filhos. E assim acabou a posteridade de D. Francisco Manuel de Melo.

Se na quinta de Alcântara, onde o grande escritor morreu, havia livros, é natural que lhos herdasse o filho; eu presumo, porêm, que D. Francisco Manuel, tantos anos prêso e desterrado, vendesse os livros, quando da Tôrre Velha escrevia aos amigos dizendo-lhes que não tinha dinheiro para comprar lenha; quanto aos seus manuscritos, que parece, segundo confessa Silva Túlio e Pinheiro Chagas confirma, foram o engôdo da compra, êsses não estariam em Lisboa, mas sim em Roma, onde D. Francisco Manuel residira, com o propósito de os publicar; e vindo a Lisboa, por meado de 1666, tencionando talvez regressar a Roma, ali morreu em outubro do mesmo ano.

Ora, como eu não possa admitir que o govêrno ignorasse que D. Francisco de Melo Manuel não era descendente directo de D. Francisco Manuel de Melo, também não admito que êle, simplesmente pela analogia dos cognomes e probabilidades de parentesco entendesse que os manuscritos do segundo deviam estar entre os livros do primeiro.

E, além disso, Diogo Barbosa Machado, quando na BIBLIOTECA LUSITANA fez rol dos mss. do autor das EPANÁFORAS, diria onde os viu e quem os possuia. Barbosa o que fez foi trasladar um índice que o próprio autor escreveu dos seus inéditos no 1.º tomo das OBRAS MORAES a cuja impressão assistia por 1664, em Roma. Em resumo, o govêrno soube o que comprou, e o meu excelente amigo Silva Túlio sabe perfeitamente que a livraria que pertenceu ao snr. conde da Silvã, foi organizada no princípio do século XVIII por outro D. Francisco Manuel de Melo, poeta de bom nome que morreu em 1719. (HIST. GENEALOG., tom. IX, pag. 222).

Basta de livraria, meu prezado amigo. Vamos agora cavar um pouco na etimologia de *Machico*.

Quanto ao meu processo dedutivo de *Macchia* para *Machito*, diz Pinheiro Chagas gracejando, que «o mesmo importava deduzir da palavra portuguesa *Machito*, com a sua significação conhecida, *Macho pequeno*». Perdão; o diminutivo de *macho* não é bem *machito;* seria melhor *machinho*. Vá isto também como graça, e de graça podemos enviar a Mâjor o nosso *machinho* para confrontações com o seu *Machin* de Bristol.

Pelo que respeita à pronúncia *Maquito*, que eu atribuo

a Azurara, diz Pinheiro Chagas: «a ortografia do século XV tem antes a tendência de escrever com *q* as palavras que hoje escrevemos com *ch*, apesar de as pronunciarmos como se tivessem *q*, do que a tendência contrária».

Não encontro essa predilecção nos escritores dos séculos XV e XVI. Escreviam *chimera*, *machina*, *machinação*, *alchimia*, *Ezechias*, *Achilles*, etc. João de Barros até se mostrava avêsso ao *q*, a ponto de a julgar letra desnecessária. (GRAMÁTICA PORT. impressa em 1540). Diz êle: «*Q*, pelo nome que tem, e assim pela ponca necessidade que há dela, a nós convinha mais que a outra nação, desterrá-la da nossa ortografia; e em seu logar empossar esta letra *c*, etc.» E, depois, no tempo a que Pinheiro Chagas alude, a pronúncia genuína italiana era pouco menos que desconhecida na Espanha; e ainda no século seguinte, Christoval de las Casas, em umas regras de pronúncia que precedem o seu VOCABULÁRIO impresso em 1570, ajuda a indecisão da pronúncia do *chi*, em *qui* com êste *aviso*: «La *h*, (que algunos no llamã letra sino aspiracion) puesta entra la *c* y algunas destas vocales *e*, *i*, ablanda la aspereza de la pronunciacion, como *che*, *cheio*, *chino* que se pronuncian como entre nosotros, *que*, *quêdo*, *quinto*».

Que estopada lhe estou dando, meu amigo! Está v. exc.ª a lêr-me e a lembrar-se do

Teimoso gramaticão,
Que em longo chambre embrulhado,
Co'a douta pena na mão,
Dá à luz grosso tratado
Sôbre as leis de conjunção.

Não, senhor. A minha postura é menos conspícua; é a posição horizontal dos doentes, e aflige-me em dôbro ter de ditar estas áridas farfalhices a um amanuense espavorido da minha erudição.

Vamos ao argumento mais sólido com que v. exc.ª impugna a minha hipótese. «Supondo Camillo o nome de *Machilo* derivado do italiano, Cadamosto é o que mais se afasta da fórma original do nome, porque lhe chama *Manchrico*».

Não afasta, pelo contrário, confirma o *Machilo* de Azurara.

Isto agora de-certo lhe sôa como um paradoxo; mas eu me explico, se puder.

Cadamosto veio oferecer os seus serviços ao infante D. Henrique em 1455 e viveu com portugueses até 1463.

Ouviu muita vez proferir a palavra *Machito* (com a pro-

núncia de *q* em *ch*) e entendeu-a como diminutivo de *manco* ou *Mâco* como alguns então e depois escreveram. A palavra italiana correspondente a *monco* é *monco*, e *Moncherino*, é sinónimo, a julgar pela terminação, diminutivo também de *monco*, como *ochiolino* de *ocho*, *casino* de *casa* e *donnicina* de *donna*, etc. Porêm Cadamosto, italianizando a palavra portuguesa, alterou-lhe a desinência em *ico*, conformando-a com a terminologia mais adequada à sua linguagem, e escreveu *Monchrico*, feita a elipse de uma letra que em nada prejudica a etimologia. Portanto, a meu vêr, a distância que se inculca entre Azurara e Cadamosto desaparece pela homogénea significação do vocábulo, e quem fica muito longe de ambos é o Roberto *Machin* de Major e mais a sua Ana.

Meu amigo, se leu tudo isto, gabo-lhe a paciência e **adeus.**

CARTA Á CAMILO CASTELO BRANCO

Meu amigo,

Uma impertinente bronquite, que me inclausura em casa há três dias, impede-me de tirar a limpo o caso da livraria, indo consultar pessoalmente o nosso excelente colega Silva Túlio. Ele acudirá, se quiser, em defesa da sua bibliotéca, se assim o entender, porque o caso interessa mais a ela do que **a nós.**

Efectivamente o que é indubitável é que o conde de **Rilvas, a pedido de Major,** foi à Bibliotéca de Lisboa, e que lá lhe disseram que possuiam a livraria do autor das EPANÁFORAS. Foi de-certo algum empregado superior quem assim o informou, porque não suponho crível que o conde de Rilvas se dirigisse, para cumprimento da sua missão, a um contínuo ou a um servente.

Se o govêrno supôs, em 1852, que na livraria do conde du Silvã existiriam alguns manuscritos ignorados de D. Francisco Manuel de Melo, é porque de-certo imaginou que em casa dos parentes do grande escritor se tinham conservado as reliquias da sua livraria. E realmente permita-me V. que não considere improvável que D. Francisco Manuel de Melo, o poeta que morreu em 1719, herdeiro do morgado da Ribeirinha que pertencera ao autor do FIDALGO APRENDIZ, herdasse também os livros, desde que D. Jorge Manuel, filho natural do escritor, morrera longe da pátria. ¿Pois é crível que êste segundo D. Francisco Manuel, umudor das bôas letras e literato tambêm, desprezasse completamente a livraria, e só quisesse o morgado? Permita-me

V., meu prezado amigo, que ache categórica a sua afirmativa de que na organização da livraria do segundo D. Francisco Manuel não entrariam os livros do primeiro.

Agora vamos a Machico. Ainda me não rendo, meu caro contraditor. Está V., permita-me que lho diga, muito enganado quando afirma que no século XV se escrevia habitualmente *ch* por *q*, para dar o som de *k*. Primeiro que tudo não confundamos o século XV com o século XVI. Ainda que um travêsso demónio me não permitiu encontrar uma só citação no Fernão Lopes que folheei à pressa para lhe demonstrar a verdade da minha afirmação, posso afiançar-lhe que é com *q* habitualmente (porque não há regras definidas) que Azurara e Fernão Lopes reproduzem o som da letra *k*. Chamo em meu auxílio o ELUCIDÁRIO, que diz o seguinte: «*K* — Parece-me que se escrevia sempre que se seguia *a*, mas, seguindo-se *u* se escrevia *q*». Aí tem V. o motivo por que não se escrevia *alchimia*, mas sim *alquimia*.

Lembro-lhe também o modo como Fernão Lopes adultera o nome do condestável Duguesclin, chama-lhe *Du Claquim*. Segundo a regra estabelecida por V., devia escrever *Du Clachim*, já que o nome lhe soava como se fôsse *kim* em vez de ser *chin*. *

E V., meu caro Camilo, na explicação que dá do *Monchrico* de Cadamosto navega, deve confessá-lo, no mar das conjecturas com tanta facilidade como o próprio Cadamosto navegava nos mares nunca dantes navegados. As conjecturas são engenhosas, mas duvido que sejam fundadas. Veja que subtilezas lhe foram necessárias para explicar a divergência entre Cadamosto e Azurara! Foi necessário imaginar um verdadeiro *qui pro quo*, excelente para as comédias de enrêdo complicado, onde os personagens nunca se explicam senão no fim do último acto, mas inaceitável na vida real, onde êsses *qui pro quos* fàcilmente se desfazem.

Não me fatigou lê-lo, meu caro Camilo, pelo contrário, deliciou-me sempre a sua prosa, e não há assuntos áridos para a sua mágica pena. O que eu lamento é que a sua enfermidade o continue a perseguir, e ponha obstáculos à sua prodigiosa, inexaurível, e sempre brilhante fecundidade. 1

---

* Recordo-me de ter lido uma *errata* do snr. P. Chagas a êste confuso argumento, mas não a tenho presente.

1 Esta carta do snr. Pinheiro Chagas, tão liberal de generosas expressões, é um modêlo de polemista cortês; mas não me pareceu por igual modêlo de lógica. Como quer

A minha primeira carta chegou à noliçia do snr. H. Major enviada pelo falecido marquês de Sousa Holstein com a noticia de que a Academia encarregára o distinto académico Pinheiro Chagas de traduzir de novo a biografia do infante D. Henrique *com algumas correcções necessárias á obra original*. O esclarecido biógrafo, controvertendo a necessidade das correcções, refuta os meus reparos em o n.º 2592 do *Athenæum*, com os seguintes argumentos que traduzo:

.....

«A necessidade das emendas infere-se duma espécie de «correcção» reclamada do meu tradutor pelo snr. Camito Castelo Branco em carta impressa no *Diário Ilustrado* de 2 de maio, a qual obsequiosamente me foi remetida. Trata-se do descobrimento da Madeira pelo nosso conterrâneo Machan ou Machin, anteriormente ao efectivo descobrimento e colonização pelo português em 1419-20. Cuidava eu que a autenticidade desta descoberta inglesa longo tempo controvertida, a final a restabelecera eu definitivamente com argumentos indiscutiveis a pag. 67-73 da minha VIDA DO INFANTE D. HENRIQUE.

«Como quer que seja, sucede que um escritor português, Francisco Manuel de Melo, aduzido como prova evidencial, foi quem primeiro deu integralmente a narrativa, posto que aformoseada, nas suas EPANÁFORAS DE VÁRIA HISTÓRIA, publicadas em 1660 em Lisboa. Declara êle fundamentar-se em uma narrativa original de Francisco Alcoforado, companheiro do descobridor português em 1419, e que esta narrativa «viera á sua mão

---

que seja, o replicar-lhe pareceu-me supérfluo pleonasmo. Além disso, o tempo do eminente publicista é preciosíssimo para a colaboração das cousas grandes da pátria; e eu também, dado que simples artífice de futilidades, não podia desbaratar o meu tempo nestas esgrimas de palavras a que o público tem mais mêdo que às dos floretes.

por extraordinário caminho». Mais adiante desvela-se em investigações do seu parentesco por alianças matrimoniais com os Câmaras, (título da família Zarco). Sendo razoável crêr que a livraria de Melo se conservasse na livraria nacional de Lisboa, s. exc.ª o conde de Rilvas, a rogos meus, procurou ali diligente, mas sem resultado, o MS. de Meoforado. Agora vejamos com que «correcções» o snr. Castelo Branco desfaz a autenticidade do descobrimento de Machim. Primeiramente, diz que a livraria Melo não foi incorporada na livraria nacional de Lisboa. *Per contra*, porêm, o próprio bibliotecário afirma que a compra se fez em maio de 1852 ao filho de D. Francisco de Melo, Manuel *da Câmara*, descendente de Melo; mas, não se tendo encontrado o MS., é evidentemente de nenhuma importância se a livraria foi ou não foi sua. A segunda «correcção» é que Melo não representava Câmaras por aliança matrimonial. A isto redargo que à palavra «representante» pode dar-se a acepção determinativa de descendente por fêmea, e assim é óbvio que um documento pode vir à mão dum parente *remoto* duma família, e até mesmo sem parentesco algum: a representação *directa* não faz nada no caso. Mas o que é certo é que Melo não é um mito, e que êle claramente escreveu que leve o MS.; e não é natural, se isto não fôsse exacto, que um português defraisse gratuitamente não só o seu país, mas também a família com quem se diz aparentado, *inventando* uma história em que o seu antepassado é precedido no grande descobrimento por um inglês de mais a mais guiado por um espanhol. Além disso, sabemos de Barros que os descendentes de Zarco possuíam a minudenciosa narrativa da sua viagem. No entanto, dado que êstes factos sejam indisputáveis, dou de barato ao snr. Castelo Branco o Melo e a livraria, e o seu manuscrito e parentesco para que os remeta ao limbo que mais adequado lhe parecer, e a história de Machim subsistirá em bases sólidas.

«Cem anos antes de Melo, o ilustre Antônio Galvão no seu TRATADO DOS DESCOBRIMENTOS, escreveu o seguinte [1]: «Neste mesmo tempo (1336 a 1387) foi descoberta a ilha da Madeira por um inglês chamado Macham, que ali foi lançado por uma tormenta, e ancorou num pôrto que chamou *Machico*, do nome dêle [2]»; e, quando eu escrevia a VIDA DO INFANTE D. HENRIQUE obtive de Munich o traslado dum MS. inédito português de Valentim Fernandes, cinqüenta anos anterior a Galvão referindo a mesma história. Êste MS., pouco depois de compilado em 1508, passou à posse do famigerado Conrad Peutinger, e ficou na Alemanha e por isso inacessível tanto a Galvão como a Melo; e assim é que a história nos é relatada por diferentes e de todo independentes autoridades portuguesas. E quanto basta à evidência intrínseca que eu robustecí com a seguinte evidência extrínseca. Lêmos em Azurara, contemporâneo do infante D. Henrique, que o infante dividiu a ilha em duas partes: Funchal que deu a João Gonçalves Zarco; e Machico (que se me figura êrro de escrita) a Tristão Vaz. Se preciso fôsse, eu confirmaria o assêrto de Galvão, quanto a ser Machico derivação do inglês Machin; aduziria eu o seguinte argumento: que não houve colonização na ilha anterior ao descobrimento de Zarco em 1419-20; e que os nomes de Machico e Funchal postos pelos portugueses ao repartirem a ilha devem considerar-se como ajustados aos terrenos. *Funchal* é palavra puramente portuguesa; designa sítio onde cresce *funcho:* Em espanhol diz-se

---

1 A versão inglesa desta obra é inexacta: TREATISE ON THE DISCOVERIES OF THE WORLD.

2 Não é exacta a versão. António Galvão, diz: «*Também querem* que neste meio tempo fôsse a ilha da Madeira descoberta... por um Ingres que se chamava Machim...» O *também querem* denota bastantemente a simples repetição duma legenda que António Galvão reproduz acostando-se a, para êle mesmo, duvidosas autoridades.

«hinojo», e em italiano «finocchio»; isto mostra que «Funchal» não procede de descobrimento espanhol ou italiano. Zarco fôra guiado por um piloto espanhol, Juan Morales, que havia sido companheiro de cativeiro em Marrocos dos expedicionários sobreviventes a Machin, dos quais êle ouvira a história. ¿ Pode acaso haver dúvida da afirmativa de Galvão quanto a ser Machico a derivação de Machin [1] ? Todavia, nem a autoridade de Galvão, seu ilustre patrício, nem êstes argumentos puderam nada com o snr. Castelo Branco. Segue a terceira «correcção». Pois que Azurara, a mais antiga autoridade, no texto impresso em 1841, escreve «Machito» e não Machin ou Machico, ou Monchrico (êrro silábico do italiano Cadamosto) é a razão única exibida pelo snr. Castelo Branco para a pronunciação de Maquito, dando-a como corrupção de «Macchia» que em uma das accpções italianas, diz «mata», «charneca», «brenha», «espinhal», «sarça», etc., e Macchione (com pronunciação de Maxione) diz «matagal», «bosque fechado». Esta leitura tem o que quer que seja de engenhosa e recreativa, mas infelizmente baseia-se num êrro de imprensa ou de interpretação. Na edição única de Azurara feita pelo visconde de Santarêm (1841) [2] a palavra na verdade é «Machito»; mas prova-se que é êrro tipográfico pelo simples facto de Barros, que compilou do MS. original de Azurara, já havia escrito «Machico», fórma que usaram igualmente Galvão e Melo, e até hoje subsiste na Madeira. Não há maior desperdicio de tempo que empregá-lo esgarava-

---

1 Esta insistência em pôr Galvão a asseverar uma cousa que êle reproduz das tradições correntes e duvidosas (*querem*, diz Galvão) procede da imperfeita compreensão do texto português que já citei; não pode ser pertinácia nem dolo em tão insigne escritor como o snr. H. Major.

2 O publicador foi o *visconde da Carreira;* o prefácio e notas pertencem ao *visconde de Santarêm.*

lando valores etimológicos de nomes próprios que o tempo adulteron nos traslados e na corrupção oral. O certo é que deve ser só uma a fórma correcta destas palavras Machico, Machilo, Monchrico, ou Maquito, invenção nova do snr. Castelo Branco: as outras, as erradas, nada prestam. ¿Como decidir qual é a verdadeira? Temos abundantes meios. Já deixei dito que ao mesmo tempo que uma das provincias da ilha foi denominada *Machico*, a outra se chamou — *Funchal* — denominações que alé hoje subsistem na Madeira. *Machin*, ou, como Galvão escreve, *Macham*, e pelo modo como os historiadores portugueses nos transmitiram o nome derivado do aventureiro de Bristol, é um perfeito nome britanico: outro idêntico há poucos séculos existiu em Glanceslershire; e não é provável que os portugueses o inventassem, e menos provável ainda que intentassem o invento. Receben o nome de *Machico* aquela porção da ilha onde se acharam a sepultura, a cruz e outros vestigios da trágica aventura de Machin; e as narrativas de historiadores, entre si independentes, como mostrei que eram, combinam-se em derivar do inglês o nome da localidade. Descambar da evidência de semelhantes factos para regiões de vagas conjecturas, e sob aspécto de «correcção» não me parece que se deva considerar cousa judiciosa nem sustentável, e muito me apraz saber se são estas as correcções que o meu amigo marquês de Sousa Holstein julga necessárias na tradução da minha obra».

D. H. MAJOR.

As correcções são outras; e pois que o estimável monógrafo do infante D. Henrique, um pouco fàtuamente as provoca, ofereço-se-me satisfazer-lhe as curiosidades aliás legítimas em sujeito de provada sciência, quando mesmo preponderem nelas uns assomos de vaidade, umas pretensões a inviolabilidade, que me parecem menos desculpáveis.

Não possuo o livro original; creio porêm na fidelidade da tradução, como tal reconhecida pelo autor: *elegant and faithful* [1].

Os meus reparos convergem exclusivamente para o cap. V, que versa sôbre o descobrimento da Madeira; mas demorar-me hei um instante na *Prefação*. A pag. 3 leio que Portugal ficou *reduzido a um estado de torpor... pelo desastre de Alcácer-Quebir em 1580*. O ano da batalha de Alcácer foi o de 1578. A pag. 7 leio: *Damião de Góis, cronista da vida de el-rei D. João I, pai do infante D. Henrique*, etc. Damião de Góis não escreveu CRÓNICA de el-rei D. João I; escreveu CRÓNICA DO SERENÍSSIMO PRÍNCIPE D. JOÃO, que é o segundo rei dêste nome e bisneto do primeiro. O tradutor naturalmente conheceu os erros do original; mas entendeu que seria um desacato ao historiador estrangeiro corrigi-los. Os encómios absolutos de alguns jornalistas denotam idêntico respeito. Mr. Major diz que Damião de Góis *teve noticia da nome* de Azurara, mas não a teve da CRÓNICA DO DESCOBRIMENTO E CONQUISTA DA GUINÉ. É certo que Damião de Góis não viu a CRÓNICA de Azurara; mas presume que Azurara escrevesse das *novas navegações na história da Guiné que êle diz que compôs* [2]. E a respeito dos outros códices de Gomes Eanes de Azurara escreve lar-

---

1 *Athenæum*, pag. 833, col. 2.ª
2 CRON. cit., cap. VI.

gamente mostrando que o conhecia mais que de nome, e leu os manuscritos depois publicados na COLECÇÃO DOS INÉDITOS DE HISTÓRIA PORTUGUESA que são cinco e não três tomos como diz Major. Destas bagatelas passemos ao cap. v, pag. 121.

Diz o ilustre biógrafo que a errónea crença de terem sido os portugueses os primeiros descobridores e denominadores das ilhas de Pôrto Santo e Madeira se deve a João de Barros autorizado pelo antigo cronista Azurara. Esta argúição feita aos dous historiadores funda-se em que nenhum dêles, relatando o descobrimento do grupo das ilhas, mostra conhecer o inglês *Machin*.

Contra a autoridade de Barros e Azurara oferece Mr. Major o testemunho de Francisco Alcoforado, Valentim Fernandes, António Galvão e D. Francisco Manuel de Melo. Podia citar mais dezasseis que todos falam de Machin; alguns dêstes de categoria menos suspeitosa; e, expungindo da lista o depoimento fantástico de Alcoforado, tornaria os outros mais beneméritos de fé.

Direi primeiro de Francisco Alcoforado.

Este nome aparece pela primeira vez na EPANÁFORA AMOROSA de D. Francisco Manuel de Melo, impressa em 1660. Nenhum escritor, anterior a Melo, teve notícia de Alcoforado, quer como navegante, quer como noticiarista de navegações. Alcoforado escrevêra uma relação do descobrimento da Madeira, que chegára inédita à mão do romancista da EPANÁFORA. Aí se contam os amores trágicos de Roberto Machin remessado por temporais a uma ilha incógnita e desabitada que os portugueses depois descobriram. Alcoforado, o relator do sucesso, é um dos descobridores. Escreveu a relação e deu-a ao infante D. Henrique de quem era escudeiro.

Se houve um Francisco Alcoforado, companheiro de Zarco, e relator testemunhal do descobrimento da

Madeira, o infante devia dar a essa relação inteiro crédito, e, como tal, comunicá-la ao cronista Azurara, quando o encarregou de escrever a crónica de Guiné. Azurara de-certo não omitiria o testemunho de pessoa lão Importante. Mas a crónica está impressa, e não contém a história de Machin nem ponto algum que frize com as referências da EPANÁFORA às fábulas da suposta relação de Alcoforado. Além de que, se D. Francisco Manuel tivesse presente a narrativa de uma testemunha do re-descobrimento, teria fixado datas e esclarecido obscuridades, em vez de nos contar que Machin varou em praias desconhecidas quando reinava em Inglaterra Duarte III, deixando uma aberta de meio século para as hipóteses, como usam fazer historiógrafos de sucessos remotos e semi-fabulosos. ¿Como é possível que Alcoforado, conversando com o piloto de Juan Morales que tratára em Marrocos os ingleses sobreviventes à catástrofe do seu patrício, não soubesse no transcurso de cinqüenta anos determinar aquele em que se dera o casual descobrimento e o desastre que tão de vivas côres pintado devia estar na memória dos cativos?

Em tôda a contextura da EPANÁFORA, cimentada em um documento coevo, se revela quanto êsse documento supositício participava das incertezas do historiador romântico; pois não marca épocas, não dilucida miudezas congeniais de todos os que escreveram de factos análogos e de máxima importância naquele século, nem sequer denota menos imperfeito conhecimento da topografia da Madeira. O snr. Álvaro Rodrigues de Azevedo, com tanta habilidade como erudição, analisa, confronta, desata e desfia por tal arte e com tamanha evidência a urdidura da EPANÁFORA AMOROSA que o mítico Francisco Alcoforado desaparece inteiramente da história e entra na secção dos fazedores inocentes e inventados de manuscritos tão autên-

ficos como uns que tenho encontrado para os meus *romances históricos* [1].

Digamos de Valentim Fernandes Alemão, estejo sôbre que o snr. H. Major ampara com maior confiança o testemunho primordial da tradição de Machim, antepondo-o à crónica de Azurara, onde semelhante lenda não se encontra. O primeiro dos mss. de Valentim Fernandes, existentes na bibliotéca rial de Munich, citados com alvoroço pelo snr. Major, foi examinado em 1876 pelo snr. Guilherme de Vasconcelos Abreu que frequentava naquela cidade a aula de *sanscrito*. 'E a CRÓNICA DO DESCOBRIMENTO E CONQUISTA DA GUINÉ por Gomes Eanes de Azurara trasladada pelo mestre-impressor Valentim Fernandes, em Lisboa, em 1506. Êle mesmo o declara nestes termos inequívocos: *Deus seja louvado, anno de 1506 aos 14 dias de novembro acabey aqui de escrever e trelladar esta história de Guynne — Valentim Fernandes Alemã* [2]. Esta confissão em concordância com a profissão de copista, impressor e editor de livros de espécie análoga, desfaz a importância de historiador que o douto inglês lhe empresta para o investir de autoridades na questão sujeita. Foi Valentim Fernandes um mero compilador de notícias já escritas ou tradicionais que coligiu com o intento de as imprimir e vender pelo último preço que essas histórias mais ou menos fantasiosas valiam no século febril dos descobrimentos. O sétimo e último dos códices compilados e atribuídos autoritàriamente ao impressor da VITA CHRISTI é a DESCRIÇÃO OU NOTÍCIAS DAS ILHAS DO ATLÂNTICO em que surde a lenda do fugitivo inglês e da sua amante, incidente romântico desconhecido a Azurara e João de Barros. Com o propósito de recuar

1 AS SAUDADES DA TERRA, pelo dr. Gaspar Frutuoso, pag. 356-366.

2 Veja BOLETIM DE BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA. Coimbra 1879, pag. 48, artigo do snr. Ernesto do Canto.

o manuscrito a uma antiguidade conveniente à justificação da fábula, o snr. H. Major arbitra-lhe o ano 1508, estribando-se na simples razão de que o manuscrito anterior da colecção está datado em 1507. Ora, a DESCRIÇÃO OU NOTÍCIA DAS ILHAS não tem data; e tanto pode ser de 1508, como de 1577, ano em que o copista Valentim Fernandes ainda vivia. O certo é que o mestre-impressor, *arranjando* para a estampa o descobrimento das ilhas do arquipélago da Madeira, enxertava a fábula do Machin para enviscar a curiosidade pelo engôdo da maravilha que o seu contemporâneo António Galvão simultaneamente produzia das atoardas populares. Mas como logo veremos, Galvão ressalvava a sua crítica com um «querem» assás significativo da desconfiança com que reproduz a lenda. Em suma, o aparato erudito do snr. Major a fim de dar realces scientíficos à autoridade do alemão Fernandes, nada resolve favorável à certeza; pelo contrário, estabelece evidentemente a fábula de Machin. O snr. Álvaro Rodrigues de Azevedo, conquanto em 1873 não possuisse a certeza de ser a crónica do descobrimento de Guiné, existente em Munich, a de Azurara trasladada por Valentim Fernandes, tirou inferências tão acertadas e seguras como se a houvesse examinado ou conhecesse os estudos mais que muito louváveis do snr. Guilherme de Vasconcelos e Abreu feitos sôbre o mesmo códice [1].

Por conseguinte, Valentim Fernandes corre parelhas em crítica histórica com Francisco Alcoforado. Este, como historiador do descobrimento da Madeira, existia, na fantasia de D. Francisco Manuel de Melo; e o outro como historiógrafo, é pouco menos de imaginário no processo a que foi chamado o ilustre biógrafo do infante D. Henrique. Refugiem-se ambos do pleito,

1 AS SAUDADES DA TERRA, pelo doutor Gaspar Frutuoso, pag. 370 e seg.

e aquilatemos o valor da terceira autoridade colaboradora na lenda do Machim.

Antônio Galvão começou a escrever em ano indeterminado e concluiu em 1550 o seu livro intitulado TRATADO DOS DESCOBRIMENTOS ANTIGOS E MODERNOS QUE SÃO (estão) FEITOS EM A ERA DE 1550. Morreu Galvão em 1557, e o TRATADO veio a lume em 1563. Quer o snr. Major que entre a DESCRIÇÃO de Valentim e o TRATADO de Galvão medeiem cinqüenta anos, com o fim de remontar a tradição fabulosa. Para isto, arbitrou ao manuscrito do primeiro a data de 1508 sem aduzir a menor probabilidade cronológica. Mas eu já disse que Valentim vivia no ano em que morreu Galvão, e que supô-los ambos simultaneamente a repetirem a lenda do Machim é tão plausível, quanto é anacrónico distanciá-los um do outro meio século, sendo tão coevos e provavelmente tão conhecidos entre si.

Galvão atude à conquista das ilhas Canárias, e com referência ao descobrimento da Madeira, escreve: «E também *querem*... que fôsse a ilha da Madeira descoberta por um Ingres que se chamava Machim». Dá uma das versões: «também querem»; mas não obtempera ao que *querem*, antes se reinge aos *nossos cronistas* do que ao que os *outros dizem*, a respeito da sepultura de Machim encontrada na ilha por Zarco. Não pode, pois, Antônio Galvão ser incluso, sequer, no número dos que aproveitaram o romanesco da lenda como D. Francisco Manuel de Melo. Êle, com mais lhaneza que erilicismo, repeliu uma versão que francamente não rejeita, mas a que não ajunta o mínimo comento de plausibilidade. Deve portanto ser derimido o testemunho que o snr. H. Major lhe atribúi.

Quanto a D. Francisco Manuel de Melo, são de grande engenho e muito eruditas as hipóteses que o snr. Rodrigues de Azevedo encadeia para demonstrar que o autor da CARTA DE GUIA escrevera a EPANÁFORA AMOROSA com intuito político. A viúva de D. João IV

queria ardentemente aliar-se com Inglaterra mediante o consórcio de sua filha D. Catarina com Carlos II. Receava-se que o casamento se não realizasse sem que a princesa levasse no dote a ilha da Madeira. Tratava-se de conquistar a cessão da ilha, atribuindo-lhe a ingleses o descobrimento. Pergunta o douto anotador d'As SAUDADES DA TERRA: *Entrementes, neste mesmo angustiado ano de 1660, foram publicadas em Lisboa as* EPANÁFORAS *de D. Francisco Manuel de Melo. — ¿ Seriam elas livro forasteiro às tormentas da época? ¿ Porventura o espírito altivado e varonil, imaginoso e patriótico do autor, não seria tocado da corrente eléctrica com que as crises das nações comovem e instigam os seus filhos ainda os mais obscuros e rudes? ¿ O veterano mestre de campo de batalhas transtaganas, o autorizado conselheiro das juntas dos generais e ministros do rei, deixaria que o sôpro da desgraça lhe apagasse o fogo sagrado daquele amor pátrio com que brandia no Alentejo a espada vencedora, no Manifesto de Portugal a pena flamejante?*

A esta interrogação eloqüente responde com admiráveis argumentos o ilustre escritor; mas não é de fácil admissão a sua hipótese, se atendermos a que a EPANÁFORA AMOROSA foi escrita em Belas, no ano de 1654, seis anos antes de se tratar o casamento de D. Catarina com Carlos II.

Parece-me, pois, que D. Francisco Manuel de Melo não teve o menor intuito político na formação do seu romance histórico, nem se me figura que êle se prestasse a iludir o público sôbre assunto de tamanha gravidade, pondo uma lenda a cobrir uma infâmia da rainha que para salvar a dinastia empobrecia um reino, desfalcando-o vergonhosamente para comprar um genro poderoso.

A meu vêr, o motivo que teve a vítima do déspota para escrever a EPANÁFORA é duma simplicidade tão verosímil como a dos espíritos atribulados que se re-

ponsam em imagens dum sentimento entre amoroso e trágico. Êle mesmo o explica ao amigo a quem a oferece: «Vendo-me agora nesta solidão, a cujo favor vim fugindo da justiça ou da injustiça do povoado, me pus a discorrer vagarosamente sôbre de que maneira eu poderia satisfazer aquela interior promessa, escrevendo a relação de algum sucesso grande que pertencesse a êste reino, precedido ou ilustrado de afectos amorosos».

Depois pareceu-lhe mais proporcionado o descobrimento da ilha da Madeira *no qual se acham tôdas as várias acções que fizeram intrincadas e por isso agradáveis as histórias do mundo.* Ocorreram-lhe os adornos da Grécia e Roma, as anecdotas de Thucydides e Livio, e disso tudo formou o maravilhoso de Machin que seria menos aceitável se não viesse apresentado por um incógnito Francisco Alcoforado, companheiro de Zarco, que nenhum escritor coevo do Infante D. Henrique nomeára. É de presumir que o verdadeiro inspirador da EPANÁFORA haja sido Manuel Tomás, o poeta da INSULANA, a quem D. Francisco Manuel chama o *seu amigo.*

CONCLUINDO:

A invenção de Machin é posterior a Gomes Eanes de Azurara e João de Barros.

Azurara precede todos os historiadores dignos de crédito que escreveram do arquipélago dos Açôres.

Valentim Fernandes copiou a crónica do descobrimento de Guiné não lhe alterando as notícias que dão a primazia do descobrimento da Madeira a Zarco. Rediqin ou copiou uma notícia posterior entretecendo-lhe a lenda de Machin.

D. Francisco Manuel de Melo cingiu-se à versão que encontrou poetizada pelo épico Manuel Tomás. *Francisco Alcoforado* é um artifício que não merece crédito nem censura em obra de tal natureza. Não convenho na importância política que o snr. Rodrigues de Azevedo presta à EPANÁFORA pelas razões que, bem ou mal, expendi.

Resta-me, sem desaire da admiração que voto aos recursos scientíficos do snr. H. Major, considerar de mínima valia as suas razões do livro e a sua réplica do *Ateneu* a favor da veracidade de Machin, que deu o que devia e podia dar à tela imaginosa da INSULANA de Manuel Tomás e da ZARGUEIDA de Medina e Vasconcelos; mas para história não serve. Nós, os portugueses, trabalhamos há cinqüenta anos para expurgar das entranhas da história os Laimundos, Ortegas e os Pedros Alfardes. Permita o snr. H. Major que refuguemos dos nossos estudos sérios o historiador Valentim Fernandes e mais o historiador Francisco Alcoforado.

FIM

EUSEBIO MACÁRIO

(CRÍTICAS LITERÁRIAS)

O facto mais notável do nosso movimento literário nos últimos meses decorridos, foi, sem dúvida, a publicação dêste novo livro de Camilo Castelo Branco, editado pela importante e acreditada casa de Ernesto Chardron.

É êle o primeiro de uma série que o autor tenciona publicar sob o título geral de *História e Sentimentalismo*.

Na parte histórica dêste primeiro volume contecm-se três estudos biográficos de três dos principais caudilhos e apaniguados daquele desafortunado e inepto filho da *Pôlicana*, os quais estudos, no dizer do próprio autor, foram intentados com o fim de se familiarizar com os indivíduos mais notáveis do partido do pretensôr cuja monografia tenciona dar à estampa. Simples estudos, ou bosquejo de biografias, como lhes êle chama, encontra-se neles larga cópia de notícias históricas muito interessantes e ignoradas, que constituem um precioso pecúlio de subsídios muito valiosos para o estudo da época e *façanhas* do preclaro filho do infante D. Luís e de Violante Gomes.

A vulgar acídia para os trabalhos desta ordem entre nós, faz com que se tornem de subido aprêço e valor os raros que aparecem, sobretudo quando um nome ilustre como o de Camilo os autoriza. É mister nestes trabalhos de investigação muito rebuscar e discernir, muito esmerilhar de documentos, muito apurar da realidade, joelrando seculares mentiras a que os anos deram fóros de verdades, e que o vulgo se compraz em aceitar e venerar como tais.

É improba a tarefa, e por isso poucos se sentem com alentos para a afrontar. O pó dos arquivos não seduz, e o bafio que trescala dos papeis velhos e bolorentos não tem para o olfacto as delícias dos aromas delicados dos camarins elegantes, nem as glórias que ali se conquistam são tão apregoadas e tão gratas à vaidade como as que aqui se obtem, e as crónicas das salas e dos botiquins galardôam.

Segue-se às três biografias de Duarte de Castro, Manuel da Silva Coutinho e D. Francisco de Portugal, a polémica em tempo travada entre Camilo Castelo Branco e Manuel Pinheiro Chagas, a propósito da lenda do Machim, polémica agora acrescentada com novas e importantes notícias que o autor aduz em favor da sua opinião, e contra a de Major.

É na segunda parte do livro, intitulada — *Sentimentalismo* — que vamos encontrar *Eusébio Macário*.

Todos sabem com que ânsia é sempre aguardada a publicação de um novo livro de Camilo, e como os primeiros exemplares vôam das mãos dos livreiros, fenómeno que é um verdadeiro milagre nesta terra abençoada onde a instrução primária falta, e os *homens de letras* abundam. Esse fenómeno ou milagre que só no extraordinário talento do notável escritor encontra explicação, atingiu desta vez enormes proporções. Os jornais haviam anunciado que o ilustre romancista seguiria no *Eusébio Macário* a escola e processos de Zola, e por isso, enquanto uns se preparavam para rir às gargalhadas com a engraçada crítica de Camilo, celebravam outros a conversão do compositor de *velhas novelas sentimentais* às modernas doutrinas de um

realismo nauseativo e asqueroso. Outros havia ainda, ávidos de torpezas, que já pensavam regalar-se com a leitura de scenas sensuais e desbragadas como as do *Crime do Padre Amaro*, e do *Primo Basílio*.

Appareceu, finalmente, o livro, e os da convérsão, assim como os do *Basílio*, ficaram corridos e houveram-se por ludibriados. É que o *Eusébio Macário* é um sarcasmo veementemente mas delicadamente atirado a êsse realismo ignóbil que por aí nos querem impingir como espelho da sociedade, como se todos vivêssemos atolados no lodaçal infecto, aonde êsses neo-realistas vão buscar o sudário de chagas e misérias nojentas de que os seus livros são estendal. Ficaram ludibriados e corridos, dissemos, e é verdade. Ninguém lhes déra ainda tão severa lição.

Entendem êles que só nos hospitais, nos lupanares, e nos esgotos, existe o verdadeiro realismo, e por isso se não fartam de remexer e chafurdar em tôdas essas *podridões verdes*. É lá que vão copiar os seus quadros, é de lá que trazem os ignóbeis personagens que nelles figuram. A arte, o engenho, a estética, são para êles palavras vazias de sentido. A matéria é tudo: os temperamentos tudo explicam e tudo determinam. Entre o homem e a bêsta, a diferença, segundo êles, é únicamente de fórma. Não é na vida dos campos, das aldeias, ou das cidades que vão estudar o seu realismo, como Júlio Dinis, Camilo Castelo Branco e outros que nunca se subordinaram á sandice de uns processos disparatados, que o senso comum condena, e os verdadeiros engenhos rejeitam. Não é lá que vão copiar os seus quadros, como não é na gramática que estudam a arte de falar e escrever correctamente, porque a gramática para êles é a mais supina e incomprensível de tôdas as tolices.

Apesar de tudo, porêm, era já atroadora a grita com que nos seus arraiais êles mesmos se exaltavam e glorificavam pelos altos serviços que com as suas algarávias prestavam ás letras pátrias, que sem o seu concurso salvador morreriam de inanição e decrepitude. Foi então que Camilo lhes arremessou *Eusébio Macário* que é o apódo, a mofa, a

apupada facêta, a gargalhada zombeteira mais estrondosa e oportuna que lhes tem estourado aos ouvidos.

Bem haja êle.

A. DE SOUSA E VASCONCELOS.

(Da *Arte*).

O volume escrito sob êste título pelo snr. Camilo Castelo Branco, e editado por Ernesto Chardron, saído há pouco à luz, pode dizer-se e ter-se por um verdadeiro acontecimento literário, e mais uma prova e testemunho indubitável, aonde êles já sobravam, tornando-se escusado mais um, das poderosas faculdades intelectuais do grande romancista, por certo o primeiro da península ibérica, e um dos seus mais brilhantes e esclarecidos escritores e críticos.

Divide-se êste livro em duas partes: uma histórica, é a que se intitula *D. António, prior do Crato*, outra romântica, *Eusébio Macário*.

Na primeira congrega o ilustre autor, que incumbido fôra, segundo ouvimos, pelo ministério transacto, de escrever a história de *D. António, prior do Crato*, elementos valiosos para esta que, na prefação com que abre o livro, declara ser intento seu dar completa, e reúne diversos escritos seus, do snr. Pinheiro Chagas e de Mr. Richard Henry Major, relativos à polémica literária levantada a respeito da *Lenda do Mochim*, a epanáfora amorosa de D. Francisco Manuel de Melo, a propósito da reprodução dela e sua defesa na *Vida do Infante D. Henrique* escrita pelo mesmo Mr. Richard Henry Major e vertida do inglês pelo snr. José António Ferreira Brandão.

Na segunda, intitulada *Eusébio Macário*, dá completa notícia a formosa dedicatória com que o snr. Camilo Castelo Branco a precede.

Como romance realista é um trabalho acabado, e esta justiça a fazem ao eminente escritor os próprios corifeus do *realismo*. Assim não perdeu êle a aposta que fizera com

a sua *querida amiga*, que o vencimento dela lhe é consagrado por voto unânime de todos os entendidos.

Sendo, porêm, como a ninguêm é escuro, o snr. Camilo Castelo Branco um dos inimigos mais declarados e decididos e poderosos da escola realista, pelas demasias em que as mais das vezes cai, bem de vêr é que no *Eusébio Macário* não levou êle em vista um simples *tour de force*, para mostrar a seus adversários mais uma vez a pujante maleabilidade de seu vigoroso talento, e que a êste não eram estranhos nem difíceis, quanto mais impossíveis como alguns o diziam, os processos práticos do realismo, mas que miron mais alto e mais longe, e por certo a fazer a crítica severa dêste, frisando e levando ao extremo limite êsses processos, e tornando assim bem patentes e irrecusáveis os seus defeitos. ¿Conseguiu-o o snr. Camilo Castelo Branco, se tal seu intento?

Entendemos que não, e por duas razões. A primeira fornece-no-la o snr. Guilherme de Azevedo, um alevantado talento, na *crónica ocidental* do n.º 41 do *Ocidente*, onde a propósito do *Eusébio Macário* escreve: «Veio (êste) apregoado como um golpe de misericórdia na escola realista... Ora Camilo Castelo Branco é uma natureza impressionável e apaixonada de mais para usar pacientemente dos processos críticos de que se costumam servir os demolidores. E assim, vêmo-lo, de quando em quando, no *Eusébio Macário*, apaixonar-se pela nova *maneira* literária, identificar-se com ela, assimilá-la nas suas poderosíssimas qualidades de estilista e concorrer, sem pensar em tal, levado na corrente impetuosa da sua fantasia arrebatada, para o triunfo ridente da nova cavalaria literária... É certo que, uma vez por outra, Camilo Castelo Branco *pratica* conscientemente o realismo, *de fito feito e caso mui pensado*, assinalando-se distintamente as passagens em que é movido por semelhante preocupação. Mas daí a pouco esquece-se do papel que se propunha representar, e é manifestamente traído por aquela linguagem viril e sólida em que palpitam e vivem todos os elementos que oito séculos de laboração literária podem assi-

millar na palavra dum povo». A segunda razão dou-no-la Guerra Junqueiro, falando do *Eusébio Macário:* «É uma loucura em Camilo Castelo Branco pretender com o *Eusébio Macário* contrariar a corrente literária da época. Apesar de seu muito talento há-de ser vencido, que não há lutador, por mais valente, que possa fazer recuar ou parar um movimento tal...»

Seja, porêm, o que fôr, *Eusébio Macário* ficará e durará por qualquer lado que se encare, como uma obra de subidos quilates e grande valor.

(Da *Aurora do Cávado*).

Recebemos êste elegante volume, a que nos lançamos ávidamente com o afôgo da curiosidade. Contêm a primeira parte uns trechos históricos de muito valia, pois que o eminente escritor não se prende a copiar dos livros impressos o que a pouca sisuda crítica dos nossos antigos historiadores compendiaram ou romancearam. Revolve os manuscritos, que afugentam os que folgam de vencer trabalho com pouca diligência, e dêles tem desentranhado muita nota preciosa, muito ensinamento proficuo, diluido por uma crítica sempre sagaz, e quási sempre segura. No bosquejo de biografias dos parciais de D. António, prior do Crato, abundam os factos, as dilucidações, as apreciações elevadas, cruas um pouco às vezes, e lardeadas daqueles tons levemente sarcásticos que tão galantemente devolve a sua pena. Duarte de Castro, Manuel da Silva, conde de Tôrres-Vedras, e D. Francisco de Portugal são os três personagens que o snr. Camilo retrata, embora incidentemente desfira por alguns outros. Parece-nos que o desejo de reabilitar a memória do conde de Tôrres-Vedras lhe velou um tanto os seus grandes defeitos e erros, ao passo que o levou a exagerar um pouco os do conde de Vimioso, cuja figura cavaleirosa nos parece por demais apoucada.

Na *lenda do Machin*, reflexões à vida do infante D. Henrique, de Major, combate o snr. Camilo, o romance, que não devia ter sido mencionado na grande obra do escritor

inglês, apesar dos motivos que para isso invoca. Os snrs. Pinheiro Chagas e Rodrigues de Azevedo haviam já tocado o ponto, o segundo com melhor fôrça de argumentos, mas ainda assim o problema ficou insolúvel por enquanto, sendo porêm muito possível que, quando menos se julgue, se ache a origem do nome de Machico, que apesar da muita consideração pelo ilustre romancista, não podemos aceitar como a êle entende. Major tem sido um tanto pertinaz em manter as suas opiniões. Com relação à posição da vila do Infante, sustentou contra Varnhagen uma polémica, quanto a nós muito lastimável, não só em vista do documento e razões que o ilustre brasileiro apresentou, mas em vista de outros documentos que reforçam a sua justíssima opinião. Nesta questão de Machico voltou a quebrar lanças pela lenda de Machin, não obstante desde os descobrimentos se chamar aquele sítio Machico e não Machin, como sucederia se do suposto inglês se derivasse o nome.

Aproveitando o ensejo diremos que na parte a que o snr. Camilo se refere está a tradução da obra de Major regular, mas pontos há onde transforma o sentido do original, fazendo cometer erros a Major que êle não disse, e outras vezes omite cousas que lá estão; portanto é sempre mais seguro vêr o original, cujos descuidos ou equívocos puderam ter sido ressalvados numa tradução mais cuidadosamente trabalhada.

Sabemos que alguêm prepara umas anotações à obra de Major, elucidando a Vida do Infante e factos relativos com uma grande quantidade de documentos, a maior parte inéditos, e esperamos que muitos pontos controvertidos sejam então desfindados.

Da segunda parte do livro do snr. Camilo — *Eusébio Macário* — romance segundo os novos processos da escola realista, e com todos os — tics — do seu estilo, ou antes crítica às demasias dela e dêle, já na crónica do nosso último número disse o seu redactor o bastante, que seria pleonasmo repetir aqui. Mas fica-nos o dever de agradecermos o valioso regalo.

(Do *Ocidente*).

INDICE

—

SENTIMENTALISMO

Dedicatória... v
Prefácio da segunda edição xi
Advertência... xiii
Eusébio Macário 1

HISTORIA

Prefação... 115
Dedicatória a Fernandes Costa 117
I — Duarte de Castro 129
II — Manuel da Silva Coutinho 139
III — D. Francisco de Portugal 161
A lenda do Machin 203

COLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

—

Enquanto Felícia de cócoras o esfregava 7
Ele seguia-os com a ponta dos pés grandes para fóra e para cima 42
Este hábito de Cristo cujo estimo muito 86

Esta publicação deve ser devolvida na última data marcada

Mod. 105 - 63 - B

cm 1 2 3 4 unesp 7 8 9 10 11

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS
BIBLIOTECA CENTRAL
REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO
CTA—4-5-8
Tomos.....
Autor.....
Título.....
Classificação.....

TOMBO: 2.700 ex.2

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se êste livro não fôr devolvido dentro do prazo, o leitor perderá o direito a novos empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não houver pedido para êste livro.

MOD. 88 63 - B - 15.000